



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

MÁRCIO ANDRÉ GUEDES CARREIRA

O papel da mulher na Igreja no mundo contemporâneo

Dissertação Final
Sob orientação do:
Prof. Doutor Luís Miguel Figueiredo Rodrigues

Braga
2019

“Eu gostaria de ressaltar que a mulher tem uma sensibilidade particular pelas ‘coisas de Deus’, sobretudo para nos ajudar a compreender a misericórdia, a ternura e o amor que Deus tem por nós. Gosto de pensar também que a Igreja não é ‘o’ Igreja, mas ‘a’ Igreja. A Igreja é mulher, é mãe, e isto é bonito. Deveis pensar e aprofundar isto”

*Papa Francisco,
Discurso aos participantes do Seminário sobre a Carta Apostólica *Mulieris Dignitatem*,
12 de Outubro de 2013*

AGRADECIMENTOS

Quando aprendemos a agradecer pela nossa vida e trabalho, vemos Deus em todos os lugares e em todas as pessoas. Assim, deste modo, desejo exprimir o meu profundo agradecimento a todos aqueles e aquelas que me contribuíram para a realização deste trabalho:

*- **Província Portuguesa da Ordem Franciscana**, que muito contribui para a minha formação humana, espiritual e intelectual.*

*- **Professor Dr.º Luís Miguel Figueiredo**, director da Faculdade de Teologia de Braga, pela excelente orientação para realização desta dissertação. A quem agradeço e louvo a Deus pelo excelente professor, conselheiro e amigo.*

*- **Professores Dr.ª Maria Manuela Mendes, Dr.º José Carlos Carvalho, Dr.ª Catarina Alexandra**. A todos os meus professores da Faculdade de Teologia do Porto e Braga, que me auxiliaram nesta longa jornada do mestrado integrado em Teologia.*

*- **Professor Dr.º Frei Joel Pinto**, franciscano timorense, pelo acompanhamento na escolha de temáticas e selecção de bibliografias principais.*

*- A todos aqueles que responderam aos meus questionários. De modo especial, a todos aqueles que dispensaram o seu tempo para me conceder uma entrevista: **Dr.ª Maria de Belém Roseira Pina, Dr.º Ricardo Silva, D. José Cordeiro, Maria de Fátima Pimparel, Pe. Fernando Escola, Dr.ª Maria Amélia Ferreira, Nuno Serrenho, Rosa Ribeiro, Dr.º Tiago Lopes, Dr.ª Paula Caminhas, Dr.ª Pedro Salvador, Helena Dâmaso, Dr.ª Idália Serrão, Susana Laranjeira, José Serrão e Irmã Eliete Feliciano**. Também, de modo especial, ao **Frei Vítor Melícias**, pela disponibilidade para a concretização de algumas entrevistas, relativamente a contactos e escolha dos entrevistados.*

*- **Professor Dr.º Pe. Gonçalo Portocarrero de Almada e Professora Analisa Candeias**, pela leitura atenta desta dissertação.*

*- **Professora Noélia André e Professor Horácio Ruivo**, por toda a vossa disponibilidade na correcção textual.*

*- **Ao meu pai**, que intercede por mim junto de Deus. **Á minha mãe e ao meu padrasto** pelo seu grande apoio na vida, na missão e nos estudos. Toda a minha a família.*

*- **Aos meus queridos/as amigos/as** por todo o carinho, apoio e oração.*

Por último, dedico a minha dissertação a todas as mulheres da Igreja, que trabalham arduamente na vinha do Senhor. Paz e Bem!

RESUMO: O papel da mulher na Igreja no mundo contemporâneo é um tema actual, pela qual se reflecte sobre a presença e contributos que o ser feminino pode oferecer à Igreja. Nesta dissertação, reflecte-se sobre algumas mulheres do Antigo Testamento, que foram líderes e deram o seu contributo às comunidades. Apresenta a atitude de Jesus com algumas mulheres, bem como procura conhecer o modo, como alguns autores da Sagrada Escritura, no Novo Testamento, falam sobre a mulher. No segundo capítulo, observa-se a reflexão do magistério, desde o Concílio Vaticano II até Francisco, sobre o papel da mulher na Igreja e na sociedade, dando uma perspectiva mais acentuada sobre a encíclica *Mulieris Dignitatem*. Reflecte-se sobre a presença-ausente da mulher na igreja, a teologia feminista e a presença dos leigos na igreja. Porém, aponta-se algumas chaves eclesiológicas para a inclusão das mulheres, bem como a necessidade de reflectir sobre os seus carismas. No terceiro capítulo é apresentado um estudo empírico, bem como as suas conclusões, resultado de um inquérito digital e de entrevistas a pessoas concretas da sociedade e da Igreja

PALAVRAS-CHAVE: Mulher – Papel – Igreja – Género – Complementaridade – Magistério – Teologia Feminista – Inclusão – Leigos – Jesus e as mulheres – Mulheres líderes – Ministério – Serviço

ABSTRACT: The role of women in the Church in the contemporary world is a current theme, reflecting on the presence and contributions that the being feminine can offer to the Church. This dissertation reflects on some Old Testament women who were leaders and contributed to the communities. It presents Jesus' attitude toward some women, and seeks to know how some authors of Holy Scripture in the New Testament talk about women. In the second chapter, we observe the reflection of the Magisterium, from Vatican II to Francis, on the role of women in the Church and in society, giving a stronger perspective on the encyclical *Mulieris Dignitatem*. It reflects on the presence-absent of women in the church, the feminist theology and the presence of the laity in the church. However, some ecclesiological keys are pointed out to the inclusion of women, as well as the need to reflect on their charisms. The third chapter presents an empirical study as well as its conclusions, the result of a digital enquiry and interviews with specific people of society and the Church.

KEYWORD'S: Women - Role - Church - Gender - Complementarity - Magisterium - Feminist Theology - Inclusion - Laity - Jesus and Women - Women Leaders - Ministry - Service

ABREVIATURAS E SIGLAS

Documentos do Magistério

AA – Decreto *Apostolicam Actositatem*

AAS – *Acta Apostolicam Sedis*

CCE – Catecismo da Igreja Católica

ChL – Exortação Apostólica *Christifideles Laici*

CIC – Código de Direito Canónico

EG – Exortação Apostólica *Evangelium Vitae*

EV – Carta apostólica *Evangelium Vitae*

FC – Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*

GS – Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*

LF – Carta Encíclica *Lumen Fidei*

LG – Constituição Dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja

MD – Carta Apostólica *Mulieris Dignitatem*

PT – Carta Encíclica *Pacem in Terris*

RN – Carta Encíclica *Rerum Novarum*

INTRODUÇÃO

Entre as esferas teológica e cultural, é compreensível que a maior presença social da mulher tenha um impacto também no nível da comunidade eclesial. E isso não é um “mal menor”, mas é muito enriquecedor o facto de as mulheres terem consciência de serem chamadas para um papel mais activo na vida da Igreja. Na verdade, foi assim no início da era cristã. Paulo VI pediu à Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé um estudo a esse respeito¹. Também no Concílio Vaticano II, faz-se a seguinte reflexão “e como hoje a mulher tem cada vez mais parte activa em toda a vida social, é da maior importância que ela tome uma participação mais ampla também nos vários campos do apostolado da Igreja” (AA 9). Este pensamento deu origem a uma evolução em andamento. Já existem muitas comunidades cristãs que beneficiam do compromisso apostólico das mulheres. Algumas dessas mulheres são chamadas a participar de comissões de reflexão pastoral, tanto a nível diocesano quanto paroquial. A participação mais activa das mulheres na vida eclesial não é um eufemismo, nem uma concessão de caridade: é uma necessidade vital. Por enquanto, existem sectores sociais que só podem ser recristianizados com a intervenção das mulheres. Mesmo o trabalho teológico precisa da contribuição do ponto de vista feminino: mais e mais mulheres que, com a devida preparação, estão a trabalhar de maneira muito eficaz na reflexão teológica.

Quanto ao resto, deve-se notar que a promoção social das mulheres é algo especialmente devido ao cristianismo. Nisto, e é muito interessante sublinhar, Cristo desempenhou um papel verdadeiramente revolucionário nos anos de sua vida terrena. “Ele - de fato -, excedendo as normas em vigor na cultura da sua época, tinha em relação às mulheres uma atitude de abertura, respeito, acolhimento e ternura”². Pensemos, por exemplo, na passagem da mulher adúltera surpreendida pelos judeus e apresentada diante de Jesus Cristo para que ele pudesse ratificar a sentença de apedrejamento (cf. Jo 8, 3-11) ou também Jesus também acolhe Madalena com profunda e serena afeição (cf. Lc 7, 36-50).

Durante o seu ministério itinerante, Jesus é acompanhado não apenas pelos Doze, mas também por um grupo de mulheres. Ao contrário da mentalidade judaica, que não dava grande valor ao testemunho das mulheres, como evidenciado pela lei judaica, estas são os primeiros a ter o privilégio de ver o Cristo ressuscitado e são as encarregadas por Jesus de levar a primeira mensagem Páscoa.

¹ Cf. Paulo VI, Declaração *Inter Insigniores* sobre a questão da admissão das mulheres ao sacerdócio ministerial (15 de Outubro de 1976). Consultado a 20 de Setembro de 2019.

http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19761015_inter-insigniores_po.html

² João Paulo II, *Carta do Papa às mulheres do mundo inteiro* (29 de Junho de 1995).

Não descuidemos o grande tema discutido sobre o acesso das mulheres às ordens sacras, pois é uma ocasião ideal para entendermos que todos os homens e mulheres têm um sacerdócio comum (também chamado de baptismal) que nos permite ser membros vivos da Igreja. A Igreja é para estar ao serviço do Reino de Deus. Todavia, será que a comunidade eclesial não está atenta à vocação de todos os seus membros? Será que somos regidos por instrumentos e pensamentos discriminatórios? Por outro lado, é necessário, através da Igreja, discernir e assumir o que Deus deseja para o homem e para a mulher tanto a nível físico, psicológico e espiritual. Mas, perante uma sociedade patriarcal que veio a influenciar a Igreja, será que o homem tem mais destaque que a mulher na Igreja? Será que as mulheres se sentem deslocadas? Será que os atributos, quer do homem quer da mulher, são limites quer para um quer para outro ou será que devem ser atributos que devem ser mais valorizados? Há impedimentos que têm as suas raízes precisamente na diversidade da constituição física, que nos guia a uma diversidade funcional em igualdade de dignidade.

A encíclica *Mulieris Dignitatem* do Papa João Paulo II servirá - ao mesmo tempo - como uma porta desta dissertação e uma base para o apelo do Papa Francisco: " muito importante que seja reconhecido cada vez mais a contribuição feminina no campo da pesquisa teológica científica e do ensino da teologia, por muito tempo considerados territórios quase exclusivos do clero. É necessário que tal contribuição seja encorajada e encontre um espaço mais amplo, coerentemente com o aumento da presença feminina nos vários sectores de responsabilidade da vida da Igreja, em particular, e não só no campo cultural"³.

Ao longo desta dissertação, vamos procurar reflectir sobre a importância do papel mulher desde os inícios da era cristã até aos nossos dias.

Assim sendo, este trabalho é constituído por três capítulos, cada um com metodologia própria. No início de cada um temos uma breve introdução ao tema, depois a exposição e reflexão e por fim uma breve conclusão. No primeiro capítulo falaremos sobre as mulheres na Sagrada Escritura, no segundo capítulo incidiremos a nossa reflexão sobre as mulheres na vida eclesial e por fim, no terceiro capítulo, apresentaremos um estudo feito a alguns membros de comunidades eclesiais sobre o nosso tema.

Deste modo, convidamos o leitor a percorrer o primeiro capítulo, onde poderá conhecer algumas mulheres que se marcaram no antigo testamento, pelos seus atributos e contributos às suas comunidades, onde assumiram lideranças, posições, entre outros. Porém, falaremos na relação que Jesus teve com algumas mulheres, destacando-as, referindo aspectos

³ Papa Francisco, *Discurso à fundação vaticana "Joseph Ratzinger – Bento XVI" por ocasião do prémio Ratzinger* (17 de Novembro de 2018). Consultado a 8 de Janeiro de 2019. http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/november/documents/papafrancesco_20181117_fondazi-one-ratzinger.html

importantes para o papel da mulher na vida eclesial, bem como iremos conhecer como foi abordado o tema da mulher em várias partes do Novo Testamento. Este capítulo tem como objectivo conhecer grandes mulheres que marcam a história da salvação, conhecendo características essenciais que possam servir de exemplo para uma maior valorização da mulher, na sociedade e na Igreja.

No segundo capítulo, numa primeira parte, iremos observar o que o magistério pontifício, de João XXIII até Francisco I, diz sobre as mulheres. Abordaremos também, dentro desta secção, temáticas como género feminino e masculino, dignidade e igualdade, entre outros. Numa segunda parte iremos ver algumas chaves eclesiológicas para a inclusão da mulher, propostas e motivações da teologia feminista, a presença dos leigos na missão da Igreja, a presença da mulher, entre outros. Com esta reflexão, temos como objectivo mostrar ao leitor que o magistério, de facto, tem-se debruçado sobre o papel da mulher na vida da igreja, como também mostrar o que se tem reflectido e estudado na Teologia. Contudo, servirá de base essencial para o terceiro capítulo do nosso trabalho.

Deste modo, no terceiro capítulo, vamos ter contacto com um estudo empírico sobre o papel da mulher na vida da igreja, resultado de inquéritos e entrevistas feitas ao Povo de Deus. Inicialmente, iremos reconhecer a importância do diálogo entre a Teologia e outras ciências sociais, que servem como instrumentos para a reflexão de vários temas estruturantes na vida da igreja. Depois, justificaremos os métodos utilizados para esta análise, bem como justificaremos as questões que foram feitas. Por fim, faremos uma análise dos dados obtidos, com reflexões e gráficos, e uma análise, por unidades de análise, relativamente às entrevistas. Estas entrevistas foram realizadas a vários membros da sociedade e da igreja.

1. A MULHER NA SAGRADA ESCRITURA

A Sagrada Escritura apresenta homens e mulheres e das suas histórias no caminho da humanidade, no seu relacionamento com Deus Criador e Salvador. É uma história onde cruzam pessoas, inseridas num contexto cultural e social, crentes nas suas aspirações religiosas. Trata-se de um mundo historicamente determinado por gerações de épocas com características que podemos reconstruir com precisão, embora aqui apenas queiramos dar uma visão contextual.

1.1. Antigo Testamento: a mulher em Israel

É um fato histórico que a sociedade de Israel era uma sociedade patriarcal, centrada na tribo familiar, cuja autoridade indiscutível estava nas mãos do chefe da família do mais idoso e respeitado e em que outros membros ocupavam postos hierárquicos bem definidos e aceites pelos outros. Também é verdade que as mulheres em Israel tinham muito pouco relevo“ afirmações como as mulheres ‘valem pouca coisa’ e no antigo Israel ‘não valem nada’⁴. A mulher israelita não tinha uma personalidade jurídica e, por conseguinte a sua vida estava sob tutela da autoridade masculina, por exemplo, ela não podia dar testemunho no tribunal. Na verdade, as mulheres viviam como propriedade do chefe da casa, vedadas actos políticos e sociais, bem como aos momentos de adoração. É evidente que as páginas bíblicas referem abertamente a sociedade deste tipo, de facto, os autores bíblicos nunca teriam sido possível pensar em uma estrutura social diferente. Assim, é evidente um grau de subordinação das mulheres ao longo das Escrituras, mas com algumas notáveis excepções, tanto nas páginas do Antigo como no Novo Testamento. Contudo, contrariando esta situação, emergem figuras de

⁴ Alicia Winters, “La mujer en el Israel premonárquico”, *Revista de Interpretación Bíblica Latino-americana* (Colombia, 2012): 32.

mulheres que se destacam pela sua vitalidade, com originalidade e força. Mulheres corajosas, mulheres inteligentes, mulheres que sabem exercer a autoridade, mulheres de grande fé, mulheres receptivas à mensagem, mulheres discípulas, mulheres organizadoras das comunidades cristãs⁵. Na realidade, a Escritura nunca foi lida de uma forma a dar grande importância à mulher, mas apesar disso, há mulheres que se destacam nas páginas do texto sagrado, como por exemplo: a profetisa Maria, Débora, Noemi, Rute e Ester.

1.1.1. Maria e Débora

Tanto Maria como Débora actuam em posições de liderança religiosa e política. A primeira é uma líder secundária, sob a alçada do líder principal Moisés, a segunda é a principal líder, sendo subordinada de Barac.

Maria era filha de Amram e Jacobed, e a irmã mais velha de Moisés. Maria orientou as mulheres a cantar e a dançar depois da passagem do Mar Vermelho e entrou em disputa com Moisés⁶. O seu papel é importante, pois foi considerada profetiza, no entanto, com as formas antigas literárias, a sua importância foi reduzida, favorecendo Moisés⁷. Débora era ama de Rebeca, profetiza, mulher de Lapidot e vivia na montanha de Efraim. O cântico de Débora em Jz 5 é um dos escritos mais antigos, no entanto não se tem certeza sobre a sua autoria⁸.

Maria é identificada como a líder da música⁹. No entanto, apesar de ser ela que convida as mulheres a celebrar e a cantar, Maria é apresentada como “irmã de Aarão” (Ex 15,20) para evitar que o comando de uma mulher, todavia, apesar disso, Maria continua a desempenhar um papel de relevo e de liderança na comunidade do deserto¹⁰. O relacionamento entre os líderes torna-se, eventualmente num problema, na medida em que Maria desafia Moisés na liderança “Maria, sua irmã, é reconhecida como líder do povo, mas é uma rival na liderança que exerce Moisés”¹¹, questiona e tenta resistir à sua autoridade (cf. Num 12). No entanto, esta passagem pretende consolidar o papel mediador de Moisés, como

⁵ Cf. Letty M. Russel, *Interpretação feminista de la Biblia* (Bilbao: Desclée Brouwer, 1995), 90-91.

⁶ Cf. G. A. Barrois, “Miriam, in *The Interpreter's Dictionary of the Bible* George Arthur Buttrick et alia dir. .,3 (Nashville: Ed. Abingdon): 402.

⁷ Cf. John L. Mckenzie, “Maria”, *Dicionário Bíblico*, John L. McKenzie (São Paulo: Ed. Paulinas, 1983): 585-586.

⁸ Cf. John L. Mckenzie, “Débora”, in *Dicionário Bíblico* 220-221.

⁹ Cf. M. Navarra, C. Bernabé, *Distintas y distinguidas: Mujeres en la Biblia y en la historia* (Madrid: Publicações Claretianas, 1995), 32.

¹⁰ Cf. Navarra, Bernabé, *Distintas y distinguidas*, 32.

¹¹ Alicia Winters, “La mujer en el Israel premonárquico”, *Interpretacion bíblica latinoamericana*, 15 (Costa Rica: Editorial Dei, 1993): 21.

único mediador entre Deus e o Povo, e retratar Maria como profetiza, mas subordinada a Moisés¹².

Devido à sua capacidade de liderança Maria foi castigada contraindo lepra, e só Moisés a podia salvar (cf. Num 12, 7-14). Podemos, então, concluir que a mulher revela, indubitavelmente, capacidade de conduzir as pessoas à transcendência de Deus, notando-se então que os homens temiam a intromissão das mulheres nos santuários, pois seria uma grande vergonha para os crentes não terem homens capacitados, pois só eles tinham acesso aos estudos, para lerem a Torá¹³.

Durante o período dos juízes, Débora aparece como profetisa e juiz (cf. Jz 4-5). Os juízes, daquele tempo desempenhavam um papel religioso, político ou outros¹⁴. A sua tarefa primordial era muitas vezes libertar o povo dos inimigos pelas forças armadas. Na época de Débora, o povo era oprimido por Jabim, rei de Hazor. Mesmo que ela não tenha conduzido realmente o exército em batalha, ela nomeou Barac “levanta-te, porque este é o dia em que o Senhor te entregará Sisera” (Jz 4, 14) como general e tomou as decisões militares. Além disso, Débora parece ter desempenhado outra função: ela funciona como uma profeta e árbitro de disputas: “Sentava-se para julgar sob a bandeira de Débora, entre Ramá e Betel, na montanha de Efraim, e os israelitas iam ter com ela para que lhes fizesse justiça” (Jz 4,5). Esta figura feminina tem uma grande capacidade de liderança e astúcia, amedrontando assim o inimigo.

Verificamos também que há aqui um paralelismo bastante significativo, quando nos referimos a estas duas mulheres. Navarra dá relevo à dimensão do espaço em que ambas atuam¹⁵. Enquanto Débora realiza o seu ofício da palavra na Montanha de Efraim “a profetisa Débora [...] sentava-se para julgar [...] na montanha de Efraim” (Jz 4, 5) e Jael realiza a sua acção numa tenda “entra meu senhor em minha casa e não temas [...] Ele entrou na tenda” (Jz 4,18). Notamos aqui que há um espaço aberto e um espaço fechado, o espaço público das políticas, dos negócios e das guerras, e o espaço privado das relações interpessoais “Dá-me, por favor, um copo de água [...] deu-lhe de beber” (Jz 4, 19). Estes dois espaços quebram dois clichés que existem à volta da mulher, daquele tempo, a mulher é capaz de liderar, como também é capaz de acolher.

¹² Frederick L. Moriarty, *Números*, in *Comentário Bíblico “San Jerónimo” I, Antigo Testamento I*, dirigido por Raymond Brown, Joseph Fitzmyer, Roland Murphy (Madrid: Ediciones Cristiandad, 1971), 268.

¹³ Cf. Theodor Friedman, “La transformación del rol de la mujer: De la Biblia al Talmud”, *Maj’shavot Pensamientos*, ano 27, 2 (Abril-Junho 1988): 20-27.

¹⁴ Cf. Cherly Jo Exum, “Madre en Israel: reconsideration de una figura familiar, in Interpretación de una figura familiar, Letty M. Russel”, *Interpretação feminista de la Biblia* (1995): 100.

¹⁵ Cf. Navarra, Bernebé, *Distintas y distinguidas*, 51.

1.1.2. Noemi e Rute

Noemi, mulher de Elimelec de Belém, com quem teve dois filhos, Maalon e Quelion, e a corajosa Rute¹⁶, na condição de viúva e estrangeira, que se inibe perante a severidade de uma sociedade patriarcal.

Noemi, Rute e Orfa ficaram viúvas. De acordo com essa cultura, Rute e Orfa deveriam voltar para a casa de seu pai, onde seriam planeados outro casamento para cada uma. Isso era necessário porque uma mulher não poderia sobreviver sem um homem (pai, marido ou filho) para cuidar dela “Em vez de voltar à casa de seus pais, como fez a outra nora, Rute, além de não ter direito à propriedade e na condição de viúva, decide viver como emigrante em Belém de Judá”¹⁷.

Com as recomendações de Noemi, para se comprimir a tradição, Orfa foi para casa de seu Pai, mas Rute resistiu “Não insistas comigo para que te deixe e me afaste de ti, porque irei onde fores, e onde habitares, eu habitarei. O teu povo é o meu povo, e o teu Deus é o meu Deus” (Rt 1,16). Os israelitas odiavam os moabitas e, se ela fosse a Belém, enfrentaria preconceito pelo facto de ser imigrante. Mas Rute foi dominada por uma profunda solidariedade “o livro de Rute afirma que a mesma Rute ‘vale mais que sete filhos’ não só principalmente pela sua fecundidade, mas também pelo seu compromisso de solidariedade que era a sua essência do sistema social do antigo testamento”¹⁸, pois sabia que Noemi não tinha mais ninguém para cuidar dela.

Rute preferiu viver como uma estrangeira em Belém, sem esperar nenhuma recompensa por parte de Noemi. Tornaram-se segadoras num campo de homem chamado Booz. Perante esta atitude, podemos verificar que Rute é uma mulher tenaz, pois procura o seu próprio alimento. Booz sabendo a história de vida dela, mostra compaixão. Perante este favorecimento, Noemi confessa a Rute, que ele pode ser um dos parentes que as pode resgatar. Rute ouve o conselho da sua sogra, isto é, aconselha-a a deitar-se com ele e assim desposá-lo. Rute segue este conselho não em nome do resgate, mas para garantir a continuidade da família de Noemi.

Rute foi contemplada com a beleza e a fecundidade. Deste casamento nasceu um filho que se tornou o herdeiro de Noemi:

“Por detrás dessa identidade pulverizada, o que mais importa para Rute é o espírito, o amor a Israel e a Iavé por meio de Noemi. Pouco lhe interessa o fato de ser imigrante ou como funcionam as leis judaicas. O casamento de Rute com Booz (Rt 4, 13) e o nascimento

¹⁶ Cf. John L. McKenzie, “Noemi”, in *Dicionário Bíblico*: 656.

¹⁷ Jaci F. Candiotto, “A experiência das mulheres na hermenêutica bíblica”, *Interecções 10, nº17* (Belo Horizonte: Janeiro-Junho de 2015): 210.

¹⁸ Alicia Winters, “La mujer en el Israel premonarquico”: 17.

do filho Obed (Rt 4, 13-17) levam a pensar que no plano da Salvação Iavé também dele faz participar os/as estrangeiros/as.¹⁹

A palavra ‘virtuosa’ (cf. Rt 3,11) tem um sentido mais consistente e importante Bíblia. Em poucos casos, refere-se a soldados ou exércitos e geralmente a palavra é traduzida como ‘força’ ou ‘valor’. Um soldado que recusasse a abandonar o seu posto perante o perigo era um soldado²⁰. Foi nesta força extraordinária que Rute trouxe para cuidar de Noemi.

Importa destacar ainda que ela é uma mulher estrangeira, o que nos leva a inferir que os estrangeiros também estão nos planos de salvação de Deus. Rute é uma mulher solidária, na medida em que se importa com as pessoas e com os sofrimentos delas (cf. Rt 1,16). Trata-se de um verdadeiro exemplo de uma mulher estrangeira, que é fiel à Fé²¹.

1.1.3. Ester

Ester é uma mulher órfã e judia que vive na terra do exílio, em Susa, capital do Império Persa²², que se transforma no curso da história, ganhando protagonismo e surpreende o leitor pela sua imprevisibilidade²³. De menina dócil, bonita, passiva e obediente, ela torna-se numa figura com um carácter inventivo que produz uma estratégia refinada para resolver uma situação difícil²⁴. Do ponto de vista histórico, Ester adquire um grande valor teológico já que encarna o sofrimento dos judeus. Estes são forçados a viver na diáspora²⁵ e para sobreviver devem adoptar dois nomes, duas personalidades, dois vestuários, duas vidas "paralelas". Contudo, podem tornar-se príncipes e rainhas, escolha que elas fazem para servir Deus e para se tornarem uma vantagem para o estado. Ester, primeiramente definida de acordo com a sua beleza e sua docilidade, obedece a Mardoqueu (Cf. Est 2,10-20), atrai a simpatia de quem a vê (Cf. Est 2,15) tem um papel passivo na sociedade (Cf. Est 2-3). Foi adoptada por Mardoqueu (Cf. Est 2,7), e em seguida transformou-se em protagonista. Pela primeira vez, Ester marca-se (Cf. Est 4,11), dando início à sua transformação com um carácter empreendedor. Ester está disposta a colaborar na salvação dos outros. A acção despertada por Deus que age neste livro de uma maneira oculta, na verdade, a salvação do povo judeu não é produto de uma

¹⁹ J. F. Candioto, “A experiência das mulheres na hermenêutica bíblica”: 211.

²⁰ Luis Alonso Schökel, “חַיִל” (chayl), in *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*, Luis Alonso Shökel, (São Paulo: Ed. Paulus, 1997): 217-219.

²¹ Cf. Judette Gallares, *Imagens de Fé, Espiritualidade das mulheres do Antigo Testamento na perspectiva do Terceiro mundo* (São Paulo: Editora Vozes, 2000), 109.

²² Cf. George Arthur Buttrick et alia, “Esther, Book of”, *The Interpreter's Dictionary of the Bible* (Nashville: Ed. Board, 1962): 149-150.

²³ Cf. Donatella Scaiola, *Rut, Giuditta, Ester* (Padova: Edizioni Messagero Padova, 2006), 147

²⁴ Peter F. Ellis, *Os Homens e a mensagem do Antigo Testamento* (São Paulo: Ed. Santuário), 420.

²⁵ Diáspora: “(gr. *diaspora*, “dispersão”) Essa palavra tornou-se o termo técnico para indicar as comunidades judaicas estabelecidas fora da palestina entre o ultimo século a.C e o século I d.C. O estabelecimento de hebreus fora da Palestina começou com a deportação dos israelitas promovida pelos reis assírios e babilônios nos séculos VIII, VII, VI a.C. [...]”, in John L. Mckenzie, *Dicionário Bíblico* (São Paulo: Ed. Paulinas, 1983): 236-237.

intervenção transcendente ou um milagre. Ela acontece graças à iniciativa da fé de Ester que confrontada com a situação dada e original contingente encontrar uma solução, pondo em risco a sua vida por aqueles que foram injustamente ameaçados²⁶.

O Livro de Ester pode ser descrito como muito tradicional e muito bíblico²⁷, como ela própria testemunha com a sua fé na providência de Deus “ [...] Ester é uma nova testemunha em favor da Providência, que assegura a triunfo dos judeus sobre os gentios”²⁸.

Ester torna-se num símbolo daqueles que podem transformar o seu destino, focando-se na sua própria vida, mesmo no império persiano²⁹. Ester entrega-se ao jejum e à oração, confiando-se ao Senhor. A partir daqui ela assume um papel mais activo, revelando progressivamente a sua importância na história³⁰. Não pensa nos seus próprios interesses, mas nos interesses de Deus³¹. Ela procura descobrir qual é o momento certo para intervir e decide ir ao rei Assuero. Este é o ponto de viragem da história.

Importante também salientar a oração de Ester. Ela dá ao leitor uma visão sobre o seu mundo interior, a vida espiritual e a forma como ele lida com o perigo a que é sujeita.³² Ela arrisca a sua vida para salvar seu povo. A história de Ester é exemplo da reversão da sua própria sorte³³: Primeiramente, ela passou de uma menina órfã a Rainha, depois foi ela quem salvou o povo judeu das mãos de Amã (Cf. Est 7, 2-5). Podemos verificar, que existe uma grande ligação entre o esforço humano e a ajuda divina. Deus é fonte de inspiração para Ester e Mardoqueu³⁴.

Apesar de Ester ser bela, fisicamente, era humilde e obediente. Depois de se casar com o rei, sempre teve grande consideração pelo marido. Também Ester respeitou sempre Mardoqueu, aquele que a acolheu. Depois de ser rainha, nunca lhe faltou a moralidade e com muita coragem e audácia, desmascarou Amã, que pretendia exterminar os judeus. Deus deu a Ester uma responsabilidade importante na preservação do Seu povo: “Ester achou tudo graças aos olhos dos poderosos; ambos se provam pelo seu conselho, inteligência, e pela sua habilidade "na corda bamba" [...] vem a salvar o povo de Deus”³⁵.

²⁶ Cf. Marcelo Merino Rodriguez, *La Biblia comentada por los padres de la Iglesia, Antiguo Testamento 6* (Madrid: Ed. Ciudad Nueva, 2017), 167

²⁷ Cf. Donatella Scaiola, *Rut, Giuditta, Ester*, 160.

²⁸ Henri Cazelles, *Introduction a la Bible, Introduction Critique à l'ancien testament, II* (Paris: Ed. Desclée, 1973) 643.

²⁹ Cf. Donatella Scaiola, *Rut, Giuditta, Ester*, 168.

³⁰ Cf. Donatella Scaiola, *Rut, Giuditta, Ester*, 128.

³¹ Cf. Donatella Scaiola, *Rut, Giuditta, Ester*, 163.

³² Cf. Donatella Scaiola, *Rut, Giuditta, Ester*, 140.

³³ Cf. Nuria Calduch Benages, *Donne della Bibbia* (Millano: Ed. Vita e pensiero), 85-92

³⁴ Cf. Donatella Scaiola, *Rut, Giuditta, Ester*, 155.

³⁵ Irmtraud Fischer, *Femmes sages et dame Sagesse dans l'Ancien Testament* (Paris: Ed. Cerf-Mediaspaul, 2010), 104.

1.1.4. A sabedoria personificada como mulher

Na literatura da Sabedoria aparece outra imagem importante, a Mulher da Sabedoria. Em Provérbios ela foi gerada por Deus, que não estava presente apenas na criação, mas era arquitecto da criação e o deleite de Deus. Ela rejubila-se nos seres humanos e convida os simples para o seu banquete. Todos os que a encontram têm vida (*Cf.* Prov. 8, 4). De acordo com o livro Ben-Sira (*cf.* Sir, 24) ela saiu da boca de Deus, e depois vagando pela terra, armou a sua tenda em Jerusalém. Ela é a palavra de Deus e a lei de Deus. No Livro da Sabedoria (*cf.* Sb 7-8) é-nos dada uma imagem mais clara da importância suprema da mulher, pois é a reflexo da bondade de Deus, o espelho do poder de Deus e a aura do poder de Deus. A mulher pode fazer tudo e renova todas as coisas. É ela quem santifica as pessoas e faz deles amigos de Deus. É ela quem dá imortalidade aos outros, pois é a imagem de Deus.

Diz-nos o Livro dos Provérbios: “Uma mulher virtuosa, quem a poderá encontrar? O seu valor é superior ao das pérolas” (Prov. 31, 10). Não só estas mulheres, que destacámos, bem como grandes figuras femininas que encontramos ao longo do Antigo Testamento. Além do mais, encontramos mulheres em todos os tipos de ocupações, trabalhando numa variedade de papéis, e alguns surpreendentes. Nota-se também que geralmente aparecem juntas. Existe um vínculo entre elas, onde muitas vezes as suas vidas estão entrelaçadas. As mulheres desempenham um papel importante na história em todos os períodos, desde as histórias primitivas da criação até ao tempo patriarcal, dentro e fora do seu país, dentro e fora do exílio. Finalmente, as mulheres funcionam como uma imagem de Deus. Há muitas que desempenham muitos outros papéis que merecem atenção: são esposas e mães como Eva, Ana, mãe de Moisés; são gerentes de casa como Sara e Tobit; são líderes políticos como Bate-Seba, Jezabel e Atalia; são anfitriões como Raab; são instrutoras como a avó de Tobit e a mãe dos Macabeus; vítimas como Jefté filha de David; mulheres competentes como Naomi e a esposa de Tobit. É impossível estreitar a visão das mulheres no Antigo Testamento para algumas imagens, alguns papéis. Elas aparecem juntas, para o bem ou para o mal. As mulheres têm um efeito dramático na história: a empregada da esposa de Naamã e a mulher que matou Abimeleque. Há mulheres que assumem uma função com maior destaque, como Debora, e outras que não personagens principais, mas que tem um grande papel, como a profetisa Maria.

1.2. No Novo Testamento: as mulheres na missão de Jesus

O Evangelho de Jesus Cristo provoca uma ruptura com a concepção tradicional das relações entre homens e mulheres, tanto em Israel como no mundo pagão. O lugar reconhecido às mulheres no Novo Testamento é notável. Contrariamente aos costumes, Jesus acolhe as mulheres entre os seus discípulos “as mulheres são aceites por Jesus como discípulas no mesmo plano como os homens”³⁶. Não podemos compreender a cena judaica da mulher do século primeiro sem considerar que este foi submetido ao seu horizonte cultural passado desenvolvido no Antigo Testamento. Não é pertinente discutirmos a situação das mulheres neste período. A visão sobre o sexo feminino do Novo Testamento continua sujeita aos códigos de Israel e suas leis consagradas, principalmente, em Levítico e Deuterónimo. Não podemos esquecer que o judaísmo é um movimento emoldurado no conservadorismo³⁷. Neste movimento são os anciãos, os saduceus e fariseus que lideraram o povo do Sinédrio, sendo estes observadores estritos da lei escrita, a Torá, e os fariseus, além disso, da lei oral. O que pretendemos afirmar com isso é que há uma dependência total das leis mosaicas, e a situação feminina será governada por estas leis, apesar das respostas que o Jesus ensinou (*cf.* Mc 10,5), pois Ele “aparece como o grande intérprete da mulher: Ele entende o seu silêncio, percebe a natureza dos seus gestos, protege-a da hostilidade do anfitrião e dos ditames da mentalidade farisaica”³⁸. Desta forma, a condição da mulher permanece dependente da sua função materna e a sua posição é sempre inferior em relação ao sexo masculino³⁹. A ordem social dominante colocou o pai sobre o filho, o homem sobre a mulher, os ricos sobre os pobres e os saudáveis sobre os doentes⁴⁰. Para contrariar esta situação, é importante atender à resposta de Jesus. Assim, para o nosso estudo, recorreremos aos Evangelhos Sinópticos, Evangelho de São João, Cartas Paulinas e uma passagem do Apocalipse.

1.2.1. A atitude de Jesus para com as mulheres

Em contraste com os escritos rabínicos e cultura pré-exílica, o tratamento de Jesus relativamente às mulheres nos Evangelhos era revolucionário:

³⁶ José Pagola, *Recuperar o projecto de Jesus* (Lisboa: Ed. Paulus, Setembro 2016), 205.

³⁷ Manuel Mañas Nuñez, “Mujer y Sociedad en la Roma imperial del siglo I”, *Revista de Historia 16* (Norba: 1996-2003), 194-195.

³⁸ José Tolentino Mendonça, *A construção de Jesus* (Prior Velho: Ed. Paulinas, 2015), 82.

³⁹ Cf. Xabier P. Irabondo, *Diccionario de la Biblia*, Xabier P. Irabondo (Navarra: Ed. Verbo Divino, 2007), 677-679.

⁴⁰ Cf. Xabier P. Irabondo, *Diccionario de la Biblia* (Navarra: Ed. Verbo Divino, 2007), 678.

“Jesus tem outra atitude perante as mulheres. As mulheres vão ao seu encontro. Ele toca-as e cura-as. Fala com elas, individualmente, quer em privado e, por vezes, em público... Ele instrui as mulheres”⁴¹.

Essas acções foram radicais para o seu tempo, já que contradizem todos os papéis de género pré-concebidos apresentados na literatura pós-exílica: “Jesus conscientemente e deliberadamente optou por romper com os costumes dominantes do dia, como registrado por escritos rabínicos que reflectiam o judaísmo normativo daquela época”⁴². Com Jesus, as mulheres são tratadas como pessoas reais, em comparação com os rabinos que mal reconheceram a sua presença na sociedade.

As acções de Jesus puseram em causa e de forma profunda o pensamento convencional. A maioria do ministério de Jesus falou contra a convenção. Jesus interagiu com as mulheres num papel de professor, pregador, profeta e salvador. Isso permitiu que Jesus exemplificasse o seu propósito de espalhar a salvação para todo o povo de Israel. Já não eram apenas homens vistos como israelitas supremos. Sobre a diferenciação radical de Jesus “o interesse que Jesus mostra nas mulheres é marcante, tanto na sua preocupação com a sua vida ‘religiosa’, como pelo seu amor fraterno para com elas”⁴³. As acções de Jesus testaram costumes judaicos, tentando estabelecer uma nova base para a salvação messiânica. Jesus mostrou que as mulheres tinham a sua dignidade, recebendo aceitação e afirmação na sociedade.

1.2.1 As mulheres nos Evangelhos Sinópticos

A mensagem do Reino de Deus feita por Jesus tem como destinatários os pobres, os enfermos, os publicanos, as mulheres de má reputação e os pecadores. A principal característica do Reino é “igualdade e solidariedade a partir de baixo”⁴⁴. De facto, Jesus fala em parábolas que também incluem imagens femininas: a parábola das ovelhas perdidas (cf. Lc 15,4-7), a parábola da mulher que procura a moeda perdida e celebra com seus vizinhos quando ela a encontra (cf. Lc 15,8-10). O crescimento do Reino é comparado com uma semente (cf. Mc 4, 30-32) como com a acção de uma mulher que mistura levedura com farinha (cf. Mt 13,33). As figuras femininas aparecem nos Evangelhos como discípulos de Jesus em lugares privilegiados. No evangelho de Marcos, por exemplo, podemos encontrá-las

⁴¹ Stephen B. Clark, *Man and Woman in Christ, An Examination of the Roles of Men and Women in Light of Scripture and the Social Sciences* (Servant: Ed. Servant Books, 1980), 241.

⁴² Stephen B. Clark, *Man and Woman in Christ, An Examination of the Roles of Men and Women...*, 242.

⁴³ Stephen B. Clark, *Man and Woman in Christ, An Examination of the Roles of Men and Women*, 249.

⁴⁴ Elisabeth Schüssler Fiorenza, *En memoria de ella, reconstrucción teológico-feminista de los orígenes del cristianismo* (Bilbão: Ed. Desclée de Brouwer, 1989), 178.

ao longo do caminho de Jesus da Galileia para Jerusalém em lugares significativos, mesmo que elas apareçam todos sem nome. Nos tópicos seguintes discutirei alguns textos dos Evangelhos sinópticos, partindo principalmente do Evangelho de Marcos como a fonte mais antiga. Ao fazer alguma alusão a Lucas, ele tem um interesse significativo em focar as mulheres na história do movimento de Jesus, e também Mateus apresenta as suas próprias características.

1.2.1.1. A cura da sogra de Pedro

Quando Jesus acabou de iniciar seu ministério na Galileia (cf. Mc 1, 14,15) e chamou seus primeiros discípulos (cf. Mc 1, 16-20), ele pregou e curou um demónio (cf. Mc 1, 17-27) e foi para a casa de Simão, cuja sogra estava na cama com febre. Quando ouviu que estava doente, Jesus "Aproximando-Se, tomou-a pela mão e levantou-a. A febre deixou-a e ela começou a servi-los". A reacção desta mulher à sanção não é assombro ou medo como em outras histórias.

A palavra “serviço” é utilizada por Marcos como ‘Diakono’, que não se limita ao serviço da mesa, mas é um termo que ele usa para designar o serviço que caracteriza as pessoas que seguem Jesus⁴⁵. Pensa-se, aliás, que Marcos valorizou a casa da sogra de Pedro e o seu serviço, como ainda quis enfatizar a importância dela para a comunidade de Cafarnaum que poderia ter sido constituída em torno da casa desta mulher sem nome⁴⁶.

1.2.1.2. A cura da hemorragia de uma mulher e a ressurreição da filha de Jairo

A história da cura das mulheres com fluxo sanguíneo (cf. Mc 5,21-34) é uma demonstração importante do que a vinda do Reino é para os pobres e aqueles que são atingidos pela doença e morte. A mulher não só ficava vulnerável, gastando todos os seus bens em busca de cura em muitos curandeiros, como ainda sofria uma extrema marginalização devido à sua doença. De acordo com as leis estabelecidas em Lev 15, 25-30 e Lev 18,19, a mulher do Evangelho estava num estado permanente de impureza nos últimos doze anos. Assim tudo o que ela tocava com seu corpo tornava-se impuro e poderia, por conseguinte, contaminar a pessoa que tivesse contacto com este objecto. Perante esta situação, ninguém se atreveria a tocar esta mulher que ficava votada a uma solidão absoluta, já que, durante doze anos, ficava privada de qualquer manifestação de afecto como um abraço ou um beijo.

⁴⁵ Monika Fander, *Die Stellung der Frau im Markusevangelium* (Altenberge: Ed. Orosverlag, 1992), 28.

⁴⁶ Cf. M. Fander, *Die Stellung der Frau im Markusevangelium*, 31.

Mas a mulher olha para Jesus e toca-O. De imediato, Jesus percebendo a força que tinha saído dele, perguntou quem tinha tocado nele. Quando ela conta tudo, a resposta de Jesus é: “Minha filha, a tua fé te curou” (Mc 5,34). Aqui se rompe com as leis da impureza, inverte a ordem que levava à marginalização e morte social⁴⁷ é invertida, isto é, Jesus não ficou impuro, mas tornou a mulher saudável.

A ressurreição da filha de Jairo, que aos doze anos estava prestes a morrer, é por várias razões ligadas a esta narrativa. Jesus, tocando a menina morta, mostra novamente que o seu movimento quebra essa regra. Além disso, ao contar as duas histórias em conjunto, mostra quão grande é o poder da morte, inclui preconceitos que matam as pessoas, excluindo-as das relações sociais e da participação religiosa e social e como ficou explicitado anteriormente, esta morte atingiu mais mulheres. Neste sentido, Jesus mostra num ato profético que o Reino de Deus significa vida plena, e que a fé e a santidade não estão em contradição com as funções biológicas da sexualidade feminina. “A tradição de Jesus se opõe aos tabus segundo os quais as forças da fertilidade e do sangue devem ser reprimidas. A impureza da mulher deixa de ser um tema”⁴⁸. A força geradora da vida da mulher manifestada no “fluxo sanguíneo” não é nem ‘mau’ nem interrompida pela morte, mas ‘restaurada’ para que as mulheres possam ‘ir e viver em paz na felicidade escatológica de Deus’⁴⁹.

1.2.1.3. Uma mulher perfuma Jesus

Em Mc 14,3-9 começa a história da paixão de Jesus com o ato significativo de uma mulher desconhecida. Ela entra na casa de Simão com um frasco de perfume muito caro, quebra-lo e derrama-lo sobre a cabeça de Jesus. Diante do protesto dos discípulos que consideram este gesto um desperdício, pois oferecer o dinheiro aos pobres teria sido mais proveitoso. Jesus responde: “Ela fez o que estava ao seu alcance: Ungiu antecipadamente o Meu corpo para a sepultura” (Mc 14,8). A unção que é contada neste texto está relacionada tanto com as unções dos reis pelos profetas que os tornam ‘ungido de Iavé’, ou seja, o Messias (cf. 1 Sam 10,1) como com a Unção dos mortos. Mas a mulher não é uma profetisa conhecida, mas uma estranha, e ela não unge Jesus para proclamá-lo como um Messias, um libertador político, tão almejadas por muitos judeus em seu tempo, mas unge para o sepulcro. Foi ela, e não os discípulos que, por muito tempo, negavam o sofrimento e a morte que Jesus lhes anunciava, compreendiam que esse Messias era diferente, que Jesus ia morrer. A Sua acção aparece como um ato simbólico dos profetas, é dentro desta tradição, mas ao mesmo

⁴⁷ Cf. M. Fander, *Die Stellung der Frau im Markusevangelium*, 55.

⁴⁸ E. Fiorenza, *En Memoria de ella*, 169-170.

⁴⁹ E. Fiorenza, *En Memoria de ella*, 170.

tempo ele rompe com a tradição: “assumindo uma mulher o papel masculino na unção e unção do rei do novo povo de Deus, esta mulher é colocada dentro da antiga tradição, porém é quebrada ao mesmo tempo com esta tradição. Isso também tem um efeito eclesiológico significativo”⁵⁰. Isso também comprova a afirmação de Jesus no final da história: “Em verdade vos digo, onde quer que se proclamar a Boa Nova, pelo mundo inteiro, contar-se-á também o que ela fez, em sua memória” (Mc 14,9). Desta forma, o texto não só inicia a história da paixão e mostra que foi a mulher que melhor compreendeu o que estava acontecendo, mas também coloca o ato da mulher no contexto da missão cristã. No entanto, esta realidade, que foi “esquecida” rapidamente, na verdade, a não inclusão desta história na história da paixão de Lucas prova que o interesse deste evangelista era em elevar o papel dos discípulos masculinos. A unção aparece em Lucas noutro lugar (cf. Lc 7, 36-59) e com mudanças consideráveis: a unção passa pela lavagem dos pés, a mulher é considerada uma grande pecadora, mas que Jesus perdoou: “Neste encontro, aparece-Nos cheio de humanidade, realista, mostrando todo o verdadeiro rosto de Deus, um Deus que compreende e perdoa como um bom pai, mas que, como um bom pai também, propõe uma conversão, uma vida recta: vai e não peques mais”⁵¹.

1.2.1.4. Mateus e as mães

O Evangelho de Mateus não presta muita atenção à mulher, contudo isto não significa que a menospreza. O Evangelista que vai a uma comunidade de antecedentes judaicos não valoriza o papel das mulheres. Mas Mateus também patenteia o seu próprio ponto de vista⁵²: na cena em que os filhos de Zebedeu pedem a Jesus para se sentarem um à sua direita e a outro à sua esquerda (cf. Mc 10, 36-38). Mateus coloca esse pedido na boca da mãe dos filhos de Zebedeu (cf. Mt 20, 21-28).

No judaísmo, a mãe adquire o seu valor através das crianças, especialmente os filhos. A mãe dos filhos de Zebedeu assume o seu papel aqui e queria mostrar-se publicamente que o valor que as crianças tinham para ela. Mas Jesus não desvaloriza este papel, na sua resposta, ele aborda as crianças. Então encontramos a mãe dos filhos de Zebedeu entre as mulheres a Cruz (cf. Mt 21, 54-56). Assim, as mães de Mateus também poderiam ser “elas mesmas”⁵³. Neste contexto, é interessante que Mateus é o único que destaca a posição da esposa de

⁵⁰ M. Fander, *Die Stellung der Frau im Markusevangelium*, 132.

⁵¹ Justo Luis Sánchez de Alva, *Jesucristo y la mujeres, Reflexiones en torno al Evangelio*, (Madrid: Ed. Palabra S.A, 1993), 112.

⁵² M. Fander, *Die Stellung der Frau im Markusevangelium*, 114.

⁵³ Elisabeth Moltmann-Wendel, *Ein eigener Mensch werden: Frauen um Jesus* (Verlagshaus Mohn: GTB Siebenstern, 1982) 123-125.

Pilatos, quanto esta pede ao marido que “não te imiscuas no caso desse justo, porque muito sofri hoje, em sonhos, por causa d’Ele” (Mt 27,19).

Também noutro momento Mateus integra as mães, de facto, na genealogia de Jesus aparecem Tamar (cf. Mt 1,3), Raab (cf. Mt 1,5), Rute (cf. Mt 1,5) e Betsabé “da mulher de Urias” (Mt 1,6). É impressionante que Mateus “substitui” as mães famosas como Sara, Rebeca e Raquel por essas quatro mulheres. A simpatia de Mateus parece ser mais com José do que com Maria, a mãe de Jesus.

1.2.1.5. Matrimonio Patriarcal

É notório que as mulheres faziam parte do movimento de Jesus, pois encontramos-as em lugares e momentos importantes no caminho de Jesus, elas trazem visões e trabalho para as primeiras comunidades e o seu modo de serem fiéis ao Ensinamentos de Jesus. Mas, além das figuras concretas das mulheres, encontramos na mensagem e no ato do movimento de Jesus vários elementos que contribuem para uma leitura anti-patriarcal dos Evangelhos. Embora o movimento de Jesus não tenha sido considerado como um ‘movimento feminista’, podemos encontrar elementos que transcendem a cultura patriarcal como tal, não apenas em uma estrutura opressiva em termos económicos. A opressão socioeconómica e patriarcal são os dois lados da mesma moeda⁵⁴, elas expandem uma leitura puramente histórico-social:

“Somente se a exploração económica e a opressão patriarcal forem interpretadas como dois sistemas socioeconómicos diferentes, pode-se pensar que a libertação das estruturas patriarcal não era uma questão de interesse para os indigentes no tempo de Jesus. Esta hipótese significa ignorar o fato de que no primeiro século como no nosso dia-a-dia, a maioria dos pobres e os famintos eram mulheres, especialmente as mulheres que faltava um intermediário masculino que lhes permitisse participar na riqueza de Sistema Patriarcal”⁵⁵.

Há principalmente três grupos de textos que embora contenham implicitamente uma crítica da ética patriarcal: Os escritos sobre o divórcio (cf. Mc 10, 2-12) e a resposta à questão dos saduceus (cf. Mc 12, 18-27); a rejeição da família patriarcal que encontramos dentro do movimento de Jesus na Palestina (cf. Mc 10, 29-30; Mt 10, 34-36; Lc 11, 27ss) as palavras que impedem as relações livres de dominação entre a Comunidade; e os discípulos de Jesus (cf. Mc 10, 42-45 e Mc 9, 33-37).

Tanto na perspectiva da criação como da perspectiva do futuro escatológico, Jesus segundo o Evangelho de Marcos questiona o casamento patriarcal quando responde às preocupações de seus discípulos e dos seus oponentes: em Mc 10, 2-12 os fariseus Eles

⁵⁴ E. Fiorenza, *En Memoria de ella*, 188.

⁵⁵ E. Fiorenza, *En Memoria de ella*, 29.

perguntam sobre a legitimidade do divórcio, a sua perspectiva é androcêntrica⁵⁶: um marido pode repudiar sua esposa? O casamento patriarcal é suposto ser um dado e dentro deste contexto a resposta de Jesus é peremptória: Moisés permitiu o divórcio “pela dureza do seu coração” (Mc 10,5). A própria estrutura patriarcal torna necessária a possibilidade de divórcio para os homens e como veremos mais tarde também para as mulheres. Mas Jesus insiste que Deus não criou este projecto de patriarcado, mas para as pessoas: “eles fizeram o sexo masculino e feminino. É por isso que o homem deixará seu pai e sua mãe, e os dois farão uma só carne.” (Mc 10, 6-8). Isto significa que o casamento não era necessariamente uma extensão da ‘casa patriarcal’, mas o homem tem que eliminar com “sua” casa e ser “uma só carne” com a mulher. A teóloga E. Fiorenza sugere como uma interpretação o seguinte: “as duas pessoas o homem e a mulher participam em uma vida humana e em uma relação social comum, desde que foram criadas iguais”⁵⁷. O texto de Mc 10, 1-12, na discussão sobre a legitimidade do divórcio, dá-nos uma informação interessante ‘quase de passagem’. De facto, no seu ensinamento aos discípulos sobre o assunto há um vislumbre da possibilidade de que as mulheres, bem como os homens podem se divorciar: “quem repudia sua esposa e se casa com outro, comete adultério contra ela; E se ela repudiou o marido e se casa com outro, ela comete adultério” (Mc 10,12). De facto, as mulheres não poderiam pedir o divórcio, como vemos em Dt 24, 1-4 que apenas havia o direito do homem para dispensar a mulher. No tempo de Jesus, tivemos que contar com duas tradições e práticas jurídicas: uma que só reconhece a Direito do homem para repudiar a mulher⁵⁸ e a outra que atribui este direito também às mulheres⁵⁹. A atitude que visa proteger as mulheres, afirmando, assim a nossa visão sobre Jesus, que apoia os mais desfavorecidos, porque uma vez que as mulheres, no caso do divórcio, muitas vezes não poderiam voltar para suas casas, prostituição era o único caminho para elas. Se a expressão "pela dureza do seu coração" (Mt 19, 8) Moisés lhes permitiu o divórcio, refere-se à dinâmica próprio do seu Patriarcado, que legitima a igualdade da criação de homens e mulheres, desafia a comunidade cristã para um comportamento diferente, por exemplo na relação com o dinheiro, crianças, poder⁶⁰. Neste contexto, Mc 10, 10-12 é um texto jurídico que requer a monogamia para homens e mulheres e qualifica o divórcio (de acordo com uma linha ética de afiar normas sexuais) como adultério. No outro texto, na questão dos Saduceus (cf. Mc 12, 18-27) questiona a probabilidade de ressurreição. Levanta-se aqui a questão da mulher, que segundo a lei do levirato há possibilidade de ser entregue a outros maridos, e que

⁵⁶ Cf. Elisabeth Schüsser Fiorenza, *In Memory of Her*, 41-56.

⁵⁷ E. Fiorenza, *En Memoria de ella*, 192.

⁵⁸ Ver Mt 19,1-9

⁵⁹ Ver Mc 10,12

⁶⁰ Cf. Elisabeth Schüsser Fiorenza, *In Memory of Her*, 316-317.

depois da sua morte, questionam com quem é que ela ficará. Mas a resposta de Jesus levanta uma perspectiva escatológica nos limites do casamento patriarcal: quando ressuscitados ninguém vai se casar, a sexualidade e a relação sexual não serão mais motivo para a dominação masculina sobre as mulheres:

“A casa de Israel não é garantida pelas estruturas do casamento patriarcal, mas pela promessa e fidelidade do Deus poderoso de Israel, o Deus que dá vida. Enquanto o Deus do sistema patriarcal e seus valores é um "Deus dos mortos", o Deus de Israel é o "Deus dos vivos". No mundo de Deus, as mulheres e os homens já não estabelecem relações de dominação patriarcal e dependência, mas de pessoas que vivem na presença do Deus vivo”⁶¹.

1.2.1.6. A presença das mulheres na Morte, Paixão e Ressurreição de Jesus

A presença de mulheres na Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus é provavelmente a menos discutida quando perguntamos sobre a presença das mulheres no movimento cristão primitivo. Neste âmbito, encontramos a tradição mais antiga, embora os diferentes evangelhos façam algumas diferenças nos nomes das mulheres e na presença/ausência dos discípulos masculinos que Lucas tenta vindicar. Na exegese há uma longa discussão sobre as primeiras testemunhas da Ressurreição, como podemos ver em 1 Cor 15,3-5, que menciona somente a presença masculina como testemunhas da ressurreição de Jesus. Questiona-se se há tradições diferentes aqui ou se Paulo omitiu as mulheres porque, de acordo com a tradição judaica, não foram aceites como testemunhas⁶².

Marcos menciona que havia mulheres que haviam seguido Jesus desde o início de seu caminho da Galileia: “Também ali estavam umas mulheres a observar de longe; entre elas, Maria de Magdala, Maria, mãe de Tiago, o Menor, e de José e Salomé, as quais O acompanhavam e serviam, quando Ele estava na Galileia; e muitas outras que tinham subido com Ele a Jerusalém” (Mc 15,40-41). Anteriormente, encontramos mulheres anónimas e Marcos parece ter sido claro relativamente ao facto de elas estarem sempre lá com Jesus⁶³. É por isso que este texto não quer explicar o papel das mulheres na Galileia e no caminho para Jerusalém, mas quer esclarecer a presença das mulheres no caminho de Jesus até à Cruz “Mais forte e mais favorável a mulher diante da dor que o homem, que suportou a estes momentos dolorosos da vida de Jesus acompanhando e unindo interiormente à sua causa”⁶⁴. O facto de as mulheres serem mencionadas aqui significa que havia apenas mulheres. Porque

⁶¹ Cf. E. Fiorenza, *En Memoria de ella*, 193

⁶² Cf. M. Fander, *Die Stellung der Frau im Markusevangelium*, 291ss

⁶³ Cf. Adriana Valerio, *Donne a Bibbia* (bologna: Ed. Dehoniane Bologna, 2006), 209.

⁶⁴ J. L. Sánchez de Alva, *Jesucristo y la mujeres, Reflexiones en torno al Evangelio*, 144.

não se pode pensar que se as mulheres aqui estão ausentes. Podemos então inferir que Marcos, em sintonia com o uso patriarcal da linguagem do seu tempo, inclui-os nas expressões que referem “os homens”⁶⁵.

Segundo Marcos, no relato da prisão de Jesus são as mulheres, e só elas, que representam os discípulos. Ele assume que elas estavam juntas com os discípulos quando fugiram, incluindo o discípulo que fugiu praticamente nu (cf. Mc 14, 50). Tudo isso reflecte o ambiente do medo da perseguição que teve os seguidores de um condenado à morte. Esse mesmo medo levou à Mulheres para serem cuidadosas (cf. Mc 15,40).

As mulheres “serviram” e “seguiram” Jesus (cf. Mc 15, 41). É necessário reflectir um pouco sobre estas duas palavras. Anteriormente na história da cura da mãe de Simão (MC 1.9-31) apareceu a palavra "servir"; Infelizmente, imaginamos com esta palavra-e especialmente quando se trata de mulheres-para o serviço da mesa como a da Marta de Lucas (Lc 10, 38-42) ou é lida com o fundo da Lc 8,3 onde se fala sobre as mulheres que Jesus tinha curado e que "eles serviram-lhe com seus bens". Parece então que há um papel típico das mulheres no seguimento de Jesus. No entanto, devemos voltar por um momento para o sentido de que Marcos tem a palavra *Diakonia*⁶⁶ no contexto das relações que estão estabelecidas entre as pessoas que seguem Jesus: em MC 10, 42-45 e 9,35 que parece mais claramente o que Marcos compreende por *Diakonia*. Para ser servo de todos, tem como consequência na comunidade não haver subordinação de uns sobre os outros. Desta forma a *Diakonia* descreve uma nova relação que existe entre os discípulos com Jesus, entre si, e na relação de Jesus com cada um. Também noutros textos do NT é evidente que a *Diakonia* não é descrita uma maneira de agir especificamente do sexo feminino, mas a situação da pessoa que é subalterna e a quem cabe realizar as tarefas mais pesadas e menos valorizadas. O serviço da mesa é como um trabalho humilde, uma forma possível de ‘Diakonia’, as experiências do escravo na ‘Diakonia’ drástica sua situação social (cf. Lc 17,8; 12,37; 22,27). Nas refeições, na Antiguidade, existiam regras hierárquicas sempre muito rigorosas, onde a pessoa que servia era sempre a da posição social mais baixa, ou o escravo, ou o filho, ou a filha ou a mulher. Mas nunca foi um papel específico da mulher nem das pessoas pobres, mas sim dos escravos. Talvez, se deva traduzir a palavra ‘Diakonia’ por ser submissa, para a entender o sentido que Marcos atribui a esta palavra ao longo do Novo Testamento⁶⁷.

A caracterização da relação de uns com os outros precisamente com esta palavra no cristianismo primitivo demonstra o quão intensamente as pessoas que seguiram Jesus

⁶⁵ Cf. E. Fiorenza, *En Memoria de ella*, 66-69

⁶⁶ Cf. John L. Mckenzie, *Diácono, Diaconiza*, in *Dicionário Bíblico* (São Paulo: Ed. Paulinas, 1983), 235-236.

⁶⁷ Cf. Elisabeth Schüssler Fiorenza, *In Memory of Her* (New York: Ed. Crossrad, 1987), 165-168

tentaram pôr em prática o investimento escatológico de todas as situações de violência e opressão entre as pessoas “Cristo nesta dupla solidariedade de fidelidade e de empenhamento que une todos os batizados na fé, todos aqueles cuja a actividade e ética estão ligadas em comunhão com Ele”⁶⁸.

Com esta reflexão, sobre mulheres nos Evangelhos sinópticos, podemos concluir alguns pontos importantes: o contexto patriarcal e os interesses dos evangelistas compelem uma exegese crítica, neste como outros assuntos, e a hermenêutica moderna mostrou que os interesses do leitor não podem ser dispensados. No nosso caso, significa olhar da opressão das mulheres nos elementos da história bíblica que nos ajudarão a descobrir igual discipulado; as mulheres faziam parte do movimento de Jesus e dentro das primeiras comunidades desempenharam um papel de liderança; as mulheres compreenderam o significado de ‘Diakonia’ e o sentido do sofrimento e a morte de Jesus. São elas, de acordo com todos os Evangelhos, as primeiras testemunhas da ressurreição. Elas aparecem em pontos-chave na vida e nas discussões das primeiras comunidades: a mulher sirofenícia que abre a missão aos não-israelitas; torna-se desta maneira no exemplo para o ministério que a Igreja deve exercer; as curas das mulheres são exemplos da ruptura com as leis da pureza e impureza no movimento de Jesus e a restauração da boa criação de Deus que deve governar também a vida das comunidades. No entanto, sua presença e ações não são idealizadas como MC 16,8. Diante da ameaça e do medo, eles também podem falhar. Jesus não diminui as mulheres em relação aos homens, mas tem uma visão que transcende as estruturas patriarcal do matrimónio, da família e das tradições do poder. Com a atitude de Jesus, temos uma maior perspectiva das relações de amor e justiça, em que Jesus via tanto o homem como a mulher, seus discípulos. Algo a reter e a reflectir sobre a importância da mulher, que hoje damos nas nossas comunidades.

1.2.2. As mulheres no Evangelho segundo São João

O Evangelho de João é uma narrativa de grande relevo para toda a comunidade cristã, onde se assume como objectivo principal o conciliar a fé e a vida. Logo, podemos destacar que as mulheres, sendo elas discriminadas noutros textos bíblicos, aqui são perspectivadas positivamente. Há, de facto, uma atitude diferente em relação a elas, ou seja, enquanto alguns textos descrevem as características, tendências e regras que lhes são impostas, Jesus trata-as

⁶⁸ Anne Carr, *A mulher na Igreja* (Circulo de Leitores: Ed. Nova Consciência, 1994), 267.

como indivíduos únicos e valiosos. Em nenhum lugar, Ele deixa de valorizar as mulheres, mas Ele exige tanto delas como dos homens. A abordagem de Jesus relativamente às mulheres, pode ser perspectivado como revolucionário, considerando as normas culturais de sua época. Nenhuma das mulheres em João excepto Maria, a Mãe de Jesus e Maria, mulher de Cléofas são descritos em relação aos homens. Na verdade, João faz exactamente o oposto quando ele define Lázaro através da relação com Marta e Maria. Ao invés de valorizar as mulheres em termos de seus papéis de esposa, mãe e dona de casa como era comum dentro da cultura judaica, o Jesus joanino vê-as como indivíduos capazes de tomar decisões e compromissos importantes. Por outro lado, em vez de apreciar as mulheres, principalmente em termos de seu género ou estado civil, Jesus privilegia-as tendo em conta a relação delas com Deus. Ao contrário dos homens, que, culturalmente, evitaram a presença de mulheres por medo de serem seduzidos, Jesus associa livremente a mulheres. Ele revela uma estreita amizade com mulheres, que não lhe eram próxima, como Maria e Marta, e até mantém mesmo uma conversa privada estendida com uma mulher samaritana de má reputação. Em vez de culpar as mulheres pela luxúria do sexo masculino, Jesus considera que cabe aos homens disciplinar os seus pensamentos em vez de negar o acesso das mulheres à vida pública⁶⁹. Um dos aspectos mais radicais do comportamento de Jesus para com as mulheres é a sua vontade de ensinar-lhes. Enquanto pensamento rabínico considerou inadequado envolver as mulheres na instrução intelectual, Jesus ensina pessoalmente as mulheres⁷⁰. Ele assume que as mulheres são capazes de aprender e compreender as verdades teológicas que ele apresenta para elas, e capazes de se envolver no debate teológico. Jesus está disposto a provocar um escândalo público, a fim de instruir as mulheres. João vai mais além ao destacar a capacidade intelectual das mulheres e apresenta-as como testemunhas válidas da verdade sobre Jesus. É através do testemunho da mulher samaritana que o povo de Sícar é sensibilizado a seguir Jesus. Mais importante ainda, é Maria Madalena a quem é confiada a verdade da ressurreição de Jesus e foi a ela que Jesus confiou o papel de testemunha da sua ressurreição aos discípulos. Em resumo, observamos que as mulheres no 4º Evangelho são apresentadas de forma positiva e em relação íntima com Jesus “há exemplos suficientes de falta de compreensão da relação de uma pessoa com Deus entre os homens que seguir para fazer seus encontros com as mulheres ainda mais surpreendentes”⁷¹. As mulheres são retratadas como capazes de compreender o ensinamento de Jesus e respondendo com entusiasmo e de forma adequada. Por outro lado, não têm medo de tomar a iniciativa na sua

⁶⁹ Cf. John Meier, *Um Judeu Marginal, Repensando o Jesus histórico*, 1 (Washington: Ed. Imago, 1992), 291-293.

⁷⁰ Carmiña Navia Velasco, *Bíblia caminho de libertação da mulher* (São Paulo: Ed. Paulinas, 1998), 109.

⁷¹ Janes Kopas, “Jesus and Women: John’s Gospel”, *Theology Today* 41 (1984): 203.

relação com Jesus, e o evangelista apresenta Jesus como defensor destas quando elas assumem papéis não convencionais “se a liderança é uma função da iniciação criativa e acção decisiva, as mulheres em São João podem qualificar bem esse papel” ⁷². Jesus não presta atenção às opiniões de mulheres comuns da sua época. Em vez disso, ele entra em discussão teológica com elas, destacando-as na proclamação pública, valorizando-as como amigos íntimos e escolhe-as a ser testemunhas da verdade da sua ressurreição. Assim, destaco duas mulheres importantes do Evangelho de João: Maria de Magdala e a mulher samaritana.

1.2.2.1. Jesus e Maria de Magdala

Paulo não menciona sobre o testemunho das mulheres para o túmulo vazio e a ressurreição, todavia os Evangelhos fazem seu testemunho proeminente:

“A afirmação mais significativa das mulheres no novo testamento pode muito bem ser encontrada na tradição feita proeminente em todos os quatro Evangelhos que as mulheres foram o único a encontrar o túmulo de Jesus vazio” ⁷³

A ressurreição é fundamental para a fé do Novo Testamento (cf. 1 Cor,15; 12-19; 1 Tes, 4, 14 e Rom 10, 9). Assim, é significativo que Jesus tenha confiado a uma mulher a sua mensagem mais crucial de sua missão terrena: a mensagem de seu triunfo sobre a morte. Enquanto Pedro e o ‘discípulo amado’ estão no túmulo (cf. Jo 20), Jesus não lhes aparece. Em vez disso, Jesus escolhe nomear uma mulher como sua testemunha, apesar do fato de que o testemunho de uma mulher não era credível na cultura judaica.

É possível atribuir a Maria Madalena um papel quase apostólico, porque Jesus olha para ela de uma forma diferente, como uma mulher que tem um grande apreço por Ele:

“Jesus lê tudo de forma diferente: há uma mulher aninhada aos seus pés que toca o Seu corpo, chora-se até lavar os Seus pés com as lágrimas, enxuga-os com os seus cabelos, beija-os sem dizer uma palavra e os perfuma. Jesus vê uma mulher que sofreu e que sofre, que ama, uma mulher à procura de amor, enquanto o fariseu vê uma pecadora”⁷⁴.

Na verdade, a tradição da Igreja Ocidental considerou-a como “a Apóstola dos apóstolos” ⁷⁵. O essencial ao apostolado foi ver o Ressuscitado Jesus e ser enviada para o

⁷² Sandra Schneiders, “Women in the Fourth Gospel and the Role of Women in the Contemporary Church”, *Biblical Theological Bulletin, Journal of Bible and Culture* 12 (1982): 39.

⁷³ Evelyn and Frank Stagg, “Woman in the World of Jesus”, *The Westminster Press* 6 (Philadelphia, 1978): 144.

⁷⁴ Enzo Biachi, “Jesus e as mulheres: no amor não à temor”, in *Revista IHU* 530 (16 de Outubro 2018). Consultada a 23 de Outubro de 2018.

⁷⁵ São Tomas de Aquino, *In Ioannem Evangelistam Expositio*, c. XX, L. III, 6.

proclamar (1 Cor 9, 1-2; 15, 8-11 e Gal 1, 11-16). Em Jo 20, qualifica-se claramente Maria que divulga a mensagem de Jesus aos apóstolos com o anúncio apostólico padrão da Ressurreição: “Eu vi o senhor”⁷⁶. Enquanto dentro da cultura judaica as mulheres não eram qualificadas ou autorizadas a ensinar, o Evangelho de João retracta o Cristo ressuscitado privilegiando uma mulher para ensinar seus discípulos masculinos sobre o princípio mais básico da fé cristã.

Podemos considerar que Maria Madalena é retratada como assumindo um papel de destaque contrariando a tradição sobre as mulheres. Ela é equiparada a um discípulo com importância análoga à de Pedro entre os discípulos masculinos. “Ambos receberam a primeira aparição do Jesus glorificado e da Comissão apostólica fundacional”⁷⁷. O Evangelho de João apresenta Maria Madalena como alguém que reivindica um lugar no apostolado não ao contrário de Pedro e Paulo. Ela, como eles, viu o Senhor ressuscitado e recebeu dele a missão para ir e pregar a notícia de sua ressurreição.

O objectivo e ápice do Evangelho de São João encontra-se em Jo 20,1-18. Nele encontramos a revelação definitiva da identidade de Jesus como o Cristo ressuscitado, o filho de Deus. Maria Madalena vem ao túmulo de Jesus nas primeiras horas da manhã. Tendo descoberto o túmulo vazio, ela corre para contar a Pedro e ao discípulo amado. Depois de ver o túmulo vazio, o discípulo amado “acreditou” (Jo 20, 8). Este facto, é difícil de conciliar com o versículo seguinte: “não tinha efectivamente, entendido ainda a Escritura, segundo a qual Ele devia ressuscitar dos mortos”. Paul Minear resolve este dilema argumentando que a crença do ‘discípulo amado’ não estava na ressurreição de Jesus, mas, em vez disso, quando foi confrontado com a própria evidência, ele finalmente acreditou no relatório de Maria Madalena⁷⁸. Uma vez que o testemunho de uma mulher não foi considerado credível dentro do contexto cultural da época, é possível que João quisesse destacar a crença do discípulo amado no relatório de uma mulher. Ao encontrar o Jesus ressuscitado, Maria é a escolhida para comunicar aos irmãos de Jesus a notícia de sua ressurreição. Maria divulga ansiosamente a mensagem de Jesus ressuscitado aos discípulos, e os discípulos crêem no testemunho de Maria. Esta revelação é consistente com o retrato de João sobre a aparência de Jesus aos discípulos Jo 20,20.

⁷⁶ Cf. Raymond Brown, *The Community of the Beloved Disciple* (New York: Ed. Paulista, 1979), 189.

⁷⁷ Raymond Brown, *The Community of the Beloved Disciple*, 43.

⁷⁸ Cf. Paul Minear, “We don’t know where . . .” *Interpretation, a Journal of Bible and Theology* 30 (Abril, 1976): 127.

1.2.2.2. Jesus e a mulher samaritana

A exegese tradicional tem-se debruçado sobre a situação conjugal pecaminosa da mulher samaritana, mas, em grande parte negligenciou seu papel como a primeira pessoa no evangelho de João a quem Jesus claramente se revelou como Messias e que agiu sobre esse reconhecimento. O fato de que Jesus se revelar à mulher samaritana é notável quando se considera que ela conduziu uma vida extremamente irregular, que ela pertencia a grupo minoritário rejeitado, e em última análise, ela era de facto uma mulher. Jesus revelou a verdade sobre si mesmo a uma pessoa considerada indigno de ouvir tais verdades e incapaz de compreendê-las. Ele não foi influenciado pelos costumes da época, pelo contrário dirigiu-se a ela como um igual com os homens e um potencial participante no Reino⁷⁹. Ele concedeu um ensinamento teológico importante, tratou-a seriamente e respondeu aos seus comentários. O Jesus joanino não exigia que ela deixasse de ser uma mulher ou uma samaritana, mas considerou-a, principalmente, como uma pessoa que necessitava da verdade reveladora de Jesus como Messias.

Podemos observar que o evangelista usa a mulher samaritana como modelo de discipulado feminino, servindo para modificar a tese de que apenas os discípulos masculinos eram figuras importantes na fundação das comunidades cristãs⁸⁰, recebendo um papel apostólico. Ela chama os outros como Jesus chamou os discípulos, “vem e vede” (Jo 4, 29; 1, 39), e outros crêem “por causa de sua palavra” (Jo 4,39-42; 17, 20).

João engrandece ainda mais o efeito da narrativa da mulher samaritana, colocando-a em justaposição à narrativa Nicodemos no capítulo anterior. Ele é um professor dos homens de Israel, ela uma mulher de Samaria. Ele tem uma herança nobre, ela tem um passado vergonhoso. Ele viu sinais e sabe que Jesus é ‘de Deus’, ela encontra Jesus como um estranho⁸¹.

1.2.2.3. Jesus e Maria de Betânia

Jo 11 é a mais longa narrativa encontrada no quarto evangelho, além da narração da Paixão de Cristo. É também o sinal do Ministério de Jesus, pois precede imediatamente o relato de sua própria morte e ressurreição. É importante que João escolha destacar uma história que faz de uma mulher o destinatário de uma das afirmações mais profundas de Jesus sobre si mesmo e em que uma mulher faz uma resposta precisa e adequada à sua declaração.

⁷⁹ Cf. Häns Kung, *20 tesis sobre Ser Cristiano* (Madrid: Ed. Cristandad, 1977), 97-98.

⁸⁰ R. Alan Culpepper, *Anatomy of the Fourth Gospel, A Study in Literary Design* (Filadélfia: Ed. Augsburg Fortress), 137.

⁸¹ R. Alan Culpepper, *Anatomy of the Fourth Gospel*, 136.

O diálogo entre Jesus e Marta é “uma das revelações mais magníficas de si mesmo que o filho de Deus já fez. O dela é uma das Confissões mais não reservadas”⁸².

João apresenta Marta como o ideal de discernimento da fé. A confissão de Marta é notavelmente a mais completa e talvez ainda mais satisfatória do que a confissão petrina em Jo 6, 68-69. É ela, em vez de Pedro, que serve como o modelo de João para descrever o discernimento e a firmeza da fé. Dentro de uma cultura que valorizou pouco a palavra e o testemunho das mulheres, João retracta Marta enquanto um modelo exemplar do que significa confessar a verdade sobre Jesus que vê Marta como uma pessoa capaz de reconhecer e validar a fé:

“A cena ilustra a convicção do quarto Evangelista de que as mulheres têm o direito de serem ensinadas sobre os mistérios da fé, e que elas são capazes de responder na fé com uma confissão firme. Em suma, elas são capazes de serem discípulas de Jesus em pleno direito”⁸³.

A segunda grande conversa relevante que Jesus tem com uma mulher é com Marta de Betânia (cf. Jo 11). Enquanto o milagre, clímax nesta história, é a ressurreição de Lázaro, João dá maior destaque a Maria e Marta ao longo da narrativa. Em vez de examinar com pormenor toda a passagem, este estudo incidirá sobre a forma como o autor apresenta Marta.

João introduz os três personagens envolvidos na narrativa no versículo 1. É de notar que ele retracta Lázaro em termos de sua relação com Maria e Marta. Parece provável que aos olhos do Evangelista, tanto Marta como Maria eram mais proeminentes do que Lázaro. O autor, obviamente, espera que a história da unção de Jesus por Maria seja familiar aos seus leitores, uma vez que ele se refere a ela em 11,2, mas ainda não narrou o evento em si (cf. Jo 12, 1-8). Jesus nomeia Marta, Maria e Lázaro como objectos do amor de Jesus (Jo 12, 5). O único indivíduo em João de quem isto é dito é o ‘discípulo amado’. Assim, podemos considerar que Maria, Marta e Lázaro eram discípulos de Jesus⁸⁴.

Em Jo 12, 3, o narrador encoraja-nos a ver Maria e Marta como pessoas de fé. A mensagem que eles enviam a Jesus informando-o sobre a doença de Lázaro sugere que eles acreditam que apenas Jesus pode lidar com sua situação drástica⁸⁵. Esta impressão é reforçada quando Marta diz a Jesus que se ele estivesse lá, seu irmão não teria morrido. A resposta de Marta à garantia de Jesus de que seu irmão ressuscitará (versículo 23) dá provas de sua

⁸² Peter McHugh, *Christ and Womankind* (Maryland: Ed. Newman, 1952), 287.

⁸³ Ben Witherington III, *Women in the Ministry of Jesus* (Cambridge: Ed. Cambridge University, 1984), 190.

⁸⁴ Cf. Ben Witherington III, *Women in the Ministry of Jesus*, 108.

⁸⁵ Cf. Ben Witherington III, *Women in the Ministry of Jesus*, 109.

consciência teológica, expressando a crença do judaísmo Farisaico na ressurreição dos mortos no juízo final⁸⁶.

1.2.2.4. A figura da mulher em Apocalipse 12, 1-18

“No céu apareceu um grande sinal: uma mulher vestida de sol, com a lua debaixo dos pés e na cabeça uma coroa de doze estrelas [...]” (Apocalipse 12, 1-18). A mulher é o primeiro dos sete sinais sobre o conflito entre Deus e Satanás. É evidente que estas são visões alegóricas, por isso os erros que podem ser feitos na abordagem de tal texto são, essencialmente, dois: levar literalmente aqueles que querem ser símbolos ou enfatizar demasiado a vertente simbólica parando a ele, retirando do texto a sua mensagem real. Nesta visão existem quatro personagens principais: Deus, o dragão, a mulher e a criança. Para entender a identidade dos dois últimos, será útil para começar com a personagem do dragão. É sem dúvida o símbolo do mal, que Satanás⁸⁷ também apresenta no evangelho. A figura do dragão conecta-se directamente à ‘antiga serpente’ de Génesis, que é explicitamente referida no versículo 9. Será bom transcrever esse passo: “Farei reinar inimizade entre ti e a mulher, entre tua descendência e a dela. Esta esmagar-te-á a cabeça, ao tentares mordê-la no calcanhar” (Gen 3, 15). As semelhanças são evidentes: a mulher, o dragão/cobra, a linhagem da mulher. A visão, portanto, parece ser a realização profética da guerra entre a serpente e a mulher e da vitória do último (através de sua descendência, ou seja, através do filho). Agora consideremos em primeiro lugar figura do bebé. A identificação do "filho masculino, destinado a governar todas as nações com cetro de ferro" não parece difícil. Inequivocamente a pergunta do Messias, também para a referência ao cetro do ferro de que um salmo fala: “Pede-me e eu te darei as nações por herança e os confins da terra por domínio. Quebrá-los-ás com cetro de ferro serão desfeitas como vasos de argilas” (Sl 2, 8-9). É um salmo, que fala explicitamente do Messias que deve vir. Então não parece haver dúvida. A criança é o Messias prometido ‘nascido da mulher’, que Jesus mencionou no final do capítulo. Uma interpretação está em nada impedida por elementos que podem contrastar com as narrativas evangélicas, como a ascensão imediata da criança a Deus e com isto, se presume, para o céu. Isso porque é, de fato, uma visão profética e alegórica que não finge ser uma reconstrução dos fatos evangélicos. Se, portanto, a identificação da criança com o Messias, e a do dragão com Satanás não cria dificuldades, resta, no entanto, aprofundar a figura da

⁸⁶ Cf. Petter Ellis, *The Genius of John, A Composition-Critical Commentary on the Fourth Gospel* (Collegeville: Ed. Liturgical, 1984), 186.

⁸⁷ H. M. Féret, *O Apocalipse de São João* (São Paulo: Ed. Paulinas, 1968), 109-112.

mulher⁸⁸. Esta última interpretação parece fundamental para a compreensão do texto no seu todo, porque a visão começa com o signo grandioso da mulher. E ela é a única pessoa que domina toda a visão: do começo ao fim. Por esta razão, a figura da mulher não foi poupada a inúmeras interpretações, por aqueles que a identificam como o povo eleito, para aqueles que olham para ela como uma figura personificada da igreja. A mulher pode ser vista como a imagem do povo escolhido que dá à luz o Messias. No entanto, a mulher continua a desempenhar um papel, mesmo após a derrota do dragão através do cordeiro, mas neste momento o povo escolhido teria que esgotar seu papel. Da mesma forma, a mulher pode ser vista como a imagem da gloriosa igreja, mas não é a igreja que criou Cristo: é o oposto. A identificação com a igreja está mais de acordo com a última parte da visão, mas até certo ponto. Na verdade, no final, o dragão nada pode fazer contra a mulher e é por isso que ele ataca sua prole⁸⁹. Com a mulher a luta terminou. Em vez disso, Satanás ainda pode atacar a igreja, mesmo que não a possa dominar. E então o que seria essa descendência da igreja? Deve-se, portanto, supor um duplo significado simbólico da mulher: o povo escolhido, na primeira parte, em seguida, tornar-se a Igreja (no segundo). Além disso, mesmo querendo assumir a ‘dupla interpretação’, continua a ser o problema. O texto sugere que a guerra empreendida pelo Dragão contra a descendência das mulheres é a vingança pela vaidade dos seus ataques⁹⁰. Então a mulher parece ter terminado seu papel terreno e sua batalha pessoal, agora confiada à sua prole.

Numa interpretação muito mais simples e inequívoca, podemos dizer que a visão fala do Messias e do seu nascimento do ventre da mulher. Nada proíbe, se não um julgamento *a priori*, para supor que se trata da mãe de Cristo, que seria assim a mulher da profecia do Genesis. O que não esgota o seu papel com o nascimento de Cristo, dada a continuação da inimizade com a serpente que ainda continua contra ela. A visão, no entanto, apresenta-o como inatacável para a protecção de Deus, para que o dragão mova a guerra contra o resto de sua descendência. Esta é uma expressão muito significativa na minha opinião. Porque Cristo é o produto da descendência da mulher que derrotaria o dragão.

Se, apesar das discrepâncias, se pode considerar a interpretação da mulher como a imagem do povo escolhido do tempo messiânico, deve-se inferir que a identificação com Maria, mãe de Cristo, não é descabida. Na verdade, parece ser uma interpretação menos superficial e, portanto, a mais verosímil. Há ainda outras pistas que podem confirmar essa interpretação, como o apelativo de mulher, que é o mesmo com que João se refere a Maria nos

⁸⁸ Ugo Vann, “La figura della donna nell’Apocalisse”, *Studia Missionalia* 40 (1991): 57-94.

⁸⁹ Adriana Valério, *Donne e Bibbia* (Bolonha: Ed. Dehoniane Bologna, 2006), 295.

⁹⁰ Adriana Valério, *Donne e Bibbia*, 297.

Evangelhos (no episódio de Caná e a Cruz). A identificação com Maria também permite compreender melhor as características da mulher do Apocalipse⁹¹. O fato de que é ‘vestida ao sol’, talvez possa estar ligado ao fato de que Maria é a mãe do ‘sol da justiça’, da qual Malaquias fala (Cap. 3, 20), então ela está vestida com esse mesmo esplendor. O que está debaixo dos pés é, geralmente, algo que foi derrotado⁹². A lua pode simbolizar a passagem das estações, ou seja, tempo e depois a morte. O fato de estar aos pés da mulher parece indicar a derrota da morte feita por Cristo.

Este episódio de Apocalipse só confirma o que parecia implícito nos Evangelhos. O papel de Maria não pode ser reduzido apenas à concepção de Jesus, mas a algo muito maior. Maria não só deu à luz o Messias, mas acompanhou-o na sua dolorosa missão ao tomar parte nela de uma forma muito peculiar. Antes, mas mesmo depois da morte de Cristo. É por isso que o vemos no Apocalipse como uma bela rainha, coroada com doze estrelas, símbolo das doze tribos de Israel, e assumindo uma vitoriosa respeitada pelo inimigo. O fato de que o dragão se vira contra o resto de sua descendência, que é a igreja, também confirma o título de “mãe da Igreja”. Tudo isso não coloca a figura de Cristo nas sombras.

Deste modo, a mulher representada no apocalipse representa a imagem da comunidade eclesial que sofre perseguição, cujo início desta se deu no martírio Jesus. A imagem da mulher revestida de sol representa a Igreja que se purifica no caminho através do sofrimento, no meio das tribulações do mundo. A imagem materna de Maria que está presente na luta entre o bem e o mal, defendendo os seus filhos⁹³.

1.2.4. A mulher nas cartas paulinas

As Epístolas de Paulo evocam inúmeras mulheres cuja ajuda é preciosa ao apóstolo: entre outras, Febe, chamada diaconisa e protectora (cf. Rm 16,1-2), Priscila, colaboradora (cf. Rm 16,3), Evódia e Síntique, igualmente colaboradoras⁹⁴ (cf. Fl 4,2-3).

No ensino do apóstolo Paulo aborda-se várias vezes a questão dos ministérios femininos sem a tratar de modo sistemático. O apóstolo Paulo, para quem a mulher não existe sem o homem, nem o homem sem a mulher (no Senhor) (cf. 1 Cor 11,11), proclama corajosamente que a graça da filiação divina é dada aos homens e às mulheres em conjunto (cf. Gn 3,26-28; 2 Cor 6,18). Igualmente pecadores, revestem Cristo e são um nele, ele em quem não há mais nem homem nem mulher (cf. Gn 3,27-28). Os carismas, necessários à

⁹¹ Cf. Tina Pippin, “The Heroine and the Whore: Fantasy and the Female in the Apocalypse of John”, *From Every People and Nation* (Minneapolis: Ed. David Rohads, 1992): 127.

⁹² Cf. Tina Pippin, “The Heroine and the Whore: Fantasy and the Female in the...”: 136

⁹³ Cf. José Carlos Carvalho, “A mulher hebraica no Apocalipse”, in *Humanística e Teologia*, 26 (Porto: Ed. Universidade Católica Portuguesa, 2005), 7-10.

⁹⁴ Cf. Amador dos Anjos, *São Paulo e a condição da mulher* (Porto: Ed. Salesianas, 1990), 52-54.

edificação da Igreja e à realização da sua missão, são distribuídos segundo a liberdade do Espírito a todos os membros do corpo de Cristo. As listas de carisma que dá-nos o apóstolo, não são acompanhadas de nenhuma restrição (cf. Rm 12; 1 Cor 12) quanto ao género⁹⁵.

Mas a nova realidade que as mulheres conhecem graças ao Evangelho não elimina todas as diferenças de desempenho no serviço de Deus atribuindo aos homens e às mulheres e esta situação é absoluta, não havendo lugar para a troca de papéis atribuídos a cada um dos sexos. A propósito do serviço da Palavra, o próprio facto de a questão da palavra pública das mulheres se ter colocado, mostra que uma mudança tinha acontecido e esta mudança seria impensável numa sinagoga judaica ou numa assembleia grega⁹⁶.

Paulo exprime-se mais precisamente sobre este assunto em diversas ocasiões: uma vez, reconhece às mulheres a possibilidade de profetizar ou de orar em público (cf. 1 Cor 11,5); outra vez, não lhes permite ensinar ou dominar o homem (cf. 1 Tm 2); noutro lugar ainda, menciona que as mulheres devem calar-se e permanecer submissas (cf. 1 Cor 14,34). Ele quer afastar tudo o que poderia desacreditar a Igreja de Cristo, suscitar calúnias. Seria o caso em que mulheres, abusando da sua nova liberdade, desprezassem regras de conveniência⁹⁷ (cf. 1 Cor 11 e 14 são disso exemplo).

Paulo não faz somente apelo a argumentos de conveniência. Ele fundamenta as suas interdições sobre a subordinação da mulher ao homem, que se encontra associada à sua comum criação à imagem de Deus, na ordem original querida por Deus⁹⁸ segundo 1 Tm 2,9-15. O nosso respeito pela inspiração bíblica leva-nos ao dever de seguir o apóstolo nas conclusões que ele tira do texto do Génesis. Deus atribui ao homem uma autoridade específica. Se nesta autoridade se encontra uma ordem desejada por Deus, não podemos de modo nenhum inverter ou destruir esta ordem para nos conformarmos com as correntes do pensamento do mundo moderno. As mulheres cristãs não devem rejeitar toda a subordinação e recusar o papel que Deus lhes confia. Devem compreender a atitude da Igreja perante Cristo e a atitude de Cristo em relação ao Pai (cf. Ef 5; 1 Cor 11). Aliás, há uma subordinação geral e recíproca, que vale também para o homem (cf. Ef 5,21). Ela não apaga as diferenças de autoridade, mas determina a maneira como é exercida a autoridade. A autoridade do homem é a outra face do serviço pelo qual é responsável. Para a mulher, reconhecer esta autoridade não é sinal de humilhação e de desvalorização, mas ajudar o homem a trata-la com dignidade.

⁹⁵ Cf. João Paulo II, Carta apostólica *Mulieris Dignitatem*, (15 de Agosto de 1988),25.

⁹⁶ Cf. João Duque, 2010. “A mulher entre dois mundos: de Aristóteles a São Paulo”, *Revista Portuguesa de Humanidades*, 14: 53-62.

⁹⁷ Cf. Elisabeth Schüssler Fiorenza, *In Memory of Her*, 226-227.

As comunidades cristãs ignoraram demasiadas vezes fechar-se na alternativa do igualitarismo e do autoritarismo. Ela compreendeu a noção de autoridade e de submissão, fiel à tradição instituída e não à luz do Evangelho. Chamada a contribuir na promoção da mulher, deixou que se estabelecesse uma relação hierárquica, dominadora, fazendo da mulher uma serva e não como adjuvante do homem, o seu prolongamento e não a companheira. Assim, a maior parte das cristãs, confinadas a tarefas menores ou como tais consideradas⁹⁹, não puderam pôr ao serviço dos outros o dom que tinha tinham recebido (cf. 1 Pe 4,10).

Na Igreja de Jesus Cristo, todos os cristãos têm um ministério. Todos, homens e mulheres, são servidores ou ministros do Senhor. Na primeira comunidade cristã, é apresentado um contexto social em que as mulheres eram geralmente postas de lado, contudo, as cristãs puderam desempenhar um papel importante e útil, como diaconisas¹⁰⁰. A ordem das viúvas, à qual se refere 1 Tm 5,9-10, é um exemplo. Não se trata de copiar uma organização que o Novo Testamento não procura institucionalizar, mas antes descobrir em cada situação como todos os cristãos, homens e mulheres, podem realizar o melhor serviço para o Senhor. É preciso permitir às mulheres desenvolver e aplicar os dons que elas receberam de Deus e de os exercer na Igreja para o bem comum.

Uma autoridade liga-se ao exercício de certos ministérios. Podemos inclui-los entre os serviços que as cristãs podem desempenhar? A questão é particularmente delicada no que diz respeito ao ministério pastoral que implica ao mesmo tempo o exercício duma autoridade e a palavra pública.

Em certas comunidades, as mulheres são consagradas a este ministério. Outras comunidades se recusam este direito, vendo na restrição de 1 Tm 2,12 um impedimento absoluto “Não permito à mulher que ensine nem que se arrogue autoridade sobre o homem; convém que permaneça em silêncio”. Neste texto, Paulo refere-se à ordem criacional desejada por Deus: não se pode portanto pôr de parte este versículo considerando-o como simples conselho ditado pelas circunstâncias. Mas a referência à ordem da criação mostra também, pensamos nós, que ela é a intenção do texto. O apóstolo refere-se ao Génesis para estabelecer (como em 1 Cor 11) a subordinação da mulher; e não é somente para manter este princípio, a título de consequência, que ele não permite à mulher ensinar. Na época de Paulo, o laço entre autoridade e ensino era evidente para todos; nós não podemos, na nossa situação cultural, dizer o mesmo. Pode afirmar-se que o mesmo princípio genesíaco se aplica hoje de modo diferente. Por outro lado, é claro que pode conceber-se que a regra definida por Paulo definia

⁹⁹ Cf. Joachim Jeremias, *Jerusalén en tiempos de Jesús* (Madrid: Ed. Cristiandad, 2017), 485.

¹⁰⁰ Elisabeth Schüssler Fiorenza, *As origens cristãs a partir da mulher. Uma nova hermenêutica* (São Paulo: Ed. Paulinas, 2012), 97-99.

o regime ordinário, permanecendo Deus livre de chamar uma mulher a um ministério extraordinário, confiando-lhe os dons que Ele quisera, como nos casos de Débora e de Priscila.

Jesus imprime um novo significado neste contexto em que o seu ministério se desenvolve. Ele restaura a imagem da mulher que tinha sido desprezada pela dureza do coração dos homens (cf. Mt 19, 7-8). Jesus introduzirá pensamentos que quebram radicalmente com a tradição judaica. A Sua passagem por este mundo não é a de um rabino ou qualquer professor da lei, mas desafiando mentes aprisionadas nas suas próprias ideias, Jesus lutará com mais do que palavras e acções, em vista a quebrar um cegueira espiritual, na qual manteve a mulher num “cativeiro” mental, social e religioso. Jesus “vem proclamar a boa notícia para os pobres, para curar o coração partido, para pregar a liberdade de os cativos e visão dos cegos, para colocar a liberdade para os oprimidos” (Lc 4, 18-19), onde certamente se encontram as mulheres. Contra cada contexto e tradição, a atitude de Jesus com as mulheres é um acontecimento inédito na história¹⁰¹. Ele olhou para elas não em termos de género, idade ou estado civil, mas em termos de irmãos, irmãs e mãe (cf. Mt 12, 49-50). Assim Jesus identifica como seus discípulos aos membros de sua família, e qualquer pessoa, homem ou mulher, que trabalhe e faça a vontade de Deus. Neste sentido, vemos como Paulo proclama uma sentença: não há mais um judeu ou um grego, há escravo ou livre, não há homem ou mulher, porque são todos um em Cristo Jesus (cf. Gal 13,28).

O valor que Jesus reconhece nas mulheres também está patente nos seus ensinamentos sobre o divórcio. As mulheres não são objectos que podem ser devolvidos por ‘qualquer motivo’. Pelo contrário, elas são pessoas projectadas pelo Criador e integradas no casamento sagrado e nenhum homem tem o direito de ‘repudiar’ esta condição¹⁰².

Jesus não criou uma escola elitista, mas um movimento de humanidade messiânica, dirigido igualmente a mulheres e homens. Jesus não quer consertar o antigo manto israelense, nem derramar seu vinho em peles desgastadas, mas para oferecer uma mensagem universal de novo nascimento. Não distingue os homens das mulheres, mas também acolhe todos, oferecendo-lhes a mesma palavra pessoal do Reino e da mesma tarefa de serviço em favor de os outros.

1.3. Maria, mãe de Jesus

Maria de Nazaré, a mãe de Jesus, é a figura teológica central do papel da mulher na

¹⁰¹ Cf. Joachim Jeremias, *Jerusalén en tiempos de Jesús* (Madrid: Ed. Cristiandad, 2017), 373.

¹⁰² Cf. Samuele Bacchiocchi, *Women in the Church* (Michigan: Ed. Biblical Perspectives, 1987), 48.

Igreja. Ela é o modelo para todas as mulheres. Nela vemos o modelo de mãe, crente e esposa. Podemos olhar para Maria e reconhecer nela uma síntese concreta que recolhe, vive e mostra ao mundo a plenitude da natureza feminina, pois com ela aprendemos a delicadeza, a atenção, a clareza e a luminosidade da humanidade. Maria é virgem, esposa, mãe e santa, bem como é totalmente mulher e humana, rica na sua feminilidade, pela qual Deus se deixa antever sob os sinais da história¹⁰³. A teologia do Concílio Vaticano II usufrui muito da Sagrada Escritura, na qual Maria, mulher, está presente com um papel significativo naquela fé da Igreja. A nível cultural, Maria é o símbolo, na sua beleza e sublimidade, pela qual o Homem aspira ao bem e à pureza, sendo que represento o tema central da história da concepção da mulher no Ocidente¹⁰⁴. Do ponto de vista mariológico é exaltado o feminismo virginal, que configura na espiritualidade e obediência¹⁰⁵. A nível histórico, uma vertente da imagem de Maria tem um efeito negativo na consciência colectiva sobre o ser mulher, como sendo modelo de humildade e de silêncio e passividade¹⁰⁶. No entanto, positivamente, a Mariologia é uma alternativa à imagem patriarcal. Do ponto de vista bíblico, além das variadas situações em que Maria tem um papel relevante, destacamos Maria em São Lucas. Ele dá-lhe um papel singular, cooperadora de Deus na encarnação e voz de todo o povo de Israel, que vive dominado pelos poderosos (cf. Lc 1, 50-51). Deus, ao escolher Maria para morada do Seu filho, estabelece uma nova relação com o ser feminino. Maria é exemplo de mulher, pois na sua liberdade, através do seu Sim, activo e responsável, a Deus, transformou a passividade feminina para fazer a vontade de Deus, sem consentimento masculino¹⁰⁷. Maria é uma mulher corajosa, sofredora, forte, conheceu a pobreza e o exílio. Maria, abrindo o seu coração a Deus, é o modelo completo do discípulo, com todas as suas dimensões feminina, estabelecendo relação frutífera e viva com Jesus. Assim, todo o ser humano que tem consciência do ser feminino, reconhece em Maria o verdadeiro exemplo de colaboração com Deus, na sua dignidade e fecundidade, que dá resposta à vocação e vida de cada mulher¹⁰⁸. Assim, Maria é modelo da Igreja e mãe de todos os crentes.

¹⁰³ Cf. Bruno Forte, *Maria, a Mulher Ícone do Mistério*, Ensaio de mariologia simbólico-narrativa (São Paulo: Ed. Paulinas, 1991), 6.

¹⁰⁴ Cf. Marina Warner, *Sola fra le done. Mito e culto di Maria Vergine* (Palermo: Ed.Sellerio, 1999), 14-20.

¹⁰⁵ Cf. Cardeal Joseph Ratzinger; Hans Urs Von Balthasar, *Maria Primeira Igreja* (Coimbra: Ed.Gráfica de Coimbra 2), 87-92.

¹⁰⁶ Cf. Harvey Cox, *La seduzione dello spirito. Uso e abuso della religione popolare* (Bréscia: Ed. Queriniana, 1974), 199.

¹⁰⁷ Bruno Forte, *Maria, a Mulher Ícone do Mistério*, 26.

¹⁰⁸ João Paulo II, Carta apostólica *Mulieris Dignitatem* (1988), 11.

Conclusão

Um conjunto de testemunhos bíblicos femininos mostram como as mulheres partilham intimamente com os homens os momentos bíblicos mais significativos. Afinal, é bastante inútil separar o testemunho dos homens das mulheres e vice-versa. Os eventos bíblicos importantes da eleição e da redenção não são tipos diferenciados. São momentos de identificação entre Deus e a humanidade, que são os melhores compreendidos no contexto de uma experiência humana unificada do que no âmbito de uma tensão entre o homem e a mulher. No entanto, na medida em que podemos distinguir os personagens bíblicos, a fim de aprender com as falhas individuais e os fracassos de nossos antecessores na fé, devemos também aprender muito com o testemunho das mulheres da Bíblia.

Em primeiro lugar, homens e mulheres são instrumentos da eleição de Deus desde o início. A história do ato criativo de Deus é tanto sobre Eva como Adão. A preparação do povo escolhido de Deus diz respeito tanto a Sara, Rebeca e Raquel tanto quanto Abraão, Isaac e Jacó. Tudo o que começa com a teofania de Deus a Moisés no livro de Êxodo foi preparado por Deus com os homens e as mulheres que pensaram que Israel poderia tornar-se “um reino de sacerdotes e uma nação Santa” (Ex 19,6). O Antigo Testamento proclama um princípio divino sobre o interesse de Deus na sua criação. É um princípio que coloca os seres humanos, homens e mulheres, num relacionamento com Ele para que eles possam estar associados a ele, apesar do pecado original e antecipar a sua redenção na pessoa do filho. Homens e mulheres compartilham igualmente a promessa feita a Abraão de bênção, terra e descendência. Eles também são herdeiros do significado mais profundo dessa promessa inicial, uma realidade vetada no Antigo Testamento e revelada no Novo Testamento: que eles teriam não apenas a bênção, mas a redenção. Não só a descendência, mas a vida eterna. Não só terra na terra, mas uma casa no céu.

Em segundo lugar, os homens e as mulheres eram instrumentos da Redenção do senhor. Assim como Deus lhes permitiu participar das alianças do antigo testamento, então também ele permitiu a sua participação na vida terrena e no trabalho do Redentor. Por causa da pessoa singular de Jesus e de suas duas naturezas, divinas e humanas, nenhuma analogia entre o homem e a mulher é esclarecedora e nenhum homem e nenhuma mulher podem ser comparados uns com os outros. Não importa o quanto um homem ou uma mulher se tornam dignos de seguir Jesus Cristo. Não importa o quanto um ser humano pode ser merecedor de dulia, quanta latria é paga somente a Deus, Pai, Filho e Espírito Santo. Na nova doação, como Paulo diz: “não há mais judeu nem grego; Não há mais escravo nem livre; Não há mais homem ou mulher, pois todos vocês são um em Cristo Jesus. E se você pertence a Cristo,

então você é a descendência de Abraão, herdeiros de acordo com a promessa ” (Gal 3, 28-29). Por fim, portanto, a bondade do Senhor para com o seu povo, composta por homens e mulheres, exemplifica a realidade da dignidade humana na ordem criada. Desde o início, homens e mulheres são criados em *Imago Dei* e por causa da encarnação todos os homens e mulheres são convidados a compartilhar os frutos da paixão e ressurreição. O retrato composto das figuras femininas no antigo e novo testamento mostra claramente o respeito e a compaixão de Deus pelas mulheres.

2. AS MULHERES NA VIDA ECLESIAL

O papel das mulheres na vida da Igreja Católica é um tema complexo que está situado em centenas de anos de tradição religiosa e diálogo ecuménico. Tradicionalmente, os papéis das mulheres na Igreja católica sempre foram moldados por comportamentos religiosos segundo os ensinamentos bíblicos (cf. CEC 27-29) e dos primeiros Padres da Igreja, de acordo com o Magistério, o corpo docente oficial da Igreja. Papas e Bispos, Irmãs Religiosas e irmãs leigas, e outros leigos discutiram a situação das mulheres e o seu envolvimento e influência nas questões da Igreja, especialmente no que diz respeito ao sacramento do matrimónio, à família e à vida consagrada. No entanto, assim como os papéis tradicionais das mulheres são defendidos no apostolado eclesial¹⁰⁹, também tem havido um movimento para as mulheres que têm um papel mais activo na vida ministerial da Igreja, particularmente na eucaristia.

O envolvimento das mulheres nas celebrações litúrgicas e na vida eclesial, naquilo que enquanto fiel, não é colocado em prática, muitas vezes por oposição do próprio clero. Sendo mulher, membro eclesial, o que tem Igreja a dizer sobre o seu papel? Com este capítulo, procuremos perceber e conhecer, sumariamente, o que o próprio magistério diz, bem sublinhar o lugar teológico da mulher, as chaves para um maior envolvimento da mulher, como também conhecer as propostas e motivações da teologia feminista

¹⁰⁹ Cf. Maria Olívia Dias, “O papel da Mulher na Família, na Sociedade e na Igreja nos Documentos Pontifícios de Leão XIII a João Paulo II,” *Didaskalia*, XXIX (1999): 370-372.

2.1. As mulheres no Magistério Pontifício: as visões do magistério de João XXIII até Francisco

O pontificado do Papa Francisco toca em desafios importantes para a Igreja. Um deles refere-se à participação das mulheres na Igreja, um dos mais importantes desafios enfrentados pela Igreja neste século XXI, como o próprio Papa reconhece (Cf. EG 104). As chaves para lidar com a questão já não assentam tanto na necessidade de aprofundar os fundamentos antropológicos, teológicos ou canónicos que apoiam a condição e a missão das mulheres dentro da Igreja. Embora essa tarefa nunca possa ser encerrada definitivamente, dada a imensa riqueza contida na Revelação, durante muito tempo, foi durante muito tempo, foi difícil aceitar o facto das mulheres se inserirem na vida social e eclesial, com funções concretas¹¹⁰. O próprio Papa Pio XII falou na hipótese de aumentarem o salário do chefe de família, para que a esposa pudesse regressar às suas funções de casa.

Durante muito tempo, foi difícil aceitar a inserção das mulheres na vida social e eclesial, com funções concretas¹¹¹. O próprio Papa Pio XII falou na hipótese de aumentarem o salário do chefe de família, para que a esposa pudesse regressar às suas funções de casa¹¹². Em contraposição, há cristãs, que surgiram a partir da reforma protestante, que permitem, cada vez mais, o acesso das mulheres às funções ministeriais¹¹³. Há uma mentalidade clerical enraizada que impede o progresso em aspectos importantes e urgentes para a maioria das mulheres, que ainda persiste no seio da Igreja, e o que é ainda mais surpreendente, também existe uma mentalidade fechada fora do seio clerical. Estamos em crer que chegou a hora de superar as mentalidades, os preconceitos presentes em contextos culturais e seculares, dentro e fora o seio eclesial, que não ajudam a valorizar o papel da Mulher na Igreja. Trata-se de um desafio intimamente ligado à compreensão da vocação e da missão dos fiéis leigos na Igreja. De facto, João Paulo II não hesitou em qualificar como problemas pós-conciliatórios:

“Os padres sinodais dedicaram uma atenção especial à condição e ao papel da mulher, num dúplice objectivo: reconhecer e convidar a que todos e mais uma vez reconheçam o indispensável contributo da mulher na edificação da Igreja e no progresso da sociedade; e elaborar, além disso, uma análise mais específica acerca da participação da mulher na vida e na missão da Igreja.” CL 49)

¹¹⁰ Cf. G. Francesconi; D. Dosi; U. Pellergrino; L. Rossi; M.T Bellenzier, *Chiesa femmínista e anti* (Torino: Manietti,1977), 84-122.

¹¹¹ Cf. G. Francesconi; D. Dosi; U. Pellergrino; L. Rossi; M.T Bellenzier, *Chiesa femmínista e anti* (Torino: Manietti,1977), 84-122.

¹¹² Pio XII, Discurso de Sua Santidade Pio XII a um grupo de operários e operárias de Civita Castellana. 24 de Março de 1949.

https://w2.vatican.va/content/pius-xii/it/speeches/1949/documents/hf_pxii_spe_19490327_artigiani.html

¹¹³ Graziela Rodrigues da Silva Chantal, “Agora que são elas: as mulheres como líderes eclesiais,” *Annales*, Vol.2, 4 (2017): 75-82.

Como ele mesmo reconheceu, “os Padres do Sínodo formularam, entre outras, esta clara ‘recomendação’: é necessário que a Igreja, pela sua vida e pela sua missão, reconheça todos os dons das mulheres e dos homens e os traduza em prática” (CL 49). Em suma, no que diz respeito à eficácia jurídico-pastoral da participação das mulheres na Igreja, Juan Bañares diz-nos que “está aberto o caminho para a implementação no campo dos direitos, mas, todavia, muito para ser feito no campo das capacidades”¹¹⁴.

A resposta do Magistério aos vários desafios que são cronologicamente diferenciados é de uma profundidade muito diversa, o que implica que as respostas ministeriais tenham um contexto e diversidade própria. No entanto, as respostas podem ser resumidas em duas linhas temáticas que apontam para as mulheres em diferentes campos: aquelas ligadas aos fundamentos antropológicos e teológicos da dignidade pessoal das mulheres e suas consequências na moral sexual e conjugal; e aquelas relacionados com a sua participação directa na vida e na missão da Igreja, quer rejeitando a sua ordenação sacerdotal, clarificando os carismas, os ministérios, as comissões e os serviços do fiel leigo. O primeiro campo tem sido muito mais desenvolvido do que o segundo, porque tem sido mais necessário para enfrentar os desafios da desconstrução antropológica promovida pelo feminismo. No entanto, o Papa Francisco considera que chegou o momento de promover o segundo campo de acção para explicar o seu papel e o seu carisma de uma forma mais incisiva¹¹⁵. Dificilmente se encontram ecos positivos nas questões da igualdade na dignidade e dos direitos de homens e mulheres no magistério do século XIX e início do século XX, quando os primeiros feminismos começam a vigorar. De acordo com os padrões culturais do momento, a grande negligência deu-se na exegese paulina relativamente à submissão das mulheres aos homens, e também considera a emancipação das mulheres como uma falsa liberdade e a sua igualdade com o homem e marido como não natural (Cf. RN 26).

Certamente, essas intervenções precisam de ser contextualizadas e, portanto, matizadas, porque a cultura não pode inferiorizar homem ou mulher, eles apenas têm encargos morais diferentes. (Cf. GS 60).

2.1.1. João XXIII

Este Papa olhou para os sinais do tempo e tomou consciência que a mulher tem a sua própria dignidade e participação na vida pública. Foi o primeiro Papa que não falava mais da subordinação da mulher ao marido, nem apenas da vocação da mulher como mãe, mas referia-se à sua dignidade e à igualdade de direitos em relação ao homem tanto na esfera privada

¹¹⁴ Juan Ignacio Bañares, “La consideration de la mujer en la Ordenamiento canónico”, *Ius Canonicum*, XXVI, nº 1 (1986): 264.

¹¹⁵ Cf. Giancarlo Pani, “La donna e il diaconato,” *La Civiltà Cattolica*, vol.1, 3999 (2017): 209-221.

como na esfera pública (cf. PT 41). Ele presenciou os primeiros movimentos feministas e intuiu as suas consequências: despertou a Igreja da sua letargia a este desafio pastoral e impulsionou a celebração do Concílio Vaticano II para responder aos desafios da modernidade que reivindicou uma Igreja mais responsiva e aberta.

2.1.2 Concílio Vaticano II

O Concílio lançou algumas bases e deu algumas indicações para responder a este sinal do nosso tempo (cf. AA 9; GS 9, 52). Foi revolucionário e até mesmo profético valorizar o magistério dos leigos, que foi uma das coordenadas essenciais para abordar o tema sobre a dignidade e função das mulheres na Igreja. O Concílio Vaticano II significou para a Igreja quase uma mudança. Contribuiu para esclarecer as bases da posição da mulher na Igreja: articulada harmoniosamente, por um lado, a defesa da igualdade radical na sua condição de pessoa e, por outro lado, a valorização – que traduz em reconhecimento e promoção – da sua especificidade feminina, isto é, pela sua forma particular de ser e de trabalhar como uma mulher (cf. GS 60). O Concílio deu um valor especial à elaboração de uma nova eclesiologia, na qual foi claramente afirmado que os conceitos de fiel – comuns a todos os membros da Igreja – e leigos – aqueles fiéis cuja missão eclesial consiste principalmente na santificação das estruturas temporais – não possuem qualquer distinção de direitos e deveres de acordo com os sexos. Esta nova riqueza reconciliante foi bem reflectida na mensagem final do Concílio, que constitui o primeiro reconhecimento formal do papel das mulheres a favor da Igreja e da sociedade:

“ A Igreja orgulha-se, como sabeis, de ter dignificado e libertado a mulher, de ter feito brilhar durante os séculos, na diversidade de caracteres, a sua igualdade fundamental com o homem. Mas a hora vem, a hora chegou, em que a vocação da mulher se realiza em plenitude, a hora em que a mulher adquire na cidade uma influência, um alcance, um poder jamais conseguidos até aqui”¹¹⁶

2.1.3 Paulo VI

O Papa Paulo VI também não ficou indiferente relativamente ao papel da mulher na Igreja. Durante o período do seu pontificado ocorreram grandes revoluções, tais como a legalização dos métodos contraceptivos e a legalização do aborto como direito público. Para responder a estes desafios, publicou a encíclica *Humana Vitae*, onde detalha toda a doutrina moral da Igreja.

2.1.4 João Paulo II

¹¹⁶ Cf. Paulo VI, “Mensagem do Papa Paulo VI na conclusão do Concílio Vaticano II às mulheres,” (Roma: 8 de Dezembro de 1965), AAS 57, 37ss.

O pontificado de João Paulo II marca um ponto de viragem muito claro sobre o tema das mulheres dentro e fora da Igreja. Nesta viragem reflecte uma sensibilidade muito especial, por duas razões relacionadas entre si: devido à importância que atribui ao papel e à missão dos leigos na Igreja e à sua biografia pessoal, para a qual algumas circunstâncias concorrem. Isso ajudou-o a conectar-se desde o primeiro momento do seu trabalho sacerdotal com essa preocupação pastoral. Referimo-nos à sua orfandade, às suas experiências directas do nazismo e do comunismo e às atrocidades cometidas com as mulheres, à sua intuição de artista e poeta, à sua intensa actividade pastoral com jovens e jovens casamentos, de onde nascerão os precedentes do Instituto João Paulo II para a família, a sua excelente preparação como professor de ética imbuído de uma perspectiva fenomenológica que tanto influenciou a sua visão personalista da ética, bem reflectida na sua catequese sobre a teologia do corpo, o Amor e o casamento, que tem dado tantos frutos pastorais e legais, este último incorporado no código de direito canónico de 1983. Em muitos documentos, tais como *Familiaris Consortio* ou *Mulieris Dignitatem*, o Papa falara sobre a urgência de defender e promover a dignidade pessoal das mulheres e, portanto, a sua igualdade face ao homem. Ele não hesita em reconhecer e elogiar os esforços feitos por mulheres que lutaram:

“ Se faça o que for preciso para devolver à mulher o pleno respeito da sua dignidade e do seu papel. A este respeito, não posso deixar de manifestar a minha admiração pelas mulheres de boa vontade que se dedicaram a defender a dignidade da condição feminina, através da conquista de direitos fundamentais sociais, económicos e políticos, e assumiram corajosamente tal iniciativa em épocas em que este seu empenho era considerado um acto de transgressão, um sinal de falta de feminilidade, uma manifestação de exibicionismo, e talvez um pecado!”¹¹⁷

A sua maior contribuição reside justamente no aprofundamento dos fundamentos antropológicos e teológicos da condição masculina e feminina, que considera como prioridade para compreender e defender a presença activa da mulher na Igreja e na sociedade (cf. MD 1). A carta apostólica *Mulieris dignitatem* sobre a dignidade e a vocação das mulheres é, sem dúvida, a sua principal contribuição a este respeito.

O Papa Bento XVI, por ocasião do vigésimo aniversário deste documento pontifício, reconheceu:

“ É necessária uma renovada investigação antropológica que, com base na grande tradição cristã, incorpore os novos progressos da ciência e o dado das hodiernas sensibilidades culturais, contribuindo deste modo para aprofundar não somente a identidade feminina, mas

¹¹⁷ João Paulo II, *Carta às mulheres* (Vaticano: 29 de Junho 1995), 6. https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1995/documents/hf_jp-ii_let_29061995_women.html

inclusivamente a masculina, também esta não raramente objecto de reflexões parciais e ideológicas”¹¹⁸.

Esta carta apostólica foi publicada numa época em que uma mudança no movimento feminista pode ser observada. O feminismo radical e restrição da mulher apenas ao papel materno, já não eram tão bem vistos. Em vez disso, um feminismo social "moderado", das chamadas "mulheres de carreira" tinha-se espalhado. Nela, o casamento é tolerado, desde que não ameace a autonomia da mulher e não limite as possibilidades profissionais com a maternidade. Actualmente, os partidos políticos mais ideologicamente em oposição convergem no compromisso de alargar as quotas de acesso das mulheres às várias profissões, incluindo as militares. Por outro lado, apesar de todas as tentativas de emancipação, a comercialização de mulheres na publicidade, no cinema, no turismo e até nas artes plásticas está avançando de forma alarmante.¹¹⁹

O Papa João Paulo II assume a reconstrução antropológica exigida pelo novo contexto social, cultural e político. Gera-se um diálogo da Igreja com um mundo submetido a mudanças vertiginosas em apenas meio século. Algumas dessas mudanças têm grande impacto na sociedade, como é o caso daquelas relacionadas com as conexões entre a lei natural, a pessoa humana, os direitos humanos e a família¹²⁰.

Para enfrentar este desafio, João Paulo II teve em conta as reivindicações feministas, e actualmente inculturadas em várias partes do mundo, especialmente no Ocidente, e as mulheres que são subordinadas aos homens, havendo também uma luta de classes e a correspondente estratégia de luta pelo poder. Por outro lado, e como consequência do anterior, encontramos a tendência feminista que reivindica cancelar as diferenças porque é efeito do condicionamento de factores histórico-culturais.

As diferenças corporais (o sexo feminino) são minimizadas para libertar as mulheres de todo o determinismo biológico, enquanto a dimensão cultural (o género)¹²¹ é considerada fundamental para a emancipação das mulheres, o que permite um modelo de uma nova sexualidade polimorfo, que todos poderiam definir de acordo com seus desejos. As consequências desta perspectiva são correctamente descritas pelo Cardeal Ratzinger:

¹¹⁸ Bento XVI, Discurso aos participantes no Congresso promovido pelo pontifício conselho para leigos por ocasião do vigésimo aniversário da Carta Apostólica “Mulieris Dignitatem” (9 de Fevereiro de 2008), http://w2.vatican.va/content/benedictxvi/pt/speeches/2008/february/documents/hf_benxvi_spe_20080209_donna-uomo.html

¹¹⁹ Cf. Jutta Burgraff, “Juan Pablo II y la vocación de la mujer,” *Scripta Theologica*, 31 (1991), 139-155.

¹²⁰ Sínodo dos Bispos, III Assembleia Geral Extraordinária sobre os desafios pastorais da família no contexto da evangelização, *Instrumentum Laboris* (Vaticano, Julho de 2014), 21-24. Consultado 30 de Dezembro de 2018. http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20140626_instrumentum-laboris-familia_po.html

¹²¹ Cf. Aristide Fumagalli, *A questão género*, (Lisboa: Multinova, 2017), 52.

“Consolida-se a ideia de que a libertação da mulher comporta uma crítica à Sagrada Escritura, que transmitiria uma concepção patriarcal de Deus, alimentada por uma cultura essencialmente machista. Em segundo lugar, semelhante tendência consideraria sem importância e sem influência o facto de o Filho de Deus ter assumido a natureza humana na sua forma masculina.”¹²²

O Papa enfrenta a valorização crítica dessas concepções antropológicas actuais com base nos dados doutrinários extraídos da antropologia bíblica sobre sexualidade e amor humano, em que podemos articular em três fases: os projectos criadores de Deus, o pecado original e a superação do pecado original no ser humano com a redenção. O Papa João Paulo II torna presentes as nossas origens, interpretando o livro do Génesis. Eva está no mesmo nível que Adão, permanecendo ao lado dele¹²³. Vemos aqui uma nova consideração sobre a mulher. Para João Paulo II “A mulher é o complemento do homem, como o homem é o complemento da mulher: mulher e homem são entre si *complementares*”¹²⁴. Ao estudar as intenções divinas na criação da pessoa humana são-nos dadas algumas considerações sobre a dignidade das mulheres e a sua missão no mundo.

2.1.4.1 A dignidade da Mulher e do Homem. A especificidade do género feminino e masculino

A premissa fundamental a ter em conta é: “[...] Deus criou o ser humano à sua imagem; criou-o à imagem de Deus; criou-o homem e mulher» (Gen 1, 26-27). A humanidade aqui é descrita [...] na relação do masculino e do feminino. É esta humanidade sexuada que é explicitamente declarada «imagem de Deus»¹²⁵. O corpo e a alma constituem a totalidade corporal-espiritual unificada que é a pessoa humana, que necessariamente só pode existir como mulher ou homem. A totalidade do corpo e da alma revela essa imagem e permite alcançar a sua realização pessoal¹²⁶. Consequentemente, o Papa não hesita em dizer que “A mulher é um outro «eu» na comum humanidade” (MD 6), como também confirma o Catecismo da Igreja Católica: “o homem e a mulher são, com a mesma dignidade, à «imagem de Deus» [...], reflectem a sabedoria do seu Criador” (CIC 369). Assim, a perfeição da mulher não consiste em ser igual à perfeição homem, em masculinidade, até chegar ao ponto de perder as suas qualidades específicas da mulher: a sua perfeição, que é também um segredo de afirmação e de relativa autonomia, consiste em ser mulher, igual ao homem, mas diferente.

¹²² Cardeal Joseph Ratzinger, *Carta aos bispos da Igreja Católica sobre a colaboração do homem e da mulher na Igreja e no Mundo* (Roma, 31 de Maio de 2004), 3.

¹²³ Jutta Burgraff, “Juan Pablo II y la vocación de la mujer”, 139-155.

¹²⁴ João Paulo II, *Carta às mulheres*, 7.

¹²⁵ Cardeal Joseph Ratzinger, *Carta aos bispos da Igreja Católica sobre a colaboração do homem e da mulher*, 5.

¹²⁶ Cf. João Paulo II, Audiência Geral (9 de Janeiro de 1980), 2-4. http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/1980/documents/hf_jp-ii_aud_19800109.html

Na sociedade civil, e também na Igreja, a igualdade e a diversidade das mulheres devem ser reconhecidas ¹²⁷.

João Paulo II rompe com uma antiga tradição, que acreditava provar a inferioridade moral e espiritual das mulheres e, por esta razão, impedia-as de tomar decisões importantes, exigindo que a esposa fosse submetida incondicionalmente ao seu marido e senhor ¹²⁸. Pelo contrário, o Papa fornece uma exegese da submissão da mulher, mencionada na carta aos Efésios (cf. Ef 5, 21-23), que se encontra em consonância com a antropologia bíblica descrita acima daquela realizada na Igreja até então. Esta submissão deve ser compreendida e realizada de uma forma nova: “sujeitai-vos uns aos outros no temor de Cristo” (Ef 5, 21), de modo que na relação entre marido e mulher haja uma submissão não unilateral, mas recíproca (cf. MD 24). O Papa não hesita em romper com os precedentes negativos relativos às mulheres.

2.1.4.2 . A diferença vital entre as mulheres e os homens, orientada para a entrega recíproca de si.

A dignidade igual das pessoas é realizada como uma complementaridade física, psicológica e ontológica, dando origem a uma harmoniosa unidade relacional (cf. MD 8). De acordo com o livro do Génesis (cf. Gn 2, 18-25), o homem precisa de ajuda, mas o termo não designa aqui um papel subordinado, inferioridade ou instrumentalização, mas uma ajuda vital e recíproca. O homem precisa de estar em relação com outra pessoa no mesmo nível ¹²⁹. É por isso que o Papa salienta:

“O amor conjugal autêntico supõe e exige que o homem tenha um profundo respeito pela igual dignidade da mulher: «Não és o senhor - escreve Santo Ambrósio - mas o marido; não te foi dada como escrava, mas como mulher... Retribui-lhe as atenções tidas para contigo e sê-lhe agradecido pelo seu amor». Com a esposa o homem deve viver «uma forma muito especial de amizade pessoal» ” (FC 25)

Indo ainda mais na projecção desta dualidade complementar “a Igreja, iluminada pela fé em Jesus Cristo, fala em vez de uma colaboração activa entre homem e mulher, precisamente no reconhecimento da própria diferença”¹³⁰. Consequentemente, levaria a uma perda irreparável para as

¹²⁷ Cf. João Paulo II, Audiência Geral (22 de Junho de 1994), 3. http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/audiences/1994/documents/hf_jp-ii_aud_19940622.html

¹²⁸ Cf. Jutta Burgraff, “Juan Pablo II y la vocación de la mujer”, 144.

¹²⁹ Cf. Cardeal Joseph Ratzinger, *Carta aos bispos da Igreja Católica sobre a colaboração do homem e da mulher*, 6.

¹³⁰ Cardeal Joseph Ratzinger, *Carta aos bispos da Igreja Católica sobre a colaboração do homem e da mulher*, 4.

mulheres e para a sociedade conceber a promoção e a realização pessoal das mulheres como uma reprodução mimética do modelo masculino ¹³¹.

2.1.4.3. O género específico das mulheres

A unidade e a igualdade da mulher e do homem na vocação à auto-realização através da entrega de si não cancelam realmente a diversidade. Em vez disso, João Paulo II enfatiza a riqueza humana que o género específico da mulher encerra ¹³², convidando não só a desistir dessa especificidade, mas também a trazê-la à sociedade e à Igreja como valor insubstituível para a verdadeira promoção humana. Neste sentido, destaco dois aspectos da genialidade feminina, especialmente remarcadas pelo magistério. Num primeiro aspecto, a mulher é vista como a guardiã do humano e da humanidade. João Paulo II baseia esta afirmação humanista numa base teológica, com a convicção de que Deus confiou o ser humano de uma forma específica à mulher, uma vez que a sua missão particular está na ordem ao amor (cf. MD 30), corroborado que a feminilidade é mais do que um simples atributo do sexo feminino. Esta palavra designa a capacidade fundamentalmente humana de viver para o outro e graças ao outro ¹³³. Reconhecê-la, recebê-la e amá-la pelo único e valioso facto de ser pessoa (cf. EV 99). Quando essas experiências fundamentais faltam, é a totalidade da sociedade e da Igreja que está empobrecida, que sofre a solidão e a violência, e torna-se, por sua vez, geradora de egoísmo e de proporcionadores de violência ¹³⁴. Em suma, diante do perigo de um desaparecimento gradual da sensibilidade para que seja essencialmente humano, propiciado pelo progresso material unilateral da humanidade, é necessário que pareça claro o género da mulher, bem como a sua sensibilidade para os restantes seres humanos ¹³⁵.

Claramente ligada ao género da mulher, temos o papel da maternidade. O Papa argumenta que a maternidade, desde o início, implica uma abertura especial para uma nova pessoa, sendo este precisamente o papel da mulher (cf. MD 18). Entretanto, João Paulo II e o Joseph Ratzinger interpretam esta afirmação para evitar reducionismos biológicos e confusões ¹³⁶, que infelizmente são frequentes ao longo da história. Estas interpretações constituíram um problema para a verdadeira promoção das mulheres, porque foram

¹³¹ Cf. Cardeal Jorge Bergolio, Abraham Skorka, *Sobre o Céu e sobre a Terra* (Lisboa: Clube do Autor, 2013), 102.

¹³² Cf. João Paulo II, *Cartas às mulheres*, 9-10.

¹³³ Cf. Cardeal Joseph Ratzinger, *Carta aos bispos da Igreja Católica sobre a colaboração do homem e da mulher*, 13.

¹³⁴ Cf. Cardeal Jorge Bergolio, Abraham Skorka, *Sobre o Céu e sobre a Terra* (São Paulo: Ed. Paralela, 2010), 101.

¹³⁵ Cf. Cardeal Joseph Ratzinger, *Apresentação da carta apostólica "Mulieris Dignitatem" de João Paulo II sobre a dignidade e vocação da mulher* (30 de Setembro de 1988), 1.

¹³⁶ Cf. Cardeal Joseph Ratzinger, *Carta aos bispos da Igreja Católica sobre a colaboração do homem e da mulher*, 13

interpretadas como o seu único destino esperado, não como uma escolha consciente e livre. Além de obscurecer e invisibilizar todo o seu potencial noutras áreas do desenvolvimento humano, onde se contempla a dimensão política, cultural, artística, económica, entre outras, interpretações redutoras contribuíram não raramente para uma instrumentalização das mulheres nas esferas privadas e públicas (por exemplo, por meio de políticas de natal ou anti-natal) e da irresponsabilidade pro-criativa e paterna dos homens. Entende-se que uma grande parte do feminismo culpa a maternidade da maioria dos males das mulheres ao longo da história e busca a emancipação das mulheres, renunciando a uma parte essencial da sua identidade feminina.

2.1.4.3. A mulher na reparação do seu pecado com a Redenção de Cristo

J. Ratzinger considerou, portanto, que era necessário romper com a lógica do pecado, de forma a buscar uma saída, para que o pecado pudesse ser eliminado do coração do Homem pecador¹³⁷:

“A superação do pecado - a redenção - deve, portanto, também se manifestar na superação dessa perversão no restabelecimento de uma ordem segundo a criação, no retorno do "opositor ao co-sujeito". A esse respeito, o Papa, em sua Carta, ilustra insistentemente como a acção redentora de Cristo também envolve a restauração dos direitos e da dignidade das mulheres”¹³⁸

Podemos então considerar que é necessário que a Igreja deva adoptar este esquema em todos os sentidos, mas especialmente no campo pastoral e jurídico. A cultura do machismo é uma consequência do pecado que não pode ser apoiado pela Igreja ou pela Sociedade. São feridas da natureza humana transformada em cultura. Infelizmente, esses parâmetros culturais não são apenas conscientemente ou inconscientemente assumidos, mas muitas vezes tornam-se normas dentro e fora da Igreja, ignorando a novidade do cristianismo. Por isso, como afirma Virgínia Azcuy:

“Quando o machismo penetra nas estruturas, deixa de haver espaço para a dignidade, a participação e as relações de reciprocidade no amor e no cuidado recíproco. Portanto, não é suficiente a conversão do coração, mas é necessária uma transformação das estruturas. Como resposta à situação de desigualdade e violência que muitas mulheres vivem, é preciso prospectar uma antropologia inclusiva”¹³⁹.

¹³⁷ Cf. Cardeal Joseph Ratzinger, *Carta aos bispos da Igreja Católica sobre a colaboração do homem e da mulher...*, 8.

¹³⁸ Cardeal Joseph Ratzinger, Apresentação da carta apostólica “*Mulieris Dignitatem*”..., 2.

¹³⁹ Virginia R. Azcuy, “O evangelho, a carta fundamental sobre a dignidade das mulheres”, *L'Osservatore Romano* (1 de Novembro de 2014): 5.

Uma das contribuições mais valiosas do magistério de João Paulo II, a este respeito, tem sido a de empreender uma exegese da Sagrada Escritura em consonância com o projecto original do Criador. Através dela, os abusos cometidos contra as mulheres são denunciados sem receios, os quais por séculos foram injustamente e criticamente consideradas de forma desigual, como por exemplo, adultério, mães solteiras, entre outros. Neste sentido, veja-se a exegese de João Paulo II do episódio bíblico da mulher adúltera e a sua corajosa denúncia às terríveis consequências que muitos homens, que não só não assumiram as responsabilidades das suas acções perante as mulheres, mas também propiciaram julgamentos, normas ou instituições que, com a hipocrisia puniam as mulheres com grande dureza (cf. MD 14).

Também o Santo Padre interpreta os textos paulinos discutindo a submissão da esposa ao marido. Ele levanta a questão afirmando que “na relação marido-esposa, a submissão não é unilateral, mas recíproca” (MD 24). Portanto, é injustificável qualquer tipo de submissão da Mulher no casamento, entendida como dominância ou desigualdade. Esta imagem reforçada da igual dignidade de ambos os cônjuges atinge a sua formulação jurídica na concepção conjunta do casamento no Código do Direito Canónico de 1983, no cânone 1135, que afirma claramente: “ambos os cônjuges têm a mesma obrigação e direito a tudo o que pertence ao consórcio da vida conjugal.” O vínculo matrimonial é único, com direitos e obrigações idênticos para ambos os cônjuges. Assim, não existem diferentes valorizações de exclusão ou abuso de direitos e deveres matrimoniais, com base em razões culturais. Nesta dualidade complementar “ [...] a Igreja, iluminada pela fé em Jesus Cristo, fala em vez de uma colaboração activa entre homem e mulher, precisamente no reconhecimento da própria diferença”¹⁴⁰. Consequentemente, conduziria a uma perda irreparável para mulheres e para a sociedade para conceber a promoção e a realização pessoal das mulheres como uma reprodução mimética do modelo masculino ¹⁴¹. Pelo contrário, sempre e em qualquer parte cada cônjuge deve respeitar-se a si e à sua cônjuge com verdade e responsabilidade (MD 12), o que também implica assumir a responsabilidade pro-criativa e educacional como única e com implicações para ambos os cônjuges (CEC 2379). Como recorda João Paulo II, “É preciso que o homem seja plenamente consciente de que contrai [...] um débito especial para com a mulher. Nenhum programa de «paridade de direitos» das mulheres e dos homens é válido, se não se tem presente isto de um modo todo essencial” (MD 18). Em suma, a maternidade das mulheres representa um apelo e um desafio especial destinado ao homem e não pode ser evitada a sua paternidade (cf. MD 16). Nesse sentido, a pastoral familiar deve

¹⁴⁰ Cardeal Joseph Ratzinger, Carta aos bispos da Igreja Católica sobre a colaboração do homem e da mulher..., 4.

¹⁴¹ Cf. Cardeal Jorge Bergoglio, Abraham Skorka, *Sobre o Céu e sobre a Terra...*, 102.

incidir na formação e acompanhamento dos homens para que assumam com mais dedicação e comprometimento esta faceta do seu casamento e da sua vocação paterna. Paradoxalmente, uma boa parte dos movimentos feministas que tem ajudado a excluir os homens na questão da procriação e no papel da paternidade. A libertação da maternidade em favor da causa feminina alcançou uma banalização perigosa do aborto, ficando-se com a ideia de que a culpa é só das mulheres. Todavia, sem minimizar a gravidade da moralidade do aborto, nem as suas consequências penais (cf. EV 59), os Papas João Paulo II (cf. EV 99) e Francisco (cf. EG 214) falam das condições dolorosas que levam as mulheres a abortar, apontando e exigindo responsabilidades para aqueles que exercem essa pressão. Assim, primeiramente, “ culpado pode ser o pai da criança, não apenas quando claramente constringe a mulher ao aborto, mas também quando favorece indirectamente tal decisão ao deixá-la sozinha com os problemas de uma gravidez ” (EV 59). Os médicos e os trabalhadores da saúde também compartilham essa responsabilidade, quando colocam em prática a promoção da morte, bem como as clínicas que praticam o aborto, bem como os legisladores, políticos, instituições internacionais, fundações e associações que lutam sistematicamente pela legalização e difusão do aborto por todo o mundo (cf. EV 59). No entanto, nada pode justificar a eliminação deliberada de um ser humano inocente, reafirmando assim a posição da Igreja contra o aborto (cf. EG 24).

Pelo contrário, os Papas do novo milénio querem procurar alternativas que não penalizem as mulheres no seu papel da maternidade. Defendem uma política de conciliação laboral que permita às mulheres exercer livremente as suas opções, sem repreensões ou julgamentos pelas duas decisões¹⁴². O problema não é apenas jurídico, económico ou organizacional, mas é sobretudo o problema da mentalidade, da cultura e do respeito¹⁴³. É, portanto, necessário repensar as políticas laborais, urbanísticas, habitacionais e serviços para que os horários de trabalho e família possam ser conciliados, dando atenção às crianças e aos anciãos. Isto requer, entre outras coisas, transformar a política familiar no eixo e motor de todas as políticas sociais, a fim de garantir condições de verdadeira liberdade na decisão sobre paternidade e maternidade, bem como uma avaliação justa do trabalho desenvolvido pela Mulher na família (cf. EV 91).

2.1.5. Bento XVI

O magistério deste Papa cresce à sombra de duas décadas de serviço fiel a João Paulo II, como prefeito da Congregação para a doutrina da fé. Muitas das suas contribuições estão

¹⁴² Cf. Francisco, *Discurso do Papa Francisco aos participantes do congresso nacional do centro italiano feminino* (25 de Março de 2014).

¹⁴³ Cardeal Joseph Ratzinger, *Carta aos bispos da Igreja Católica sobre a colaboração do homem e da mulher...*, 13.

incorporadas na doutrina previamente exposta. Do seu pontificado, sublinharia algumas intervenções que convergem numa crítica directa da filosofia de género e num reducionismo antropológico, para que eles assumam a negação radical da criatura e filialidade do Homem, isolado numa solidão dramática¹⁴⁴. O Papa adverte que o mais assustador desta corrente de pensamento é a absolutização do homem: “o homem quer ser *ab-solutus*, isto é, desvinculado de qualquer laço e de qualquer constituição natural. Ele pretende ser independente e pensa que a felicidade se encontra unicamente na afirmação de si mesmo”¹⁴⁵. Em consequência, somente o Homem existiria, autónomo e estando apenas ligado à sua natureza, excluindo o Criador. Estas correntes culturais e políticas tentam eliminar e confundir as diferenças sexuais na natureza humana, considerando-as um constructo cultural. A dualidade essencial do ser humano é, portanto, desafiada: o masculino e feminino, como dados originais, como a natureza da pessoa humana. E essa negação carrega com ela a família como uma realidade pré-estabelecida pela criação, como também a prole, que se transforma num objecto a que um é intitulado. Quer no desenvolvimento, quer na promoção humana, uma vigilância crítica deve levar à rejeição de qualquer colaboração que favoreça directa ou indirectamente projectos ou acções que contrastem com a antropologia cristã¹⁴⁶.

Pelo contrário, a igreja está sempre empenhada em promover a pessoa humana de acordo com o plano de Deus, na sua dignidade integral, em relação à sua dimensão vertical e horizontal dupla, intrinsecamente ordenada à relação e socialização. Concluindo, o Pontifício Magistério das últimas décadas tem levado a cabo uma importante visão das transformações culturais e sociais que tiveram um impacto sobre a identidade e o papel das mulheres na família, na sociedade e na Igreja. O saldo global é positivo: recuperou muito a igualdade original na interpretação da antropologia bíblica e no campo jurídico-canónico. Mas ainda há desafios importantes a serem enfrentados na evangelização das culturas e na práxis eclesial. No entanto, tem havido uma maior preocupação em reflectir e desenvolver o papel e a missão das mulheres, quer no ambiente eclesial, quer no âmbito da sociedade. No processo missionário da Igreja é importante a evangelização da cultura, com outras línguas e sensibilidades, em que as mulheres devem estar presentes e directamente envolvidas¹⁴⁷.

¹⁴⁴ Cf. Bento XVI, Discurso do Papa Bento XVI aos participantes da assembleia plenária do pontífice conselho *Cor Unum* (19 de Janeiro de 2013).

¹⁴⁵ Bento XVI, Discurso do Papa Bento XVI aos participantes da assembleia plenária do pontífice conselho *Cor Unum* ...

¹⁴⁶ Cf. Bento XVI, Discurso à Curia Romana (21 de Dezembro de 2012). http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2012/december/documents/hf_ben-xvi_spe_20121221_auguri-curia.html

¹⁴⁷ Cf. Bento XVI, Discurso à Curia Romana...

2.2. O lugar teológico da mulher

Nas últimas décadas, começa a surgir uma maior consciência da realidade no campo teológico e eclesial, tanto em homens quanto em mulheres. A mulher passou a ser objecto e sujeito de reflexão na área da teologia, bem como reflexão do seu papel na Igreja¹⁴⁸. O sucesso desta novidade desperta interesse, perplexidade, interrogação, como também insegurança ou até mesmo rejeição. O surgimento de mulheres na teologia representa uma das principais oportunidades e desafios que se apresentam para igrejas cristãs deste tempo, porque ainda não é tudo dito sobre a dignidade das mulheres na história e porque é necessário.

Esta descoberta pode agravar, especialmente no pós-Vaticano II: o desenvolvimento da tarefa teológica das mulheres que está directamente ligada ao processo de renovação iniciado na Igreja e o lugar dos leigos têm neste. Nesse sentido, imaginemos que um processo de promoção das mulheres na teologia esteja directamente relacionado à promoção dos leigos, enquanto as dificuldades para cumprir tal objectivo convidam a examinar as tensões levantadas na busca de uma maior participação destas nas suas comunidades. O crescente número de mulheres que se dedicam ao ensino e à reflexão teológica está a ser sentida e isso está a criar uma nova consciência. Como em todo o começo, os pequenos passos adquirem o significado dos acontecimentos e são vividos com responsabilidade e audácia ao mesmo tempo. Isso compromete a mulher a dar a sua contribuição à Igreja, em humildade e serviço, não podendo renunciar às exigências que isso implica, embora “ser a novidade” tenha o seu preço e, às vezes, possa levar ao desânimo.

2.3. A “ausência presente” das mulheres

Em 1985, a teóloga Elisabeth Fiorenza dedica-se ao tema da presença das mulheres na Igreja. O objectivo foi mostrar que as mulheres estavam ausentes na teologia e na Igreja, permanecendo o seu silêncio na reflexão teológica. A questão primordial da teóloga foi: como pode a mulher permanecer invisível, quando sempre esteve presente fisicamente na Igreja e na sociedade? De facto, as mulheres podiam estar presentes, mas não se expressavam ou simplesmente não eram reconhecidas. Do ponto de vista histórico e cultural significa que a mulher nunca foi reconhecida e sempre ficou à margem da sociedade¹⁴⁹.

Todavia, para haver um retrocesso desta situação é necessário haver um processo de decisão e amadurecimento para que a mulher possa expressar-se sem recalamentos e

¹⁴⁸ Cf. Anne Carr, *A mulher na Igreja*, 173.

¹⁴⁹ Cf. Elisabeth Schüsser Fiorenza, “Teologia Feminista: La Mujer, ausente la teologia y en la Iglesia”, *Concilium*, nº202 (1985): 301-321.

reconciliar-se com o tempo de ausência do seu reconhecimento¹⁵⁰. Algumas mulheres do nosso quotidiano, com alguma mágoa, destacam que muitas vezes o facto de permanecerem em silêncio ou não terem voz activa tornou-se uma “doença” para o seu estado psicológico. Contudo, é necessária que haja a valorização devida da diferença do feminino e do masculino, mas que não haja uma desvalorização do facto de ser mulher, quando esta toma a palavra. Há um pensamento de Marie Chenu, que resume a motivação da iniciativa da tomada de uma posição da mulher, a saber: se o feminismo é um grito da vida, o seu significado mais profundo vem da vida, não do grito¹⁵¹. Há um longo caminho a percorrer nas nossas comunidades cristãs para perceber as situações que as mulheres sofrem. Torna-se necessário uma maior conscientização e discernimento sobre as diferentes formas de subestimação, subordinação e até mesmo discriminação que ocorrem com relação a elas: da linguagem ao tratamento pessoal; através da atribuição de papéis e funções; bem como maior solidariedade da Igreja para com as mulheres¹⁵².

Num grande horizonte de diversidade e criatividade, a teologia do séc. XX assumiu uma leitura dos sinais dos tempos, interpretando e discernindo os novos desafios contextuais, e que devido à amplitude e profundidade podem se considerar como novos lugares teológicos. Portanto, podemos considerar que a teologia feita pelas mulheres pode ser entendida como novo contexto teológico, isto é, as mulheres começam hoje a serem sujeitos de sua própria experiência de fé, a formulação da mesma e consequente reflexão, sendo sujeitos que fazem teologia, articulando toda a sua experiência, os sofrimentos e aspirações que fundamentam a relação e reflexão sobre Deus¹⁵³. Um *logos* manifestado na vida da mulher e na sua prática histórica e eclesial¹⁵⁴.

2.4. O lugar teológico do Feminino

O lugar teológico do feminino, bem como a própria vida das mulheres têm uma grande densidade teológica, porque afectam toda comunidade cristã, no sentido em que não são apenas um assunto ou um lugar hermenêutico, mas dois aspectos que fazem parte da biografia cristã. Maria, por exemplo, como mulher, viveu a graça transformadora na sua vida. E desde sempre as mulheres estiveram presentes na vida eclesial das comunidades cristãs¹⁵⁵, como vimos no capítulo anterior. Um novo modo de ser Igreja, em que as mulheres têm uma

¹⁵⁰ Cf. Simone Beauvoir, *O segundo sexo: fatos e Mitos*, Vol.1 (Brasil: Difusão Européia do Livro, 1970), 7-9.

¹⁵¹ Cf. Marie-Thérèse Van Lunen Chenu, *Femmes et Hommes* (Paris: Cerf, 1998), 26.

¹⁵² Cf. Virginia Raquel Azcuy, “Hacia una Iglesia más solidaria con las mujeres. Conversando con tres teólogas latinoamericanas”, *Erasmus*, nº1 (2001): 76-94.

¹⁵³ Cf. Catharina J. M., “Teologia Feminista. Balance provisional”, *Concillium*, nº154 (1980): 124-126.

¹⁵⁴ Cf. Virginia Raquel Azcuy, “Hacia una Iglesia más solidaria con las mujeres...”: 3-5.

¹⁵⁵ Cf. Anne Carr, *A Mulher na Igreja*, 171-173.

presença igualitária aos homens, representa claramente uma oportunidade única para dar um novo significado ao espaço eclesial. É verdade que isto supõe uma abertura e um espírito de conversão por parte das comunidades cristãs¹⁵⁶. É inegável que tanto a possibilidade de as mulheres aparecerem como realidade a considerar, como a sua presença activa na elaboração teológica, são inseparáveis do lugar para ser reconhecida no tecido da sociedade e, muito explicitamente, no corpo eclesial¹⁵⁷. A grande meta, quer de teólogos como do clero líder das comunidades, é reflectir e ter presente a grande importância de todos os membros da comunidade eclesial, que no caso das mulheres elas possam ser apenas discentes, mas que participem activamente na actividade magistral¹⁵⁸, e assim colocar a possibilidade de implicar as mulheres nas decisões importantes na Igreja (cf. EG 103-104).

Portanto, podemos considerar que uma Igreja Viva deve tomar consciência da importância dos seus membros, quer na sua santidade, quer no seu pecado. Uma Igreja que reflecte sobre si mesma fomenta a sua função profética e ilumina a vida de todos os cristãos¹⁵⁹.

2.5. A Teologia Feminista: motivações e propostas

A mulher, como sujeito eclesiológico e teológico, cria e fecunda, juntamente com o homem, as diferentes teologias que estabelecem elaboram o diálogo religioso. Uma das grandes missões da Igreja é dar especial privilégio aos pobres, principalmente aqueles que sofrem muitas discriminações sexistas¹⁶⁰. A teologia feminista combate este tipo de discriminação, neste caso da mulher. A mulher começa a ter e quer ter mais oportunidades de falar, de expor a suas ideias e, principalmente transmitir a sua relação com Deus, como testemunho para toda a comunidade eclesial¹⁶¹. A marginalização da mulher é de facto um dos problemas de uma sociedade patriarcal, em vários âmbitos sociais. É importante notar que a luta da teologia feminina não gera guerra contra os homens, na intenção de o derrotar, mas sim combater uma ideologia machista. Porque nos marginalizados estão também incluídos homens, bem como mulheres, vítimas de um terceiro mundo¹⁶².

¹⁵⁶ Virgina Raquel Azcuy, “Iglesia de las mujeres, gracia transformante”, *Cuadernos de Teología*, nº20 (2001) 115-133.

¹⁵⁷ Cf. José Elizondo, “Mujer”, in *10 mujeres escriben Teología*, (dir.) Mercedes Navarro (Espanha: Verbo Divino, 2013), 200.

¹⁵⁸ Cf. *Entrevista a Enzo Biachi “As mulheres devem estar no lugar de decisões na Igreja”*, Lurdes Ferreira (dir.), *Jornal Público*, 06 de Maio de 2018, 20.

¹⁵⁹ Cf. Virgina Raquel Azcuy, “Iglesia de las mujeres, gracia transformante”..., 117.

¹⁶⁰ Cf. Margarita Maria Pintos, “Mujeres teólogas: corrientes y acentos de la teología feminista”, *Sal Terrae*, 955 (Março 1993): 185-186.

¹⁶¹ Cf. Margarita Maria Pintos, “Mujeres teólogas: corrientes y acentos de la teología feminista”:188-189.

¹⁶² Cf. Teresa Forcades, *Teología Feminista en la Historia* (Madrid: Ed. Fragmenta, 2011), 103-108.

A teologia feminista critica alguns aspectos a nível de hermenêutica: ausência de uma exegese na linguagem bíblica, que englobe homem e mulher; uma cultura bíblica deformada por homens; a interpretação do texto bíblico deve ser apenas uma possibilidade e não algo preciso. A revelação bíblica é muitas vezes condicionada por uma linguagem humana, onde esta é culturalmente limitada. Uma linguagem masculina, androcêntrica e condicionada por uma cultura patriarcal, que não deixa a mulher ter uma maior participação da mulher na igreja¹⁶³. A teologia feminista critica certas selecções e tradições do Novo Testamento, porque respondem a certos interesses androcêntricos. Relata também que muitas vezes se produz leituras antifeministas da Bíblia, que se tem eternizado como lei sagrada-natural para sustentar a inferioridade da mulher em relação ao homem, bem como a Igreja Católica legitima-se como sendo autoridade bíblica sobre todas as igrejas protestantes. Assim propõem um distanciamento do texto, a fim de encontrar um sentido e intenção universal para todos. Propõem também uma leitura dos textos em favor de todos os marginalizados, bem como fazer uma leitura e exegese bíblica, numa visão feminina¹⁶⁴.

A teologia feminista declara que é necessário olhar para uma teologia que também encarna na mulher, na sua experiência com Deus. Sendo o evangelho uma mensagem universal, é necessário que a sua transmissão tenha carácter entre as pessoas, para que ele seja mensagem de igualdade, liberdade e amor, havendo comunhão entre homem e mulher, sem haver papéis de inferioridade e superioridade, mas de igualdade¹⁶⁵.

Contudo é necessário esclarecer os argumentos apresentados. Alguns autores falam que a teologia feminista tem na base vários movimentos feministas de esquerda, que pretendem afirmar-se não só na sociedade como também no seio da Igreja. Estes movimentos, dentro da Igreja, salientam que é necessário romper com a Tradição, preocupam-se em construir uma nova teologia, reenviadam que a mulher não deve ser reduzida apenas a um ser reprodutivo e pretendem uma releitura da sagrada escritura com uma visão feminina. Mas bem, a Igreja apesar de ter o dever de ler os sinais dos tempos, nunca vai deixar-se corromper por uma religião secular e social. As posições, que se tornam manchetes de reivindicações, de uma nova era, onde se procura uma liberdade sexual, uma igualdade de direitos no qual “tudo tem direito a tudo”, mas que no fim ninguém encontra um sentido para a sua vida, podemos equipar aos tempos em que se prestavam culto aos falsos deuses e ídolos. Os movimentos femininos não atendem às verdadeiras necessidades do ser feminino e do seu papel no meio

¹⁶³ Cf. Neiva Forlin, “Teologia feminista: uma voz que emerge nas margens do discurso teológico hegemónico”, *Rever*, XI, nº 1 (Jan/Jun 2011): 146-149

¹⁶⁴ Cf. Margarita Maria Pintos, “Mujeres teólogas: corrientes y acentos de la teología feminista”: 191-193

¹⁶⁵ Cf. Vanessa Raquel Meira, “Cristianismo e femininos podem coexistir? Lições da primeira onda do feminismo”, *Kerygma*, Vol. 14, 1 (2019): 6-21.

do mundo, porque se deixam influenciar por lutas sociais temporárias¹⁶⁶. A mulher tem valores mais fortes, é mais que um ser social e não deve ser escrava social. A mulher não pode ser vista como um ser de segunda classe, ela tem a sua identidade. Deus fê-la á imagem e semelhança, tal como homem, portanto, com a ajuda da Igreja, a mulher deve procurar o seu papel eclesial e social. Ela não é auxiliadora, não é inferior, mas cooperadora do projecto de Deus¹⁶⁷. A inferioridade da mulher é algo que foi marcado pelo meio social e não pela Sagrada Escritura. No entanto, também é importante destacar que nem toda a história do feminismo foi negativa, porque vários movimentos abriram portas para a liderança feminino dos movimentos, como o caso de outras confissões religiosas, todavia é importante explorar esta situação para marcar uma melhor envolvimento da mulher na Igreja Católica¹⁶⁸. A deturpação do ser feminino baseia-se, algumas vezes, pela guerra que os movimentos femininos declaram contra o homem.

2.6. A presença do feminino na Igreja e na Sociedade

O Magistério pontifício do novo milénio convida as mulheres a serem promotoras de um novo feminismo que, sem cair na tentação de seguir os modelos machistas, sabe reconhecer e expressar o verdadeiro espírito feminino em todas as manifestações da convivência cidadã, trabalhando pela superação de toda forma de discriminação, de violência e de exploração. Entre outras razões, porque “não se pode ter uma adequada hermenêutica do homem, ou seja, daquilo que é ‘humano’, sem um recurso adequado àquilo que é feminino” (MD 22). João Paulo II expressou o seu interesse na necessidade de reflectir com grande atenção sobre a mulher, não só para a reconhecer no projecto de Deus, que deve ser acolhido e respeitado, mas também para lhe dar um espaço maior em toda a vida social, bem como na eclesial¹⁶⁹.

Todavia, longe de qualquer tipo de essencialismo feminino, o Magistério recorda que os valores femininos são acima de tudo os valores humanos: a condição humana, da mulher e do homem criados à imagem do Deus, é una e indivisível. Com a luta das mulheres numa maior implementação dos seus valores na sociedade, torna-se cada mais necessário entender que a mulher também é um ser humano, igual ao homem. Porém, qualquer perspectiva que visa propor uma luta sexual pode ser perigosa e ilusória, levando a situações de segregação e

¹⁶⁶ Cf. Pablício Joaquim Barreto Silva; Paula Barreto Silva, “Como a Igreja se deve preocupar com as questões femininas em tempos de feminismo radical?”, *C&D-Revista Electrónica da FAINOR*, vol.12, 2 (Maio/Agosto 2019): 226-230.

¹⁶⁷ Pablício Joaquim Barreto Silva; Paula Barreto Silva, “Como a Igreja se deve preocupar com as questões femininas em tempos de feminismo radical?": 236-238.

¹⁶⁸ Cf. Vanessa Raquel Meira, “Cristianismo e feminismo podem coexistir? Lições de primeira onda do feminismo”, *Kerygma*, vol. 14, 1 (1º semestre 2019): 16-17.

¹⁶⁹ Cf. João Paulo II, Carta às Famílias (29 de Junho de 1995).

competição entre ambos os sexos, colocando em causa a liberdade da mulher e do homem¹⁷⁰. Para uma clara humanização é necessário aspirar à riqueza dos valores femininos. Esses valores também devem ser assumidos pelos homens na construção da sociedade e da Igreja, como elementos essenciais da humanidade, tal como afirma o Papa Francisco: “Sem estas atitudes, sem estes dotes da mulher, a vocação humana não consegue realizar-se!”¹⁷¹. Isso implica, entre outras coisas, reconhecer o papel insubstituível das mulheres nos vários aspectos da vida familiar e social, nas relações interpessoais e no cuidado do outro (cf. EG 103). É necessário ter em conta que as mulheres estão presentes no mundo do trabalho e na organização social, têm acesso a cargos de responsabilidade que lhes oferecem a possibilidade de inspirar as políticas das nações e de promover soluções inovadoras para os problemas económicos e sociais¹⁷².

2.7. A visibilidade da mulher na Igreja

O surgimento de uma nova consciência está a ocorrer dentro e fora das igrejas, por uma leitura dos sinais dos tempos e ao mesmo mediante uma reflexão sobre profundas mudanças na autoconsciência de toda a Igreja¹⁷³. Esta nova consciência das mulheres na comunidade cristã requer espaço, capacidade de diálogo e vontade de reforma, que ainda não foram plenamente realizadas, pois tal como D. José Policarpo referiu, numa entrevista polémica, que alguns movimentos feministas reivindicam a igualdade entre as mulheres e os homens na igreja e na sociedade, porque os critérios teológicos da Tradição da Igreja são muitas vezes substituídos pelos critérios sociais e culturais, chegando ao ponto de referir que não há qualquer impedimento para que não haja ordenação feminina. No entanto, só se poderá falar na ordenação quando a mulher, na sua especificidade, for reconhecida na sua totalidade na Igreja¹⁷⁴.

Porém, e mais importante que a ordenação, é necessário reconhecer o novo modo de presença das mulheres, o potencial profético das suas diferentes vozes e, acima de tudo, o

¹⁷⁰ Cf. Cardeal Joseph Ratzinger, *Carta aos bispos da Igreja Católica sobre a colaboração do homem e da mulher...*, 14.

¹⁷¹ Cf. Francisco, *Discurso do Papa Francisco aos participantes do congresso nacional do centro italiano feminino* (4 de Agosto de 2013).

¹⁷² Cf. Julieta de Almeida Rodrigues, “Continuidade e mudança nos papéis das mulheres urbanas portuguesas: emergência de novas estruturas familiares”, *Análise Social*, vol. XIV, nº2 (1983): 924-929.

¹⁷³ Cf. José Borges de Pinho, “A leitura dos sinais dos tempos e suas implicações na vida da Igreja”, *Didaskalia*, XLI (2011): 151-171.

¹⁷⁴ Cf. Bento Rodrigues. 2010. *Entrevista A D. José Policarpo Na Véspera Da Visita De Bento XVI A Portugal*. Dir. Bento Rodrigues. Perf. D. José Da Cruz Policarpo. Sic Notícias, 2010. Video.

desejo de rever atitudes e estruturas que não são favoráveis a uma autêntica promoção das mesmas¹⁷⁵.

Além da doutrina e pronunciamento do Magistério Pontifício, a Igreja tem algo mais a oferecer: uma imagem ideal concreta e o modelo efectivo para a vida das mulheres na era actual. Explicando melhor, todas as reflexões e directrizes que a Igreja hierárquica propõe, devemos ter em conta, também, a participação das mulheres na vida eclesial, bem como ter em conta uma reflexão mais profunda da própria mulher e na relação que o próprio clero estabelece com ela¹⁷⁶, não a sujeitando a serviços de subjugação e exploração, como tem sido denunciado¹⁷⁷. Uma Igreja de homens e mulheres, de igual dignidade e reconhecimento¹⁷⁸.

A Mulher deve ser reconhecida, de uma forma mais visível, como filha da Igreja¹⁷⁹. Ela, com seu exemplo e santidade, pode tornar-se um modelo propício para toda a comunidade cristã. A Igreja e teologia não podem existir sem a presença da mulher e sem a sua participação¹⁸⁰, como por exemplo o caso de Edith Stein, que incentivou várias mulheres católicas a estudarem, reflectiu sobre a diversidade e diferenças de géneros, bem como as essências do masculino e do feminino¹⁸¹. Importa também não desconsiderar que a Igreja está de facto a tomar medidas com novas formas de actuar, como também tem vindo a reflectir sobre a presença da mulher, como declara, por exemplo, o Papa Francisco: “chamadas a garantir a liberdade de escolha para as mulheres, a fim de que tenham a possibilidade de assumir responsabilidades sociais e eclesiais, em harmonia com a vida familiar”¹⁸². Portanto, é necessário que a mulher não vá contra tudo aquilo que engloba o seu ser feminino, mas que valorize toda a sua dimensão, para também se tornar desejável a toda a humanidade. As mulheres não devem traçar o caminho de igualdade ao homem, mas sim enriquecer o mundo com aquilo que elas também podem contribuir. Contudo, espera-se que todos homens possam reconhecê-las dignamente¹⁸³.

¹⁷⁵ Cf. Virginia Azcuy, “Itinerario espiritual y teología de los estados. En Dialogo con Karl Rahner y H. U. V. Balthazar”, *Teología*, 77 (2001): 63-65.

¹⁷⁶ Cf. Karl Rahner, *Escritos Teología*, VIII (1969), 389-392.

¹⁷⁷ Cf. João Francisco Gomes, “As mulheres, na Igreja, são tratadas como pessoal de segunda”, *Observador (Revista digital)*, 1 de Março, 2018.

¹⁷⁸ Cf. Vania Martin, “El papel de la Mujer en la Iglesia Católica”, *Società Mutamento Politica*, vol. 9, n. 17 (2018): 309-322.

¹⁷⁹ Cf. M. Collins, “Hijas la Iglesia”, *Conclium*, 202 (1985): 322-326.

¹⁸⁰ Cf. Elzbieta Adamiak, “A questão das mulheres”, *L'Osservatore Romano*, 1 de Setembro de 2014. [Http://www.osservatoreromano.va/pt/news/questoes-das-mulheres](http://www.osservatoreromano.va/pt/news/questoes-das-mulheres)

¹⁸¹ Cf. Clélia Peretti, “A mulher no contexto histórico contemporâneo de Edith Stein”, *Relegens Thrékeia*, vol.2, n°2 (2013): 39-47.

¹⁸² Cf. Francisco, Discurso do Papa Francisco aos participantes na plenária do Pontifício Conselho para a Cultura (Vaticano: 18 de Novembro de 2017).

¹⁸³ Lucetta Scaraffia, “A mulher existe?”, *L'Osservatore Romano*, 1 de Setembro de 2016.

2.8. A necessidade de reflectir sobre o papel e o carisma da mulher na Igreja

Chegou o momento em que é “necessário que se passe do *reconhecimento teórico* da presença activa e responsável da mulher na Igreja à *realização prática*” (ChL 51). Gradualmente tem havido uma maior consciência, dentro da Igreja, em relação à discriminação que as mulheres sofrem, no facto de haver resistência à ocupação de maior responsabilidade na Igreja, com argumentos muitas vezes falaciosos¹⁸⁴. Este é o desafio que o Papa Francisco quer enfrentar desde o início do seu pontificado. Esta é uma necessidade sentida pelo Papa. Como Cardeal, ele afirmou que a presença feminina na Igreja não tem sido muito presente, porque a tentação do machismo não deixou lugar para dar visibilidade ao lugar das mulheres na comunidade¹⁸⁵. Ele acredita que as mulheres têm um papel específico no cristianismo, reflectido na figura de Maria. É aquele papel que acolhe a sociedade, a que contém, a mãe da Comunidade. O facto de a mulher não ser capaz de exercer o sacerdócio ministerial não significa que seja inferior aos homens. Além disso, enfatizando mais a concepção da Virgem Maria é superior ao papel dos apóstolos. Na verdade, quando falamos sobre a Igreja, fazemo-lo no feminino¹⁸⁶. O Papa Francisco vai mais longe e afirma:

“Eu gostaria de ressaltar que a mulher tem uma sensibilidade particular pelas «coisas de Deus», sobretudo para nos ajudar a compreender a misericórdia, a ternura e o amor que Deus tem por nós. Gosto de pensar também que a Igreja não é «o» Igreja, mas «a» Igreja. A Igreja é mulher, é mãe”¹⁸⁷

Todos estes elementos convidam a ir além na explicação do papel e do carisma da mulher na Igreja. Pode-se dizer, ainda, que o Papa transforma as virtualidades da genialidade feminina em um dos princípios inspiradores da reforma da Igreja, incluindo a da cúria romana, porque a reforma que ele considera prioritária é a que afecta as atitudes. Na sua opinião, as reformas organizacionais e as estruturais são secundárias, eles vêm mais tarde. O Papa Francisco afirma que a "revolução da ternura" (EG 88) deve estar presente na Igreja de hoje, constituindo assim uma espécie de “marca registrada” de cada cristão fiel (EG 270) e inspirando o trabalho pastoral, um trabalho que facilita os sacramentos, porque “é mais importante a graça do que toda a burocracia»”¹⁸⁸, adverte o Papa. Neste horizonte, “as mulheres desempenham um papel de máxima importância na vida eclesial, lembrando essas disposições a todos os baptizados e contribuindo de maneira ímpar para manifestar o

¹⁸⁴ Cf. Alvaro del Portillo, *Fieles y laicos en la Iglesia, bases de sus respectivos estatutos jurídicos* (Pamplona: Euzua Universidad de Navarra, 1991), 272.

¹⁸⁵ Cf. Cardeal Jorge Bergoglio, Abraham Skorka, *Sobre o Céu e sobre a Terra*, 101.

¹⁸⁶ Cf. Cardeal Jorge Bergoglio, Abraham Skorka, *Sobre o Céu e sobre a Terra*, 101.

¹⁸⁷ Francisco, Discurso do Papa Francisco aos participantes do seminário sobre a carta apostólica “*Mulieris Dignitatem*” de João Paulo II (12 de Outubro de 2013).

¹⁸⁸ Francisco, Meditações matutinas na Santa Missa celebrada na Capela da Domus Sanctae Marthae “*Não à burocracia na sacristia*” (8 de Maio de 2014).

verdadeiro rosto da Igreja, esposa de Cristo e mãe dos crentes”¹⁸⁹. Metaforicamente, podemos dizer que a carga genética da Igreja tem, ao mesmo tempo, incorporada a especificidade da masculinidade e da feminilidade como uma riqueza complementar do ser humano. Carece, portanto, de sentido que esta riqueza corresponda ao desígnio originário do Criador, que desde o início se perdeu por uma participação incompleta e desarmoniosa dos homens e das mulheres na missão salvífica da Igreja¹⁹⁰. Ignorar a perspectiva feminina na tarefa apostólica e no governo da Igreja constitui, sem dúvida, um empobrecimento. Por esta razão, o Papa Francisco deseja que esta genialidade feminina também está presente activamente nos vários lugares onde são tomadas decisões importantes na Igreja (cf. ChL52). Podemos constatar que só alguns são capazes de interpretar esse desejo do Papa, pois vimos que quando falamos na participação mais activa das mulheres falamos apenas da promoção das mulheres à linha clerical. Esta visão redutiva é também uma falta de conhecimento das enormes possibilidades que a riqueza de ministérios e carismas na Igreja contém. Pelo contrário, aqueles que defendem estas posições preferem enraçar-se em estruturas ultrapassadas que perderam a sua capacidade de responder e estão terrivelmente trancadas à novidade do Espírito Santo. Só o Espírito Santo pode despertar a diversidade, a pluralidade, a multiplicidade e, ao mesmo tempo, tornar a unidade¹⁹¹. Esta diversidade não prejudica a unidade, mas enriquece-a. Quando a colaboração nas funções do governo e no exercício dos ministérios é baseada no sacerdócio comum do baptizado (cf. CL 21-22), as possibilidades são ampliadas e não há diferenças entre o homem e a mulher, nem entre uma mãe de família e uma consagrada, apenas existem missões diferentes.

2.9. Chaves eclesiológicas para a inclusão das mulheres

Para haver uma reciprocidade mútua entre homens e mulheres, é necessário pensar num programa de reformas voltadas para a construção de uma eclesiologia inclusiva. O desafio também é claramente espiritual: a santidade cristã, própria da Igreja, deve ser elemento essencial na inclusão. Deste modo, a chave essencial para uma eclesiologia inclusiva da mulher passa pelo discernimento do passado e do presente preparando o futuro, pela reflexão sobre o contributo e relação de todos membros à Igreja, como também ter em conta a paternidade e maternidade da Igreja¹⁹².

¹⁸⁹ Cardeal Joseph Ratzinger, *Carta aos bispos da Igreja Católica sobre a colaboração do homem e da mulher...*, 16.

¹⁹⁰ Cardeal Joseph Ratzinger, *Carta aos bispos da Igreja Católica sobre a colaboração do homem e da mulher...*, 16.

¹⁹¹ Cf. Francisco, Homilia da Santa Missa com os movimentos eclesiais na Solenidade de Pentecostes (Praça de São Pedro, Vaticano: 19 de Maio de 2013)

¹⁹² 417-421.

O discernimento é apresentado como uma ferramenta indispensável porque permite verificar a profundidade da história e relação da mulher e do homem com Deus e o seu alcance, para que possam comunicar a sua experiência espiritual, sem quaisquer resistências mútuas na aceitação, ficando a premissa de que é conveniente que cada ser humano não esteja só no caminho¹⁹³. Isto é essencial para uma correcção mútua sobre preconceitos e restrições ideológicas que impedem uma comunhão mais profunda entre os membros eclesiais. A Igreja ao entrar numa atitude de discernimento, do passado e do presente, expressa um desejo real de construir um futuro melhor e completo, escutando sempre os seus membros¹⁹⁴. Do ponto de vista espiritual, tanto as mulheres como os homens são chamados a rever o modo de pensar e de agir, onde nenhum está isento de parcialidade ou distorção da realidade. É necessário restaurar um modelo de coexistência mais satisfatório¹⁹⁵.

Precisamos de rever a nossa capacidade de interacção. Para começar, a consciência das mulheres deve continuar a ser purificada e mostrar autenticidade dos seus frutos, como também é importante que os homens percebam que há "trabalho de mulher" numa história contínua da Igreja. Esta capacidade de diálogo significa estar aberto à novidade e ao contributo de todos¹⁹⁶.

A Igreja é mãe e mulher, como destaca o Papa Francisco: “a Igreja é ‘mulher’ porque é mãe, pois é capaz de ‘dar à luz filhos’: a sua alma é feminina porque é mãe, é capaz de gerar atitudes de fecundidade”¹⁹⁷. Nesta atitude maternal, a Igreja deve olhar para o dom natural da mulher, que é ser mãe. Uma mãe tem a atitude da singeleza, da benignidade, do afecto e do perdão¹⁹⁸, sendo que “no contexto evangélico, o materno remete a um acolhimento da vida que deve germinar a todos os níveis, leva ao contacto com o invisível, evoca aquela beleza que só pode ser contemplada, não possuída”¹⁹⁹. Neste sentido, temos a figura singular de Maria, exemplo para todas as mulheres, que nos mostra precisamente o papel que a mulher deve desempenhar na Igreja: a maternidade eclesial. Uma mãe e mulher que acompanha,

¹⁹³ Cf. Timothy M. Gallagher O.M.V, *Discernimento dos Espíritos* (Braga: Apostolado da Oração, 2013), 307-323.

¹⁹⁴ Cf. Élio Estanislau Gasda, “Bioética: Interpelação à Igreja como comunidade de discernimento”, *Pistis Praxis*, vol. 5, nº1 (2013): 226-229.

¹⁹⁵ Cf. Virginia Azcuy, “Hacia una nueva imaginación, el laicado y mujeres en la iglesia”, *Revista Teologia*, XLIII, nº 88 (Dezembro, 2005): 548-551.

¹⁹⁶ Cf. Eva Aparecida Rezende de Moraes, “A Eclesiologia de Comunhão de Yves Congar e sua Relevância para a Igreja de hoje”, *Teológica*, ano XI, nº26, (maio/agosto, 2017): 180-183.

¹⁹⁷ Papa Francisco, *Meditações Matutinas na Santa Missa celebrada na Capela de Santa Marta*, 21 de Maio de 2018.

¹⁹⁸ Cf. Carmen Ligia Grisci, “Mulher-mãe”, *Psicologia Ciência e Profissão*, Vol. 15, nº1-3 (Brasília, 1995): 14-18.

¹⁹⁹ Cf. Luceta Scaraffia, “Para uma profunda teologia da mulher”, *L'Osservatore Romano*, 1 de Setembro de 2014. <http://www.osservatoreromano.va/es/news/para-uma-profunda-teologia-da-mulher>

protege e ajuda²⁰⁰, quer no acompanhamento pastoral dos presbíteros, quer nos grupos e actividades pastorais²⁰¹.

Uma igreja inclusiva tem que ter em conta todas as dimensões e espaços do mundo, ir até às periferias, ao encontro do outro²⁰². Nessa missão da Igreja, a mulher pode contribuir para a renovação do espaço eclesial, no seu todo, tendo em conta toda a história bíblica e o seu contributo na história da salvação.

Para as mulheres, como para qualquer outro membro da Igreja, o direito inalienável de participar plenamente da vida da Igreja deriva do baptismo: é por isso que falamos de igualdade baptismal. O Papa Francisco falou explicitamente deste direito num discurso recente, afirmando: “o papel da mulher na Igreja não é feminismo, é direito! É um direito de baptizada com os carismas e os dons que o Espírito concedeu. Não se deve cair no feminismo, porque isto reduziria a importância da mulher”²⁰³. O Papa Francisco alertou para um erro comum de perspectiva, que reduz o papel das mulheres na Igreja à questão feminista.

O Baptismo, a vocação e a missão são três chaves fundamentais em torno dos quais essas razões teológicas são condensadas. Aquele que recebe o baptismo, seja homem ou mulher, torna-se parte da Igreja, membro de direitos e deveres, que participa da única vocação à santidade, bem como da própria missão eclesial²⁰⁴. O Concílio Vaticano II recorda-nos que “a dignidade dos membros é comum, que deriva da sua regeneração em Cristo; comum a graça da filiação; comum o chamado à perfeição: uma única salvação, somente esperança e caridade indivisa. Portanto, não há desigualdade em Cristo e na Igreja por causa de raça ou nacionalidade, *status* social ou sexo” (LG 32). E assim, podemos trabalhar fortemente para uma eclesiologia de comunhão²⁰⁵.

2.10. A presença dos Leigos no governo e na missão da Igreja

Os sacerdotes não podem fazer tudo na comunidade que lhe foi confiada. Eles devem reconhecer e promover os ministérios e funções dos fiéis leigos. E quando a necessidade ou a utilidade da Igreja o exige, de acordo com as normas estabelecidas pela lei universal, eles

²⁰⁰ Cf. Luceta Scaraffia, “Para uma profunda teologia da mulher”...

²⁰¹ Cf. *Entrevista a D. Jose Palma sobre “O papel da mulher na missão da Igreja”*, *L’Osservatore Romano*, 18 de Fevereiro de 2011. <http://www.osservatoreromano.va/pt/news/o-papel-da-mulher-na-missao-da-igreja>; Cf. *Entrevista ao Karl Lehman “O Papa não faz tudo sozinho”*, Revista IHU On-line (12 de Maio de 2016) <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/554921-qo-papa-nao-faz-tudo-sozinhoq-entrevista-com-karl-lehmann>

²⁰² Maria Cristina S. Furtado, “O amor incondicional como base para uma sociedade inclusiva”, Congresso de Teologia PUCPR, 10 (2011): 150-151

²⁰³ Papa Francisco, *Diálogo do Papa Francisco com as participantes na plenária da união internacional das superiores-gerais* (Vaticano, 12 de Maio de 2016).

²⁰⁴ Cf. Maria Cecilia Domezi, *Mulheres do Concílio Vaticano II* (São Paulo: Paulus, 2016), 118-125.

²⁰⁵ Cf. José Eduardo Borges Pinho, “Uma hermenêutica criativa ao serviço da renovação pastoral”, *Didaskalia*, XLII (2012): 100-102.

podem confiar aos fiéis leigos algumas tarefas que, embora estejam ligadas ao seu próprio ministério de pastores, não requerem, no entanto, o carácter do Ordem. No entanto, “o exercício de semelhante tarefa não transforma o fiel leigo em pastor” (CL 23), um aviso que há uma forma particular de conceber a promoção dos leigos na Igreja apenas num estado clerical. Nessa perspectiva, as principais conquistas seriam identificadas com a possibilidade de realizar mais e mais funções cultuais do que as realizadas pelos ministros sagrados: por exemplo, ter acesso estável ou temporário aos ministérios laicais (cf. CEC 761); actuar como ministro extraordinário do baptismo (cf. CEC 961); dar comunhão (cf. CEC 910); ministério da Palavra (cf. CEC 903). Aparentemente, estas possibilidades do leigo, sendo mulher ou homem, correm o risco de desviar o próprio de cada função e até mesmo de colocar em risco a sua identidade eclesial. Em suma, os leigos têm a sua função participativa na Liturgia, e em alguns casos, pela ausência dos ministros sagrados, substituem-nos, mas apenas e só com função substituta²⁰⁶. Por outro lado, os leigos reconheceram algumas faculdades para realizar tarefas eclesiais que não requerem o sacramento da Ordem, como veremos abaixo. Todavia, não se trata de direitos sem capacidades. Isto implica que os leigos não podem exigir por um título de justiça o que não compete ao próprio estado de leigo²⁰⁷. Estes são os ofícios eclesiais que podem ser exercitados por leigos, mas em si não acrescentam nada ao seu estatuto leigo. Por outro lado, actualmente não há consenso interpretativo para dar uma resposta clara à questão sobre se os leigos podem participar ou exercer o poder do regime ou jurisdição. A solução do código de direito canónico é bastante ecléctica, pois “O código contém normas que, mesmo reconhecendo o estabelecimento da autoridade eclesial com o sacramento da ordem não exclui, no entanto, o exercício do poder eclesial por leigos”²⁰⁸. Por um lado, o Código de Direito Canónico diz que quem recebe o sacramento da Ordem tem potestade de governo ou jurisdição, mas os leigos podem cooperar no exercício dessa autoridade de acordo com a lei (cf. Cân. 274). Por outro lado, há um cânone que diz que apenas os clérigos têm o poder da ordem ou o poder do governo (Cân. 274 § 1). E, por sua vez, existe outro cânone que diz que pode haver uma admissão de um leigo a juiz do tribunal eclesial (cf. Cân. 1492 § 2). A interpretação harmónica destes cânones não é de todo simples, porém, com base nos cânones 129 e 1421 pode-se dizer que existem amplas possibilidades para a cooperação dos leigos no exercício da autoridade, além das tarefas puramente auxiliares do governo no estilo de administração económica ou administrativa, mas apenas com uma autoridade delegada (Cân. 129).

²⁰⁶ Juan Ignacio Bañares, “La consideration de la mujer en la Ordenamiento canónico”, 259-260.

²⁰⁷ Juan Ignacio Bañares, “La consideration de la mujer en la Ordenamiento canónico”, 261.

²⁰⁸ António Viana, “El problema de la participación de los laicos en la potestad de régimen. Dos vías de solución”, *Ius Canonicum*, nº 54 (2014): 616.

Em suma, os leigos, sejam homens ou mulheres, não podem deter os cargos primordiais na Igreja (Romano Pontífice e bispo diocesano) ou aqueles que curam as almas (Cân. 1461). Os leigos também exercitam habitualmente a autoridade ordinária, própria ou vicária (Cân. 295, 370). O poder vicarial não é recebido do sacramento da Ordem, mas da missão canónica que a Igreja dá a um titular. Consequentemente, além das razões da conveniência, esta estrutura não exclui, por sua natureza, que os leigos possam ser vigários, um juiz diocesano (Cân. 1421 § 2), auditor (Cân. 1428), promotor e defensor de justiça (Can. 1435), entre outros ofícios administrativos. No que diz respeito à administração da propriedade da Igreja, um leigo pode ser tesoureiro da diocese (Can. 494) e administrador da propriedade eclesiástica (Cân. 1282). Os leigos também podem assumir outras funções administrativas, como o chanceler da diocese (Cân. 483), legado do Romano Pontífice ou representante da Santa Sé em conferências internacionais (Cân. 363). Além disso, os leigos, em determinadas circunstâncias, podem colaborar na pastoral da paróquia (Cân. 517). Por último, para além de algumas funções litúrgicas, os leigos podem cooperar com o bispo e os presbíteros no exercício de certos ministérios da palavra (Cân. 759), através da sua participação na catequese e nas missões (Cân. 776) ou pregação em igrejas ou oratórios, excepto a homilia (Cân. 766). Eles também podem ensinar nas Universidades Católicas e institutos eclesiais (Cân. 810-818).

Se é verdade que os leigos não podem substituir o presbítero nos ministérios que requerem o sacramento da ordem, também é verdade que o presbítero não pode substituir os leigos nas áreas onde são mais competentes ²⁰⁹, sejam eles homens ou mulheres. E aí se explica o facto da baixa disponibilidade dos presbíteros e bispos para exercerem as funções do seu ministério, que receberam no sacramento da Ordem, porque andam preocupados com outras funções, que muitas vezes podem ser exercidas pelas mulheres, sendo também importante reconhecer o seu papel em decisões importantes ²¹⁰. As mulheres, por meio da sua participação no sacerdócio comum, fornecem os aspectos específicos da sua feminilidade e precisamente por esta razão, recebem alguns carismas que abrem caminhos concretos para a sua missão. De fato, “a mulher não pode receber o sacramento da Ordem e, por isso, não pode desempenhar as funções próprias do sacerdócio ministerial” (ChL 51), mas pode participar na vida da Igreja, sem qualquer discriminação, nas consultas e na elaboração das decisões ²¹¹. Assim, as mulheres, como qualquer leigo, têm a possibilidade de participar em alguns conselhos, em que mesmo a presença dos leigos é obrigatória, como é o caso do conselho dos

²⁰⁹ João Paulo II, Audiência Geral (13 de Julho de 1994), 2.

²¹⁰ Cf. Stefania Falasca, “Alla Chiesa serve il genio femminile»” (13 de Março de 2014).

<https://www.avvenire.it/chiesa/pagine/intervista-cardinale-kasper-stefania-falasca-famiglia-avvenire>

²¹¹ Cf. Stefania Falasca, “Kasper: «Alla Chiesa serve il genio femminile»”...

assuntos económicos (Cân. 492 e 537) e do conselho pastoral (Cân. 512, 536 e 519), bem como conselhos a nível diocesano e paroquial. Também podem participar em sínodos diocesanos (Cân. 463). Além disso, de acordo com a proposta de Sínodo sobre os leigos, estes devem participar na preparação de documentos pastorais e iniciativas missionárias, e devem ser reconhecidos como cooperadores da missão da Igreja na família, no emprego e na comunidade civil²¹². Em todos estes campos de missão, a contribuição das mulheres preparadas pode dar uma contribuição de sabedoria e moderação, de bravura e de rendição, de espiritualidade para o bem da Igreja e da sociedade²¹³. O Papa Francisco quer promover mudanças na reforma da cúria romana para melhor servir a Igreja e a missão de Pedro.

Conclusão

A participação das mulheres na vida da Igreja ainda está longe de ser totalmente eficaz. É uma questão aberta. Pode parecer que o progresso da sociedade civil, onde as mulheres cada vez mais assumem papéis de responsabilidade, possa ditar a necessidade de uma mudança na Igreja. Não é uma questão de mais ou menos democracia, porque a Igreja não é uma democracia. A Igreja, como comunidade visível e comunidade espiritual ao mesmo tempo “uma realidade complexa, integrada por um elemento humano e divino” (LG 8). No caso de uma sociedade divina e humana, as razões que justificam uma verdadeira participação das mulheres na Igreja são de natureza teológica: isto é, elas devem ser procuradas dentro da fé e não fora dela.

A tentativa de demonstrar a necessidade de maior participação das mulheres com base na sua natureza matrimonial e materna também é inadequada. Esta visão é o resultado de uma interpretação parcial da exortação apostólica *Mulieris Dignitatem*. A leitura redutora do documento de São João Paulo II, na verdade, não levou a uma mudança substancial na Igreja e ao favorecimento de formas de marginalização, como se a participação das mulheres na Igreja pudesse ser resolvida com a imagem arcaica e angélica da mulher submissa e silenciosa. Não só as mulheres do Evangelho, mas também personalidades da estatura de Edith Stein, Santa Teresa de Ávila, Santa Teresa de Calcutá, entre muitas outras, são a prova mais imediata do contrário, ou seja, daquele saudável protagonismo do qual a mulher tem sido capaz, o que influencia fortemente a vida da Igreja.

O Papa Francisco menciona explicitamente a necessidade de “expandir os espaços para uma presença feminina mais incisiva na Igreja” (EG 103-104), enfatizando o grande

²¹² Cf. Stefania Falasca, “Kasper: «Alla Chiesa serve il genio femminile»”...

²¹³ Cf. João Paulo II, Audiência Geral (13 de Julho de 1994), 2.

desafio para pastores e teólogos, que poderiam ajudar a reconhecer melhor o que isso implica em relação ao possível lugar das mulheres onde decisões importantes são tomadas, nas várias esferas da Igreja. Segundo o Papa, não há respostas fáceis. Muitos aspectos devem ser levados em conta, e não apenas o respeito pelas prerrogativas específicas do ministério ordenado. Daí a dificuldade da tarefa, especialmente para os teólogos e canonistas, chamados a reflectir sobre um conjunto de princípios e aspectos, que não devem ser aprofundados do ponto de vista especulativo, mas com base no que a teologia positiva oferece com os seus dados de natureza bíblico-patristica e histórica²¹⁴.

A comunicação social tem enfatizado, de maneira um tanto excessiva, a instituição de uma comissão de estudos sobre o diaconado feminino, gerando a impressão de que a plena realização das mulheres na Igreja dependia de sua admissão no ministério²¹⁵. No entanto, a questão do diaconato das mulheres é uma questão totalmente secundária. Deve permanecer assim para o bem das próprias mulheres, se realmente quiserem expandir os espaços para uma presença feminina mais incisiva. No entanto, o uso de soluções precipitadas não favorece as mulheres. A tarefa deste pontificado é ainda mais difícil de ser marcada pela consciência de que, como Francisco diz: “o tempo é sempre superior ao espaço” (EG 222). A eficácia do trabalho em favor das mulheres passa por um delicado exercício de discernimento, que deve identificar o que pode e deve ser feito imediatamente e o que, no entanto, requer uma gestação prolongada ao longo do tempo.

Contudo, se levarmos em conta a história da Igreja, percebe-se que todo trabalho de renovação precisa, acima de tudo, de ser realmente efectivo, e não soluções apressadas, mas acções devidamente meditadas, como preza o Concilio Vaticano II. Precisamente para ter uma resposta adequada, a questão do papel da mulher deve necessariamente permanecer aberta, dando assim lugar à reflexão doutrinal da Igreja, com a ajuda de uma teologia saudável, para explicar em toda a sua riqueza o que a esta diz respeito.

²¹⁴ Cf. Silvia Martinez Canõ, “40 años de Teología Feminista em España. Resistencia y creatividad,” *Carthaginiensis*, XXXIV, nº66 (2018): 465-472.

²¹⁵ Cf. Narciso Machado, “O Vaticano e o sacerdócio das mulheres”, *Público*, 1 de Agosto, 2010. <https://www.publico.pt/2010/08/01/jornal/o-vaticano-e-o-sacerdocio-da-mulher-19940538>

3. ANÁLISE EMPÍRICA SOBRE O PAPEL DA MULHER NA IGREJA

3.1. As ciências sociais como serviço à Teologia

Deus manifesta-Se ao ser humano, estabelecendo com ele uma relação que o conduz à verdade da fé e à sua própria salvação. A teologia, num caminho ainda não terminado, procura o saber e a verdade de Deus, através desta comunicação entre Deus e o ser humano, através das suas experiências de crentes, e como crente, interpreta e interpela-se sobre os sinais dos tempos²¹⁶. Surgem questões pertinentes, que leva o crente a interpelar o seu corpo eclesial, como membro.

As ciências sociais e humanas em relação com a Teologia, permite-nos conhecer a realidade que envolve o ser humano crente e não crente. Um discurso teológico não pode conhecer de parte a vida humana, em todas as dimensões, pois é com ele e através dele que o discernimento e a conversão do Ser Humano se tornam reais e concretos. O diálogo com todas as ciências é fundamental, pois estabelecem-se pontes e mostram a presença de Deus em todas as áreas do saber.

3.2. Método empírico

Num caminho de discernimento, a Teologia vai interpelando o Ser Humano, usufruído a análise da realidade, que as ciências humanas estudam. Portanto, uma análise empírica é um

²¹⁶ Cf. C. Nóvoa M., “La teología es una ciencia histórica e interdisciplinar”, *Theologica Xaveriana*, 141 (2002), 135-136.

marco fundamental para entender a realidade²¹⁷. Existem vários métodos para a compreensão: grupos quantitativos, qualitativos e mistos:

“A variedade das metodologias de análise, com as técnicas e instrumentos inerentes, divide-se em três grandes grupos: os quantitativos, os qualitativos e os mistos. Os métodos quantitativos centram-se na descrição causal da realidade, mas não nos permitem conhecer o significado das respostas obtidas. Não permitem perceber o sentido que uma prática ou uma crença, por exemplo, tem para quem a prática. Por seu turno, os métodos qualitativos permitem ao investigador perceber o significado que uma determinada prática tem para o investigado, não se limitando a descrever o fenómeno, mas procurando que o investigador diga o significado que este tem para si. Por isso, os métodos quantitativos ganham em amplitude de amostra, ao passo que os qualitativos ganham em profundidade compreensiva; nos quantitativos as respostas são enquadradas num esquema prévio do investigador, ao passo que nos qualitativos a percepção que o investigador tem *a priori* cede lugar à que o investigado tem da realidade. Os métodos mistos procuram, de acordo com o objecto de investigação, tirar o melhor partido de cada um dos anteriores”²¹⁸

De acordo com os métodos apresentados, a teologia prática usufrui, particularmente, dos métodos qualitativos, pois numa multiplicidade de valores e significações que o mundo possui, é importante dar primazia à compreensão. No entanto, de forma a abarcar um maior número significativo de respostas, numa primeira fase, é importante utilizar também um método quantitativo com questões fechadas, e perceber numa escala de Likert, num nível de concordância, e depois numa segunda fase, compreender as razões, analisando as opiniões de pessoas concretas e de destaque para o tema apresentado.

Assim, como questão primordial deste estudo empírico é saber o que as mulheres e os homens pensam acerca do papel da mulher na Igreja, nas diferentes áreas humanas e sociais.

3.2.1. Métodos utilizados: questionário *on-line* e entrevista

Ao longo deste trabalho, verificámos a importância de algumas mulheres na Sagrada Escritura, depois numa segunda fase, vimos a importância da mulher na Igreja, nos dias de hoje. No entanto, há questões cruciais e de alguma crítica referente ao reconhecimento da mulher no seio da Igreja, quer a nível humano, quer a nível de serviço. Vimos o que foi escrito pelo Magistério e por teólogos, que aprofundam o tema da mulher na Igreja. No entanto, pensamos não ser o suficiente para um discurso teológico. Assim, numa linha de ideias diferenciadas e discernidas, formulamos algumas afirmações e questionámos o público

²¹⁷ Cf. Luís Miguel Figueiredo Rodrigues, *O Digital no serviço da Fé O digital no serviço da fé. Formar para uma oportunidade* (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2016), 212.

²¹⁸ Luís Miguel Figueiredo Rodrigues, *O Digital no serviço da Fé O digital no serviço da fé. Formar para uma oportunidade*, 212-229.

em geral, a fim de perceber a aceitação destas. Recorremos ao meio de comunicação Internet, onde utilizámos um endereço digital, cuja função foi lançar inquéritos *on-line*, o chamado *Google Forms*. Todavia, depois de alguns resultados que não compreendemos bem, pareceu-nos importante recorrer ao método da entrevista, de forma a termos uma resposta mais concisa, bem como percebermos o que de facto as pessoas pensam sobre determinados assuntos. Para esta entrevista, seleccionamos algumas mulheres, que na nossa perspectiva, são importantes pelo seu testemunho de vida na Igreja. Contudo, considerámos também importante questionar o ponto de vista de homens, cuja sua participação é também de especial relevância. São mulheres e homens de vários estratos sociais, económicos, políticos e com responsabilidades, quer a nível social, quer a nível eclesial. Pensamos que na diversidade, poderíamos encontrar respostas muito interessantes, pois a riqueza da Igreja é a diversidade de membros que nela comporta. Como meio, perante uma leitura mais assídua do nosso trabalho, formulámos algumas questões, e numa pequena entrevista pessoal, conforme cada situação pessoal, fui lançando diversas questões.

3.2.1.1. Questionário *on-line*

No questionário digital tivemos em conta vários aspectos. Na primeira parte, o inquirido tinha que indicar a idade, género situação laboral (á procura do primeiro emprego; estudante; empregado/a; desempregado/a; aposentado/a; ou outras opções), estado civil (solteiro/a; casado/a; união de facto; casado/a pela igreja; casado/o só pelo civil; viúvo/a), diocese (Algarve; Angra; Aveiro; Beja; Braga; Bragança-Miranda; Coimbra; Évora; Forças Armadas e Forças de Segurança; Funchal; Guarda; Lamego; Portalegre-Castelo Branco; Santarém; Setúbal; Viana do Castelo; Porto; Viseu; Vila Real), relação com a comunidade eclesial (não tenho nenhuma relação; apenas participa na eucaristia e celebrações especiais; está ligado/a a um grupo ou movimento), compromissos apostólicos (clérigo, seminarista, religioso/a, leitor/a; ministro/a extraordinário/a da comunhão, director de IPPS's, Animador/a de grupo de jovens; sacristão/sacristã, limpeza e manutenção do espaço de culto, associação de fieis, movimentos eclesiais, grupos socio-caritativos, grupo coral, ou não tem). Além de serem aspectos obrigatórios num inquérito social, são aspectos que podem ajudar a compreender as respostas da segunda parte, consoante a sua situação histórica e social, bem como podemos observar a participação de mulheres e homens na vida eclesial.

Na segunda parte, abordámos os inquiridos sobre questões centrais na nossa pesquisa. Optámos por recorrer ao método da *escala de likert* (escala de 1 a 5) ²¹⁹ que representou o

²¹⁹ Cf. Luísa Margarida Antunes da Cunha, "Modelos Rasch e Escalas de Likert e Thurstone na medição de atitudes", Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais (2007), 20-24.

nível de concordância com a afirmação. Explicitando melhor, a escala gerada possibilita identificar o grau de apreciação referente à afirmação usando uma escala bipolar, com a categoria mais desfavorável num extremo e a categoria mais favorável noutra extremo e uma posição neutra no meio. Assim, os níveis assumem o seguinte valor: 1 – completamente desfavorável; 2 – desfavorável; 3- não tenho opinião assertiva; 4 – favorável; 5 – completamente favorável. Referente às afirmações, optei por 16 afirmações ligadas aos capítulos anteriores, com as temáticas: dignidade, igualdade, acompanhamento, o acesso às estruturas da Igreja, capacidades, a mulher na sagrada escritura e vida matrimonial. Justificando as nossas opções, seguidamente elencaremos as questões e a devida justificação.

Na primeira afirmação “As mulheres devem estar nos lugares e decisões importantes da Igreja”, vimos que muito se tem discutido o facto da ausência das mulheres nas estruturas da Igreja, bem como muitas vezes não têm sido tomadas em conta nas decisões que envolvem toda a vida eclesial. Com esta questão, pretendemos saber se de facto a mulher, como membro do corpo eclesial, deve ou não participar neste papel.

Na segunda afirmação: “A mulher deve receber o ministério presbiteral”. Apesar de não ser uma questão central da dissertação, mas apesar de ser uma problemática que está muito em voga e que pela qual muitos teólogos estudam, seria pertinente saber, de facto, a opinião do público em geral.

Na terceira afirmação: “É reconhecida a igualdade entre Homem e Mulher na Igreja”. A mulher tem vindo a procurar o seu reconhecimento e igualdade na sociedade e na Igreja. A questão não é nova, mas é algo que se tem vindo a reflectir. Homem e Mulher são diferentes, mas ambos podem complementarem-se e contribuir de igual forma para a Igreja.

Na quarta afirmação: “ A gestão e a liderança das paróquias podem ser entregues a mulheres”. Muitas mulheres assumem com sucesso a liderança de empresas e até mesmo de comunidades. Sabemos também da sua capacidade organizativa e liderança. Com esta questão pretendemos saber se concordam que a mulher pudesse ascender á gestão e organização das paróquias, além do presbítero.

Na quinta afirmação: “As mulheres têm as mesmas capacidades intelectuais, psicológicas e afectivas, que os homens, para assegurarem as mesmas funções que os homens nas comunidades cristãs”. Como sabemos, muitas mulheres frequentam os cursos de teologia ou ciências religiosas, são formadoras, professoras, catequistas. As mulheres têm como característica própria o instituto maternal e de aconselhamento. O objectivo da pergunta é que perante tais qualidades e formação, as mulheres podem assumir ou não alguns cargos nas paróquias, tal como os presbíteros.

Na sexta afirmação: “As mulheres devem estar integradas na formação dos candidatos a presbíteros”. Com a formação teológica e humana que as mulheres têm vindo a ter, também formam nas comunidades religiosas femininas, o objectivo desta afirmação é saber se as características próprias da feminilidade podem dar um bom contributo para os novos sacerdotes lidarem com elas.

Na sétima afirmação: “Se as mulheres começarem a ter maior relevo na Igreja, os homens poderão afastar-se mais da Igreja”. Como sabemos, a maior parte das assembleias litúrgicas é composta por mulheres, apesar da maior parte das funções eclesiais são compostas por homens. O objectivo é saber se, as mulheres começarem a assumir funções, que até hoje eram feitas por homens, estes poder-se-iam ausentar ainda mais.

Na oitava afirmação “A mulher deve poder pregar ou fazer a homilia nas celebrações”. A evangelização é própria e obrigatória para todos os cristãos. Com esta afirmação, pretendo saber, se perante o grande sucesso de muitas leigas na teologia e o excelente testemunho que muitas dão, não seria também pertinente abrir espaço para que elas possam também partilhar e comentar a Palavra de Deus nas celebrações?

Na nona afirmação “Na vida matrimonial, cabe sobretudo à mulher ensinar os valores cristãos aos seus descendentes, bem como acompanhá-los na vida cristã”. Esta afirmação vai ao encontro de factos muito concretos em que a maioria das mulheres é que leva os filhos á catequese e às celebrações litúrgicas, onde observamos a ausência dos homens na vida cristã dos filhos.

Na décima afirmação: “A mulher tem uma maior capacidade de aconselhamento e empatia do que os homens”. A direcção espiritual e o sacramento da reconciliação é algo que diz respeito aos presbíteros, todavia, muitas mães e amigas, com o seu instinto maternal e feminino são as melhores confidentes e conselheiras para quem as procuram, e porque não alargar essa qualidade à comunidade cristã?

Na décima primeira afirmação “Apoiando-se em fundamentos religiosos, ainda há quem julgue que a mulher deve ser submissa ao marido”. Perante uma sociedade patriarcal, o homem é visto como senhor da casa, a quem a mulher era submissa. Hoje em dia, em certos países, a realidade está diferente, mas em outros, a realidade continua de igual forma. Algumas mentalidades ainda se alicerçam a este pensamento.

Na décima segunda afirmação “A postura de Jesus evidencia a igualdade entre Mulher e Homem”. Segundo as Escrituras, a mulher tem vindo a ser destaque em algumas passagens bíblicas, o que mostra que Jesus dá dignidade à mulher, fazendo-as também suas discípulas. Com esta afirmação, pretendemos saber se o público concorda que Jesus quer ou não mostrar que somos uma comunidade de iguais na sua diferença.

Na décima terceira afirmação “Os homens não se sentem acolhidos nas celebrações litúrgicas e para-litúrgicas”. Não se poderá falar apenas da mulher, sem falar também do homem, porque ambos complementam-se. A afirmação lançada vai ao encontro da grande ausência de homens na participação das celebrações.

Na décima quarta afirmação “Os últimos Papas têm reflectido suficientemente sobre o papel da mulher na Igreja e na Sociedade”. Depois do Concílio Vaticano II, muitos Papas têm reflectido sobre o Papel da Mulher, no entanto ainda poucos passos foram dados. Será que se tem analisado bem e suficientemente este assunto?

Na décima quinta afirmação: “Estamos a transitar, na Igreja, de uma postura mais passiva da mulher para uma postura mais activa”. A mulher começou a afirmar-se na sociedade, será que estamos a passar para uma nova postura mais activa na Igreja?

Por último, na décima sexta afirmação: “As mulheres e os homens são considerados de igual dignidade na Igreja e na Sociedade”. Dignidade é reconhecer no outro um filho amado por Deus, em que é visto como irmão. Reconhecer no outro também o seu papel e importância. Portanto, esta afirmação vai ao encontro da postura que, numa comunidade eclesial, deve ser assumida: reconhecimento e importância de todo o corpo eclesial.

Para a divulgação deste questionário, como meios, recorreremos às redes sociais, particularmente o *facebook e whatsapp*, através de um link. Os inqueridos foram homens e mulheres localizados em Portugal Continental.

3.2.1.2. Entrevistas

O método da entrevista torna-se importante, no sentido em que se estabelece diálogo com pessoas concretas e importantes para o nosso tema. A entrevista foi um recurso necessário, pois algumas questões do questionário digital, nos resultados finais, tiveram respostas que prefiguram como ambíguas e pouco esclarecedoras. Após este resultado, escolhemos alguns temas das questões²²⁰, elaborando um guião para o diálogo, onde focámos uma ou outra questão de acordo com a área do entrevistado. As entrevistas foram de resposta aberta, com o intuito de haver uma maior diversidade de informações. De seguida, elencámos as questões que pretendemos esclarecer: “considera que a Igreja reconhece o papel da mulher?”; “considera que o papel da mulher, na Igreja, é equiparado à do homem?”; “considera que a gestão e a liderança das paróquias podem ser entregues também às mulheres?”; “considera que a Igreja reconhece a dignidade da mulher?”; “como vê hoje a presença e participação da mulher na Igreja?”; “considera que na vida matrimonial, a educação cristã dos filhos cabe sobretudo à mulher ou a ambos os conjugues?”; “apoiando-se

²²⁰ Cf. Anexo 2

em fundamentos religiosos, considera que a mulher deve ser submissa ao marido. Concorda com esta afirmação?"; "considera que os homens se sentem motivados e integrados na vida da Igreja? Porquê?"; "Como considera a participação dos homens na vida litúrgica da Igreja?"; "considera que a mulher ode ser um agente activo no aconselhamento e direcção espiritual?"; "considera que a mulher pode dar o seu contributo na formação dos candidatos ao sacerdócio?"; "considera que a mulher pode aceder aos ministérios ordenados?"; "como é que a Igreja pode abrir-se a uma maior responsabilização da mulher nas suas estruturas?".²²¹

Na escolha dos inquiridos, tivemos em conta vários parâmetros. Nos anexos, em cada entrevista colocámos uma observação onde justificámos a escolha do inquirido.

De forma geral, declaramos que para o tema da feminilidade e masculinidade, questionámos médicos e psicólogos católicos, que conhecem bem a realidade humana, psíquica e religiosa, quer em mulheres, quer em homens consagrados ou leigos. Tendo presente as diferenças entre o género feminino e masculino²²², tivemos o objectivo de conhecer melhor o pensamento feminino e masculino, bem como as suas capacidades psíquicas, que podem ter influência na atribuição de cargos na vida eclesial e social.

Tendo em conta o tema da vocação e Tradição da Igreja, optámos por inquirir sacerdotes que estão inseridos na formação dos candidatos ao presbiterado e que estão frente de organizações eclesiais e dioceses. O Seminário é a casa-mãe da formação dos futuros presbíteros, bem como casa de formação para alguns cargos da Igreja. Os formadores conhecem bem os seus formandos e assumem um papel decisivo no seu processo de discernimento, bem como ajudam o candidato a assumir competências e instrumentos para presidirem as comunidades confiadas. O objectivo desta escolha é perceber se a formação tem tido em conta a valorização de cada membro eclesial, na organização das comunidades²²³.

A nível de participação da mulher no decurso da vida eclesial nas pastorais eclesiais, como a pastoral juvenil, escolhi catequistas, responsáveis de grupos de jovens e inseridos em algum movimento eclesial. A mulher tem-se destacado nestes âmbitos. Tive como objectivo saber se de facto estes inqueridos têm sentido alguma desvalorização da mulher e que medidas apontariam para uma maior participação²²⁴.

Estando a Igreja inserida na sociedade e sendo ela leitora dos sinais dos tempos, achámos pertinente questionar algumas figuras públicas da sociedade portuguesa, que estão

²²¹ Cf. Anexo 2

²²² Cf. "A dignidade da mulher e do homem. A especificidade do género feminino e masculino", do capítulo 2 da presente dissertação.

²²³ Cf. "Chaves eclesiológicas para a inclusão das mulheres", do capítulo 2

²²⁴ Cf. "Chaves eclesiológicas para a inclusão das mulheres", do capítulo 2

também ligadas à vida eclesial. O objectivo foi perceber se a mulher tem capacidade de liderança e que contributo, ela, pode dar à vida da Igreja²²⁵.

Sendo a liturgia assimiladora de vários serviços, em que todo o cristão pode participar, questionámos também pessoas ligadas a esta área. Tendo como meta a percepção da motivação e participação de mulheres e homens na liturgia²²⁶. Assim, com as respostas obtidas, iremos tirar algumas conclusões que os permitirão ter uma percepção do que uma amostra da sociedade pensa sobre o papel da mulher na Igreja em diferentes áreas.

3.3. Interpretação de dados

Seguidamente, numa primeira parte, apresentaremos os resultados obtidos nos inquéritos on-line, onde apresentaremos a interpretação e gráfico de acordo com cada ponto do questionário. Numa segunda parte, apresentaremos a análise de conteúdos e conclusões das entrevistas, por unidades temáticas.

3.3.1. Inquéritos *on-line*.

Perante a excelente recepção dos inquéritos *on-line*, obtivemos um número de 528 respostas, dos quais 70,9% foram compostos por público *feminino* e 29,1% público *masculino*. Destacamos que, o alvo não foi apenas público feminino, mas o público feminino foi o que aderiu melhor este inquérito, talvez por um maior interesse pela questão.

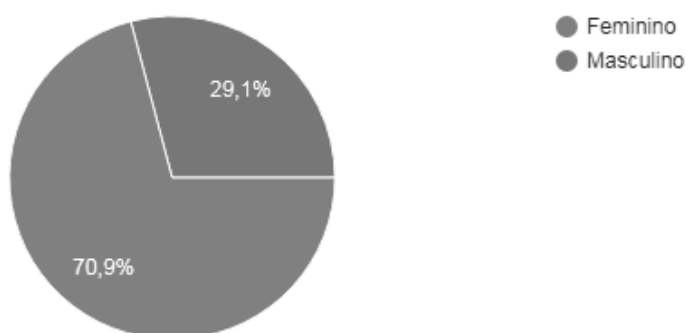


Gráfico 1 Género

²²⁵ Cf. “Antigo Testamento: a mulher em Israel, do capítulo 1; “A necessidade reflectir sobre o papel e o carisma da mulher na Igreja” do capítulo 2.

²²⁶ Cf. “A presença dos leigos no governo e na missão da Igreja” do capítulo 2.

3.3.1.2 Habilitações literárias

A pluralidade dos membros da Igreja é fundamental para uma Igreja viva, cujos membros são todos importantes, quer os habilitados escolarmente quer os sem habilitações literárias²²⁷. Resultado disto, obtivemos um maior nível de respostas veio de pessoas com licenciatura e 12ºano. Não desvalorizando os valores com menor número de respostas, ficamos com a percepção que o assunto pode não ter muita relevância para este nível de ensino, mas só com outro tipo de abordagem podemos ter uma resposta mais clara.

Tabela 1 “Quais são as habilitações literárias? (indique, por favor, o nível de escolaridade que concluiu)”

<i>Quais são as suas habilitações literárias? (indique, por favor, o nível de escolaridade que concluiu)</i>		
Tipo	Porcentagem	NºPessoas
Sem habilitações literárias	0%	0
4ºano	1,3%	7
6ºano	1,3%	7
9ºano	5,7%	30
12ºano	25,6%	135
A frequentar o ensino superior	1 %	7
Licenciatura	39,3%	207
Mestrado	18,4%	97
Bachelorato	4,6%	24
Doutoramento	2,7%	14
TOTAL:	100%	528

3.3.1.3. Faixas etárias

O maior número de respostas fora dado por indivíduos dos 31 aos 40. Podemos interpretar que é nesta fase, que depois os estudos concluídos, eles têm uma maior capacidade de reflexão sobre os problemas eclesiais e sociais. Digamos que estão a passar de uma fase mais passiva, em que vivenciaram momentos em que tomaram consciência da situação da Igreja e que querem passar a uma fase mais activa, ver ou não melhorada o papel dos leigos na Igreja.

²²⁷ António José de Almeida, *Novos ministérios: a necessidade de um salto à frente* (São Paulo: Ed.Paulinas, 2013), 50-53.

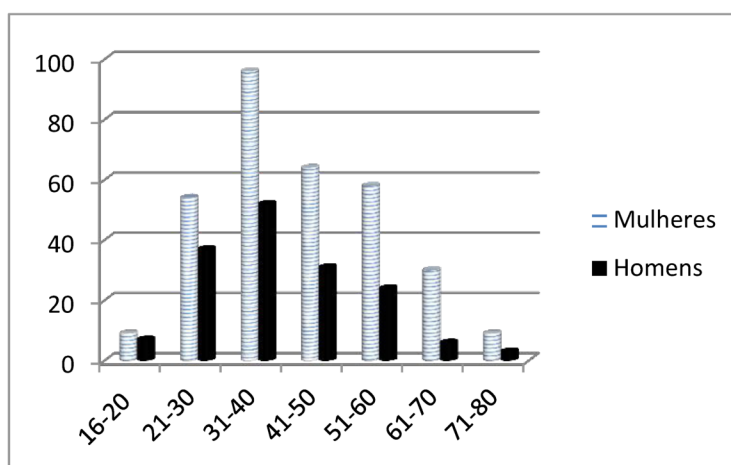


Gráfico 2 Número de pessoas por faixas etárias

3.3.1.4. Situação laboral

Quanto à situação laboral dos inquiridos, a maior percentagem refere-se aos de situação profissional *empregado* (69,7%), seguida de uma percentagem bastante mais reduzida de *estudantes* (12,3%). No entanto, salientamos que apenas 2 (0,4%) corresponde ao número de *domésticas*, que responderam. É de valorizar o interesse dos leigos *empregados* sobre esta questão em contraposição com as *domésticas*. De facto, parece que os leigos apresentam uma maior disponibilidade para reflectir sobre estes temas.

Tabela 2 “Qual a sua situação laboral”

<i>Qual a sua situação laboral?</i>		
Situação laboral	Percentagem	Nº pessoas
À procura do 1º emprego	1,1%	6
Estudante	12,3%	65
Empregado/a	71,5%	377
Desempregado/a	5,9%	32
Aposentado/a	8,2%	43
Trabalhador/estudante	0,6%	3
Doméstica	0,4%	2
TOTAL	100%	527

3.3.1.5. Estado Civil

Praticamente com a mesma percentagem de respostas, aparecem os grupos de *solteiros* (45,16%) e *casados pela Igreja* (43,45%). Em contraposição, verificamos que os que estão *casados pelo civil* e em *união de facto* apresentam percentagens baixas de respostas.

Tabela 3 “Qual o seu estado civil?”

<i>Qual é o seu estado civil?</i>		
Estado Civil	Percentagem	Nº pessoas

Casado/a pela Igreja	43,45%	229
União de facto	5,88%	31
Solteiro/a	45,16%	238
Viúvo/a	2,47%	13
Casado só pelo civil	3,04%	16
TOTAL	100%	527

3.3.1.6. Diocese

As dioceses que mais responderam ao inquérito foram: *Braga* (29,6%), seguido de *Lisboa* (22,4%). Em contraposição, abaixo de 1% temos 9 dioceses, pois encontramos algumas dificuldades na divulgação do questionário.

Tabela 4 “A que diocese pertence?”

<i>A que diocese pertence?</i>		
Diocese	Percentagem	Nº pessoas
Algarve	1,5%	8
Angra	3,4%	18
Aveiro	0,9%	5
Beja	0,6%	3
Braga	29,6%	156
Bragança-Miranda	1,9%	10
Coimbra	1,3%	7
Évora	5,5%	29
Forças Armadas e Forças de Segurança	0,8%	4
Funchal	0,9%	5
Guarda	5,7%	30
Lamego	0,6%	3
Leiria-Fátima	7,4%	39
Lisboa	22,4%	118
Portalegre-Castelo Branco	0,8%	4
Santarém	0,6%	3
Setúbal	3,8%	20
Viana do Castelo	2,1%	11
Porto	9,3%	49
Viseu	0,2%	1
Vila Real	0,8%	4
TOTAL	100%	527

3.3.1.7. Compromisso apostólico

Com uma maior percentagem e não maioria, temos um número significativo de inquiridos *sem compromissos apostólicos* (38,2%). Em contraposição, as restantes percentagens dos compromissos estabelecem uma maioria de inquiridos ligados a vários movimentos e serviços eclesiais. Importa realçar que o maior número de inquiridos ligados a

serviços eclesiais corresponde ao *Grupo Coral* (9,2%) e o *menor a sacristão/a* (0,6%) e *director de IPSS's* (0,6%).

Tabela 5 “Tem algum compromisso apostólico?”

<i>Tem algum compromisso apostólico?</i>		
Compromisso	Percentagem	Nº pessoas
Não tenho	38,2%	192
Grupo Coral	9,2%	46
Grupo socio-caritativo	2,4%	12
Movimentos eclesiais	6,2%	31
Associação de fiéis	1,8%	9
Limpeza e manutenção do espaço de culto	2,2%	11
Sacristão/a	0,6%	3
Animador/a de grupos de jovens	6,8%	34
Director/a de IPSS's	0,6%	3
Ministro/a Extraordinário/a da Comunhão	3,4%	17
Leitor/a	7%	35
Religioso/a	6,4%	32
Seminarista	3,6%	18
Clérigo	6,2%	31
Acólito/a	1%	5
Catequista ou formador/a de catequistas	4,4%	22
TOTAL	100%	527

3.3.1.7 A Igreja valoriza o papel das mulheres na Igreja

A questão incorre numa duplicação dos termos, porque pergunta-se se a Igreja valoriza o papel da mulher na Igreja. As respostas tanto podem significar o que o inquirido considera sobre o papel da mulher neste âmbito. Mas, em princípio, uma resposta afirmativa pressupõe uma apreciação também positiva da própria Igreja, na medida em que se infere que o sujeito inquirido tem uma opinião positiva sobre a mulher e o seu papel na comunidade eclesial. *É muito significativo que seja mínimo o número de pessoas que discordam absolutamente*, o que deve ser interpretado no sentido de que a maioria das pessoas, se validamente representadas pelos inquiridos, não discorda totalmente da Igreja neste particular nem, presumivelmente, noutras questões. Note-se, contudo, que muitos dos que responderam a este questionário são crentes. Também é esclarecedor *que a grande maioria das respostas tenham sido no sentido de uma certa indecisão*: é, com diferença, a opção preferida pelos interrogados. Pode ser que, como a questão era muito genérica, algumas das pessoas entrevistadas não se tenham considerado abalizada para dar uma resposta que, na realidade,

abarcaria toda a doutrina e prática eclesial. De todos os modos, voltamos a sublinhar que não parece ser sociologicamente verdade que a grande maioria das pessoas encara criticamente o modo como a Igreja católica valoriza as mulheres, não obstante a sua interdição para o presbiterado, o episcopado e também, segundo os dados recentes de uma investigação promovida por iniciativa do Papa Francisco, o diaconado²²⁸. Quer isto dizer que a sociedade moderna aceita pacificamente que se distinga, não na dignidade, mas na funcionalidade, o homem e a mulher? Talvez, muito embora não seja possível afirmá-lo com absoluta certeza. Tanto os que concordam com a pergunta, como os que com ela concordam plenamente, fazem com que a posição maioritária dos indecisos tenda para o lado positivo, em detrimento do sector crítico dos que discordam totalmente, ou simplesmente discordam. Com efeito, a soma dos que optaram pelas respostas 4 e 5 é significativamente superior à totalidade das respostas 1 e 2. Mais uma vez se pode, portanto, concluir que, em geral, os *inquiridos encaram positivamente a forma como a Igreja aprecia as mulheres*.

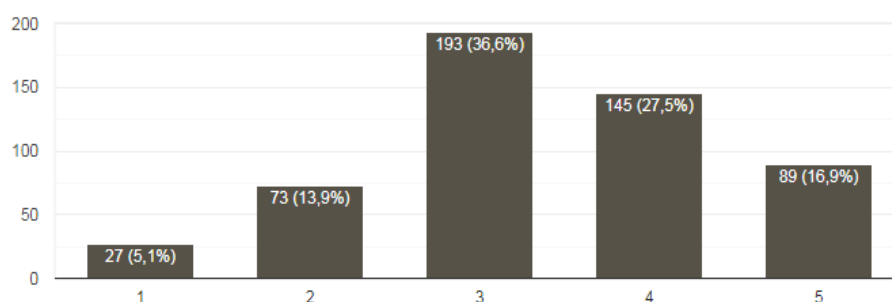


Gráfico 3 “A Igreja valoriza o papel das mulheres na Igreja”

3.3.1.8 As mulheres devem estar nos lugares de decisões importantes da Igreja

As respostas à pergunta sobre a possibilidade das mulheres ocuparem lugares de topo na organização eclesiástica obedece a uma lógica claramente crescente, com a única excepção de ser relativamente *maior o número dos que simplesmente discordam do que o dos que discordam totalmente*. Não se pode deixar de chamar a atenção para o facto da maioria dos que responderam a este inquérito concordar plenamente com a resposta positiva a esta questão. Em termos eclesiais, estas respostas colocam uma questão interessante: pode a mulher, mesmo não tendo recebido o sacramento da Ordem, exercer um múnus análogo ao dos párocos nas suas paróquias e aos bispos nas suas dioceses, ou a capitalidade destes, e daqueles enquanto a estes associados, pressupõe necessariamente o sacramento da Ordem? As

²²⁸ Diálogo do Papa Francisco com as participantes na Plenária da União Internacional das Superiores Gerais, 12 de maio de 2016. http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/may/documents/papa-francesco_20160512_uisg.html

abadessas exercem um papel fundamental na vida dos seus mosteiros, próprio do seu múnus (CIC 617-640), que assim permitiria responder afirmativamente à questão, com reserva, contudo, daquelas competências para auxiliar nas decisões da Igreja, salvaguardando que, pela sua própria natureza sagrada, exigem o sacramento da Ordem. Outra questão, análoga à que aqui se responde, é a de saber se as respostas tão positivas dadas a esta pergunta estão relacionadas com o carácter feminino ou laical. Ou seja, os mesmos que afirmam que concordam plenamente com a presença de mulheres nos lugares cimeiros da organização eclesial, dizem-no porque são mulheres ou apenas porque são leigas?

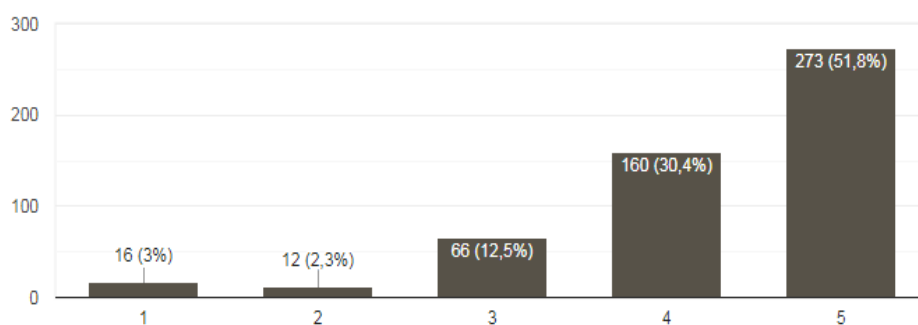
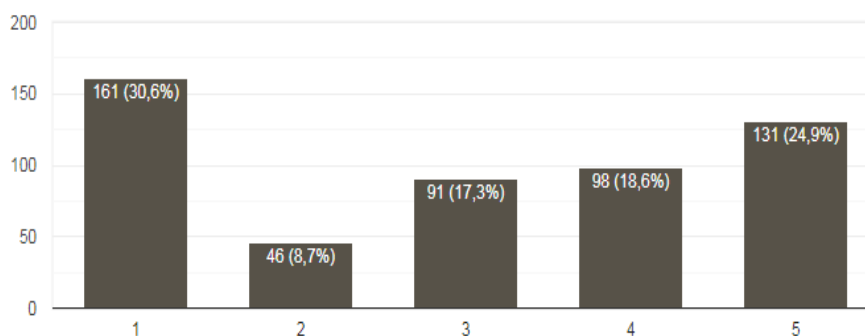


Gráfico 4 “As mulheres devem estar nos lugares de decisões importantes da Igreja”

3.3.1.9 A mulher deve receber o ministério ordenado

É verdade que, ao estar vedado, às mulheres cristãs, o Sacramento da Ordem, ao concordar plenamente com a ocupação dos lugares mais importantes da Igreja por mulheres, estão implicitamente a concordar com a sua ocupação por leigos, pelo menos no sentido de pessoas que não receberam nenhum dos três graus do Sacramento da Ordem. Poderá ser interessante destringir, entre as mulheres cristãs, as religiosas das leigas, daí será uma afirmação para uma nova análise. Poderíamos reflectir sobre a possibilidade de algumas mulheres puderem estar à frente de algum dicastério da Santa Sé, ou de departamentos diocesanos. No entanto, na actualidade já existe abertura ao acesso das mulheres em certos organismos na Igreja, como por exemplo: o Papa Francisco, em Abril de 2018, nomeou três mulheres como consultoras da congregação da Doutrina da Fé, entre outros. Também não seria de estranhar que se possibilitasse o acesso feminino à carreira diplomática da Santa Sé.

Gráfico 5 “A mulher deve receber o ministério presbiteral”



3.3.1.10 É reconhecida a igualdade entre o homem e a mulher na Igreja

Na comunidade dos fiéis há *um sentimento maioritário de que não é reconhecida na Igreja a igualdade entre o homem e a mulher*. Porventura esta percepção é a mais generalizada entre os não fiéis que têm também a noção de que a Igreja é sobretudo masculina, porque sempre que a Igreja, em termos oficiais intervêm, é sempre pela presença de um homem, neste caso do Papa.

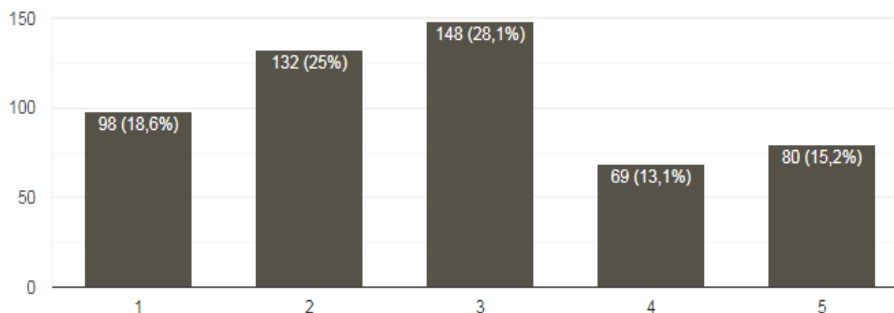


Gráfico 6 “É reconhecida a igualdade entre o Homem e a Mulher na Igreja”

3.3.1.11 A gestão e a liderança das paróquias podem ser entregue a mulheres

O facto da *grande maioria dos inquiridos concordarem* com essa possibilidade, não tem que ser necessariamente contrária ao entendimento em que o ministério presbiteral esteja reservado aos homens. De modo análogo, como as comunidades religiosas femininas estão em princípio sob o governo de uma abadessa ou madre superiora, que recorre ao capelão para o trabalho especificamente para administração dos sacramentos, que requerem a sua intervenção. Também seria possível que na paróquia se distinguisse um cargo de administração, eventualmente atribuído a mulheres, do exercício do ministério presbiteral. Podemos destacar também que seria conveniente que as funções directivas de um centro paroquial e social, hospital católico, colégio, etc.. não fossem confiadas a um presbítero, mas a um leigo/a, capacitado para o exercício dessas funções em que a condição feminina em nada poderia obstar. Uma visão do ministério ordenado como expressão do poder da Igreja tende assimilar os cargos directivos com a condição de ministro ordenado. Contudo uma visão desse mesmo ministério, centrada no serviço, não só parece ser mais evangélica como permitiria às mulheres exercerem cargos para os quais de momento não são escolhidas.

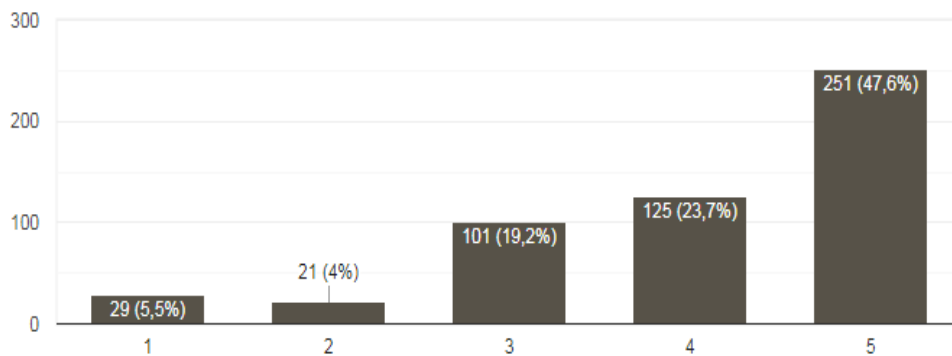


Gráfico 7 “A gestão e liderança de paróquias podem ser entregues a mulheres”

3.3.1.12 As mulheres têm as mesmas capacidades, intelectuais, psicológicas e afectivas, que os homens para assegurarem as mesmas funções que os homens nas comunidades eclesiais.

Não se pode dizer que a mulher é superior ou inferior ao homem em nenhuma das faculdades próprias do ser humano. *A grande maioria concorda* com a afirmação. Portanto podemos então interpretar que não se pode qualificar as capacidades referidas na questão. Se o modo masculino e o modo feminino, sendo equivalentes são também complementares, como está presente na constituição natural da família humana, então seria lógico pensar que a Igreja, nos seus diversos níveis de actuação apostólica deveria saber conjugar o masculino e feminino. Um tipo de organização que exclua de alguma forma, é sempre incompleto.

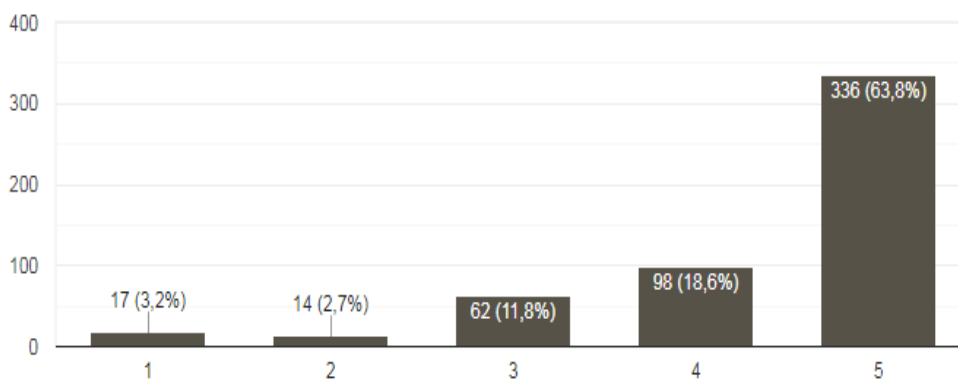


Gráfico 8 “As mulheres têm as mesmas capacidades intelectuais, psicológicas e afectivas que os homens para assegurarem as mesmas funções que os homens nas comunidades eclesiais”

3.3.1.13 As mulheres devem estar integradas na formação dos candidatos a presbíteros.

Há um aspecto da formação do seminário, que está dirigida para um modo de vida presbiteral e portanto deve ser exclusiva dos candidatos ao sacramento da ordem. Todos os aspectos, que dizem respeito á formação teológica e espiritual dos cristãos são válidos para homens e mulheres. É muito interessante que a mulher possa ter uma participação activa na formação dos candidatos, como responderam *os inquiridos ao concordar com a afirmação*.

Seria interessante abordar alguns psicólogos sobre a capacidade que a mulher possa ter para a formação dos candidatos, em todos os níveis do ser pessoa. Na medida em que o presbitério está chamado a viver sozinho, como acontece numa grande parte dos casos, existe competências mais tipicamente femininas que deveriam fazer parte na formação dos seminários. No entanto é uma questão que vamos averiguar com a entrevista de alguns formadores do seminário.

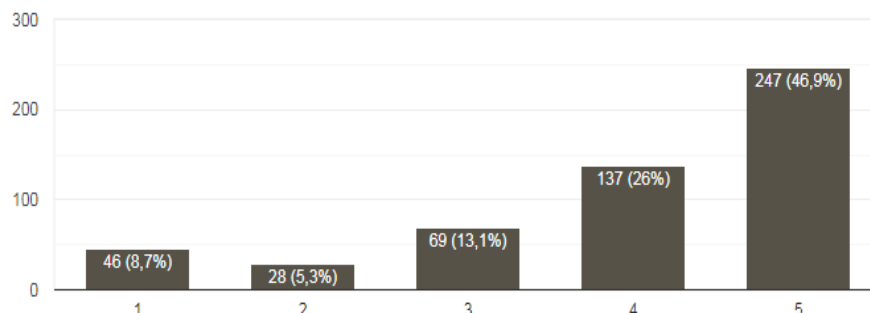


Gráfico 9 “As mulheres devem estar integradas na formação dos candidatos a presbíteros”

3.3.1.14 Na vida matrimonial, cabe sobretudo à mulher ensinar os valores cristãos aos descendentes, bem como acompanhá-los na vida cristã.

Provavelmente a *taxa elevada de discordância, pode ser interpretada da seguinte forma*: a afirmação pode sugerir que a mulher é mais capacitada do que homem numa determinada competência parental ou que ambos os conjugues têm esse papel. Quanto ao nível de concordância, podemos interpretar que a própria comunidade eclesial é identificada com uma mulher, a Igreja. Parece, portanto, mais natural que a mãe, mulher, seja a primeira catequista dos seus filhos. No entanto, *quanto á taxa significa dos que não têm uma opinião formada*, podemos também concluir, que a importância do papel a mulher-mãe, não exclua o protagonismo, o pai-marido, da sua cota responsabilidade na educação cristã.

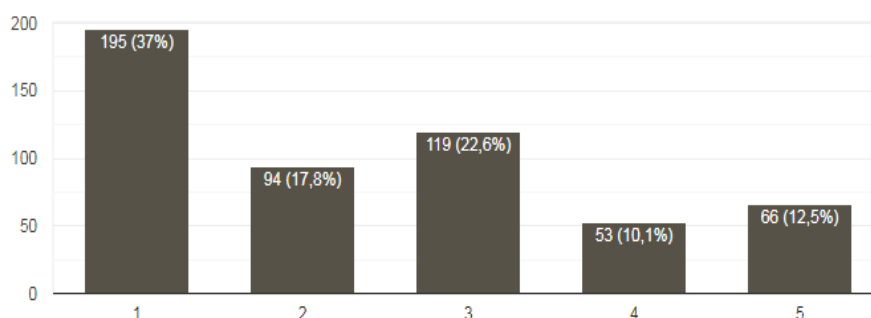


Gráfico 10 “Na vida matrimonial, cabe sobretudo à mulher ensinar os valores cristãos aos seus descendentes, bem como acompanhá-los na vida cristã”

3.3.1.15 Se as mulheres começarem a ter maior relevo na Igreja, os homens poderão afastar-se mais da Igreja

Um maior protagonismo da mulher na vida eclesial não leva a um maior afastamento do homem, como nos mostra a *percentagem de discordância da afirmação*. No entanto é de destacar o número dos inquiridos que não têm opinião, porque ou são indiferentes ou tem reservas perante o problema.

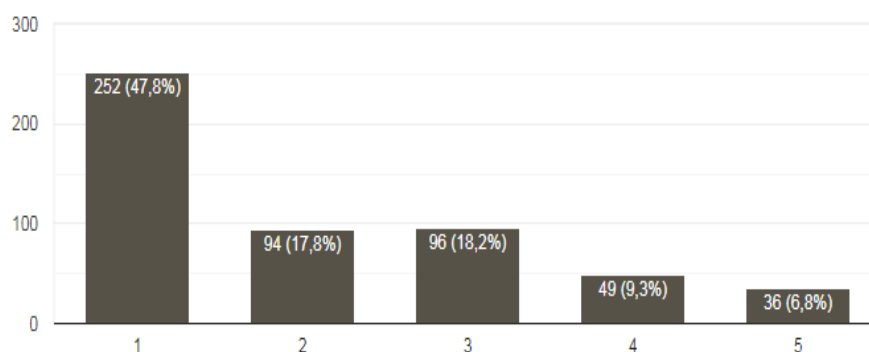


Gráfico 11 “Se as mulheres começarem a ter maior relevo na Igreja, os homens poderão afastar-se mais da Igreja”

3.3.1.16 A mulher deve poder pregar ou fazer homilias nas celebrações

A união da celebração da palavra com a celebração eucarística parece exigir que o mesmo ministro da palavra, responsável por fazer a homilia (CIC 767) seja também o da eucaristia o que pode ser interessante é que o ministro da mesma forma como a Eucaristia é para todos, embora seja só por ele presidida, esteja também presente o discurso feminino na liturgia da palavra, quer recolhendo testemunhos de mulheres cristãs, que poderá a partilhar. No entanto, a pregação da Palavra de Deus pode ser feita também por leigos ou membro de institutos de vida consagrada (CIC 758, 759). Assim, podemos considerar que perante *os resultados maioritários dos que concordam*, os inquiridos consideram que intervenções enriquecem a própria celebração e ajuda a mulher no sentido em que ela não se veja como destinatária, mas também como protagonista.

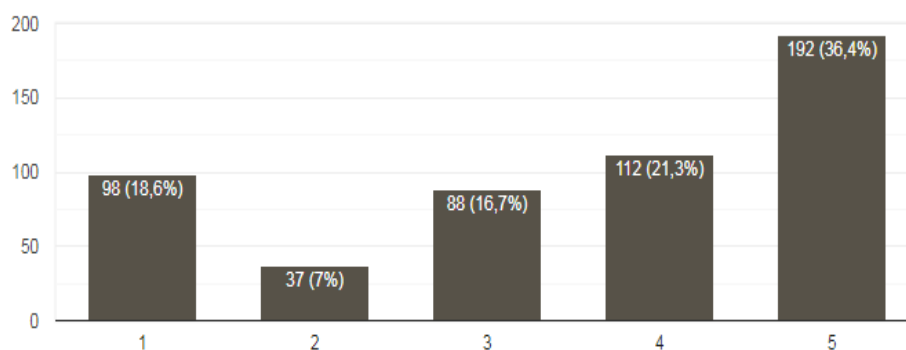


Gráfico 12 “A mulher deve poder pregar ou fazer homilias nas celebrações”

3.3.1.17 A mulher tem uma maior capacidade de aconselhamento e empatia do que os homens

Perante a resposta maioritária dos que não têm opinião, poderíamos justificar que a questão não passa propriamente pela capacidade, porque existem homens e mulheres capacitadas ou não para esta função. Provavelmente as mulheres têm uma intuição específica que completa a intuição masculina e vice-versa. Enquanto o homem tem uma inteligência mais teórica, a mulher tem uma inteligência mais prática e ligada às pessoas.

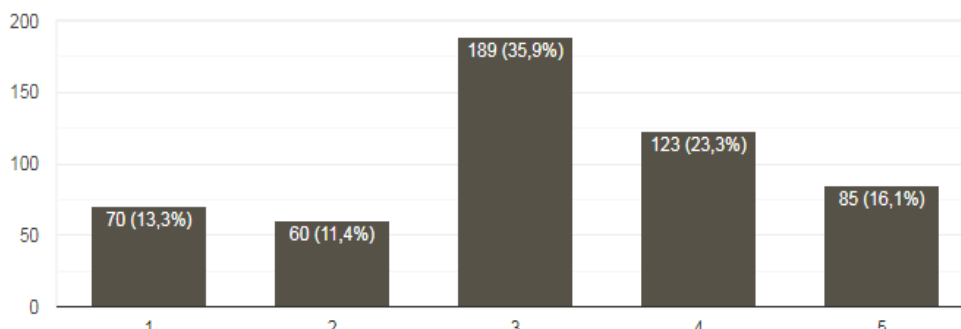


Gráfico 13 “A mulher tem uma maior capacidade de aconselhamento e empatia que os homens”

3.3.1.17 Apoiando-se com fundamentos religiosos, ainda há quem julgue que a mulher deve ser submissa ao marido.

A resposta a esta questão reflecte-se o nível de formação religiosa da pessoa questionada. Ou seja, quem afirma que há uma fundamentação religiosa da submissão da mulher ao marido não é necessariamente favorável a essa submissão, embora entenda que essa atitude é supostamente exigida por realidades concretas. Perante os dados, a soma dos que concordam têm consciência desta realidade. No entanto, os que discordam, cujos valores são os maiores, mostra que há uma certa evolução no pensamento da sociedade

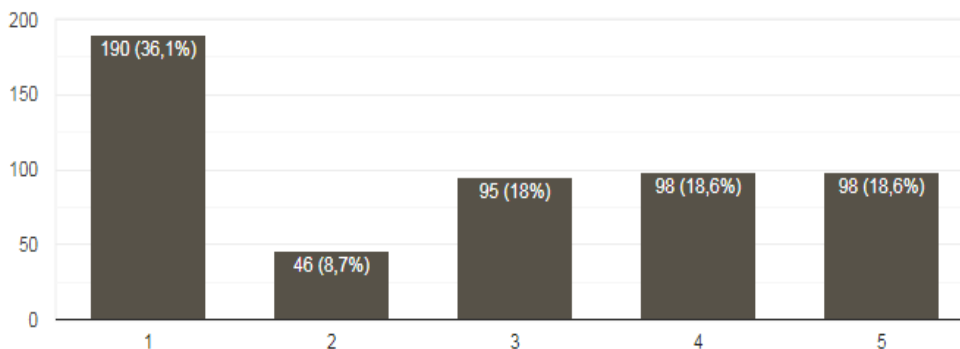


Gráfico 14 “Apoiando-se com fundamentos religiosos, ainda há quem julgue que a mulher deve ser submissa ao marido”

3.3.1.18 A postura de Jesus evidencia a igualdade entre homens e mulheres

A maioria dos inquiridos não tem dúvidas em afirmar que a atitude de Jesus não foi discriminatória para os homens e mulheres do seu tempo. Provavelmente se esta pergunta fosse sobre a atitude da Igreja e não de Jesus a resposta não seria a mesma, do qual se poderia concluir que esta não equiparação dificulta o reconhecimento da Igreja como Cristo Vivo.

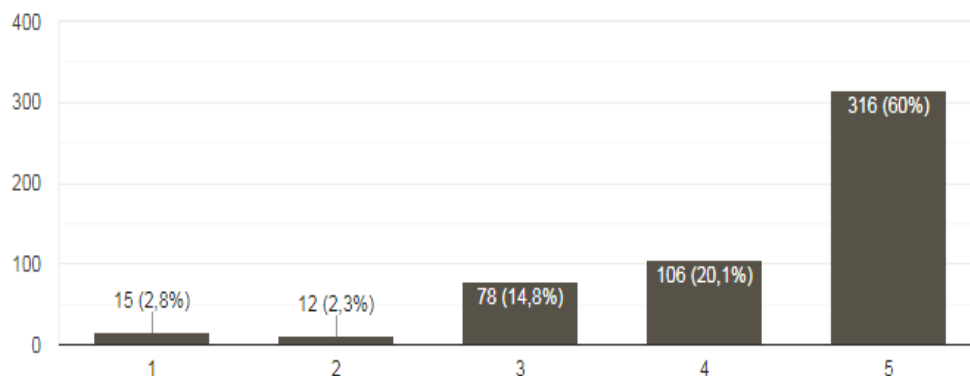


Gráfico 15 “A postura de Jesus evidencia a igualdade entre homens e mulheres”

3.3.1.19 Os homens não se sentem acolhidos nas celebrações litúrgicas e para-litúrgicas

Se a celebração está muito centrada em conteúdos afectivos, e os homens sentem-se menos envolvidos ou conectados com este tipo de linguagem ou sentimentos. Se a pregação for mais teórica e racional talvez mais homens a ela possam aderir. Embora o grau de adesão também dependa da sua própria cultura e capacidade intelectual. Para uma interpretação dos resultados maioritários dos sem opinião, podemos dizer que valia a pena, em termos pastorais, procurar um público-alvo mais homogêneo para poder ter uma acção mais funcional dos destinatários? Ou pelo contrário, interessa que a palavra transmitida seja católica, também no sentido universal. Talvez se possa afirmar que em geral não há razão para distinguir o público feminino e masculino, daí também uma das maiorias dos inqueridos discordar com a afirmação.

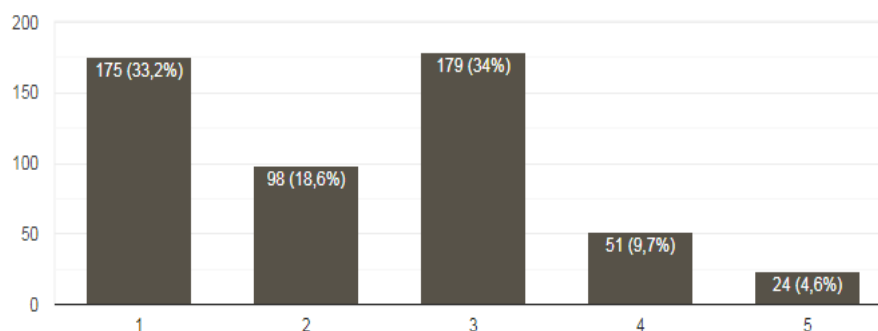


Gráfico 16 “Os homens não se sentem acolhidos nas celebrações litúrgicas e para-litúrgicas”

3.3.1.20 Os últimos Papas têm reflectido suficientemente sobre o papel da mulher na Igreja e na Sociedade

Um sinal positivo dos tempos modernos é o da igualdade entre homens e mulheres. E o da maior participação da mulher na vida social, eclesial, política, entre outros. Perante os resultados, *os inqueridos concordam, maioritariamente*, que o magistério pontifício tem reflectido sobre o papel da mulher. Até mesmo se têm aberto muitos apostolados da Igreja à participação feminina e reconhecendo cada vez mais o seu mérito. No entanto, *muitos também, em grande número, não têm opinião*, logo podemos considerar que ou não acompanham o que diz o magistério ou consideram insuficiente a reflexão que se tem feito

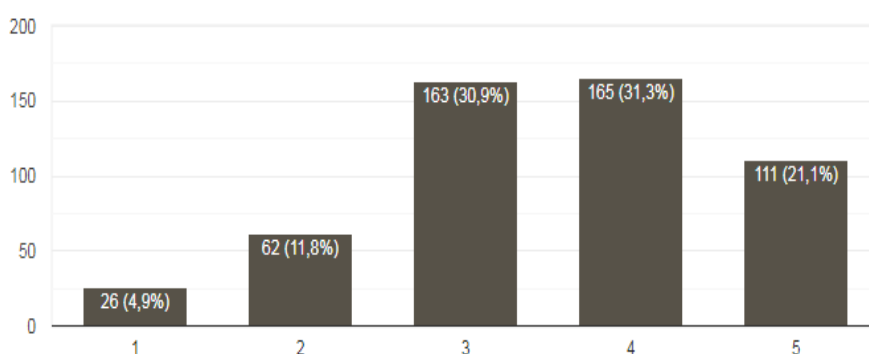


Gráfico 17 “Os últimos Papas têm reflectido suficientemente sobre o papel da mulher na Igreja e na Sociedade”

3.3.1.21 Estamos a transitar, na Igreja, de uma postura mais passiva da mulher para uma postura mais activa.

Perante uma *grande maioria de concordância* desta afirmação, podemos constatar efectivamente que a mulher tem um maior papel activo, como as próprias mulheres disso têm consciência, visto os nossos inqueridos serem maioritariamente público feminino.

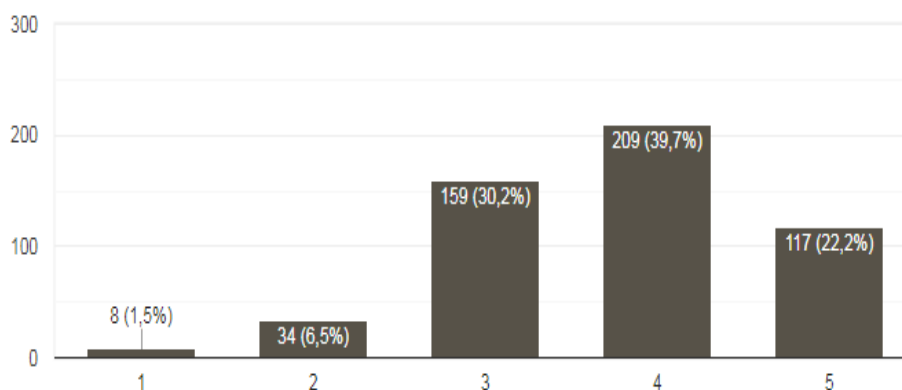


Gráfico 18 “Estamos a transitar, na Igreja, de uma postura mais passiva da mulher para uma postura mais activa”

3.3.1.22 As mulheres e os homens são considerados de igual dignidade na Igreja e na Sociedade

Segundo gráfico, *podemos considerar que os inquiridos tomam como assente a igual dignidade de homens e mulheres*. Poderia ser interessante, e servido como explicação para os que não têm opinião, também se tivéssemos em consideração que essa igualdade na dignidade não necessariamente implica igualdade das funções eclesiais. Por exemplo, ser pai tem a mesma dignidade do que ser mãe, mas a mãe tem competências específicas.

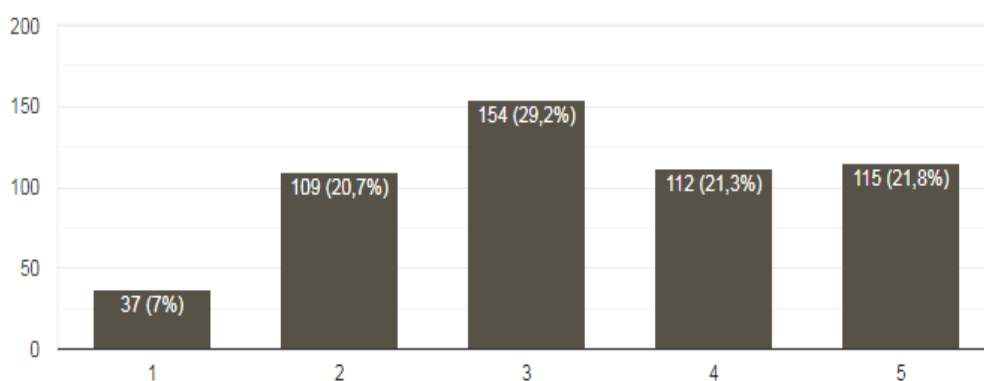


Gráfico 19 “As mulheres e os homens são considerados de igual dignidade na Igreja e na Sociedade”

3.3.2 Análise das Entrevistas

Para interpretarmos e compreendermos melhor as opiniões dos inqueridos, vamos proceder ao seguinte método: leituras gerais e particulares das entrevistas; agrupar as questões por temas, sublinhar palavras e afirmações pertinentes; e confrontamos as mais diversas opiniões. Seguidamente, em rascunho, irá ser elaborado um quadro com as diversas opiniões, por temas.²²⁹

Depois da análise, iremos apresentar por pontos ou categorias iniciais, onde é apresentado o tema, e dentro delas confrontaremos com categorias intermediárias²³⁰, ou seja as opiniões dos religiosos ou clérigos e leigos, onde é abrangido as opiniões femininas e masculinas com aspectos positivos e negativos. E no final de cada ponto, confrontaremos com o referencial teórico já estudado.

3.3.2.1 O reconhecimento da mulher na Igreja

²²⁹ Cf. Andressa Hennig Silva; Maria Ivete, “Análise de Conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos”, *Revista electrónica Qualitas*, vol.17,1 (2015): 3-5.

²³⁰ Cf. Andressa Hennig Silva; Maria Ivete, “Análise de Conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos”: 8-10.

O reconhecimento da mulher é uma das questões fundamentais, pois discute-se a visibilidade da mulher na Igreja. Segundo o primeiro inquérito²³¹, cuja questão focou a valorização da mulher por parte da Igreja, os resultados não são esclarecedores e concisos, logo foi necessário uma abordagem mais concreta. Assim, segundo o ponto de vista dos religiosos e clérigos, eles destacam que está a haver um progresso significativo no papel do leigo, bem como a sua participação²³². Consideram que começa a existir uma maior sensibilidade e consciência para o feminino²³³, bem como a valorização da personalidade feminina no seio da Igreja, que, como destaca D. José Cordeiro²³⁴, bispo da diocese da Bragança-Miranda e responsável pelo departamento de liturgia em Portugal, deve ser reconhecido a necessidade do contributo da mulher na vida eclesial. Apesar de a Igreja reconhecer o papel da mulher, destacam que os fiéis deveriam ter uma maior consciência esclarecida sobre a dignidade da mulher e apontam que muitos clérigos veem a mulher apenas como uma mera auxiliar²³⁵.

Nos leigos, constatamos existir uma dualidade de opiniões, apesar de ser apontado mais aspectos negativos. No entanto, praticamente todos os inqueridos dizem que a Igreja reconhece o papel da mulher. Segundo Rosa Ribeiro, casada, leiga e missionária, diz que valorização da mulher tem vindo a acontecer, algumas vezes influenciada pela pressão social²³⁶, mas não o valoriza como devido²³⁷, sendo muitas vezes um papel secundário²³⁸, serviço e sem visibilidade²³⁹ e um reconhecimento que só é dado no seio da família e sociedade²⁴⁰. Existe uma abertura e esforço à reflexão da importância da mulher²⁴¹, mas, segundo Maria de Fátima, leiga casada e comprometida com vários serviços eclesiais, ainda há caminho a percorrer, pois é necessário passar da teoria à prática²⁴². As mulheres deviam ter acesso a mais lugares de decisão na Igreja²⁴³, todavia alguns consideram que a mulher já assume papéis importantes na Igreja, como catequistas ou professoras de EMRC²⁴⁴ e que são reconhecidas pelo seu valor, tal como Nossa Senhora²⁴⁵.

²³¹ Cf. “É reconhecida a igualdade entre o homem e a mulher a Igreja”, do capítulo 3 da presente dissertação.

²³² Cf. Anexo 10 – Irmã Eliete Feliciano

²³³ Cf. Anexo 9 – Entrevista a Pe. Fernando Escola

²³⁴ Cf. Anexo 13 - Entrevista a D. José Cordeiro

²³⁵ Cf. Anexo 22 – Entrevista a Pe. Gonçalo Portocarrero de Almada

²³⁶ Cf. Anexo 12 – Entrevista a Rosa Ribeiro

²³⁷ Cf. Anexo 8 – Entrevista a Susana Laranjeira

²³⁸ Cf. Anexo 15 – Ricardo Silva; Anexo 23 – Maria Amélia Ferreira

²³⁹ Cf. Anexo 18 – Entrevista a Maria de Belém Pina

²⁴⁰ Cf. Anexo 12 – Entrevista Rosa Ribeiro; Anexo 17 - Entrevista a Nuno Serrenho

²⁴¹ Cf. Anexo 21 – Entrevista a Helena Dâmaso; Anexo 17 – Entrevista a Nuno Serrenho

²⁴² Cf. Anexo 20 – Entrevista a Maria de Fátima Pimparel

²⁴³ Cf. Anexo 15 – Entrevista a Ricardo Silva; Anexo 23 – Entrevista a Maria Amélia Ferreira

²⁴⁴ Cf. Anexo 16 - Entrevista a Paula Caminhas

²⁴⁵ Cf. Anexo 11 – Entrevista a Pedro Salvador

Deste modo, de acordo com o que estudamos nos capítulos anteriores, o reconhecimento das mulheres iniciou-se quando Jesus foi ao encontro de várias mulheres, reconhecendo-lhe uma dignidade, mesmo composta pelas suas fragilidades, como vemos o caso da mulher samaritana²⁴⁶. Como foi apresentado, o magistério, a partir do Concílio Vaticano II, tem procurado reflectir sobre o papel da mulher²⁴⁷, logo mostra algum reconhecimento e preocupação sobre as suas funções, sem diminuir a sua importância. Aliás, o Papa João Paulo II escreveu uma encíclica só sobre a mulher. Portanto, como podemos ver na actualidade, o actual Papa também tem preocupado em defender a presença fundamental da mulher na Igreja e no mundo. No entanto, podemos considerar que o Povo de Deus necessita que haja mais concretizações, no âmbito prático, no envolvimento da mulher.

3.3.2.2 A participação e a presença da mulher na Igreja

A presença-ausência da mulher foi um dos temas que tratamos no capítulo anterior. As mulheres clamam por uma maior participação na vida eclesial, bem como o reconhecimento da sua presença. No inquérito anterior, vimos que os inquiridos reconheceram que de facto estamos a transitar de uma postura mais passiva para uma postura mais activa relativamente à presença da mulher na Igreja²⁴⁸. No entanto foi importante fundamentar melhor esta postura activa da mulher. Será que esta preocupação tem expressão? Segundo os religiosos e clérigos “o que seria da Igreja sem a presença e participação das mulheres?”²⁴⁹. A Irmã Eliete, ligada à pastoral juvenil, declara que a mulher tem uma presença activa e comprometida com toda a vida da Igreja²⁵⁰. A mulher dá um excelente testemunho de fé, mostrando até que tem mais santidade, pois muitas vezes os maiores problemas e escândalos dentro da Igreja dão-se por homens e não mulheres²⁵¹. Nota-se que existe uma maior abertura e ousadia, que permitem às mulheres em diferentes estruturas eclesiais, sem qualquer filtro de interpretações culturais. Consideram também, que se deve olhar para a mulher com prudência, não fazendo dela apenas um ser vinculado e sem critérios emocionais, mas como corpo eclesial²⁵².

Do ponto de vista dos inqueridos leigos, Maria de Fátima diz-nos que “a mulher é o pulmão da Igreja”²⁵³. A figura feminina, sendo uma presença vital e essencial, dá fundamento

²⁴⁶ Cf. “Jesus e a mulher samaritana” do capítulo 1.

²⁴⁷ Cf. “As mulheres no magistério pontifício: as visões do magistério de João XXIII a Francisco” do capítulo 2.

²⁴⁸ Cf. “Estamos a transitar, na Igreja de uma postura mais passiva da mulher para uma postura mais activa” do capítulo 3.

²⁴⁹ Anexo 13 – Entrevista a D. José Cordeiro

²⁵⁰ Cf. Anexo 10 – Entrevista a Ir. Eliete Feliciano

²⁵¹ Cf. Anexo – Entrevista a Pe. Gonçalo Portocarrero de Almada.

²⁵² Cf. Anexo 9 – Entrevista a Pe. Fernando Escola.

²⁵³ Cf. Anexo 20 - Entrevista a Maria de Fátima Pimparel,

a uma Igreja acolhedora e real, formada de homens e mulheres²⁵⁴. A presença da mulher é positiva, possível e indispensável²⁵⁵, porque como vemos temos mais mulheres nas assembleias litúrgicas e nos vários sectores da Igreja²⁵⁶, como catequistas, ministras da comunhão, entre outros²⁵⁷. Elas têm sempre uma presença assídua²⁵⁸ interventiva²⁵⁹. Apesar dos religiosos e religiosas terem papéis diferentes, deve haver um esforço equitativo para melhorar o envolvimento dos leigos²⁶⁰. A mulher, demonstrando iniciativas positivas e de “valor acrescentado”²⁶¹, não pode ser subalternizada, já que só se lhe dão lugar, quando não há padres ou diáconos para executar funções²⁶². Maria Amélia, médica e provedora da Santa Casa da Misericórdia de Marco de Canaveses, diz-nos que a mulher deve complementar as funções que os elementos masculinos assumem, a fim de haver uma nova sensibilidade para a intervenção social, que responde a uma nova cultura, natureza e identidade²⁶³. Assim, é necessário que a mulher tenha uma participação mais visível e não silenciada, com mais responsabilidades²⁶⁴, devendo também ser chamadas para lugares de decisão da Igreja²⁶⁵. Contudo, a mulher do pós-concílio Vaticano II está mais envolvida nas actividades da Igreja²⁶⁶.

Indo ao encontro de um dos pontos abordados no capítulo anterior “a ausência-presente das mulheres”, as respostas dos inqueridos sublinham o que muitos teólogos reflectem. De facto, as mulheres estão em grande número na Igreja, mas como assistentes, e muitas vezes sem uma participação mais visível. Estar abertos a uma interpretação feminina dos sinais dos tempos e problemas da Igreja, como reflecte a teóloga Elisabeth Fiorenza, pode ser fundamental para uma resposta mais plausível da Igreja. A própria experiência de fé da mulher é necessária numa igreja inclusiva, pois Deus também tem relação com a mulher e a mulher com Deus. Por isso é necessário que a mulher seja também sujeito teológico e seja tomada em conta na reflexão e discernimento dos sinais dos tempos, e assim ser torne presente e visível²⁶⁷.

²⁵⁴ Cf. Anexo 12 – Entrevista a Rosa Ribeiro.

²⁵⁵ Cf. Anexo 8 – Entrevista a Susana Laranjeira.

²⁵⁶ Cf. Anexo 19 – Entrevista a José Miguel Serrão.

²⁵⁷ Cf. Anexo 20 – Entrevista a Maria de Fátima Pimparel

²⁵⁸ Cf. Anexo 24 – Entrevista a Tiago Lopes.

²⁵⁹ Cf. Anexo 17 – Entrevista a Nuno Serrenho.

²⁶⁰ Cf. Anexo 11 – Entrevista a Pedro Salvador.

²⁶¹ Cf. Anexo 15 – Entrevista a Ricardo Silva.

²⁶² Cf. Anexo 14 – Entrevista a Idália Serrão.

²⁶³ Cf. Anexo 23 – Entrevista a Maria Amélia Ferreira

²⁶⁴ Cf. Anexo 21 – Entrevista a Helena Dâmaso.

²⁶⁵ Cf. Anexo 18 – Entrevista a Maria de Belém Pina.

²⁶⁶ Cf. Anexo 24 – Entrevista a Tiago Lopes.

²⁶⁷ Cf. “O lugar teológico do Feminino” do capítulo 2

3.3.2.3 A dignidade da mulher

A dignidade da mulher foi um dos temas tratados neste trabalho, pois visa a uma melhor compreensão do significado de ser mulher, numa mútua colaboração com o homem ao serviço da Igreja. No entanto, foi necessário ter uma percepção mais ampla sobre a opinião das pessoas sobre este assunto, sendo um dos temas para o inquérito anterior. As opiniões não foram claras, pois a maioria dos inqueridos não teve opinião concreta²⁶⁸, principalmente na faixa etária dos 31 aos 40 anos²⁶⁹, sendo já uma geração de transição para uma dita sociedade de valores.

Assim, segundo os religiosos e leigos, a Igreja tem vindo a pronunciar-se sobre este assunto²⁷⁰, reconhecendo sempre dignidade à mulher, pois o exemplo e trabalho de milhares de mulheres, ao longo da história da Igreja são grande reconhecimento da dignidade, da beleza e da bondade da mulher na Igreja²⁷¹. Pe. Gonçalo Almada, membro da Opus Dei e assistente espiritual de empresários e gestores católicos, destaca que há países cristãos que sempre deram maior relevo à mulher e que no tempo medieval, a Europa cristã foi muitas vezes assumida por mulher em altos cargos de chefia. Destaca-se também as grandes santas, como doutoras da Igreja e o papel das comunidades femininas religiosas²⁷². Existe uma maior sensibilidade na presença da mulher na Igreja nos processos pastorais, principalmente na questão do cuidado de ouvir, de reconhecer, de entendimento e personalidade²⁷³. No entanto, Irmã Elite lamenta o facto de não se dar o devido apreço à mulher, sobretudo no serviço pastoral, argumentado com o facto da escassa formação e capacidade²⁷⁴.

Na opinião dos leigos, temos uma dualidade de opiniões. Por um lado, alguns dizem que a Igreja não reconhece²⁷⁵ ou que reconhece, mas não dignifica²⁷⁶, argumentando que mesmo que o magistério tenha vindo a falar em defesa da mulher, ainda há muitas resistências, como por exemplo quando D. José Policarpo falou da previsibilidade do papel da mulher referente à ordenação e foi muito contestado²⁷⁷. Existe muitas dificuldades em abandonar a imagem da mulher do Antigo Testamento em que ela era um ser inferior ao homem²⁷⁸. Idália Serrão, promotora de acção social e ex-secretária de Estado do Ministério

²⁶⁸ Cf. “As mulheres e os homens são considerados de igual dignidade na Igreja e na Sociedade” do capítulo 3.

²⁶⁹ Cf. Anexo 3 – “Faixa etária do 31 aos 40 anos”.

²⁷⁰ Cf. Anexo 9 – Entrevista a Pe. Fernando Escola.

²⁷¹ Cf. Anexo 13 – Entrevista a D. José Cordeiro.

²⁷² Cf. Anexo 22 – Entrevista a Pe. Gonçalo Portocarrero de Almada.

²⁷³ Cf. Anexo 9 – Entrevista a Pe. Fernando Escola.

²⁷⁴ Cf. Anexo 10 – Entrevista a Ir. Eliete Feliciano.

²⁷⁵ Cf. Anexo 14 – Entrevista Idália Serrão; Anexo 12 – Rosa Ribeiro; Anexo 18 – Entrevista Maria de Belém Pina.

²⁷⁶ Cf. Anexo 15 – Entrevista a Ricardo Silva.

²⁷⁷ Cf. Anexo 18 – Entrevista a Maria de Belém Pina.

²⁷⁸ Cf. Anexo 12 – Entrevista a Rosa Ribeiro.

da Segurança Social fala-nos sobre inibição da mulher ao presbiterado e que muitos clérigos mostram-se cúmplices contra os valores da mulher²⁷⁹, completando com a opinião de Maria de Belém, em que esta declara que estes e alguns homens da sociedade pretendem mostrar que a mulher é um ser inferior sem capacidade de orientar²⁸⁰. Por outro lado, a Igreja reconheceu sempre a dignidade da mulher²⁸¹, começando logo pela grande valorização de Maria, o ser mais digno da Igreja²⁸², das santas mulheres e doutoras da Igreja²⁸³, e como também destaca José Serrão, organista e aluno de Teologia, as grandes mulheres que abraçam a formação catequética²⁸⁴. Temos uma Igreja que se diz mãe²⁸⁵. É importante alertar que o facto de não se dar lugares a mulheres na gestão e na liderança, não significa que se coloque em causa a dignidade da mulher na Igreja²⁸⁶. O reconhecimento da mulher é feito na Igreja e pelos homens, existe papéis diferentes, por exemplo o papel de mãe de observa tudo no seu todo, sendo um contributo não desperdiçável na Igreja²⁸⁷. No entanto é importante haver uma maior inclusão, de reconhecer objectivamente a dignidade da mulher, ampliar espaços para a uma maior presença feminina²⁸⁸, bem como reconhecer as capacidades e potencialidades do ser humano sendo homem ou mulher²⁸⁹. A mulher deve ser considerada, pois também foi feita à imagem e semelhança de Deus²⁹⁰.

Não se pode confundir o reconhecimento dignidade feminina com o facto de a Igreja não integrar a mulher em mais papéis eclesiais. Consoante aquilo que observamos nas entrevistas, penso haver ainda uma certa confusão. Se a mulher, de facto, não fosse importante, Maria não teria tanto destaque, como lhe é conferido, e não trataríamos a Igreja, no feminino, como mãe. Pois a mulher também foi criada por Deus, tal como o homem. A dignidade vai além das suas funções, pois de facto, a mulher não pode ser reduzida e instrumentalizada, ela é muito mais que isso, deve ser reconhecida e amada, como ela é e não por aquilo que faz²⁹¹.

3.3.2.4 A equiparação do papel da Mulher e do homem na Igreja

²⁷⁹ Cf. Anexo 14 – Entrevista a Idália Serrão.

²⁸⁰ Cf. Anexo 18 – Entrevista a Maria de Belém Pina.

²⁸¹ Cf. Anexo 11 – Entrevista a Pedro Salvador; Anexo 21 – Entrevista a Helena Dâmaso; Anexo 8 – Entrevista a Susana Laranjeira; Anexo 20 – Entrevista a Maria de Fátima Pimparel.

²⁸² Cf. Anexo 11 – Entrevista a Pedro Salvador; Anexo 21 – Entrevista a Helena Dâmaso.

²⁸³ Cf. Anexo 21 – Entrevista a Helena Dâmaso.

²⁸⁴ Cf. Anexo 19 – Entrevista a José Miguel Serrão.

²⁸⁵ Cf. Anexo 17 – Entrevista a Nuno Serrenho.

²⁸⁶ Cf. Anexo 20 – Entrevista a Maria de Fátima Pimparel.

²⁸⁷ Cf. Anexo 16 – Entrevista a Paula Caminhas.

²⁸⁸ Cf. Anexo 23 – Entrevista a Maria Amélia Ferreira.

²⁸⁹ Cf. Anexo 17 – Entrevista a Nuno Serrenho.

²⁹⁰ Cf. Anexo 12 – Entrevista a Rosa Ribeiro.

²⁹¹ Cf. “A dignidade da mulher e do homem. A especificidade do género feminino e masculino” do capítulo 2.

Todos os membros fazem trabalhar o corpo eclesial. Fomos saber a opinião sobre as diferenças das funções do homem e da mulher. Nos primeiros resultados obtidos no primeiro inquérito, a taxa de pessoas que discordam e que não tem uma opinião concreta sobre o facto da Igreja não reconhecer a igualdade entre homem e mulher na igreja foi elevada ²⁹². Assim foi necessária submeter de novo a questão e perceber as principais causas deste assunto.

Deste modo, segundo os religiosos e clérigos, dizem que há diferenças, mas não discriminatórias, pois nessa diferença, a Igreja pede que a mulher se dê mais à comunidade cristã, naquilo que é ²⁹³, embora haja um longo caminho a percorrer ²⁹⁴. Deus criou o ser masculino e o ser feminino, são iguais em dignidade e santidade e diferentes no modo de missão, mas sem se inferiorizar um ao outro ²⁹⁵. No entanto, apesar de já existir abertura para que ambos ocupem cargos iguais, excepto na ordenação, a Irmã Eliete considera que a mulher ainda fica em segundo plano ²⁹⁶.

Do ponto de vista dos leigos, existem opiniões diferentes. Uns consideram que ambos os papéis são diferentes e importantes ²⁹⁷, construindo a unidade e complementaridade com as suas diferenças ²⁹⁸. Destacam também que a mulher até ocupa lugares de gestão e educação cristã ²⁹⁹. Outros dizem que alguns papéis são vedados às mulheres ³⁰⁰, são-lhes apenas atribuídos papéis inferiores e de maior subalternização ³⁰¹ e vêem na mulher um ser instrumental e não principal ³⁰². Há muita discriminação na ocupação dos lugares da Igreja, embora o Papa Francisco tenha vindo a contrariar isso ³⁰³. Consideram que não deveria haver rótulos de género para papéis eclesiais ³⁰⁴, as irmãs religiosas deveria tem mais representividade nas decisões da Igreja ³⁰⁵, continuar a haver mais mulheres na educação cristã, orientação espiritual e acção social ³⁰⁶.

Não descorando as opiniões críticas em relação á limitação dos papéis da mulher, é importante destacar que tanto o homem como a mulher tem a sua importância. Num dos pontos do capítulo 2, falamos sobre a diferença vital de cada um dos géneros. Importante

²⁹² É reconhecida a igualdade entre o homem e a mulher na Igreja

²⁹³ Cf. Anexo 9 – Entrevista a Pe. Fernando Escola

²⁹⁴ Cf. Anexo 13 – Entrevista a D. José Cordeiro.

²⁹⁵ Cf. Anexo 22 – Entrevista a Pe. Gonçalo Portocarrero de Almada.

²⁹⁶ Cf. Anexo 10 – Entrevista a Ir. Eliete Feliciano.

²⁹⁷ Cf. Anexo 21 – Entrevista a Helena Dâmaso; Anexo 11 – Entrevista a Pedro Salvador; Anexo – 17 Entrevista a Nuno Serrenho.

²⁹⁸ Cf. Anexo 24 – Entrevista a Tiago Lopes

²⁹⁹ Cf. Anexo 16 – Entrevista a Paula Caminhas.

³⁰⁰ Cf. Anexo 12 – Entrevista a Rosa Ribeiro; Anexo 15 – Entrevista a Ricardo Silva.

³⁰¹ Cf. Anexo 14 - Entrevista a Idália Serrão.

³⁰² Cf. Anexo 18 – Entrevista a Maria de Belém Pina.

³⁰³ Cf. Anexo 23 – Entrevista a Maria Amélia Ferreira

³⁰⁴ Cf. Anexo 20 – Entrevista a Maria de Fátima Pimparel

³⁰⁵ Cf. Anexo 11 – Entrevista a Pedro Salvador.

³⁰⁶ Cf. Anexo 23 – Entrevista a Maria Amélia Ferreira

salientar, que a Igreja reconhece as diferenças. Mas considera que cada um tem as suas funções, com aquilo que cada um é, na sua especificidade. Claro que, primeiramente, vemos o papel da maternidade como principal função da mulher, mas penso haver uma emergência no reconhecimento e aceitação da mulher em outros cargos da Igreja, na qual não é necessário a própria ordenação. A mulher e o homem devem-se completar, com as suas diferenças e assim, sim, caminharem e discernirem juntos.³⁰⁷

3.3.2.5 O papel da mulher nas estruturas, na gestão e na liderança.

No primeiro capítulo, observamos que, no Antigo Testamento, algumas mulheres assumiram a liderança de várias comunidades, quer a nível político, quer a nível religioso. Perante estes exemplos, com o resultados do inquérito anterior bastante favorável ao envolvimento da mulher na gestão e liderança nas paróquias³⁰⁸ e com os exemplos de liderança das mulheres na sociedade, decidimos abordar mais concretamente os inquiridos sobre a possibilidade de liderança das mulheres nas paróquias, na gestão e na integração as mulheres organização estrutural da Igreja. Deste modo, os religiosos e clérigos responderam que a mulher tem capacidade de liderança, de gestão e de organização, mas que nunca deixe de estar ligada à figura, que tem a missão de conduzir o povo³⁰⁹.

D. José Cordeiro, bispo de uma diocese carente de ministros ordenados e de paroquianos, afirma que a mulher já se encontra realmente na gestão das paróquias, onde mostram, naquilo que fazem, a sua humanidade e maternidade³¹⁰. Outros aspectos, questionados pelo Padre Gonçalo, que tem conhecimento sobre grandes lideranças femininas, é se continua a fazer sentido a paróquia ser a única forma de organização das comunidades cristãs ou se a paróquia deve ser estruturada clericalmente, visto já acontecer outras formas de comunidades geridas por mulheres e essa experiencia tem sido bastante proveitosa, como acontece em movimentos mistos, mosteiros femininos, entre outros. E, também, porque não colocar mulheres em cargos eclesiais, que não estejam ligados intrinsecamente com o ministério ordenado, como nos serviços de comunicação, imprensa, informação da Santa Sé, paróquia, acção diplomática?³¹¹ No que diz respeito à diferença entre homem e mulher, devia-se escutar a voz da mulher, olhando para a sua capacidade de leitura da realidade, pois na complementaridade contribui-se para o progresso da civilização humana.³¹²

³⁰⁷ Cf. “A diferença vital entre as mulheres e os homens, orientada para a entrega reciproca de si” do capítulo 2.

³⁰⁸ Cf. “A gestão e a liderança das paróquias pode ser entregue a mulheres” do capítulo 3.

³⁰⁹ Cf. Anexo 9 – Entrevista a Pe. Fernando Escola; Anexo 10 – Entrevista a Ir. Eliete Feliciano.

³¹⁰ Cf. Anexo 13 - Entrevista a D. José Cordeiro.

³¹¹ Cf. Anexo 22 - Entrevista a Padre Gonçalo Portocarrero Almada,

³¹² Cf. Anexo 9 – Entrevista a Pe. Fernando Escola

Do ponto de vista dos leigos, Susana Laranjeira, leiga comprometida na pastoral catequética e estudante de Teologia, considera que tanto os homens como as mulheres têm capacidades de liderança³¹³, como se vê nas áreas sociais e políticas³¹⁴. Apesar do gestor Nuno Serrenho, onde tem algum conhecimento em realidades paroquiais africanas e portuguesas, afirma que muitas paróquias já se encontram geridas por mulheres. Os políticos Maria de Belém e Ricardo Silva, que assumem cargos de liderança de governo e de comunidades civis, mostram que a mulher é dotada de atributos de líder, como comprovado em espaços públicos e privados, com a sua sensibilidade, instinto maternal, intuição, valores seguros, bom senso, equilíbrio, sentido de justiça³¹⁵. E justificando esta opinião, a psicóloga Paula Caminhas e a médica Maria Amélia Ferreira, conhecedoras do físico e psicológico das pessoas, afirmam que é natural da mulher o instinto de liderança e de acolhimento, tal como ela é como mãe, com grande inteligência emocional e humanitária, que se enquadra numa gestão de paróquias, enquadrada numa identidade cognitiva e emocional no relacionamento. E vão mais longe, dizendo que se a igreja não aproveita este atributo natural da mulher, não vai usufruir do “stock de sensibilidade”.³¹⁶ Algumas mulheres leigas, comprometidas com a Igreja e ao mesmo tempo com a sociedade civil, apontam para falhas que travam a transformação e modernização da Igreja, falando de uma leitura da realidade eclesial apenas por homens. A mulher também é capacitada academicamente e dá exemplos de grande liderança. Nas paróquias, os párocos fazem diferença no tratamento de colaboradores homens e mulheres, que a mulher de facto é muito comprometida na Igreja, mas quando se trata de assuntos económicos, decisões, entre outros, os párocos optam por homens, falando de um medo da ameaça feminina. E também, que em detrimento do tipo de comunidades e realidades, os homens e mulheres poderiam exercer todos os ministérios³¹⁷. Por outro lado, alguns consideram que o elo entre Cristo e a Igreja, a administração dos sacramentos e o rosto da paróquia é o presbítero, o que não impeça a colaboração da mulher³¹⁸, mas nunca ultrapassando a sua figura³¹⁹. Contudo, num equilíbrio de opiniões, deveria ser avaliada as capacidades de cada um³²⁰, no relacionamento entre si e os paroquianos, desprendidos de hierarquias, funções sociais, género, etnia e despadrãoização³²¹. E apesar de a mulher ter

³¹³ Cf. Anexo 8 – Entrevista a Susana Laranjeira

³¹⁴ Cf. Anexo 12 – Entrevista a Rosa Ribeiro

³¹⁵ Cf. Anexo 18 - Entrevista a Maria de Belém Pina; Anexo 15 - Entrevista a Ricardo Silva

³¹⁶ Cf. Anexo 16 - Entrevista a Paula Caminhas, 2; Anexo 23 -Entrevista a Maria Amélia Ferreira

³¹⁷ Cf. Anexo 20 – Entrevista a Maria de Fátima Pimparel; Anexo 8 – Entrevista a Susana Laranjeira; Anexo 18 – Entrevista a Maria de Belém Pina.

³¹⁸ Cf. Anexo 11 – Entrevista a Pedro Salvador.

³¹⁹ Cf. Anexo 19 – Entrevista a José Miguel Serrão.

³²⁰ Cf. Anexo 12 – Entrevista a Rosa Ribeiro

³²¹ Cf. Anexo 14 – Entrevista a Idália Serrão.

capacidade de chefia, ela devia ter bem presente o seu papel enquanto mulher, ou seja, o que ela poderia fazer ou coordenar, sem ultrapassar a figura do pároco ou vice-versa³²².

Sendo as mulheres já catequistas, professoras de teologia, ministras da comunhão, e adorne os altares, as mulheres poderiam também ingressar nos variados Conselhos, órgãos de decisão, de representação e de evangelização³²³. Seria necessário uma maior formação do clero e dos leigos para a não discriminação da mulher, pois sentem que pode ser motivo de afastamento de muitas pessoas da Igreja³²⁴. O homem e a mulher poderiam completar-se mais, abraçando várias causas, sobretudo no respeito pela dignidade humana, afirmação dos valores da fé, do humanismo e dos direitos humanos³²⁵.

Contudo, de facto o trabalho de liderança feminina, que vimos no Antigo Testamento foi de facto muito positivo. Além disso, na actualidade, a mulher está presente no mundo do trabalho. Nós vimos grandes mulheres, líderes em comunidades religiosas, em empresas, na política e em cargos de gestão. Com estes exemplos, os movimentos feministas mostram a capacidade da mulher na gestão, que poderia ser importante nas comunidades religiosas³²⁶. Segundo o magistério, seria importante uma complementaridade com o homem, para poderem responder, com a sua grande riqueza feminina, à própria vocação humana no meio sociedade. Não devemos levar a presença da mulher a uma ausência extrema na Igreja, porque de facto, como vimos nos dados recolhidos, a mulher já assume uma gestão das comunidades de culto, desde a participação dos ministérios litúrgicos, bem como fábricas paroquiais e manutenção. Ser pároco implica de facto a ordenação, devido ao ministério que exerce, mas o que não significa que o pároco retire funções, como está previsto pelo próprio direito canónico, ao próprio leigo. Deve fundamentar uma comunidade activa e participativa e interactiva, deixando de centrar tudo apenas na figura do pároco. Todos nós somos convidados á missão. Somos sacerdotes, profetas e reis, através do nosso baptismo.³²⁷

3.3.2.6 O papel da mulher na educação cristã dos filhos

Olhando para uma realidade, em que as mães acompanham mais os filhos que os pais, foi necessário questionar com mais precisão a opinião sobre se a mulher-mãe é que deve assumir ou ambos os conjugues a educação cristã dos filhos, pois perante os resultados obtidos no inquérito anterior assistimos a uma dualidade de opiniões entre os que são

³²² Cf. Anexo 24 – Entrevista a Tiago Lopes.

³²³ Cf. Anexo 8 – Entrevista a Susana Laranjeira; Anexo 19 – Entrevista a José Miguel Serrão; Anexo 15 – Entrevista a Ricardo Silva.

³²⁴ Cf. Anexo 12 – Entrevista a Rosa Ribeiro.

³²⁵ Cf. Anexo 14 – Entrevista a Idália Serrão.

³²⁶ Cf. "Teologia Feminista: motivações e propostas" do capítulo 2.

³²⁷ Cf. "Chaves eclesiológicas para a inclusão das mulheres" do capítulo 2.

desfavoráveis ao facto de ser apenas a mulher a contribuir na educação cristã e os que não têm uma opinião concreta sobre o mesmo assunto.

Assim, deste modo chegámos à conclusão que, segundo os religiosos e leigos, a educação cabe a ambos, porque a Igreja é doméstica, onde nasce os valores da fé, o não viver para si próprio e não ser auto-suficiente³²⁸. Os filhos são para os dois³²⁹, onde ambos devem criar dinamismos de compromisso e responsabilidade na educação cristã dos descendentes³³⁰. Como assistente espiritual e coordenador de dois colégios católicos, o Padre Gonçalo alerta-nos que sendo ambos responsáveis pelas tarefas parentais e domésticas, seria ideal criar um modelo que não prejudicasse a educação e acompanhamento dos filhos, sendo os pais activos profissionalmente, todavia isso não passa pelo sacrifício da mulher ou ausência profissional desta ou pelo maior estatuto profissional do homem, um modelo que respondesse à valorização da educação dos filhos³³¹.

Do mesmo modo, Pedro Salvador, casado recentemente, e a Dr.^a Maria de Belém, mãe e esposa, ressaltam também que o facto da educação cristã ter estado mais ligada às mulheres, tradicionalmente, deve-se ao facto de os homens serem o sustento da casa e as mulheres estarem mais em ambiente doméstico³³². No entanto, os leigos consideram que a educação cristã cabe a ambos³³³, pois ambos no baptismo dos filhos foram questionados sobre a educação na Fé³³⁴, não sendo a função do Pai ou da Mãe delegável³³⁵ apesar de que se deve ter em conta a sensibilidade de ambos os conjugues para os assuntos espirituais³³⁶. Nuno Serrenho, casado, pai de 3 filhos e conhecedor da gestão familiar e financeira portuguesa e angolana, considera que a educação não é uma tarefa simples, deve ser um trabalho, em conjunto, em que os conjugues são exemplos para os seus filhos³³⁷. Contudo, Maria de Fátima critica o facto da educação cristã, na actualidade, se verificar ainda a carga da mulher-mãe, sendo esta já um ser mais activo profissionalmente na sociedade.³³⁸

Podemos concluir que a figura da mãe é sempre aquela que está atenta, protege e educa os seus filhos. No entanto o filho é um dom de Deus dado ao homem e mulher. Portanto a questão da educação cristã deve partir dos dois, porque o filho é dos dois. Ao olharmos este compromisso que é mútuo, mas que muitas vezes a mulher é apenas ela que

³²⁸ Cf. Anexo 9 – Entrevista a Pe. Fernando Escola

³²⁹ Cf. Anexo 10 – Entrevista a Ir Eliete Feliciano

³³⁰ Cf. Anexo 13 – Entrevista D. José Cordeiro

³³¹ Cf. Anexo 22 – Entrevista a Pe. Gonçalo Portocarrero de Almada

³³² Cf. Anexo 18 - Entrevista a Maria de Belém Pina; Anexo 11 - Entrevista a Pedro Salvador,

³³³ Cf. Anexo 8 – Entrevista a Susana Laranjeira

³³⁴ Cf. Anexo 21 – Entrevista a Helena Dâmaso.

³³⁵ Cf. Anexo 15 - Entrevista a Ricardo Silva

³³⁶ Cf. Anexo 12 – Entrevista a Rosa Ribeiro

³³⁷ Cf. Anexo 17 - Entrevista a Nuno Serrenho.

³³⁸ Cf. Anexo 20 - Entrevista a Maria de Fátima Pimparel.

tem a iniciativa da educação cristã, e que muitos inqueridos discordam, podemos remeter para a própria identidade da Igreja, que deve ser mãe e pai. A sensibilidade da própria maternidade deve ser, sem dúvida, uma característica de uma Igreja que procura ser inclusiva e que procura dar resposta ao mundo³³⁹. Tal como um filho preciso de pai e de mãe, também o cristão precisa do pai, o padre, e uma mãe, um mulher comprometida disposta a colaborar e ajudar a discernir.³⁴⁰

3.3.2.7 A submissão da mulher

O mundo estava mergulhado numa sociedade meramente patriarcal. A mulher deveria respeitar o seu marido, como de uma obediência ao chefe se tratasse. Aliás, ainda hoje vemos essa submissão, apoiada em fundamentos religiosos. Nas cartas de São Paulo (cf. 1 Cor 11,4), ele fala sobre a submissão da mulher e do respeito do marido pela sua esposa, no entanto esta carta nem sempre é bem aceite pelo público feminino devido ao seu conteúdo³⁴¹, que à primeira impressão inferioriza a mulher, o que na verdade não é real. Os nossos inqueridos, do questionário anterior, enquanto uns discordam com o facto de se pensar ainda que a mulher deve ser submissa, outros estão conscientes que isso de facto ainda acontece³⁴².

Sobre a submissão entre homem e mulher, os religiosos e clérigos dizem que a palavra submissão, referida em São Paulo, deve ser lida interpretada tendo em conta o pensamento da época³⁴³. Na língua portuguesa, tem um sentido depreciativo, pois, verdadeiramente, a submissão tem o sentido de oferta e de entrega livre³⁴⁴, numa complementaridade entre homem e mulher, não usando termos de comparação³⁴⁵. Numa obediência mútua, o homem e a mulher que se unem, devem ser um só, para que possam ser expressão de uma vontade comum, complementando-se nas suas vontades e competências, pois tal como os religiosos ou clérigos obedecem a Cristo, também os os esposos o devem fazer entre si e a Cristo³⁴⁶. O Padre Fernando, como assistente de equipas de casais católicos, vai mais longe inferindo que tal como Cristo amou a Igreja, também os maridos devem amar a suas esposas, portanto a mulher não pode ficar subjugada ao marido, numa condição desfavorável. Ambos têm a sua vocação, numa relação mútua³⁴⁷, baseada no amor, no perdão, na paz e no respeito³⁴⁸.

³³⁹ Cf. “A necessidade de reflectir sobre o papel e o carisma da mulher na Igreja” do capítulo 2

³⁴⁰ Cf. “Chaves eclesiológicas para a inclusão das mulheres” do capítulo 2.

³⁴¹ Cf. “As mulheres nas cartas paulinas” do capítulo 1.

³⁴² Cf. Anexo – “Apoiando-se com fundamento religiosos, ainda há quem julgo que a mulher deve ser submissa ao marido”.

³⁴³ Cf. Anexo 10 – Entrevista a Eliete Feliciano.

³⁴⁴ Cf. Anexo 9 – Entrevista a Pe. Fernando Escola.

³⁴⁵ Cf. Anexo 10 – Entrevista a Ir. Eliete Feliciano.

³⁴⁶ Cf. Anexo 22 – Entrevista a Pe. Gonçalo Portocarrero de Almada.

³⁴⁷ Cf. Anexo 9 – Entrevista a Pe. Fernando Escola.

Susana Laranjeira, leiga e casada, considera que na relação tem que haver liberdade e confiança. A submissão nasce do amor entre marido e mulher, e vice-versa, porque quem ama obedece, confia e toma a atitude de agradar o outro³⁴⁹. A submissão deve ser contextualizada, porque se a submissão é uma relação desigual, o matrimónio não tem grande futuro³⁵⁰. M^a de Belém, como esposa e como coordenadora de algumas organizações sociais, donde se destacou pela criação da lei da Paridade e a lei da procriação medicamente assistida, declara que a mensagem de Jesus vai contra a subalternidade das mulheres, conferindo a todos uma igual dignidade, em que não existe domínio sobre ninguém e lamenta o facto da vertente conservadora da igreja “coisificar a mulher” e não promover à reparação da concepção que se tem do papel da mulher³⁵¹. Pedro Salvador, casado, membro das equipas de casais de Nossa Senhora e médico, diz que o homem e a mulher não são iguais anatómica e fisiologicamente, logo são condicionantes que marcam os seus comportamentos e necessidades diferentes, o que na submissão e falta de oportunidades de um e de outro. O homem e a mulher, amando-se, não têm o direito de decidir sobre a vida do outro³⁵², pois tudo aquilo que promova a desigualdade entre os géneros vai contra os direitos fundamentais³⁵³. A submissão, que a Igreja pede, deve ser mútua, baseada na lealdade, respeito, amor, fidelidade³⁵⁴, pobreza, obediência e castidade³⁵⁵.

Comparando com o que estudamos, de facto os padrões culturais visavam a um comportamento submisso da mulher. No entanto São Paulo³⁵⁶ não pretendia mostrar isso, mas sim, que ambos os conjugues se submetessem um ao outro, porque tudo aquilo que tirasse a dignidade seria contra-natura. Ambos são responsáveis um pelo outro, devem colaborar e interagir entre si. O magistério tem lutado contra uma cultura de machismo, que promove a submissão da mulher.³⁵⁷

3.3.2.8 Capacidade de aconselhamento e direcção espiritual

O Papa Francisco declara que a mulher tem uma sensibilidade particular pelas coisas de Deus, pois ela ajuda a compreender melhor a misericórdia, a ternura e o amor de Deus por

³⁴⁸ Cf. Anexo 13 – Entrevista a D. José Cordeiro.

³⁴⁹ Cf. Anexo 8 – Entrevista a Susana Laranjeira.

³⁵⁰ Cf. Anexo 20 – Entrevista a Maria de Fátima Pimparel.

³⁵¹ Cf. Anexo 18 - Entrevista a Maria de Belém Pina.

³⁵² Cf. Anexo 12 – Entrevista a Rosa Ribeiro.

³⁵³ Cf. Anexo 14 – Entrevista a Idália Serrão.

³⁵⁴ Cf. Anexo 17 – Entrevista a Nuno Serrenho.

³⁵⁵ Cf. Anexo 19 – Entrevista a José Miguel Serrão.

³⁵⁶ Cf. “As mulheres nas cartas paulinas” do capítulo 1.

³⁵⁷ Cf. “A mulher na reparação do seu pecado com a Redenção de Cristo” do capítulo 2

nós³⁵⁸. Deste modo, podemos também destacar o acompanhamento que é dado nos conventos femininos por mulheres religiosas, que tendo uma boa formação, dão grandes contributos na caminhada cristã. Perante os resultados obtidos no inquérito anterior esta questão não foi consensual, pois houve uma dualidade entre os que não tem uma opinião concreta e os que são favoráveis³⁵⁹. Será que seria pertinente, a mulher poder também dar o seu contributo no acompanhamento espiritual de muitos cristãos?

Assim, segundo os religiosos e clérigos, a mulher tendo as suas especificidades e personalidade próprias pode contribuir para enriquecimento nas reflexões e discernimentos sobre matérias da Igreja e a Igreja não pode prescindir disso³⁶⁰. A Irmã Eliete, também como mestra de noviças e acompanhante espiritual, chama-nos a atenção que todo o acompanhante espiritual, sendo homem ou mulher, deve ter maturidade na caminhada de fé, bem como levar uma vida comprometida com a Igreja³⁶¹. D. José Cordeiro, perante as dificuldades que tem no acompanhamento espiritual feito por presbíteros na sua diocese, diz-nos que já existem mulheres a prestarem este serviço pastoral, fala na necessidade de haver cada vez mais mulheres, em articulação com os presbíteros, no acompanhamento espiritual.³⁶² A mulher, na sua piedade, na vocação maternal, já são as primeiras catequistas, despertam muitas vocações e superam muitas crises vocacionais, declarando que o seu aconselhamento espiritual já acontece em muitos movimentos, como a Opus Dei³⁶³.

Referente à opinião dos leigos, Ricardo Silva, político e envolvido em algumas tarefas pastorais da sua comunidade, declara que tanto homens como mulheres podem ser bons mensageiros, desde que acreditem e coloquem em prática a mensagem evangélica³⁶⁴. A mulher pode dar uma nova perspectiva nas decisões pessoais, uma decisão que pode ser mais evangélica³⁶⁵, contribuindo com as suas próprias experiências e vivências³⁶⁶ e especificidades³⁶⁷, como por exemplo a prudência, empatia e escuta. A mulher tem algo nela que o homem não tem, a vocação maternal, pois se ela é um agente activo de aconselhamento em casa, porque não o pode ser na Igreja?³⁶⁸. Tiago Lopes, psicólogo, considera que a mulher

³⁵⁸ Papa Francisco, *Discurso aos participantes do Seminário sobre a Carta Apostólica Mulieris Dignitatem* de João Paulo II (Vaticano: 12 de Outubro de 2013). Consultado a 2 de Setembro de 2019. http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/october/documents/papafrancesco_20131012_seminario-xxv-mulieris-dignitatem.html

³⁵⁹ Cf. Anexo – “A mulher tem uma maior capacidade de aconselhamento e empatia que os homens”

³⁶⁰ Cf. Anexo 9 – Entrevista a Pe. Fernando Escola.

³⁶¹ Cf. Anexo 10 – Entrevista a Ir. Eliete Feliciano.

³⁶² Cf. Anexo 13 - Entrevista a D. José Cordeiro.

³⁶³ Cf. Anexo 22 – Entrevista a Pe. Gonçalo Portocarrero de Almada.

³⁶⁴ Cf. Anexo 15 – Entrevista a Ricardo Silva.

³⁶⁵ Cf. Anexo 8 – Entrevista a Susana Laranjeira.

³⁶⁶ Cf. Anexo 17 – Entrevista a Nuno Serrenho.

³⁶⁷ Cf. Anexo 12 – Entrevista a Rosa Ribeiro

³⁶⁸ Cf. Anexo 20 – Entrevista a Maria de Fátima Pimparel.

tem de uma forma mais congénita, mais desenvolvida, mais desenvolvida essa capacidade empática, capacidade de acolher, mais terra a terra, muito mais coerente, muito mais assertiva³⁶⁹. Contudo, para que a mulher possa ter uma papel mais activo no aconselhamento é necessário que as normas da hierarquia, pela qual o Papa Francisco têm tido dificuldade em mudar³⁷⁰.

O magistério fala muitas vezes sobre o dom da maternidade, que pode ser física como espiritual. Toda a mãe, naturalmente, sabe escutar e acompanhar os seus filhos. Quantos de nós falamos com as nossas mães sobre os nossos problemas? Assim, com a atitude maternal da Igreja, através da mulher, as mulheres poderão ter mais capacidade de dar vida, de gerar filhos para a Igreja. Um caminho que conta com as próprias capacidades e especificidades femininas, bem como pelo seu contributo ao longo de toda história da salvação³⁷¹. Uma mulher que é mãe, em tudo o que isso implica.

3.3.2.9 A mulher na formação dos futuros presbíteros

A mulher era vista como tabu dentro dos próprios seminários, pois não era permitida a entrada delas na formação dos seminários. No entanto essa realidade tem-se vindo a transformar, com a inserção de mulheres na formação dos presbíteros, tal como acontece na formação dos próprios religiosos. O envolvimento das mulheres na formação foi bem aceite pelos nossos inqueridos no inquérito anterior³⁷². Vejamos o que os nossos inqueridos pensam. O Padre Fernando Escola, formador no Seminário menor de Lisboa, considera que o crescimento humano integral passa pela parte afectiva, relacional e sensibilidade. Assim, a sensibilidade feminina presta um grande auxílio aos seminaristas a construírem atitudes e gestos humanizantes³⁷³. Irmã Eliete, também formadora de religiosos e seminaristas, diz-nos que a mulher pode dar um grande contributo na formação psicológica e espiritual, de forma que os candidatos não façam excepção de pessoas³⁷⁴. E como diz D. José Cordeiro, a maioria das pessoas envolvidas nas acções pastorais são mulheres, logo a presença da mulher na formação é importante³⁷⁵. Outro aspecto interessante é o contributo que a mulher pode dar ao seminarista, ao gerar nele competência práticas do dia-a-dia, como cozinhar, limpar, entre outros³⁷⁶.

³⁶⁹ Cf. Anexo 24 – Entrevista a Tiago Lopes.

³⁷⁰ Cf. Anexo 20 - Entrevista a Maria de Belém Pina..

³⁷¹ Cf. “ A dignidade do homem e da mulher. O género específico do ser feminino e masculino” do capítulo 2

³⁷² Cf. “As mulheres devem estar integradas na formação dos candidatos ao presbiterado” do capítulo 3.

³⁷³ Cf. Anexo 9 – Entrevista a Pe. Fernando Escola

³⁷⁴ Cf. Anexo 10 – Entrevista a Ir. Eliete Feliciano

³⁷⁵ Cf. Anexo 13 - Entrevista a D. José Cordeiro.

³⁷⁶ Cf. Anexo 22 – Entrevista a Pe. Gonçalo Portocarrero de Almada.

A visão mais afectiva da fé, da vocação, da humanidade e da Igreja é uma dos grandes contributos que a mulher pode oferecer³⁷⁷. As mulheres já estão na formação dos presbíteros, como vemos nas faculdades de teologia³⁷⁸. As mulheres com as suas especificidades, podem contribuir para a formação, oferecendo uma visão mais equilibrada e real da sociedade³⁷⁹, bem como transmitir o seu dom próprio de pensar e sentir, que constrói unidade³⁸⁰, como também o candidato possa conhecer melhor o pensamento feminino³⁸¹. Deste modo, a mulher poderia ser uma grande directora espiritual, pois sabe dominar os afectos e tem um dom da escuta muito apurado³⁸². Maria de Fátima, como aluna de Teologia e colega de futuros presbíteros, diz-nos que a figura feminina e masculina faz parte do crescimento humano das pessoas, portanto é essencial que no crescimento humano dos seminaristas haja estas duas figuras para poderem desenvolver sensibilidades diferentes, bem como desenvolver um melhor relacionamento com o ser feminino e o ser masculino³⁸³.

Concluimos que, não sendo um objecto do nosso estudo, mas algo que pode ajudar os futuros presbíteros, achamos pertinente abordar esta questão. Porque, a mulher está presente na formação do candidato através de Maria. Ela é facto o grande exemplo para os nossos presbíteros, pois o sim despojado de Maria³⁸⁴ é o mesmo sim, que estes devem dar quando se consagram a Deus. Porém, acrescentamos um presbítero deve estar capacitado para desenvolver uma pastoral condigna nas comunidades confiadas. E como sabemos, a maior parte das comunidades são compostas por mulheres. Como interagir com uma mulher, se não a respeitarmos e a conhecermos naquilo que é? Portanto, seria fundamental, o presbítero, na sua formação, ter alguém feminino que o acompanhe, como por exemplo uma psicóloga, o forme e dê-lhe a conhecer as características femininas cristãs³⁸⁵. Gerar instrumentos para um bom trabalho pastoral.

3.3.2.10 A integração dos homens na vida eclesial

Segundo o Anuário Estatístico Pontifício de 2018 há decréscimo no número de padres, seminaristas e religiosos diminuíram, enquanto o número de religiosas e leigas

³⁷⁷ Cf. Anexo 8 – Entrevista a Susana Laranjeira

³⁷⁸ Cf. Anexo 11 – Entrevista a Pedro Salvador

³⁷⁹ Cf. Anexo 12 - Entrevista a Rosa Ribeiro

³⁸⁰ Cf. Anexo 16 – Entrevista a Paula Caminhas

³⁸¹ Cf. Anexo 18 – Entrevista a Maria de Belém Pina.

³⁸² Cf. Anexo 19 – Entrevista a José Miguel Serrão

³⁸³ Cf. Anexo 20 – Entrevista a Maria de Fátima Pimparel

³⁸⁴ Cf. "Maria, mãe de Jesus" do capítulo 1.

³⁸⁵ Cf. "A dignidade da mulher e do homem. As especificidades do género feminino e masculino", do capítulo 2.

comprometidas aumentaram³⁸⁶. No entanto, segundo o inquérito anterior, as opiniões divergem, porque há quem não esteja de acordo com o facto do homem não se sentir bem acolhido na Igreja, bem como alguns não tem opinião sobre assunto, principalmente na faixa etária dos 61-70 anos, talvez por uma experiência anterior. Assim, perante estas observações, procuramos saber quais as razões destes factos, já que o homem tem um papel bastante relevante no acesso aos ministérios.

Os religiosos e clérigos dizem-nos que a prática eclesial e vivência da fé os integra no corpo eclesial, a não ser, em casos particulares, que a mentalidade do homem não se integre na prática comum.³⁸⁷ No entanto, segundo a Irmã Eliete, não se pode usar medidas para ver o tamanho da fé do homem ou da mulher, mas considera que o homem podia participar mais.³⁸⁸ Contudo o Padre Gonçalo Portocarrero, estar integrado na vida da Igreja não significa que seja esteja integrado em organizações clericais, pois não podemos continuar a ver os leigos como meros subordinados dos párocos, mas sim que eles e elas possam contribuir com as suas competências na vida da Igreja mas que viva com coerência de fé no meio do mundo, chamado a construir a sua vocação para um mundo melhor³⁸⁹.

Os leigos observam que o homem apenas acompanha a mulher ou então é porque têm algum ministério ou porque de facto têm uma verdadeira devoção³⁹⁰. A ausência dos homens pode ser justificada na medida em que consideram que vida religiosa e a vida em comunidade não se adequam à sua masculinidade³⁹¹, fruto possivelmente da educação pela qual seriam convidados a assistir e não a participar³⁹², bem como a falta de discernimento dos homens perante os maus testemunhos e escândalos que assombram a Igreja³⁹³. Apesar de a Igreja ter vindo a realizar um esforço para cativar e motivar mais homens, ao longo dos últimos anos³⁹⁴. José Miguel Serrão, organista, aluno de teologia e cooperador paroquial, infere que seria pertinente analisar os valores que conduzem homens e mulheres à Igreja, pois uns vão por questões sociais ou *status* social³⁹⁵, outros por tradição, não colocando a sua prática no dia-a-dia, comprometendo o futuro da Igreja³⁹⁶. A nível de prática litúrgica a presença dos homens é

³⁸⁶ Cf. *Annuario Statisticum Ecclesiae* 2018. Consultado a 10 de Setembro de 2019. <https://press.vatican.va/content/salastampa/es/bollettino/pubblico/2018/06/13/pres.html>

³⁸⁷ Cf. Anexo 9 – Entrevista a Pe. Fernando Escola; Anexo 13 – Entrevista a D. José Cordeiro.

³⁸⁸ Cf. Anexo 10- Entrevista a Ir. Eliete Feliciano.

³⁸⁹ Cf. Anexo 22 - Entrevista a Padre Gonçalo Portocarrero de Almada.

³⁹⁰ Cf. Anexo 8 – Entrevista a Susana Laranjeira.

³⁹¹ Cf. Anexo 11 – Entrevista a Pedro Salvador.

³⁹² Cf. Anexo 14 – Entrevista a Idália Serrão.

³⁹³ Cf. Anexo 12 - Entrevista a Rosa Ribeiro.

³⁹⁴ Cf. Anexo 17 – Entrevista a Nuno Serrenho.

³⁹⁵ Cf. Anexo 19 – Entrevista a José Miguel Serrão.

³⁹⁶ Cf. Anexo 15 – Entrevista a Ricardo Silva.

mais significativa sobretudo em coros, leitores, e acólitos, contudo a mulher dá um grande contributo para a motivação masculina³⁹⁷.

3.3.2.11 A ordenação das mulheres

Apesar de não ser um tema em estudo, neste trabalho, não poderíamos ocultar a questão, que vindo a ser reflectida na Igreja, bem como gerados grandes questionamentos por parte do Povo de Deus: a ordenação das mulheres. Surpreendentemente, tendo em conta que a maioria dos inqueridos foi composto por publico feminino, uma grande parte respondeu que não é favor da ordenação, principalmente as pessoas com idade inferior a 30 anos³⁹⁸. Contrapondo com os que são a favor, com um número bastante significado³⁹⁹. Deste modo, tornou-se interessante perceber as motivações dos nossos inqueridos sobre este tema tão actual.

Assim, o Padre Fernando Escola, mesmo tendo em conta as fragilidades nas vocações presbiterais considera que a ordenação das mulheres é um assunto deliciado, porque tem raiz sacramental, em que este ministério foi confiado aos homens por Jesus Cristo, não se tratando apenas da boa vontade da Igreja⁴⁰⁰, não havendo até elementos na tradição da igreja que abram portas à ordenação⁴⁰¹. Apesar de se estar a estudar a possibilidade do diaconado⁴⁰², a comissão viu que não havia condições para avançar neste sentido⁴⁰³. Segundo o Padre Gonçalo, a vocação da mulher tem o mesmo valor que a do homem. A Igreja tem que ser sensata nas decisões, porque não pode ser influenciada por modas sociais, mas fiel a Jesus Cristo. A promoção da mulher passa pela sua santificação e não clericalização, com formação que a torna capaz no apostolado⁴⁰⁴.

De acordo com esta questão, as opiniões dos leigos não são consensuais. Por um lado, Maria de Belém expõe que a mulher, muitas vezes é vista como “conspurada”, sem reconhecimento, serviços, permitem o bom funcionamento das comunidades e, que seria bom que a mulher tomasse noção disto e se revoltasse contra estes factos⁴⁰⁵. Os leigos, favoráveis à ordenação, acreditam que a fé, a vivência do evangelho e ser seguidor de Jesus Cristo não tem género⁴⁰⁶, como também a mulher, segundo a missionária Rosa Ribeiro, tem a mesma

³⁹⁷ Cf. Anexo 20 – Entrevista a Maria de Fátima Pimparel.

³⁹⁸ Cf. Anexo 1 - “Faixa etária 16-20”; anexo 2 – “Faixa etária 21-30”; anexo 5 – “Faixa etária 51-60”.

³⁹⁹ Cf. Anexo 3 - “Faixa etária 31 – 40”; anexo 4 – “Faixa etária 41-51”; anexo 6 “Faixa etária 61-71”.

⁴⁰⁰ Cf. Anexo 9 – Entrevista a Pe. Fernando Escola.

⁴⁰¹ Cf. Anexo 13 – Entrevista a D. José Cordeiro.

⁴⁰² Cf. Anexo 10 – Entrevista a Ir. Eliete Feliciano.

⁴⁰³ Cf. Anexo 22 – Entrevista a Pe. Gonçalo Portocarrero de Almada.

⁴⁰⁴ Cf. Anexo 22 - Entrevista a Pe. Gonçalo Portocarrero Almada.

⁴⁰⁵ Cf. Anexo 18 - Entrevista a Maria de Belém Pina.

⁴⁰⁶ Cf. Anexo 8 – Entrevista a Susana Laranjeira.

capacidade e dignidade⁴⁰⁷. Tanto homens, como mulheres erram, porque faz parte da sua condição humana, logo como ambos são feitos à imagem e semelhança de Deus, ambos poderiam ser mensageiros de Deus⁴⁰⁸. Se, de facto, a mulher tivesse um papel mais activo na Igreja, atribuindo-lhe mais responsabilidades, talvez a Igreja pudesse encontrar novas respostas para este assunto⁴⁰⁹, como a possibilidade do diaconado⁴¹⁰.

Por outro lado, consideram que muitas portas são abertas às mulheres, apenas têm funções diferentes dos homens⁴¹¹. A mulher tem funções diferentes, como por exemplo a sua vocação natural que é ser mãe, que o homem não tem. Ela deve trabalhar nas suas funções e não nas funções dos homens⁴¹². Nuno Serrenho diz que por uma questão de doutrina e por aquilo que foi legado por Jesus, não é possível, todavia não se pode ocultar que o valor do papel da mulher é vital e insubstituível⁴¹³. Contudo, segundo José Serrão, enquanto não se entender que ser padre não é uma questão de poder, mas de serviço, esta questão é irrelevante, pois ser cristão é muito mais importante. Maria de Fátima, mestre em direito canónico, explica-nos que é uma norma de um ordenamento jurídico, por assim ter sido instituído historicamente, que veda o acesso das mulheres ao presbiterado e não simplesmente pelo facto da falta de capacidade da mulher⁴¹⁴. Todavia, declara que a mulher não se deve sentir diminuída por não aceder a este ministério. A mulher deve ser complemento dos presbíteros⁴¹⁵.

Os movimentos feministas e alguns membros da Igreja colocam a hipótese da ordenação das mulheres. Mas a Igreja coloca de lado essa possibilidade, estudando apenas a hipótese da diaconia, como o fez num recente estudo⁴¹⁶. A ordenação não deve ser apenas o objectivo da mulher, mas sim procurar que se repense o seu lugar e presença na Igreja, bem como lutar contra aquilo ou aqueles que procuram banalizar a sua promoção⁴¹⁷. E só assim se poderá fazer um melhor discernimento, tendo em atenção a não subjugação ou exploração, mas sim reconhecendo a igualdade e dignidade totalitária⁴¹⁸. Nenhum papel é inferior ou superior. São serviços e ministérios diferentes, cujas funções devem ser promotoras de evangelização na Igreja e na sociedade.

⁴⁰⁷ Cf. Anexo 12 - Entrevista a Rosa Ribeiro.

⁴⁰⁸ Cf. Anexo 15 – Entrevista a Ricardo Silva.

⁴⁰⁹ Cf. Anexo 14 – Entrevista a Idália Serrão.

⁴¹⁰ Cf. Anexo 23 – Entrevista a Maria Amélia Ferreira.

⁴¹¹ Cf. Anexo 11 - Entrevista a Pedro Salvador.

⁴¹² Cf. Anexo 16 – Entrevista a Paula Caminhas.

⁴¹³ Cf. Anexo 17 - Entrevista a Nuno Serrenho.

⁴¹⁴ Cf. Anexo 20- Entrevista a Maria de Fátima Pimparel.

⁴¹⁵ Cf. Anexo 24 – Entrevista a Tiago Lopes.

⁴¹⁶ Cf. Gary Macy; William T. Ditewig; Phyllis Zagano, *Mulheres Diáconos Passado, Presente e Futuro* (Prior Velho: Ed.Paulinas, 2019), 146.

⁴¹⁷ Cf. “A visibilidade da mulher na Igreja” do capítulo 2.

⁴¹⁸ Cf. ” A dignidade da mulher e do homem. As especificidades do género feminino e masculino” do capítulo 2.

3.3.2.12 O ser mulher e o complexo de inferioridade

Para melhor compreendermos as razões que levam a uma não promoção da mulher é necessário percebermos as características femininas. Anteriormente já sublinhamos alguns aspectos, vimos que a mulher sente-se inferior ao homem, na Igreja, porque não lhe é reconhecido o devido valor. No entanto, no questionário anterior, uma maioria absoluta concordou com o facto de a mulher ter capacidade afectiva, intelectual e psicológica para assumir funções nas comunidades eclesiais. Contudo, para justificarmos estes resultados, foi necessário fazer uma abordagem mais conclusiva. Assim, foi essencial questionar pessoas ligadas à psicologia e medicina, para podermos entender se a mulher está capacitada para exercer determinadas funções. Portanto, pensamos restringir este tema a Tiago Lopes, psicólogo e psicoterapeuta, Paula Caminhas, doutorada em psicologia, psicoterapeuta na área do ADI (abordagem directa do inconsciente) e Maria Amélia, médica e professora catedrática na faculdade medicina da universidade de Coimbra.

Segundo Maria Amélia, a mulher tem uma capacidade de inteligência emocional, que a possibilita numa maior capacidade de escuta activa e uma comunicação afectiva e emocional, como se estuda nas Neurociências. Aconselhando a olhar para as mudanças que se originam nos géneros, justificando com o estudo de António e Hanna Damásio⁴¹⁹.

No percurso do nosso estudo, podemos verificar que a mulher considera que o homem não a aceita, talvez por uma questão de celibato ou afectividade. No entanto, segundo a experiência da Dr.^a Paula Caminhas, ela diz que isso não é verdade. Existe papéis diferentes. Ela tem atributos naturais, diria maternos: o olhar, o sentir, a atenção total, entre outros. E que devem ser aproveitados pela Igreja. Ser mulher é carregar o dom da maternidade, é ser humilde, ser companheira, ser esposa, mesmo tendo dentro dela o ser masculino e ser feminino, ela deve ressaltar aquilo que a realiza, oferecendo os seus atributos naturais⁴²⁰.

Num estudo psicológico mais aprofundado, Dr. Tiago Lopes fala-nos do complexo de inferioridade da mulher em relação ao homem. Segundo o manual *Diagnostical and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM)*, onde estão expostas as perturbações psíquicas do fórum psicológico e psiquiátrico. Quando se vê as doenças do sexo masculino ou sexo feminino, “o sexo feminino prevalece sempre mais, há sempre prevalência das doenças psíquicas nas mulheres do que nos homens.”⁴²¹ Não se pode olhar para a figura da mulher para aquilo que foi o ser mulher ao longo da História. Contribuindo para esse complexo de inferioridade, vemos os exemplos das diferenças salariais. Convidar à igualdade entre homem e mulher é

⁴¹⁹ Cf. Anexo 23 – Entrevista a Maria Amélia Ferreira

⁴²⁰ Cf. Anexo 16 – Entrevista a Paula Caminhas.

⁴²¹ Anexo 24 – Entrevista a Tiago Lopes.

errado, mas o termos mais correcto seria equidade, pois ambos são diferentes na sua essência e funções. Igualar os dois seria perder as características de cada um. O homem e mulher não devem competir, mas complementar-se. A história do ser humano fez com que ambos os géneros se desenvolvessem características até de personalidade diferentes. A mulher teve sempre um maior sofrimento. “A mulher foi alvo de situações de violência doméstica, embora saibamos que existem mulheres agressoras e homens vítimas, que é um fenómeno predominantemente da mulher, em que a mulher é vítima, e se apresenta no papel de vítima”⁴²², pois ao longo da história esse sofrimento tendencialmente infligido sobre o papel da mulher, faz que hoje esses sofrimentos, venham de alguma forma quase como um mecanismo de repetição. Há um estudo na revista *Cience*, que prova que traumas são passados de geração em geração. Por exemplo, nos campos de concentração Nazi, onde se passou as piores barbaridades em que eles foram sujeitos, ainda hoje as alterações que esses traumas de alguma forma desenvolveram até do ponto de vista bioquímico e mais do ponto de vista até molecular e de constituição orgânica, ainda hoje se verifica nos netos das vítimas⁴²³. Vimos que ao longo do desenvolvimento humano a mulher foi objecto de violência. E afirma que “os traumas que vêm de geração em geração e são passados não raras vezes na linhagem das mulheres fazem com que elas e nós vimos isso não raramente no contexto clínico e psicoterapêutico, esses sofrimentos, elas próprias, ainda que inconscientemente ou involuntariamente se coloquem em papéis de menores destaque ou um sentimento de inferioridade em relação ao homem, mas não há nada que justifique essa, essa, essa diferença”⁴²⁴. A mulher, involuntariamente, tem a ideia que ela é inferior ao homem. Não raras vezes, a mulher coloca-se em lugares de menor destaque e permite-se “viver em contextos de violência, quase com a crença internalizada de que ela merece ou de que ela... han... se deve subjugar àquele contexto de violência, não saindo daquele contexto de violência, achando-se merecedora, ou vendo aquela violência reiterada, por exemplo o marido como algo normal”⁴²⁵. Portanto, pode-se falar apenas em complexo de inferioridade, porque nada justifica essa inferioridade em relação ao homem.

Em suma, podemos concluir que a mulher tem sido prejudicada por influências sociais e não por influências eclesiais, que fazem senti-la inferior. As reivindicações feministas podem ter sentido, se olharmos para a sociedade e não para a igreja. A mulher não é de segunda classe e deve lutar pelo seu papel social e eclesial. Não deve querer tomar o papel do homem,

⁴²² Anexo 24 – Entrevista a Tiago Lopes

⁴²³ Cf. Anexo 24 - Entrevista a Tiago Lopes.

⁴²⁴ Anexo 24 - Entrevista a Tiago Lopes,

⁴²⁵ Anexo 24 - Entrevista a Tiago Lopes,

numa luta de géneros, mas marcar o seu papel, naquilo que ela é como ser feminino.⁴²⁶ Se entrarmos numa discussão sobre a superioridade do homem, ou até mesmo da mulher, não tem sentido se não olharmos para a história, em que mulheres e homens foram superiores ou inferiores nas lideranças. Este mito não tem base científica, mas ambos contribuem para a edificação da sociedade⁴²⁷

Conclusão

Concluo que foi muito importante realizarmos uma abordagem mais concreta sobre a realidade actual do papel da mulher na Igreja. Com todos os dados recebidos, quer através dos inquéritos digitais, quer através das entrevistas realizadas, notamos que há varias perspectivas diferentes, pois nem sempre a imagem que a sociedade oferece ou pretende impor sobre o papel da mulher corresponde verdadeiramente ao que os católicos pensam. A mulher e o homem devem trabalhar juntos, pois ambos complementam-se na grande missão que Jesus convida, quer na evangelização, quer no trabalho nas comunidades. A Igreja caminha para uma maior integração da mulher nas suas tarefas, mas para um trabalho bem realizado, é necessário vencer obstáculos.

A ordenação não deve ser o único problema, pois esta não vai dignificar mais a mulher, pois isso é apenas um serviço à igreja. A dignidade envolve toda a pessoa e isso deve ser reconhecido por toda a comunidade eclesial e social. Explorar o ser mulher e usufruir do que ela pode oferecer é instrumento essencial para a descoberta de novas formas de ver o mundo, bem como ter em conta o contributo fundamental para a solução de vários problemas eclesiais e sociais. Ser mulher é dar vida, pois só ela tem capacidade de ser mãe, ela tem as suas características próprias que ajudam todo o ser humano a crescer, a viver e a se desenvolver em sociedade e na Igreja.

Deste modo, observamos que muitos dos nossos inqueridos alertaram-nos para o facto de a mulher muitas vezes ser considerada um ser serviçal ou até mesmo inferior, não lhe dando o devido apreço. Urge uma maior visibilidade da mulher, quer nas decisões da Igreja, quer no seu envolvimento pastoral e litúrgica. A mulher e o homem devem-se complementar, entregando-se reciprocamente ao serviço da igreja, com tudo aquilo que são e possuem.

⁴²⁶ Cf. "A mulher na Sagrada Escritura" do capítulo 1.

⁴²⁷ Cf. Evelyn Reed, *Sexo contra sexo ou classe contra classe* (São Paulo: Ed. Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2008), 99-102.

CONCLUSÃO

A participação das mulheres na vida da Igreja ainda está longe de ser totalmente concluída. É uma problemática ainda em aberto. Pode parecer que o progresso da sociedade civil, onde as mulheres assumem cada vez mais papéis de responsabilidade, possa ditar a necessidade de uma mudança na Igreja. Na verdade, esse é apenas um motivo adicional, ou se quisermos, um motivo que estimula a reflexão. Na realidade, a razão fundamental para exigir uma mudança na Igreja é muito mais profunda e tem outra natureza. Não se trata de mais ou menos democracia, porque a Igreja não é uma democracia. A Igreja, como comunidade visível e comunidade espiritual, é ao mesmo tempo “uma única realidade complexa, formada pelo duplo elemento humano e divino” (LG 8). Consequentemente, no caso de uma sociedade divino-humana, os motivos que justificam, para uma verdadeira participação das mulheres na Igreja, que podem ser exigidos, são de natureza teológica, pois elas também são membros do Povo de Deus, chamadas ser discípulas.

Para as mulheres, assim como para qualquer outro membro da Igreja, o direito inalienável de participar plenamente da vida da Igreja deriva do batismo: é por isso que falamos de igualdade e dignidade na Igreja. O magistério não considerou necessário desenvolver uma teologia para as mulheres, apenas a do batismo. O Papa Francisco falou explicitamente desse direito num diálogo com as Superiores Gerais das Congregações femininas, afirmando: “o papel da mulher na Igreja não é feminismo, é direito! É um direito de batizada com os carismas e os dons que o Espírito concedeu. Não se deve cair no feminismo, porque isto reduziria a importância da mulher”⁴²⁸. O Santo Padre alertou para um erro de perspectiva comum, que reduz o papel das mulheres na Igreja à questão feminista. A tentativa de demonstrar a necessidade de maior participação das mulheres com base no seu carácter espontâneo e materno também é inadequada. Essa visão é o resultado de uma interpretação parcial de *Mulieris dignitatem*. A leitura redutiva do documento de São João Paulo II, de facto, fez com que não houvesse mudanças substanciais na Igreja e que formas de marginalização fossem favorecidas, como se a participação das mulheres na Igreja pudesse ser resolvida com a imagem arcaica e angelical da mulher modesta e silenciosa. Não apenas as mulheres do Evangelho, mas também grandes figuras femininas da nossa história da Igreja, como Santa Catarina de Siena, Santa Teresa de Ávila, Santa Hildegarda de Bingen, Santa

⁴²⁸ Papa Francisco, *Diálogo do Papa Francisco com as participantes na plenária união internacional das superiores-gerais* (12 de Maio de 2016). Consultado a 18 de Setembro de 2019. http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/may/documents/papafrancesco_20160512_uisg.html

Teresa Benedita da Cruz (Edith Stein), Santa Teresa de Calcutá e muitas outras, são a prova mais imediata do contrário, isto é, daquele protagonismo saudável do qual a mulher foi capaz, o que afecta fortemente a vida da Igreja, embora com os seus próprios caminhos. Precisamente com a decisão de elevar a memória litúrgica de Maria Madalena a festa, o Papa Francisco traz à consciência eclesial um modelo de mulher que é tudo menos submissa e secundária, mas antes determinada e participativa, com uma missão, dirigida aos próprios apóstolos pela vontade de Cristo. Dessa maneira, o Papa indicou não apenas um modelo, mas também um método e um estilo de discernimento. Esse discernimento deve ser feito à luz das Escrituras, do testemunho da Tradição e da experiência da Igreja. Portanto, trata-se de redescobrir ou descobrir os impulsos doutrinais esquecidos que são a base para uma profunda reflexão sobre o papel das mulheres na Igreja na actualidade. A solução, portanto, não deve ser encontrada externamente, em teorias e ideologias fora da fé, de natureza legal, sociológica ou antropológica, mas deve ser encontrada internamente. Trata-se de redescobrir o que já faz parte da herança da fé e discernir como ler essa herança em relação à Igreja dos dias de hoje.

Partirmos da dignidade baptismal comum não é ideologicamente negar os diferentes modos pelos quais cada um participa da missão eclesial e realiza a vocação para a santidade. A propósito, o concílio Vaticano II assinala: “também na edificação do Corpo de Cristo existe diversidade de membros e de funções. É um mesmo Espírito que distribui os seus vários dons segundo a sua riqueza e as necessidades dos ministérios para utilidade da Igreja” (LG 7). É uma diversidade que pertence à vitalidade da Igreja. Portanto, qualquer proposta que a negasse estaria em contradição com a própria natureza da Igreja. O Papa Francisco menciona explicitamente a necessidade de “é preciso ampliar os espaços para uma presença feminina mais incisiva na Igreja” (EG 103), enfatizando que “um grande desafio para os Pastores e para os teólogos, que poderiam ajudar a reconhecer melhor o que isto implica no que se refere ao possível lugar das mulheres onde se tomam decisões importantes, nos diferentes âmbitos da Igreja”. Segundo o Papa, não há respostas fáceis. Muitos aspectos devem ser levados em consideração, e não apenas o respeito pelas prerrogativas específicas do ministério ordenado. Daí a dificuldade da tarefa, especialmente para teólogos e canonistas, chamada a reflectir sobre um conjunto de princípios e aspectos, que devem ser aprofundados do ponto de vista especulativo, também com base no que a teologia oferece com dados bíblicos, patrísticos e históricos. De qualquer forma, Francisco está confiante, como evidenciado por algumas decisões recentes no processo de reforma da Cúria Romana. Nos estatutos do novo dicastério

para Leigos, Família e Vida⁴²⁹, que passou praticamente despercebido, mesmo pela comunicação social, coloca a possibilidade de um/a leigo/a, que assumir papéis na secretaria do conselho pontifício. Em vez disso, a comunicação social enfatizou, de maneira um tanto excessiva, a instituição de uma comissão de estudos sobre o diaconado, gerando a impressão de que a realização plena das mulheres na Igreja dependia da sua admissão nesse ministério. Ora, não será este o nosso problema? A mulher precisa de aceder ao ministério ordenado para se assumir na Igreja? Deve-se, sim, continuar zelar pela dignidade e presença mais fecundas das próprias mulheres, de forma a expandir mais uma presença feminina decisiva no espaço eclesial.

A necessidade de progresso é essencial e urgente. No entanto, recorrer a soluções precipitadas não favorece as mulheres. A tarefa deste pontificado é ainda mais difícil, pois é marcada pela consciência de que, como Francisco afirma, “o tempo é sempre superior ao espaço” (EG 225). A eficácia de Francisco, perante o seu trabalho a favor das mulheres, passa por um delicado exercício de discernimento, que se deve identificar o que pode e deve ser feito imediatamente e o que, no entanto, requer uma gestação prolongada ao longo do tempo.

Nas entrevistas que realizámos, bem como em recentes acontecimentos pelas quais várias mulheres, na Alemanha, fizeram e protestaram a favor da sua maior presença na Igreja⁴³⁰, objectam que as mulheres já esperaram o suficiente e que mais atrasos não são toleráveis, que a paciência das mulheres em muitas situações eclesiais atingiu o limite, que as mulheres esperam um avanço da parte da Igreja. Na actualidade, algumas mudanças substanciais poderiam ser introduzidas na Igreja, tanto na Cúria Romana, como nas universidades pontifícias e nos tribunais eclesiásticos, bem como nos seminários, paróquias e nos mais diversos contextos eclesiais. Ou seja, já existem lugares e espaços onde a presença das mulheres, a sua plena participação no sinal da igualdade baptismal, poderia se tornar parte integrante da normalidade da vida na Igreja. Por outro lado, se a história da Igreja é levada em consideração, percebe-se que todo trabalho de renovação radical precisa, acima de tudo, ser realmente eficaz, e não soluções precipitadas, mas acções devidamente meditadas. Contudo, reflectimos que a questão do papel da mulher não pode continuar a ser um assunto posterior, mas algo deve permanecer em reflexão, com a ajuda de uma teologia saudável, em que haja diferentes perspectivas masculinas e femininas, para explicar, em toda a sua riqueza, o que, nesse sentido, a fé e o discernimento têm a dizer. No entanto, devemos evitar pensar que tudo

⁴²⁹ Dicastério dos Leigos, Família e Vida, *Estatuto do Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida* (10 de Abril de 2018): 2-9. Consultado a 18 de Setembro de 2019. <http://www.laityfamilylife.va/content/laityfamilylife/pt/il-dicastero/lo-statuto.html>

⁴³⁰ Joaquim Nunes, “Greve das católicas na Alemanha com lenços brancos nos bancos das igrejas”, *Sete Margens* (13 de Maio de 2019). Consultado a 14 de Setembro de 2019. <https://setemargens.com/greve-das-catolicas-na-alemanha-com-lencos-brancos-nos-bancos-das-igrejas/>

será resolvido com a criação de espaços. Como o Papa Francisco aponta constantemente “o tempo é sempre superior ao espaço: o espaço cristaliza os processos, ao passo que o tempo projecta para o futuro e impele a caminhar na esperança.” (LF 57).

Contudo, concluímos que a mulher e o homem são chamados a complementar-se, trabalhando juntos no serviço da Igreja e do mundo, numa entrega recíproca de si, com todas as suas características. Não deverá haver espaço nem para subalternidade, nem para discriminação. O contributo do feminino e do masculino devem unir-se de forma a ler os sinais dos tempos e a dar respostas na resolução dos problemas mundiais. Antes de ser criar espaços para uma maior presença feminina, deve-se olhar para a mulher, reconhecendo, com firmeza, a sua dignidade. Todavia devemos reflectir, com clareza, sobre a fecundidade nos seus trabalhos apostólicos, não olhando apenas para a mulher como uma mera serviçal ou instrumental, mas sim alguém que está disposta a trabalhar com o homem e não para o homem. Com diz o Papa Francisco, a Igreja é mãe⁴³¹. A mulher sabe o que é ser mãe. Portanto, a mulher, com tudo aquilo que a caracteriza, pode ajudar a Igreja a ser uma verdadeira mãe, sendo acolhedora, protectora e conselheira, auxiliando o povo de Deus, por exemplo, na direcção espiritual, propondo um caminho a todos, mas não só mãe, mas contribuir com tudo aquilo que é enquanto mulher. Uma Igreja que abraça todo o ser humano, como uma mãe abraça o seu filho/a. Terminamos com um pensamento de Simone Beauvoir “no dia que for possível à mulher amar-se com a sua força e não com a sua fraqueza; não para fugir de si mesma, mas para se encontrar; não para se renunciar, mas para se afirmar, nesse dia então o amor tornar-se-á para ela, como para o homem, fonte de vida e não perigo mortal”⁴³², ou seja, no dia em que a mulher não sinta receio em expressar-se e dar-se à Igreja e ao mundo, sem ser colocada em segundo plano, com tudo aquilo que contem o seu ser feminino, a realidade eclesial poderá ser também lida com os olhos femininos, e aí sim, a mulher tem condições para trabalhar junto com o homem ao serviço da Igreja e do mundo.

⁴³¹ Papa Francisco, Meditações matutinas na Santa Missa celebrada na Capela de Santa Marta “A igreja é mãe e mulher” (21 de Maio de 2018). Consultado a 21 de Setembro de 2019. https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2018/documents/papa-francescocotidie_20180521_igreja-mulher-mae.html

⁴³² Simone de Beauvoir, *Todos Os Homens São Mortais* (São Paulo: Ed. Nova Fronteira, 2019), 254.

BIBLIOGRAFIA GERAL

Magistério

Benedictus XVI, Discurso do Papa Bento XVI aos participantes da assembleia plenária do pontífice conselho *Cor Unum* (19 de Janeiro de 2013).

Catechismus Catholicae Ecclesiae, ed. Gráfica de Coimbra, Coimbra 2001.

Concilium Oecumenicum Vaticanum II, Decreto *Apostolicam Actuositatem*, AAS 58 (1966).

Concilium Oecumenicum Vaticanum II, Constituição *Gaudium et Spes*, AAS 58 (1966)

Concilium Oecumenicum Vaticanum II, Constituição dogmática *Lumen Gentium*, AAS 57 (1965)

Igreja Católica, Código de Direito Canónico, ed. AO, 2007.

Ioannes Paulus II, Audiência Geral (13 de Julho de 1994). Consultado a 14 de Julho de 2018.
http://w2.vatican.va/content/johnpaulii/es/audiences/1994/documents/hf_jpii_aud_19940713.html

Ioannes Paulus II, *Carta do Papa às mulheres do mundo inteiro* (29 de Junho de 1995). Consultado a 13 de Outubro de 2018
https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1995/documents/hfjpii_let_29061995_women.html

Ioannes Paulus II, *Carta às Famílias*, (29 de Junho de 1995). Consultado a 5 de Junho de 2018.
http://w2.vatican.va/content/johnpaulii/pt/letters/1994/documents/hf_jpii_let_02021994_families.html

Ioannes Paulus II, *Familiaris Consortio*, AAS 74 (1982).

Ioannes Paulus II, *Redemptoris Mater*, AAS 79 (1987).

Ioannes Paulus II, *Mulieris Dignitatem*, AAS 80 (1988).

Ioannes Paulus II, *Christifideles Laici*, AAS 81 (1989)

Ioannes Paulus II, *Mensagem da IV Conferência realizada em Pequim*, (31 Agosto de 1995). Consultado a 10 de Junho de 2018.

https://w2.vatican.va/content/johnpaulii/pt/letters/1995/documents/hf_jpii_let_29061995_women.htm

Ioannes Paulus II, Discursos do *Angelus*, (18 de Junho, 25 de Junho, 9 de Julho, 16 de Julho, 23 de Julho, 30 de Julho, 27 de Agosto, 3 de Setembro de 1995). Consultados a 12, 15, 16 de Outubro de 2018.

<https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches.index.html>

Joseph Ratzinger, Cardeal, Apresentação da carta apostólica “*Mulieris Dignitatem*” de João Paulo II sobre a dignidade e vocação da mulher (30 de Setembro de 1988). Consultado a 17 de Junho de 2019.

http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20040731_collaboration_po.html,

Joseph Ratzinger, Cardeal, Carta aos bispos da Igreja Católica sobre a colaboração do homem e da mulher na Igreja e no Mundo (Roma, 31 de Maio de 2004). Consultado a 20 de Agosto de 2018.

http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20040731_collaboration_po.html

Paulus VI, *Octagesima Advenium*, AAS 63 (1971).

Paulus VI, *Apostolicam Actuositatem*, AAS 57 (1965),

Paulus VI, *Alocução ao comité para o ano internacional da mulher*, (30 de Maio de 1965). Consultado a 14 de Outubro de 2018.

https://w2.vatican.va/content/paulvi/it/speeches/1965/documents/hf_pvi_spe_19650530_attivita-cif.html

Franciscus, Homilia da Santa Missa com os movimentos eclesiais na Solenidade de Pentecostes (Praça de São Pedro, Vaticano: 19 de Maio de 2013). Consultado a 21 de Dezembro de 2018.

http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2019/documents/papafrancesco_2019060_omelia-pentecoste.html

Franciscus, Meditações Matutinas na Santa Missa Celebrada na capela de Santa Marta A *Igreja é mulher e mãe* (21 de Maio de 2018). Consultado a 10 de Dezembro de 2018.
https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2018/documents/papa-francesco-cotidie_20180521_igreja-mulher-mae.html

Franciscus, Discurso do Papa Francisco aos participantes do congresso nacional do centro italiano feminino (5 de Janeiro de 2017). Consultado a 10 de Dezembro de 2018.
https://m.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/january/documents/papa-francesco_20140125_centro-italiano-femminile.html

Franciscus, Discurso à fundação vaticana “Joseph Ratzinger –Bento XVI” por ocasião do prémio Ratzinger (17 de Novembro de 2018). Consultado a 8 de Janeiro de 2019.
http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/november/documents/papafrancesco_20181117_fondazione-ratzinger.html

Monografias

Almeida, António José de, *Novos ministérios: a necessidade de um salto à frente* (São Paulo: Ed.Paulinas, 2013)

Alva, Justo Luis Sánchez De, *Jesucristo y la mujeres, Reflexiones en torno al Evangelio*, (Madrid: Ed. Palabra S.A, 1993.

Anjos, Amador Dos, *São Paulo e a condição da mulher* (Porto: Ed. Salesianas, 1990), 140.

Arndt, E. William; Gingrich, E. Wilbur, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Christian Literature* (Chicago: Ed. The University of Chicago, 1979)

Bacchiocchi, Samuelle, *Women in the Church* (Michigan: Ed. Biblical Perspectives, 1987), 295.

Brown, Raymond, *The Community of the Beloved Disciple* (New York: Ed. Paulista, 1979), 208.

Beauvoir, Simone de, *Todos Os Homens São Mortais* (São Paulo: Ed. Nova Fronteira, 2019), 254.

Benages, Nuria Calduch, *Donne della Bibbia* (Millano: Ed. Vita e pensiero, 2017), 114.

Bergolio, Jorge; Skorka Abraham, *Sobre o Céu e a Terra* (Lisboa: Ed. Clube do Autor, 2013), 224.

Bianchii, Enzo, *Jesus e as mulheres* (Lisboa: Ed. Guerra e Paz, 2017).

Buttrick, George Arthur; et alia, *The Interpreter's Dictionary of the Bible* (Nashville: Ed. Board, 1962): 1032.

Carr, Anne, *A mulher na Igreja* (Circulo de Leitores: Ed. Nova Consciência, 1994), 334.

Clark, Stephen B., *Man and Woman in Christ, An Examination of the Roles of Men and Women in Light of Scripture and the Social Sciences* (Servant: Ed. Servant Books, 1980), 753.

Culpeper, R. Alan, *Anatomy of the Fourth Gospel, A Study in Literary Design* (Filadélfia: Ed. Augsburg Fortress).

Daly, Mary, *The Church and the Second Sex* (Boston: Ed. Beacon Press, 1986).

Ellis, Petter, *The Genius of John, A Composition-Critical Commentary on the Fourth Gospel*, Collegeville: Ed. Liturgical, 1984.

Evdokimov, Paul, *A Mulher e a Salvação do Mundo* (São Paulo: Ed. Paulinas, 1986).

Escrivá, Josémaria, *A mulher na vida do mundo e da Igreja* (Braga: Edições CAS, 1968)

Fiorenza, Elisabeth Schüsser, *As origens cristãs a partir da mulher. Uma nova hermenêutica*, São Paulo: Ed. Paulinas, 2012.

Fiorenza, Elisabeth Schüsser, *In Memory of Her*, New York: Ed. Crossrad, 1987.

Fischer, Irmtraud, *Femmes sages et dame Sagesse dans l'Ancien Testament*, Paris: Ed. Cerf-Mediaspaul, 2010.

Forcades, Teresa, *Teologia Feminista en la Historia* (Madrid: Ed. Fragmenta, 2011).

Fort, Gertrud von Le, *La donna eterna* (Milão: Ed. Estrella de Oriente, 2005), 224.

Fumagalli, Aristide, *A questão do gênero*, Lisboa: Ed. Multinova, 2017.

Gallares, Judette, *Imagens de Fé, Espiritualidade das mulheres do Antigo Testamento na perspectiva do Terceiro mundo*, São Paulo: Editora Vozes, 2000.

Grenz, Stanley; Kyesbo, Denise, *Women in the Church*, Illinois: Ed. IVP academic, 1995

Irrabondo, Xabier P., *Diccionario de la Biblia* (Navarra: Ed. Verbo Divino, 2007), 1416.

Jeremias, Joachim, *Jerusalén en tiempos de Jesús*, Madrid: Ed. Cristiandad, 2017.

Jonhson, Elisabeth, *The Church Women Want, Catholic Women in Dialogue*, New York: The Crossroad Publishing Company, 2002.

Kung, Häns, *20 tesis sobre Ser Cristiano*, Madrid: Ed. Cristandad, 1977.

Lago, José Fernandez, *Las Mujeres del Evangelio*, Santiago de Compostela: Instituto Teológico Compostelano 12, 2011.

Mckenzie, John L, *Dicionário Bíblico*, São Paulo: Ed. Paulinas, 1983.

Mchug, Peter, *Christ and Womankind*, Maryland: Ed. Newman, 1952.

Meier, John, *Um Judeu Marginal, Repensando o Jesus histórico*, 1, Washington: Ed. Imago, 1992

Mendonça, José Tolentino, *A construção de Jesus*, Prior Velho: Ed. Paulinas, 2015.

Navarro, Mercedes; Bernabé, Carmén, *Distintas y distinguidas, Mujeres en la Biblia y en la historia*, Madrid: Publicações Claretianas, 1995.

Pagola, José, *Recuperar o projecto de Jesus*, Lisboa: Ed. Paulus, Setembro 2016.

Perronni, Marinella; Simonelli I, Cristina, *Maria de Magdala, una geneologia apostólica*, Ed. San Pablo, 2017.

Portillo, Alvaro Del, *Fieles y laicos en la Iglesia, bases de sus respectivos estatutos jurídicos*, Pamplona: Ed. Euza Universidad de Navarra, 1991.

Valerio, Adriana, *Donne e Bibbia*, Bologna: Ed. Dehoniane Bologna, 2006.

Rad, G. Von, *Teologia do Antigo Testamento I e II*, São Paulo: Ed. Aste, 1973

Ratzinger, Cardeal; H.U.V Balthazar et alia, *Misión de la mujer en la iglesia*, Madrid: ed. BAC popular , 2008.

Reed, Evelyn, *Sexo contra sexo ou classe contra classe*, São Paulo: Ed. Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2008.

Russel, M. Letty, *Interpretação feminista de la Biblia*, Bilbao: Ed. Desclée Brouwer, 1995.

Soll, Georg, *Storia del dogmi mariani*, Roma: Ed. Las, 1981.

Velasco, Carmiña de, *Biblia caminho de libertação da mulher*, São Paulo: Ed. Paulinas, 1998.

Wendel, Elisabeth Moltmann-, *Ein eigener Mensch werden: Frauen um Jesus*, Verlagshaus Mohn: GTB Siebenstern, 1982.

Publicações periódicas

Azcuy, Virginia, “Itinerario espiritual y teología de los estados. En Dialogo con Karl Rahner y H. U. V. Balthazar”, *Teología*, 77 (2001) 63-65.

Azcuy, Virginia “Teologia y estudios de género”, *Seminário interno de Professores da Faculdade de Teologia PUC* (13 de Outubro de 2015) 23.

Bañares, Juan Ignacio, “La consideration de la mujer en la Ordenamiento canónico”, in *Ius Canonicum* XXVI 1 (1986) 241-266.

Burgraff, Jutta “Juan Pablo II y la vocación de la mujer”, *Scripta Theologica* 31 (1991) 139-155.

C. Nóvoa M., “La teología es una ciencia histórica e interdisciplinar”, *Theologica Xaveriana*, 141 (2002) 135-136.

Candiotto, Jaci F. “ A experiência das mulheres na hermenêutica bíblica”, *Interecções* 17 (Janeiro-Junho de 2015): 200-215.

Daniel, Kasomo, “The role of women in the Church in Africa”, *International Journal of Sociology and Anthropology* 2 (2010): 139.

Dias, Maria Olivia, “O papel da Mulher na Família, na Sociedade e na Igreja nos Documentos Pontifícios de Leão XIII a João Paulo II”, *Didaskália* XXIX (1999): 353-373.

Evelyn; Stagg, Frank “Woman in the World of Jesus”, *The Westminster Press* 6 (1978): 292.

Exum, Cherly Jo, “Madre en Israel: reconsideration de una figura familiar, in Interpretación de una figura familiar, Letty M. Russel”, *Interpretação feminista de la Biblia* (1995): 86-101.

Johnson, Elisabeth, “The Marian Tradition and The Really of Women”, *Horizons Journal of the College Theology society* 112 (Spring: Setembro, 1985): 116-135.

Janes Kopas, “Jesus and Women: John's Gospel”, in *Theology Today* 41 (1984) 201-205.

Carvalho, José Carlos, “A mulher hebraica no Apocalipse”, *Humanística e Teologia*, 26 (Porto: Ed. Universidade Católica Portuguesa, 2005).

Llach, María Josefa, “Transcendia pública de la cotidianeidad en la vida de las mujeres”, *Teologia XLV* 19 (Agosto 2008)

Núñez, Manuel Mañas, “Mujer y Sociedad en la Roma imperial del siglo I”, *Revista de Historia* 16 (Norba: 1996-2003).

Pottiere, Ignace De La, “L’identità della donna e il mistero della alianza”, *Studia Missionalia* 40 (1991).

Tomita, Luiza Etsuko, “As Mulheres: um desafio para a substância Católica”, *Revista Eletronica Correlatio* 10 (10 de Novembro de 2006): 66.

Yarbo Collins, Adela, “Feminine Symbolism in the Book of Revelation”, *Biblical Interpretation* 1 (1993): 20-33.

Winters, Alicia “La mujer en el Israel premonarquico”, *Revista de Interpretacion bíblica latinoamericana* 15 (Costa Rica: Editorial Dei, 1993): 19-34.

Viana, António “El problema de la participación de los laicos en la potestad de régimen. Dos vías de solución”, *Ius Canonicum* 54 (2014) 614-620.

Pippin, Tina “The Heroine and the Whore: Fantasy and the Female in the Apocalypse of John”, *Semeia* 59 (1992) 67-82.

Vann, Ugo, “La figura della donna nell’Apocalisse”, *Studia Missionalia* 40 (1991) 57-94.

Webgrafia

Bianchi, Enzo “Jesus e as mulheres: no amor não á temor”, in *Revista IHU* 530 (16 de Outubro 2018). Consultada a 23 de Outubro de 2018.

<http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/530>

José, Alessandro Gisotti Silnonei “Francisco e o Papel das mulheres na Igreja”. Consultado no dia 6 de Agosto de 2018. Consultado a 4 de Janeiro de 2019.

<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2018-03/francisco-e-o-papel-das-mulheres-na-igreja.html>.

Falasca, Stefania, “Kasper: «Alla Chiesa serve il genio femminile»” (13 de Março de 2014). Consultado a 15 de Outubro de 2018. <https://www.avvenire.it/chiesa/pagine/intervista-cardinale-kasper-stefania-falasca-famiglia-avvenire>.

Minear, Paul, “We don’t know where . . .”, *Interpretation, a Journal of Bible and Theology* 30 (Abril, 1976) 125-140 . Consultado a 10 de Setembro de 2018.

<http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/002096437603000202>

Shneider’s, Sandra, “Women in the Fourth Gospel and the Role of Women in the Contemporary Church”, in *Biblical Theological Bulletin* 12 (1982) 35-45. Consultado a 20 de 25 de Setembro de 2018.

https://www.researchgate.net/publication/249840522_Women_in_the_Fourth_Gospel_and_the_Role_of_Women_in_the_Contemporary_Church

ANEXOS

Tabelas e Gráficos para análise de conteúdo do 2º grupo do questionário, por faixas etárias

Observações: Para caracterizar as faixas etárias (aspectos a considerar), usei o seguinte critério: o número de pessoas que responderam, o número de homens e mulheres, e de seguida fiz uma caracterização geral do grupo (as características apresentadas vão do maior grupo de resposta ao menor)

Anexo 1

Faixa Etária: Dos 16 aos 20 anos

Aspectos a considerar: - 16 Pessoas - 9 Mulheres e 7 Homens - Estudantes; solteiros; ligados a movimentos eclesiais; catequistas; acólitos; uma minoria não está ligada a nada; dioceses de Braga, Lisboa, Évora, Vila Real, Porto.
--

Tabela 6: Número de pessoas que responderam a cada nível de afirmação entre os 16 e os 20 anos

AFIRMAÇÃO	1	2	3	4	5
A Igreja valoriza o papel das mulheres na Igreja.	2	1	5	6	1
As mulheres devem estar nos lugares de decisões importantes da Igreja.	1	0	6	0	0
A mulher deve receber o ministério presbiteral.	1	0	4	3	6
É reconhecida a igualdade entre o Homem e a Mulher na Igreja.	4	3	7	1	1
A gestão e liderança das paróquias podem ser entregues às mulheres.	0	1	5	0	10
As mulheres têm as mesmas capacidades, intelectuais, psicológicas e afectivas, que os homens para assegurarem as mesmas funções que os homens nas comunidades eclesiais.	0	0	1	3	13
As mulheres devem estar integradas na formação dos candidatos a presbíteros.	1	1	4	2	8
Se as mulheres começarem a ter maior relevo na Igreja, os homens poderão afastar-se mais da Igreja.	8	2	3	3	0
A mulher deve poder pregar ou fazer a homilia nas celebrações.	2	3	1	1	9
Na vida matrimonial, cabe sobretudo à mulher ensinar os valores cristãos aos seus descendentes, bem como acompanhá-los a vida cristã	2	3	1	1	9

A mulher tem uma maior capacidade de aconselhamento e empatia do que os homens.	1	1	8	5	1
Apoiando-se com fundamentos religiosos, ainda há quem julgue que a mulher deve ser submissa ao marido.	3	3	2	4	4
A postura de Jesus evidencia a igualdade entre Mulher e Homem.	1	0	6	2	7
Os homens não se sentem acolhidos nas celebrações litúrgicas e para-litúrgicas	9	2	5	0	0
Os últimos Papas têm reflectido suficientemente sobre o papel da mulher na Igreja e na Sociedade.	3	0	8	2	3
Estamos a transitar, na Igreja, de uma postura mais passiva da mulher para uma postura mais activa	0	3	5	6	2
As mulheres e os homens são considerados de igual dignidade na Igreja e na Sociedade.	1	5	7	1	2

Anexo 2
Faixa Etária: dos 21 aos 30 anos

<p>Aspectos a considerar:</p> <ul style="list-style-type: none"> - 91 pessoas - 54 mulheres e 37 homens - Licenciados, mestrados, a frequentar o ensino; maioria solteiro, união de facto e casado; dioceses de Lisboa, Angra, Algarve, Braga, Viana do Castelo, Beja, Guarda, Porto, Funchal, Castelo Branco, Setúbal, Leiria-Fátima; apenas participa na eucaristia, não participa, Ligado a grupos socio-caritativos, grupo coral, movimentos eclesiais, leitor, catequista, animadores de grupo de jovens, Ministro Extraordinários da comunhão, clérigos.

Tabela 7 Número de respostas por cada nível de afirmação entre os 21 a 30 anos

AFIRMAÇÃO	1	2	3	4	5
A Igreja valoriza o papel das mulheres na Igreja.	5	10	42	17	17
As mulheres devem estar nos lugares de decisões importantes da Igreja.	2	3	14	22	21
A mulher deve receber o ministério presbiteral.	35	10	13	17	15
É reconhecida a igualdade entre o Homem e a Mulher na Igreja.	20	24	23	11	13
A gestão e liderança das paróquias podem ser entregues às mulheres.	8	5	18	21	40
As mulheres têm as mesmas capacidades, intelectuais, psicológicas e afectivas, que os homens para assegurarem as mesmas funções que os homens nas comunidades eclesiais.	2	4	19	10	56
As mulheres devem estar integradas na formação dos candidatos a presbíteros.	6	4	12	25	45
Se as mulheres começarem a ter maior relevo na Igreja, os homens poderão afastar-se mais da Igreja.	47	16	17	8	3
A mulher deve poder pregar ou fazer a homilia nas celebrações.	22	10	19	11	40
Na vida matrimonial, cabe sobretudo à mulher ensinar os valores cristãos aos seus descendentes, bem como acompanhá-los a vida cristã	29	19	23	9	11
A mulher tem uma maior capacidade de aconselhamento e empatia do que os homens.	13	15	39	20	4
Apoiando-se com fundamentos religiosos, ainda há quem julgue que a mulher deve ser submissa ao marido.	24	9	14	23	21
A postura de Jesus evidencia a igualdade entre Mulher e Homem.	3	2	12	27	48
Os homens não se sentem acolhidos nas celebrações litúrgicas e para-litúrgicas	42	19	30	8	2
Os últimos Papas têm reflectido suficientemente sobre o papel da mulher na Igreja e na Sociedade.	6	11	25	31	19
Estamos a transitar, na Igreja, de uma postura mais passiva da mulher para uma postura mais activa	0	6	26	35	24
As mulheres e os homens são considerados de igual dignidade na Igreja e na Sociedade.	7	20	26	19	19

Anexo 3
Faixa etária: dos 31 aos 40 anos

Aspectos a considerar:
- 148 Pessoas
- 96 Mulheres e 52 homens
- Casados, solteiros, união de facto; Licenciados, mestrado, 12ºano, pós-graduação, bacharelato; Empregado, desempregado, à procura do primeiro emprego, doméstica; dioceses Guarda, Lisboa, Porto, Setúbal, Angra, Guarda, Leiria, Évora, Beja, Forças Armadas, Viseu, Portalegre, Algarve, Braga, Bragança-Miranda; não está ligado, grupos socio-caritativos, catequistas, leitores, animadores, coro, seminaristas, limpeza e manutenção do espaço de culto.

Tabela 8 Número de pessoas que responderam por cada nível de afirmação entre os 31 aos 40 anos

AFIRMAÇÃO	1	2	3	4	5
A Igreja valoriza o papel das mulheres na Igreja.	20	2	48	48	31
As mulheres devem estar nos lugares de decisões importantes da Igreja.	1	11	6	67	79
A mulher deve receber o ministério presbiteral.	6	36	25	25	37
É reconhecida a igualdade entre o Homem e a Mulher na Igreja.	52	5	42	24	26
A gestão e liderança das paróquias podem ser entregues às mulheres.	3	2	23	46	65
As mulheres têm as mesmas capacidades, intelectuais, psicológicas e afectivas, que os homens para assegurarem as mesmas funções que os homens nas comunidades eclesiais.	54	11	12	41	93
As mulheres devem estar integradas na formação dos candidatos a presbíteros.	18	29	17	17	71
Se as mulheres começarem a ter maior relevo na Igreja, os homens poderão afastar-se mais da Igreja.	62	7	25	35	8
A mulher deve poder pregar ou fazer a homilia nas celebrações.	22	22	26	16	57
Na vida matrimonial, cabe sobretudo à mulher ensinar os valores cristãos aos seus descendentes, bem como acompanhá-los a vida cristã	71	20	28	27	20
A mulher tem uma maior capacidade de aconselhamento e empatia do que os homens.	7	7	55	33	28
Apoiando-se com fundamentos religiosos, ainda há quem julgue que a mulher deve ser submissa ao marido.	6	3	24	21	29
A postura de Jesus evidencia a igualdade entre Mulher e Homem.	8	25	19	12	102
Os homens não se sentem acolhidos nas celebrações litúrgicas e para-litúrgicas	21	21	54	51	5
Os últimos Papas têm reflectido suficientemente sobre o papel da mulher na Igreja e na Sociedade.	50	5	49	67	23
Estamos a transitar, na Igreja, de uma postura mais passiva da mulher para uma postura mais activa	5	9	43	36	28
As mulheres e os homens são considerados de igual dignidade na Igreja e na Sociedade.	5	25	43	30	45

Anexo 4

Faixa etária: dos 41 aos 50 anos

Aspectos a considerar:
- 142 pessoas - 64 mulheres e 31 homens - Licenciados, 12ºano, 9ºano, doutoramento, Bacharelato, mestrado -Empregado, estudante, desempregado; casado, solteiro, união de facto, viúvo; dioceses Braga, Leiria, Vila Real, Setúbal, Porto, Évora, Angra, Viana do Castelo, Aveiro, Viseu, Guarda; ligado a movimentos, apenas participa a eucaristia, não está ligado, Religioso, grupos socio-caritativos; Ministro Extraordinário da comunhão, animadores de grupos de jovens, leitor.

Tabela 9 Número de respostas por cada nível de afirmação entre os 41 e os 50 anos.

AFIRMAÇÃO	1	2	3	4	5
A Igreja valoriza o papel das mulheres na Igreja.	11	18	58	38	20
As mulheres devem estar nos lugares de decisões importantes da Igreja.	4	3	23	38	75
A mulher deve receber o ministério presbiteral.	37	13	28	29	43
É reconhecida a igualdade entre o Homem e a Mulher na Igreja.	32	45	33	20	12
A gestão e liderança das paróquias podem ser entregues às mulheres.	7	5	31	31	74
As mulheres têm as mesmas capacidades, intelectuais, psicológicas e afectivas, que os homens para assegurarem as mesmas funções que os homens nas comunidades eclesiais.	3	3	20	28	90
As mulheres devem estar integradas na formação dos candidatos a presbíteros.	18	4	21	30	69
Se as mulheres começarem a ter maior relevo na Igreja, os homens poderão afastar-se mais da Igreja.	72	24	30	7	9
A mulher deve poder pregar ou fazer a homilia nas celebrações.	25	7	24	32	56
Na vida matrimonial, cabe sobretudo à mulher ensinar os valores cristãos aos seus descendentes, bem como acompanhá-los a vida cristã	51	27	32	16	16
A mulher tem uma maior capacidade de aconselhamento e empatia do que os homens.	24	11	45	34	29
Apoiando-se com fundamentos religiosos, ainda há quem julgue que a mulher deve ser submissa ao marido.	60	12	23	23	26
A postura de Jesus evidencia a igualdade entre Mulher e Homem.	7	4	27	34	70
Os homens não se sentem acolhidos nas celebrações litúrgicas e para-litúrgicas	47	27	50	15	3
Os últimos Papas têm reflectido suficientemente sobre o papel da mulher na Igreja e na Sociedade.	8	13	49	49	23
Estamos a transitar, na Igreja, de uma postura mais passiva da mulher para uma postura mais activa	4	10	51	51	26
As mulheres e os homens são considerados de igual dignidade na Igreja e na Sociedade.	10	39	45	29	20

Anexo 5
Faixa etária dos 51 aos 60 anos

Aspectos a considerar:
- 82 pessoas - 58 mulheres e 24 homens -Mestrado, Licenciado, doutoramento, 12ºano, 4ºano; empregado, sacerdote, aposentado, desempregado; união de facto, casado, viúvo, solteiro; dioceses de Lisboa, Évora, Viana do Castelo, Braga, Setúbal, Forças Armadas, Porto, Guarda, Leiria, Portalegre-Castelo Branco; ligados a grupos, animador de grupos de jovens, não está a ligado, catequista, Ministro Extraordinário da comunhão, Religioso, clérigo, leitor, limpeza e manutenção, director de IPSS's

Tabela 10 Número de pessoas que responderam por cada nível de afirmação entre os 51 e os 60 anos

AFIRMAÇÃO	1	2	3	4	5
A Igreja valoriza o papel das mulheres na Igreja.	1	16	23	21	21
As mulheres devem estar nos lugares de decisões importantes da Igreja.	3	3	10	30	36
A mulher deve receber o ministério presbiteral.	25	6	17	19	15
É reconhecida a igualdade entre o Homem e a Mulher na Igreja.	13	14	27	10	15
A gestão e liderança das paróquias podem ser entregues às mulheres.	3	3	20	16	40
As mulheres têm as mesmas capacidades, intelectuais, psicológicas e afectivas, que os homens para assegurarem as mesmas funções que os homens nas comunidades eclesiais.	4	4	6	11	57
As mulheres devem estar integradas na formação dos candidatos a presbíteros.	8	6	8	30	30
Se as mulheres começarem a ter maior relevo na Igreja, os homens poderão afastar-se mais da Igreja.	39	15	14	6	8
A mulher deve poder pregar ou fazer a homilia nas celebrações.	17	7	13	21	24
Na vida matrimonial, cabe sobretudo à mulher ensinar os valores cristãos aos seus descendentes, bem como acompanhá-los a vida cristã	35	16	21	1	9
A mulher tem uma maior capacidade de aconselhamento e empatia do que os homens.	13	10	26	21	12
Apoiando-se com fundamentos religiosos, ainda há quem julgue que a mulher deve ser submissa ao marido.	35	9	19	8	11
A postura de Jesus evidencia a igualdade entre Mulher e Homem.	1	0	11	13	57
Os homens não se sentem acolhidos nas celebrações litúrgicas e para-litúrgicas	27	18	24	6	7
Os últimos Papas têm reflectido suficientemente sobre o papel da mulher na Igreja e na Sociedade.	4	6	25	19	28
Estamos a transitar, na Igreja, de uma postura mais passiva da mulher para uma postura mais activa	2	5	22	31	22
As mulheres e os homens são considerados de igual dignidade na Igreja e na Sociedade.	8	13	18	14	29

Anexo 6
Faixa etária dos 61 aos 70 anos

Aspectos a considerar:
- 36 pessoas - 30 Mulheres e 6 Homens. - Licenciatura, Bacharelato, Mestrado, 6ºano, 9ºano, doutoramento, 12ºano, 4ºano; aposentado, empregado, casado, casamento civil, viúvo; distritos de Braga, Lisboa, Bragança-Miranda, Porto, Algarve, Portalegre-Castelo Branco, Setúbal; ligado a grupos socio-caritativos, apenas participa na eucaristia; limpeza e manutenção, coro, catequese, não tem.

Tabela 11 Número de pessoas que responderam a cada nível de afirmação entre os 61 e 70 anos

AFIRMAÇÃO	1	2	3	4	5
A Igreja valoriza o papel das mulheres na Igreja.	1	2	12	12	9
As mulheres devem estar nos lugares de decisões importantes da Igreja.	1	1	6	10	18
A mulher deve receber o ministério presbiteral.	6	3	10	5	12
É reconhecida a igualdade entre o Homem e a Mulher na Igreja.	6	9	11	4	30
A gestão e liderança das paróquias podem ser entregues às mulheres.	3	1	7	8	17
As mulheres têm as mesmas capacidades, intelectuais, psicológicas e afectivas, que os homens para assegurarem as mesmas funções que os homens nas comunidades eclesiais.	2	1	4	10	19
As mulheres devem estar integradas na formação dos candidatos a presbíteros.	5	1	7	8	15
Se as mulheres começarem a ter maior relevo na Igreja, os homens poderão afastar-se mais da Igreja.	12	6	5	5	8
A mulher deve poder pregar ou fazer a homilia nas celebrações.	8	0	6	9	13
Na vida matrimonial, cabe sobretudo à mulher ensinar os valores cristãos aos seus descendentes, bem como acompanhá-los a vida cristã	9	5	10	7	5
A mulher tem uma maior capacidade de aconselhamento e empatia do que os homens.	1	3	12	13	7
Apoiando-se com fundamentos religiosos, ainda há quem julgue que a mulher deve ser submissa ao marido.	11	6	8	7	4
A postura de Jesus evidencia a igualdade entre Mulher e Homem.	0	3	3	9	21
Os homens não se sentem acolhidos nas celebrações litúrgicas e para-litúrgicas	4	5	14	9	4
Os últimos Papas têm reflectido suficientemente sobre o papel da mulher na Igreja e na Sociedade.	1	7	7	10	11
Estamos a transitar, na Igreja, de uma postura mais passiva da mulher para uma postura mais activa	1	1	11	14	9
As mulheres e os homens são considerados de igual dignidade na Igreja e na Sociedade.	0	7	10	11	8

Anexo 7
Faixa etária entre os 71 aos 80 anos

Aspectos a considerar:
- 12 Pessoas - 9 Mulheres 3 Homens - Casado, solteiro, união de facto; diocese de Braga, Leiria, Évora; grupos socio-caritativos, leitor, catequista, Religioso, catequista, apenas participa na eucaristia, clérigo, director de IPSS's

Tabela 12 Número de pessoas que responderam a cada nível de afirmação entre os 71 e 80 anos

AFIRMAÇÃO	1	2	3	4	5
A Igreja valoriza o papel das mulheres na Igreja.	5	0	2	3	2
As mulheres devem estar nos lugares de decisões importantes da Igreja.	0	0	4	2	6
A mulher deve receber o ministério presbiteral.	1	0	4	0	3
É reconhecida a igualdade entre o Homem e a Mulher na Igreja.	2	1	4	0	5
A gestão e liderança das paróquias podem ser entregues às mulheres.	0	0	1	3	8
As mulheres têm as mesmas capacidades, intelectuais, psicológicas e afectivas, que os homens para assegurarem as mesmas funções que os homens nas comunidades eclesiais.	0	0	0	0	12
As mulheres devem estar integradas na formação dos candidatos a presbíteros.	0	0	0	2	11
Se as mulheres começarem a ter maior relevo na Igreja, os homens poderão afastar-se mais da Igreja.	2	0	1	8	0
A mulher deve poder pregar ou fazer a homilia nas celebrações.	0	2	0	7	4
Na vida matrimonial, cabe sobretudo à mulher ensinar os valores cristãos aos seus descendentes, bem como acompanhá-los a vida cristã	1	0	0	0	10
A mulher tem uma maior capacidade de aconselhamento e empatia do que os homens.	0	0	3	2	8
Apoiando-se com fundamentos religiosos, ainda há quem julgue que a mulher deve ser submissa ao marido.	4	0	0	0	9
A postura de Jesus evidencia a igualdade entre Mulher e Homem.	7	0	1	1	4
Os homens não se sentem acolhidos nas celebrações litúrgicas e para-litúrgicas	7	0	1	1	4
Os últimos Papas têm reflectido suficientemente sobre o papel da mulher na Igreja e na Sociedade.	1	2	0	2	7
Estamos a transitar, na Igreja, de uma postura mais passiva da mulher para uma postura mais activa	1	0	1	3	8
As mulheres e os homens são considerados de igual dignidade na Igreja e na Sociedade.	2	0	3	1	7

Anexo 8
Entrevista a Susana Laranjeira
Idade: 44 anos

Profissão: Professora de Educação Moral Religiosa Católica

Estado civil: Casada

Habilitações académicas: Licenciatura em Gestão Comercial e Contabilidade; Licenciatura e Mestrado em Ciências da Educação- especialização em Pastoral Juvenil; Mestrado em Ciências Religiosas.

.Braga, 20 de Abril de 2019

MÁRCIO CARREIRA: Bom dia Susana. Agradeço desde já a tua disponibilidade por me concederes esta entrevista. Susana, tu como “ex-religiosa” e uma leiga activa, achas que a Igreja reconhece o papel da mulher?

SUSANA LARANJEIRA: Bom dia Márcio. Obrigado eu pela tua escolha. Quanto à questão que me fazes, bem.... Eu penso que reconhece o papel da mulher... Mas penso que não o valoriza tal como merece. Sabes... a Igreja reconhece que a mulher exerce várias funções no seio da Igreja, mas também cada mulher é uma mulher... Depende muito da sua vivência e participação no culto, mas reconhece menos o papel que poderia ter nos órgãos de decisão da Igreja, tal como os homens.

MÁRCIO CARREIRA: Então e como vês presença e participação da mulher?

SUSANA LARANJEIRA: Vejo-a de forma positiva, possível e, mais que isso, indispensável!
Aliás, uma maior parte dos membros da Igreja são mulheres e sem estas a Igreja teria a perder na sua vivência.

MÁRCIO CARREIRA: A dignidade do ser humano é muito importante na sociedade. Na Igreja, achas que dignidade da mulher é reconhecida?

SUSANA LARANJEIRA: A dignidade penso que reconhece, até porque ela é intrínseca ao ser humano. Na nossa cultura actual, retirando alguns casos que pertence à cultura de outros países, em que a mulher não vem reconhecida na sua total dignidade, por uma ausência de direitos e deveres, a mulher vem sendo respeitada na sua dignidade.

MÁRCIO CARREIRA: Como sabes, temos grandes mulheres a gerir empresas, grandes líderes. Consideras que, na Igreja, gestão e a liderança das paróquias poderia ser entregue também às mulheres?

SUSANA LARANJEIRA: Sim, claro! Sem dúvida que sim... As competências do ser humano não devem ser medidas pelo género, mas sim pela eficácia e eficiente dessas mesmas competências. E as mulheres neste aspeto de liderança a mulher está preparada, tal como o homem, porque ambos são dotados das mesmas competências.

MÁRCIO CARREIRA: Voltemo-nos agora para a questão da vida matrimonial. Pensas que a educação cristã dos filhos cabe sobretudo à mulher ou a ambos os conjugues?

SUSANA LARANJEIRA: Considero que deve caber a ambos os cônjuges. Ambos são cristãos e cada cristão na sua individualidade tem a missão de testemunhar e vivenciar a fé transmitindo-a aos filhos.

MÁRCIO CARREIRA: Lanço-te agora uma afirmação “a mulher deve ser submissa ao marido”. Que tens a dizer sobre isto?

SUSANA LARANJEIRA: Hoje, a sociedade vê o termo submissão como sendo negativa. Porque implica que a mulher seja quase que escrava na obediência ao marido. Porém, em termos bíblicos esta submissão vem a seguir ao termo amor do marido pela mulher e vice-versa... sublinha bem isto.. Quem ama obedece porque simplesmente confia e toma livremente a atitude de agradar porque ama o outro, porque o quer ver feliz. Se o termo submissão implica falta de liberdade e de confiança, então considero que a mulher não deve ser submissa ao marido nem o marido à mulher, porque falta o sentido do amor.

MÁRCIO CARREIRA: Na experiência que tens na área pastoral, achas que os homens se sentem motivados e integrados na vida da Igreja?

SUSANA LARANJEIRA: Na maior parte não. Mas há ainda bastantes homens que se sentem motivados e integrados.

MÁRCIO CARREIRA: Como consideras a participação dos homens na vida litúrgica da Igreja?

SUSANA LARANJEIRA: Considero-a, de forma geral, uma participação mais por acompanhamento da mulher. Os que realmente o são, é porque na Igreja têm alguma missão que lhes foi confiada, ou de destaque, ou simplesmente por o fazerem por uma verdadeira fé esclarecida.

MÁRCIO CARREIRA: Voltando ainda ao papel da mulher, em que medida a mulher pode ser um agente activo de aconselhamento e direcção espiritual no seio das comunidades cristãs?

SUSANA LARANJEIRA: Uma vez que são as mulheres que têm maior participação na Igreja, devem estar presentes nas decisões que as levam a participar.... Não é?! A mulher pode trazer uma perspectiva, da mesma decisão, diferente da do homem, e ambas completarem-se em vista a uma decisão mais evangélica e mais... humana.

MÁRCIO CARREIRA: Tu que certamente tiveste colegas futuros padres, no teu ponto de vista, consideras importante o papel da mulher na formação dos candidatos ao sacerdócio?

SUSANA LARANJEIRA: Claro que sim, porque lhes dá uma visão mais afetiva da fé, da vocação, da Igreja, e da humanidade. Pensemos em Maria, Mãe de Jesus...

MÁRCIO CARREIRA: Grande Susana, a mulher deve aceder ou não aos ministérios ordenados?

SUSANA LARANJEIRA: Claro... Considero que sim. Porque a fé e a vivência do evangelho, que nos torna seguidores de Jesus Cristo, não tem género. Deus é amor.. E no amor estão o homem e a mulher.

MÁRCIO CARREIRA: Susana, tu que foste uma mulher ligada à pastoral, como é que a Igreja pode abrir-se a uma maior responsabilização da mulher nas suas estruturas?

SUSANA LARANJEIRA: Colocando-as nos variados Conselhos e como agentes pastorais... Colocando-as, quando competentes, para os órgãos de decisão...

MÁRCIO CARREIRA: Acha que haverá uma boa aceitação nessas tarefas?

SUSANA LARANJEIRA: Sim... Tem que perder o medo da ameaça feminina no mundo do Clero. Aceitar as mulheres como sendo competentes para exercer as funções dos homens, sem qualquer tipo de diferença ou suspeita. Se não aceitamos as mulheres em Igreja, então o sentido do evangelho perde-se. Perde-se uma parte da humanidade, e esta humanidade também é criação de Deus como cocriadora no mundo. Quem são os homens para distinguir o que Deus criou à Sua semelhança?

MÁRCIO CARREIRA: Muito obrigado Susana, pela tua entrevista... Espero que um dia tu possas, quem sabe, dar o teu contributo na vida da Igreja, com melhor empenho e decisão...

Anexo 9
Entrevista a Padre Fernando Escola
Idade: 32 anos

Profissão: Padre e reitor do Seminário menor

Estado Civil: Solteiro

Diocese: Lisboa

Habilitações académicas: Mestrado integrado em Teologia.

Seminário Menor de Penaferme, Torres Vedras, 03 de Maio de 2019

MÁRCIO CARREIRA: Boa Tarde Padre Fernando! Agradeço desde já a sua disponibilidade para a entrevista.

PE. FERNANDO: Ora essa... é um gosto!

MÁRCIO CARREIRA: Como sabe, eu estou a realizar a minha tese de mestrado sobre o Papel da Mulher na Igreja. Visto assumir funções imprescindíveis na área da formação dos futuros presbíteros, penso que seria interessante ouvi-lo, no sentido em que possa, digamos assim, que medida ou que iniciativas estão a ser tidas em conta para uma valorização do papel da mulher na igreja, na formação dos candidatos. Mas vou iniciar por uma questão central na minha tese: na sua opinião, a Igreja reconhece o papel da mulher?

PE. FERNANDO: Sim, sim!... Actualmente a presença da mulher é uma realidade perante a qual se tem vindo a ter mais sensibilidade e consciência, mesmo que esta não faça tudo o que o homem faz. Do ponto de vista da especificidade da personalidade feminina, como falava à pouco, a igreja tem sublinhado essa dimensão e desejado aproveitar esta dimensão como uma mais-valia, sem dúvida...

MÁRCIO CARREIRA: Articulando a personalidade feminina à própria dignidade de mulher, pensa que a Igreja reconhece verdadeiramente, digamos assim, a dignidade feminina?

PE. FERNANDO: Sim, penso que a Igreja se tem pronunciado a este respeito, seja por meio da posição de alguns Papas em linhas do seu Magistério, seja também.... Pela própria expressão concreta que a presença da mulher veio adquirindo nestes tempos recentes. Assiste-se hoje a uma sensibilidade em termos da presença da mulher nas questões da Igreja, havendo o cuidado de ouvir a sua voz e reconhecer o seu entendimento e personalidade como enriquecimento no processo pastoral e comunitário.

MÁRCIO CARREIRA: Sim, mas como formador de seminário e sabendo da realidade da formação, transmite-se esses valores aos seminaristas?

PE. FERNANDO: Sim, aliás nos seminários, precisamente por ser um ambiente cujos alunos são apenas do sexo masculino, tem-se vindo a apostar na presença de mulheres que possam exercer um papel na formação dos seminaristas, de modo a que tal presença contribua para um crescimento harmonioso e maduro da sua identidade humana e sexual.

MÁRCIO CARREIRA: Interessante haver essa aposta de mulheres para a formação. Mas se poder desenvolver o porquê dessa aposta.

PE. FERNANDO: Nos candidatos ao sacerdócio é importante o crescimento humano integral nas suas várias vertentes... É importante, sem dúvida... Nomeadamente na parte afectiva, relacional e de sensibilidade. Os traços femininos funcionam como pontos cardeais que podem ajudar a desenvolver estes aspectos na caminhada vocacional dos candidatos ao sacerdócio e, ao mesmo tempo, ajudar a integrá-los, sem ficarem esquecidos ou simplesmente ignorados. O contacto quotidiano com a mulher ajuda os seminaristas a desenvolver atitudes e gestos humanizantes, mesmo sem a mulher precisar de integrar, por exemplo, a equipa formadora principal.

MÁRCIO CARREIRA: Padre Fernando, mas entrando mais concretamente nas comunidades, na sua opinião o papel da mulher tem a mesma medida do que o do homem?

PE. FERNANDO: Penso que o papel da mulher é devidamente distinto do papel do homem. Ponto! Mas essa diferença em nada discrimina ou desvaloriza a importância das mulheres e do seu precioso contributo à comunidade humana e cristã. É precisamente o reconhecimento da diferença da mulher face ao homem que faz com que a Igreja peça à mulher que se dê... que se ofereça... que se disponibilize... e nada a mais a partir daquilo que é e que tem em si mesma.

MÁRCIO CARREIRA: Mas como vê a participação e a presença da mulher?

PE. FERNANDO: Fico feliz, porque vejo acima de tudo uma maior abertura e ousadia que permite uma presença da mulher nas estruturas da igreja sem tabus, reticências e desconfianças provocadas por interpretações culturais que não a valorizam. Penso haver um maior cuidado para que não haja preconceito nesta questão. Mas é importante ao mesmo tempo olhar-se com uma prudência adequada para que a presença da mulher na igreja não seja veiculada simplesmente e só... por opiniões e critérios emocionais.

MÁRCIO CARREIRA: Nesta abertura e ousadia que falas que dá aso à presença das mulheres nas estruturas, qual a tua opinião sobre uma possível entrega de gestão e a liderança também a elas?

PE. FERNANDO: Não vejo objecção a que as mulheres possam assumir lugares de destaque e liderança, pois são capacitadas para o efeito. Certo!? Bom, mas... Parece-me apenas que há que ter em conta que essa liderança deverá sempre ser uma realidade que brote de uma comunhão eclesial e que por isso, nunca, mas nunca desligada da figura que, espiritualmente e também de forma pastoral, não é? Tem a missão de conduzir o povo.

MÁRCIO CARREIRA: Pegando ainda nas estruturas, a nível de aconselhamento e direcção espiritual, acha que a mulher pode ter um papel mais activo nesta área?

PE. FERNANDO: Sim! A mulher é diferente do homem e é positivo que assim seja. Se olharmos para a sua raiz antropológica... a sua identidade..., tal como a do homem, tendo uma determinada especificidade, permite um enriquecimento na reflexão e discernimento sérios e honestos acerca de matérias sobre as quais a Igreja é chamada a pronunciar-se e mais importante... a iluminar com os valores do Evangelho. A personalidade feminina ajuda sim à complementaridade do pensamento humano que não pode prescindir dessa riqueza.

MÁRCIO CARREIRA: **Desculpa insistir neste assunto, mas afinal o que fazer ou como é que a Igreja pode abrir-se a uma maior responsabilização da mulher nas suas estruturas?**

PE. FERNANDO: Não tem mal, eu entendo... Penso que seja tudo uma questão com multiplicidade de respostas consoante a realidade do meio em questão. Contudo... Acima de tudo, penso que passará por escutar a voz da mulher, não prescindindo da sua presença e capacidade de leitura das questões, tendo sempre como base a igual dignidade do homem e da mulher, mas atenção... muita atenção, sem cair no erro de achar que ambos são iguais. É precisamente no reconhecimento da diferença entre homem e mulher, sem ceder à corrente actual da anulação das diferenças entre si, que poderemos usufruir de uma comunhão em que homem e mulher se completam e contribuem para o progresso da civilização humana.

MÁRCIO CARREIRA: **Olhando agora para a parte masculina, e olhando também para as assembleias litúrgicas, acha que os homens se sentem motivados, e diria integrados, na vida eclesial?**

PE. FERNANDO: Acho que sim! A própria vivência da fé e a prática eclesial os integra e os insere na dinâmica comunitária. Todos eles fazem-se sentir parte do mesmo Corpo que é a Igreja. Por isso... han... Não vejo razões fundamentadas que possam afastar os homens na vida da Igreja. Bem, mas... a não ser em casos muito particulares, em que, por questões de mentalidade o homem se sinta desfasado do ambiente eclesial.

MÁRCIO CARREIRA: **Portanto, podemos concluir, que a participação do homem até é positiva na vida eclesial...**

PE. FERNANDO: Sim frei... É uma participação positiva e não exclusiva. E não sei se sabes... mas até agora aqui na diocese estamos a viver o tema da Liturgia e fala-se nesta relação dos membros do corpo que ajudam a criar pontes para a relação com o outro e a fomentar um trabalho de inter-ajuda, em que todos, independentemente da sua identidade, se sintam chamados a tomar parte e a contribuir com o que têm para oferecer de si próprios aos outros.

MÁRCIO CARREIRA: **Como sabe, ao longo do tempo tivemos uma sociedade em que o homem era o senhor. E hoje em dia, muitas pessoas, apoiando-se em fundamentos religiosos, dizem que a mulher deve ser submissa ao marido. Que me tem a dizer sobre isto?**

PE. FERNANDO: Não concordo com o que dizes! Ou, na melhor das hipóteses, posso concordar mas apenas com um esclarecimento em relação ao seu sentido e contexto. Isto é uma linguagem tirada da Sagrada Escritura, nomeadamente do apóstolo S. Paulo mas onde se

diz também claramente que essa submissão deve acontecer para com o marido e para com Deus. Vejamos... a palavra submissão na língua portuguesa tem uma certa conotação pejorativa que a desvincula do verdadeiro sentido de oferta e entrega total de livre vontade. Ainda dentro da expressão é igualmente referido que os maridos devem amar as esposas como Cristo amou a Igreja. O que eleva também a exigência do compromisso que é pedido ao homem. Desta forma percebe-se que a mulher não fica subjugada, nem em condições desfavoráveis face à missão do homem. Como vês... Ambos têm um desafio e uma vocação que se completa na relação de um com o outro.

MÁRCIO CARREIRA: Olhando agora para a vida matrimonial, falando dos filhos, acha que a educação cristã deles cabe sobretudo à mulher ou a ambos?

PE.FERNANDO: Cabe a ambos! O matrimónio é um compromisso a dois, de onde deriva a educação dos filhos. A família é a Igreja doméstica... é o lar onde se nasce para os valores da fé e a grande e primordial lição que há a transmitir e a receber, é precisamente a vida em comunhão, o não viver para si próprio, a vitória sobre a auto-suficiência e o individualismo. Delegar a educação cristã dos filhos para um dos cônjuges, como princípio em si, é um contratestemunho neste sentido. Não tem sentido nenhum... mesmo...

MÁRCIO CARREIRA: E terminando assim, com uma questão, talvez mais delicada. Como vê o acesso das mulheres aos ministérios ordenados?

PE.FERNANDO: Penso que não! Dada a delicadeza da matéria e por estarmos a falar de um capítulo sacramental, aliás... cuja autoridade e legitimidade derivam directamente do mandato do próprio Jesus. Tu sabes que na raiz sacramental está a instituição divina do sacramento por parte do próprio Jesus que confiou este ministério específico aos homens. Para além disso, e mais... estes serviços não devem ser exercidos meramente por necessidade ou boa vontade do próprio mas sim, e é importante realçar como uma vocação e nesse sentido como chamamento da parte de Deus que é confirmado pela Igreja, enquanto mediadora de Cristo na Terra. Dessa forma, a vocação da mulher tem igual valor à do homem, mesmo não acedendo ao ministério ordenado.

MÁRCIO CARREIRA: Terminada assim a entrevista, agradeço a sua disponibilidade, esperando que suscite nos nossos seminaristas uma maior sensibilidade para o papel da mulher.

Anexo 10
Entrevista à Irmã Eliete Feliciano
Idade: 39 anos

Estado civil: Solteira

Profissão: Religiosa e mestre de noviças

Diocese: Porto

Habilitações académicas: Mestre em Ciências da Educação com especialização em formação de formadores e animadores vocacionados, pela Pontifícia Universidade Salesiana

Santo Tirso, 2 de Maio de 2019

MÁRCIO CARREIRA: Boa tarde Irmã Eliete. Obrigado por ter dispensado uns momentos do seu tempo para me responder a algumas questões. Como já tínhamos falado, estou a realizar a minha tese de mestrado sobre o Papel da mulher na Igreja. Gostaria que me respondesse algumas questões, num ponto de vista de irmã consagrada, uma mulher activa na vida da formação de tantas irmãs.

Mas sem mais rodeios, comecemos então: a irmã, como mulher e consagrada, considera que a Igreja reconhece o papel da mulher?

IRMÃ ELIETE: Considero que sim no contexto que conheço, ou seja, em Portugal. Creio que se tem feito um progresso no sentido de se perceber o papel do leigo na vida da Igreja e a mulher tem dado um grande contributo seja a nível de participação nos sacramentos, na catequese e em outros organismos pastorais quer a nível de movimentos eclesiais, quer a nível, paroquial diocesano e até nacional.

MÁRCIO CARREIRA: Imaginemos uma balança, considera que o papel da mulher, na Igreja, é tem o mesmo peso ou melhor é equiparado ao do homem?

IRMÃ ELIETE: No sentido de dignidade cristã, sim. Ambos têm a mesma dignidade de serem criados por Deus à Sua imagem e semelhança. No sentido de assumir serviços a mulher entra em segundo plano. Talvez por fruto de uma tradição bimilenária em que a figura masculina ocupava o lugar central no que tocava à tomada de decisões e responsabilidades. No entanto parece haver actualmente alguma abertura para que ambos ocupem o mesmo papel, com excepção ao ministério ordenado, no grau de presbiterado e episcopado.

MÁRCIO CARREIRA: Considera que a Igreja reconhece a dignidade da mulher?

IRMÃ ELIETE: Considero que sim, na grande maioria. No entanto, penso não se lhes dá o devido apreço e isso entristece-me... Sabes, noto isso sobretudo quanto ao serviço que prestam, a nível diocesano e paroquial, por vezes não reconhecido, por razões, segundo dizem os homens, de escassa formação ou de não ser tão capaz como o homem.

MÁRCIO CARREIRA: E reconhece participação da mulher na Igreja?

IRMÃ ELIETE: É o seguinte, pelo que vejo que existem até mulheres cuja presença e participação são activas e até bastante comprometidas com Igreja, como tu vês na maioria das comunidades...

MÁRCIO CARREIRA: Nesta questão de uma maior participação, Irmã Eliete pensa que a mulher poderá ter um compromisso “mais preciso” na gestão e a liderança das paróquias?

IRMÃ ELIETE: Vamos ver duas coisas... No sentido de gestão económica e organizativa, considero que sim... sem dúvida. No entanto, no sentido de liderança das comunidades paroquiais, considero que não! Pois no meu entender, estas estão entregues à liderança do seu pastor, o pároco. Mas não invalida que ambos possam colaborar juntos...

MÁRCIO CARREIRA: Com toda a sua experiência e formação na catequese, pensa que na vida matrimonial, a educação cristã dos filhos cabe sobretudo à mulher ou é um papel que cabe aos dois esposos?

IRMÃ ELIETE: Oh frei Márcio, esse papel tem que caber obrigatoriamente a ambos. Ambos assumiram o mesmo compromisso de educar na fé. Os filhos são frutos preciosos que o Senhor deu aos dois.

MÁRCIO CARREIRA: Relativamente á sociedade patriarcal que em muitos países ainda está fortemente enraizada, onde muitas vezes se apoiam em fundamentos religiosos, considera que a mulher deve ser submissa ao marido?

IRMÃ ELIETE: Vou buscar a Sagrada Escritura... Ora aqui tens... Se me dás licença, vou-te ler aqui uma passagem do capítulo 5 da Carta de S Paulo aos Efésios podemos encontrar uma citação com uma expressão parecida: como a Igreja se submete a Cristo, assim as mulheres, aos maridos, em tudo». Mas não podemos desligar esta expressão do restante conteúdo «Submetei-vos uns aos outros, no respeito que tendes a Cristo: as mulheres, aos seus maridos como ao Senhor, porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da Igreja - Ele, o salvador do Corpo. Ora, como a Igreja se submete a Cristo, assim as mulheres, aos maridos, em tudo. Mas ainda tens aqui o que os maridos devem ser: Maridos, amai as vossas mulheres, como Cristo amou a Igreja e se entregou por ela, para a santificar, purificando-a, no banho da água, pela palavra. Bom... temos que ter em conta o contexto histórico e também o tipo de linguagem que se utiliza no contexto cultural de então, no entanto, o sentido que se dá é o da complementaridade entre homem e mulher e não de se distinguir ou comparar cada um a partir de elementos que são diferentes entre si. Caro Márcio... Este é o segredo... Não marcar as diferenças, mas completarem-se...

MÁRCIO CARREIRA: Pelo que vês e vives, achas que os homens se sentem motivados e integrados na vida da Igreja?

IRMÃ ELIETE: Não tenho dados que me levem a responder exactamente a esta questão.

MÁRCIO CARREIRA: Eu pergunto-te isto porque como vês, nas igrejas, a maioria da assembleia são mulheres...

IRMÃ ELIETE: Comento apenas que como cristãos, tanto os homens como as mulheres somos santos e pecadores e não podemos medir a fé de um crente pelo que sente e sim pelo que testemunha, pois a motivação e a integração podem ser variáveis... conforme cada um.... Não usemos medidas... Mas que os leigos masculinos poderiam ter uma participação mais activa e empenhada na vida litúrgica da Igreja, lá isso podiam...

MÁRCIO CARREIRA: **Voltemo-nos de novo para as senhoras... Nós temos bons amigos e boas amigas, como confidentes e as quais até confiamos os nossos segredos ou até pedimos conselhos. Pensa que na Igreja, a mulher pode ser um agente activo de aconselhamento e direcção espiritual?**

IRMÃ ELIETE: Tendo em conta que a direcção espiritual é um serviço de acompanhamento no crescimento espiritual de um irmão ou irmã e que a direcção deve ser orientada pelo Espírito Santo, através do discernimento das suas moções interiores, tanto um cristão como uma cristã poderão prestar esse serviço. Mas como sabes... Para todo este serviço desde que sejam pessoas com caminhada de fé madura e comprometida na vida da Igreja.

MÁRCIO CARREIRA: **Como mestra de noviças, também, penso, que conheces bem a realidade da nossa formação de frades e também dos seminaristas, achas importante o papel da mulher na formação dos candidatos ao sacerdócio?**

IRMÃ ELIETE: Sim. Porque, como referi anteriormente.... E o segredo... o ser feminino é complementar ao ser masculino. A mulher pode dar um contributo na formação dos candidatos ao sacerdócio para que esta seja uma formação integral... A todos os níveis... Desde o nível psicológico, espiritual... Aliás, como vós tendes na vossa formação franciscana! Márcio, o sacerdote, exercendo o seu ministério, em nome de Cristo, não faz e nem pode! Não pode mesmo fazer acessão de pessoas quanto ao género, raça, cultura, ou outros motivos.

MÁRCIO CARREIRA: **Gostaria de tocar num tema polémico...**

IRMÃ ELIETE: Já sei!... Ordenação das mulheres...

MÁRCIO CARREIRA: Sim.

IRMÃ ELIETE: Imaginei... (*sorrisos*)... Considero que a mulher poderá vir a ministrar o diaconado, sendo necessário. Porque corroboro o que ensina a Igreja Católica até ao momento.

MÁRCIO CARREIRA: **Terminando assim a nossa entrevista... na sua opinião, como é que a Igreja pode abrir-se a uma maior responsabilização da mulher nas suas estruturas?**

IRMÃ ELIETE: Começando por abolir a diferença e distinção de serviços entre homem e mulher. Para além do que já referi, não tenho nada a acrescentar...

MÁRCIO CARREIRA: **Agradeço a sua disponibilidade e dou votos de uma excelente caminhada...**

Anexo 11
Entrevista a Pedro Salvador
Idade: 27 anos

Estado civil: casado

Profissão: Médico

Habilitações académicas: Doutoramento em Medicina

Diocese: Porto

Matosinhos, 11 de Maio de 2019

MÁRCIO CARREIRA: Boa tarde Pedro, obrigado por teres disponibilizado um pouco do teu tempo, antes de entrares no teu turno, espero não contribuir para o tempo de espera dos doentes...

PEDRO SALVADOR: Ahahah... Nada disso. Eu é que agradeço o teu convite!

MÁRCIO CARREIRA: Como já tínhamos falado, eu estou a realizar a minha tese sobre o Papel da Mulher na Igreja. Tu como membro da Opus Dei, és bastante envolvido na comunidade, sabes escutar, discernir, penso que seria bom ouvir-te sobre este tema. Mas bem... Sem mais demoras. Pedro, achas que a Igreja reconhece o papel da mulher?

PEDRO SALVADOR: Sim, tem o seu papel tal como o homem. O ser humano mais importante para a Igreja foi de facto uma mulher. Apesar de terem funções diferentes na igreja tanto homens como mulheres são reconhecidos pelo seu valor.

MÁRCIO CARREIRA: Pegando na tua resposta, dizes que o ser humano mais importante da Igreja foi uma mulher. E achas que a Igreja reconhece a dignidade da mulher?

PEDRO SALVADOR: Como falei, e repito... o ser humano mais digno para a Igreja é uma mulher. Embora, principalmente no Antigo Testamento, seja explícita uma hierarquia, tais ensinamentos estavam de acordo com o pensamento da época.... E cá para nós... presente até há bem pouco tempo. De modo algum atentavam contra a dignidade, aliás, defendiam a dignidade da mulher, o que não ia de acordo com a vivência dos séculos que passaram. O facto de manter uma hierarquia e limitação nas funções da mulher isso era redutor.

MÁRCIO CARREIRA: E podemos colocar no mesmo nível o papel da mulher e o papel do homem?

PEDRO SALVADOR: Ambos são diferentes. Ambos têm um papel importante e de grande valor. Mas olha que as religiosas podiam ter mais representatividade nos órgãos de decisão.

MÁRCIO CARREIRA: Já que falas na representatividade nos órgãos de decisão, como é que achas que a Igreja pode abrir-se a uma maior responsabilização da mulher nas suas estruturas?

PEDRO SALVADOR: Caro frei, isto é simples!... Leigos e religiosos têm funções importantes na Igreja, funções estas que devem de facto traduzir-se nas responsabilização que traduza sempre o maior bem para a Igreja, independentemente de ser religioso ou religiosa.

MÁRCIO CARREIRA: E nessa responsabilização, de que falas, que pensas sobre o facto da gestão e a liderança das paróquias poderem ser entregues também às mulheres?

PEDRO SALVADOR: Penso que não, a liderança deverá ser de quem administra e celebra sacramentos, quem faz o elo mais importante da comunidade com Cristo e a Igreja, neste caso o sacerdote. Será a pessoa mais capaz para o fazer embora isto não impeça que funções de gestão importantes sejam administradas por outros religiosos, mulheres ou homens. O rosto da paróquia deveria ser o sacerdote.

MÁRCIO CARREIRA: Então e como vês, nos nossos dias, a presença e participação da mulher na Igreja?

PEDRO SALVADOR: Apesar das diferenças nas funções das religiosas e religiosos penso que as funções dos leigos devem ser semelhantes, independentemente do sexo. Tendo em conta que a castidade e o bom senso implicam adequação às situações.

MÁRCIO CARREIRA: Voltemo-nos agora para o papel dos homens. Achas que os homens se sentem motivados e integrados na vida da Igreja?

PEDRO SALVADOR: Eu sinto!... Mas também depende das pessoas, da motivação e da integração dependem da vontade dos leigos e da paróquia, não do seu sexo. Embora, empiricamente, diria que as mulheres têm maior motivação para a participação na vida activa na paróquia, como podes ver...

MÁRCIO CARREIRA: E na liturgia? Como vês a participação dos homens?

PEDRO SALVADOR: Podia ser melhor. Noto que há uma certa tendência para o homem achar que a vida religiosa e a vida em paróquia não se adequam à sua ideia de masculinidade... ahahah...

MÁRCIO CARREIRA: Tu que estás com o casamento à porta, penso ser uma questão pertinente...

PEDRO SALVADOR: Ui... o que vem para aí.. Eu trato bem a minha futura esposa...

MÁRCIO CARREIRA: Não vou questionar isso.... Ahahh... Sabes, que tivemos sobre o domínio de uma sociedade patriarcal, ainda existe sítios em que o homem é o senhor. Aliás, onde muitas vezes se apoiam na religião para os seus comportamentos.

PEDRO SALVADOR: Sim, verdade...

MÁRCIO CARREIRA: Mas bem... Consideras que a mulher deveria ou deve ser submissa ao marido?

PEDRO SALVADOR: Não concordo... Homem e mulher não são nem nunca serão iguais, por muito que a sociedade tente alterar a natureza.... Infelizmente.... Enfim... São anatómica e fisiologicamente ímpares, que se traduz em necessidades e comportamentos diferentes. Trata-se de diferenças inerentes à pessoa e não à sua educação. Dentro da diferença deve haver igualdade de oportunidades, nunca uma hierarquia e claro.... muito menos submissão.

MÁRCIO CARREIRA: Penso que queres ser pai, certo?

PEDRO SALVADOR: Claro...

MÁRCIO CARREIRA: Na vida matrimonial, achas que a educação cristã dos filhos cabe sobretudo à mulher ou a ambos?

PEDRO SALVADOR: Tradicionalmente e acredita... para vergonha dos homens era associada mais à mulher, até porque tinham mais proximidade com os filhos. E como vês na nossa história só no último século uma percentagem significativa das mulheres começou a trabalhar fora de casa. No contexto actual.... Bem... esta tarefa deveria ser responsabilidade de ambos.

MÁRCIO CARREIRA: Diria que não é uma questão propriamente da minha tese, mas gostaria que me desses a tua opinião. Que me tens a dizer sobre o acesso das mulheres aos ministérios ordenados? Ou seja diácono ou padre.

PEDRO SALVADOR: Não... Como referi, as funções são diferentes e foram abertas diferentes portas para as mulheres. A igreja está adequada à vontade de Cristo que também traduz uma impossibilidade de coexistência pela natureza humana, que se dificultaria o cumprimento dos votos de castidade...

MÁRCIO CARREIRA: Ok. Mas concordas que as mulheres possam dar algum contributo na formação dos novos padres?

PEDRO SALVADOR: Os sacerdotes terão de lidar com todos os problemas da comunidade e, dependendo das pessoas e da sua experiência de vida, podem ter mais os menos conhecimentos sobre estes. Mas bem... Como sabes nas faculdades de teologia também há mulheres... Por outro lado, tanto religiosos como religiosas têm formação teológica e conhecimentos que podem e devem transmitir.... É a missão!

MÁRCIO CARREIRA: Sem mais questões. Quero agradecer pela tua disponibilidade. Foi bom conversar contigo... Muitas felicidades!

Anexo 12
Entrevista a Rosa Maria da Silva Ribeiro
Idade: 64 anos

Estado civil: casada

Profissão: Enfermeira e leiga missionária

Habilitações académicas: Licenciatura em Enfermagem

Diocese: Braga

Fátima, Convento dos Capuchinhos, 18 de Maio de 2019

MÁRCIO CARREIRA: Estimada Rosa, obrigado por ter aceitado este convite. A sua vida e a sua entrega a quem precisa de si é um excelente testemunho. Assim, convidei-a para que me respondesse a algumas questões. Obrigado por ter aceitado!

ROSA: Não sou digna de tal escolha, mas respondo com todo o gosto...

MÁRCIO CARREIRA: Rosa, considera que a Igreja reconhece o papel da mulher?

ROSA: Reconhece em teoria mas, na prática vemos que raramente o seu papel é reconhecido. Reconheço, no entanto que, alguma coisa tem sido feita, embora muito lentamente e, talvez, por pressão social. A imagem da Igreja é incompleta e irreal, sem a especificidade da ação feminina.

MÁRCIO CARREIRA: Então considera ou não que o papel da mulher, na Igreja, é equiparado à do homem?

ROSA: Não! Não.... Há papeis que são vedados às mulheres. E não percebo porquê...

MÁRCIO CARREIRA: Mas acha, por exemplo, que a mulher dava uma boa gestora e a líder das paróquias?

ROSA: Em todas as áreas sociais e políticas, está comprovada a competência das mulheres na área da gestão e liderança. O que deveria ser avaliada eram as competências de cada pessoa independentemente de ser homem ou mulher. Isto acontece pelos preconceitos existentes.

MÁRCIO CARREIRA: Quando se trata da dignidade da mulher, acha que a Igreja reconhece?

ROSA: Acho muito importante o que o papa Francisco tem feito na Igreja na defesa da mulher, pese embora a resistência interna. A Igreja tem respondido, lentamente... muito lentamente (risos) quando muito pressionada em termos sociais. A Igreja tem tido muita dificuldade em abandonar a imagem da mulher que lhe vem do antigo testamento, como ser inferior ao homem e adoptar uma imagem em que a mulher, tal como o homem, foi feita à

imagem e semelhança de Deus e, como acreditamos que há um só Deus, não é compreensível que a Igreja não o admita.

MÁRCIO CARREIRA: E participação da mulher na Igreja? Que me tem a dizer?

ROSA: Como uma presença essencial e vital para uma Igreja que se pretenda inclusiva, acolhedora e que reflita a imagem real da nossa sociedade, que é formada por homens e mulheres.

MÁRCIO CARREIRA: Na vida matrimonial, educação cristã dos filhos cabe sobretudo à mulher ou a ambos os conjugues?

ROSA: Nos tempos em que a mulher ficava em casa para cuidar dos filhos, admito que seria a mulher a assumir essa responsabilidade. Hoje, que essa situação já mudou, penso que caberá aos dois. No entanto, reconheço que, independentemente de ser o homem ou a mulher, deveria ser daquele que tem mais sensibilidade para as questões espirituais e religiosas.

MÁRCIO CARREIRA: Como sabe, em alguns países dominados por uma sociedade patriarcal, apoiando-se com fundamentos religiosos, consideram que a mulher deve ser submissa ao marido. Concorda com esta afirmação?

ROSA: Não concordo... Era o que faltava! A mulher, tal como o homem, devem ser submissos aos valores do Evangelho, amando-se um ao outro. Nenhum homem ou mulher tem o direito de decidir sobre a vida que Deus deu a outro ser humano. Esta ideia já tem pouca importância, em termos reais, pois a evolução social tem-se encarregado de a ignorar ou contrariar

MÁRCIO CARREIRA: E os homens? Sentem-se motivados e integrados na Igreja?

ROSA: Há homens que estão motivados e integrados, embora grande número não queira saber.... Enfim! Penso que os vários escândalos que têm assolado a Igreja, afastam muita gente, e mais os homens que habitualmente não têm uma tão grande capacidade como as mulheres para analisarem as situações, perceberem a medida do problema e intervirem para as alterar. Penso que é uma questão de sensibilidade que muitas mulheres possuem em maior grau. Também o facto de haver sacerdotes e alguns cristãos donos da verdade e mais preocupados em dar sermões e menos em dar testemunho, afasta muita gente.

MÁRCIO CARREIRA: Rosa, em que medida a mulher pode ser um agente activo de aconselhamento e direcção espiritual no seio das comunidades cristãs?

ROSA: Na medida em que, com as especificidades próprias do feminino, podem intervir de forma diferente dos homens. Tanto homens como mulheres têm um papel importante de complementaridade.

MÁRCIO CARREIRA: Penso não ser uma questão descabida, mas considera importante o papel da mulher na formação dos candidatos ao sacerdócio?

ROSA: Para uma formação equilibrada de qualquer ser humano são precisas as especificidades masculina e feminina. Deus, na sua Sabedoria, quis que cada ser humano crescesse numa família, homem e mulher. E, mais tarde, e se for essa a sua vocação, se unisse a um ser de outro sexo. Uma vez que as mulheres tenham a formação que as habilite a esse papel penso que os futuros sacerdotes só terão a ganhar com isso, pois sabemos que, homens e mulheres, não são iguais e possuem características que, em conjunto, formarão seres mais equilibrados e com uma imagem mais real da sociedade.

MÁRCIO CARREIRA: Pegando agora num assunto polémico... Considera que a mulher deve aceder aos ministérios ordenados?

ROSA: Não vejo por que não! Porque tem a mesma dignidade, capacidade, profundidade... E mais não digo...

MÁRCIO CARREIRA: Na sua opinião, como é que a Igreja pode abrir-se a uma maior responsabilização da mulher nas suas estruturas?

ROSA: Precisa de coragem para enfrentar séculos de conservadorismo e preconceitos. Talvez começar com algumas comunidades locais em que esse preconceito não existe e outras onde nem lhes passa pela cabeça que essa discriminação exista. É preciso também formação aos sacerdotes e leigos no sentido de não discriminar ninguém e de respeitarem cada um, com seres iguais perante Deus e como irmãos. Penso que, onde não há esse preconceito as comunidades cristãs estão mais vivas e as mulheres assumem papéis activos, salvaguardando aquelas situações em que as estruturas centrais da Igreja o não permitem. Penso que estes preconceitos relativos à mulher, afastam muitos jovens que não se revêm nesta forma de estar em sociedade. É, no entanto, necessário que, à responsabilidade atribuída, seja dada também a devida autoridade.

MÁRCIO CARREIRA: Termino assim as minhas questões, agradeço a sua amabilidade.

Anexo 13
Entrevista a D. José Manuel Garcia Cordeiro
Idade: 52 anos

Estado civil: solteiro

Profissão: Bispo da Diocese Bragança-Miranda

Habilitações académicas: Mestrado em Teologia e doutoramento em Liturgia

Diocese: Bragança-Miranda

Casa de Nossa Senhora das Dores, Fátima, 19 de Maio de 2019

MÁRCIO CARREIRA: Bom dia D. José. Agradeço a sua disponibilidade, no meio de tantos afazeres, para me responder a este questionário.

D. JOSÉ CORDEIRO: Paz e bem! Agradeço eu o convite...

MÁRCIO CARREIRA: Como sabe estou a fazer a minha tese de mestrado sobre o papel da mulher a Igreja. No seu ponto de vista, considera que a Igreja reconhece o papel da mulher?

D. JOSÉ CORDEIRO: A Igreja reconhece o inestimável contributo da mulher na edificação da Igreja e da sociedade, tornando-se necessário uma cada vez maior participação da mulher na vida e na missão da Igreja.

MÁRCIO CARREIRA: Considera que o papel da mulher, na Igreja, é equiparado à do homem?

D. JOSÉ CORDEIRO: O homem e da mulher foram criados por Deus em perfeita igualdade e dignidade, enquanto pessoas. Por isso, são chamados, na unidade e na complementaridade, à missão essencial da Igreja ... a evangelização. Todavia, há um enorme caminho a percorrer.

MÁRCIO CARREIRA: Relativamente à gestão e a liderança das paróquias. Pensa que podem ser entregues também às mulheres?

D. JOSÉ CORDEIRO: As mulheres já estão na gestão e na liderança das Paróquias, exceto no referente aos sacramentos e sacramentais específicos do ministério ordenado. O que seria das Paróquias se não fossem as mulheres com a sua humanidade e maternidade espiritual!

MÁRCIO CARREIRA: Considera que a Igreja reconhece a dignidade da mulher?

D. JOSÉ CORDEIRO: A Igreja reconhece a plena dignidade da mulher e do homem. A veneração à Mulher admirável, que é Maria, a Mãe de Deus e Mãe da Igreja; o exemplo e o

testemunho de milhares de mulheres ao longo da história da Igreja e no hoje da vida eclesial, são o grande reconhecimento da dignidade, bondade e beleza da mulher na Igreja.

MÁRCIO CARREIRA: Como vê hoje a presença e participação da mulher na Igreja?

D. JOSÉ CORDEIRO: Com muita esperança e alegria. O que seria da Igreja sem a presença e a participação das mulheres! A Igreja é ela mesma mulher e mãe.

MÁRCIO CARREIRA: **Considera que na vida matrimonial, a educação cristã dos filhos cabe sobretudo à mulher ou a ambos os conjugues?**

D. JOSÉ CORDEIRO: À mulher e ao homem unidos em Matrimónio no amor de pai e mãe. A vida a dois tem de gerar dinamismos de compromisso e responsabilidade na educação e acompanhamento dos filhos.

MÁRCIO CARREIRA: **Apoiando-se em fundamentos religiosos, considera que a mulher deve ser submissa ao marido. Concorda com esta afirmação?**

D. JOSÉ CORDEIRO: A mulher e o homem devem ser submissos, um ao outro no amor, no perdão, na paz e no respeito. O amor é exigente e cria o bem entre as pessoas.

MÁRCIO CARREIRA: Considera que os homens se sentem motivados e integrados na vida da Igreja? Porquê?

D. JOSÉ CORDEIRO: O sentido da pertença é um desafio permanente na Igreja, como casa comum, aberta a todos.

MÁRCIO CARREIRA: **Como considera a participação dos homens na vida litúrgica da Igreja?**

D. JOSÉ CORDEIRO: A participação activa, consciente e frutuosa é um caminho que exige cada vez mais formação litúrgica no povo santo de Deus. Homens e mulheres estão cada vez mais conscientes da sua corresponsabilidade eclesial, também na Liturgia.

MÁRCIO CARREIRA: **Em que medida a mulher pode ser um agente activo de aconselhamento e direcção espiritual no seio das comunidades cristãs?**

D. JOSÉ CORDEIRO: A Igreja tem cada vez mais necessidade de mulheres no aconselhamento espiritual, nas comunidades cristã, em articulação com os Presbíteros e na comunhão com o Bispo diocesano. Felizmente que já existem muitas mulheres a prestarem este serviço pastoral.

MÁRCIO CARREIRA: **Considera importante o papel da mulher na formação dos candidatos ao sacerdócio? Que contributos elas poderão dar?**

D. JOSÉ CORDEIRO: Considero muito importante a presença da mulher na formação, não só de pessoas consagradas, mas de Leigos e Leigas. Esta presença e contributo é importante na relação da complementaridade entre homem e mulher e porque a maioria das pessoas envolvidas na acção pastoral da Igreja são mulheres.

MÁRCIO CARREIRA: Considera que a mulher deve aceder aos ministérios ordenados?

D. JOSÉ CORDEIRO: O Magistério da Igreja, especialmente com S. João Paulo II, foi claro sobre esta temática, não havendo elementos da Tradição da Igreja, no seu grande depósito da fé, que possam abrir ao ministério sacerdotal.

MÁRCIO CARREIRA: A Igreja pode abrir-se a uma maior responsabilização da mulher nas suas estruturas?

D. JOSÉ CORDEIRO: A co-responsabilidade eclesial é de todos e para todos. As mulheres já estão nos órgãos de comunhão e participação e devem ser cada vez mais. Também é importante que haja cada vez mulheres na liderança de serviços diocesanos e paroquiais.

MÁRCIO CARREIRA: Mais uma vez, agradeço a sua disponibilidade e contributo. Votos de uma boa missão. Paz e bem!

Anexo 14

Entrevista a Idália Maria Marques Salvador Serrão

Idade: 55 anos

Estado civil: casada

Profissão: Administradora da Associação Mutualista Montepio e deputada da Assembleia República, produtora televisiva.

Habilitações académicas: Licenciatura em Ciências Sociais/Serviço Social. Doutoranda em Política Social

Diocese: Santarém

Lisboa, 02 de Junho de 2019

MÁRCIO CARREIRA: Boa tarde Doutora Idália, agradeço desde já a sua disponibilidade, espero não tirar muito o seu tempo.

IDÁLIA SERRÃO: Não tem de quê...

MÁRCIO CARREIRA: Considera que a Igreja reconhece o papel da mulher?

IDÁLIA SERRÃO: A Igreja reconhece o papel da mulher na família. Fora deste âmbito o seu papel é subalternizado.

MÁRCIO CARREIRA: Considera que o papel da mulher, na Igreja, é equiparado à do homem?

IDÁLIA SERRÃO: De modo algum. Na minha opinião, às mulheres são apenas confiadas tarefas de menor relevo e maior subalternização.

MÁRCIO CARREIRA: Considera que a gestão e a liderança das paróquias podem ser entregues também às mulheres?

IDÁLIA SERRÃO: A gestão e a liderança das paróquias devem ser entregues às mulheres e aos homens que assumam a igualdade no relacionamento entre si e com os paroquianos. Sem distinção de género; desprendidas de relacionamentos verticalizados e demasiado hierarquizados; sem qualquer distinção em função de condição social, género, etnia ou despadronização.

MÁRCIO CARREIRA: Considera que a Igreja reconhece a dignidade da mulher?

IDÁLIA SERRÃO: Ao inibir a mulher do sacerdócio, a Igreja não lhe reconhece dignidade. No entanto, quando alguns representantes da igreja se mostram cúmplices de atropelos aos seus direitos fundamentais, como a violência doméstica perpetrada pelos cônjuges ou por quaisquer outros familiares, a dignidade da mulher é um valor ausente.

MÁRCIO CARREIRA: Mas já que falou da inibição da mulher ao sacerdócio, considera que a mulher deve aceder aos ministérios ordenados?

IDÁLIA SERRÃO: Considero a pergunta demasiado complexa para ser respondida de forma tão breve. No entanto, se a igreja católica desenvolvesse esta discussão com a perspectiva, efectiva, da mulher poder desempenhar um papel mais activo, poderia encontrar novas respostas, atribui à mulher novas responsabilidades e, quem sabe, reforçar o seu papel junto das comunidades com maior ênfase e com melhores resultados no que à disseminação dos valores cristãos diz respeito.

MÁRCIO CARREIRA: Como vê hoje a presença e participação da mulher na Igreja?

IDÁLIA SERRÃO: Subalternizada. Apenas encarada como um mal necessário nas paróquias onde não há capacidade para colocar padres ou diáconos que assegurem o exercício das práticas religiosas.

MÁRCIO CARREIRA: Considera que na vida matrimonial, a educação cristã dos filhos cabe sobretudo à mulher ou a ambos?

IDÁLIA SERRÃO: A educação dos filhos cabe a ambos os cônjuges. Ambos são responsáveis, também, pela sua educação cristã.

MÁRCIO CARREIRA: Apoiando-se em fundamentos religiosos, considera que a mulher deve ser submissa ao marido. Concorda com esta afirmação?

IDÁLIA SERRÃO: Mulheres e homens têm direitos. Direitos Humanos... Nesse sentido, quaisquer atitudes que promovam uma relação desigual entre géneros, são atropelos a direitos fundamentais que devem ser repudiados e corrigidos.

MÁRCIO CARREIRA: Considera que os homens se sentem motivados e integrados na vida da Igreja?

IDÁLIA SERRÃO: Os homens sempre foram educados para assistir e não para participar na vida da igreja. Uma educação das gerações mais novas para a participação em condições de igualdade, nomeadamente com a integração desses princípios no ensino da catequese, poderá ser um caminho para eliminar as posturas diferentes que ainda hoje se verificam.

MÁRCIO CARREIRA: Como considera a participação dos homens na vida litúrgica da Igreja?

IDÁLIA SERRÃO: Os homens apenas participam se estiverem muito envolvidos com a fé. Caso contrário limitam-se a ser acompanhantes das famílias em datas festivas ou em ocasiões especiais.

MÁRCIO CARREIRA: Em que medida a mulher pode ser um agente activo de aconselhamento e direcção espiritual no seio das comunidades cristãs?

IDÁLIA SERRÃO: Se forem dadas às mulheres as oportunidades de poderem participar em igualdade de oportunidades estas serão, certamente, uma mais-valia para reforçar o papel da igreja nas suas comunidades.

MÁRCIO CARREIRA: **Considera importante o papel da mulher na formação dos candidatos ao sacerdócio?**

IDÁLIA SERRÃO: Muito importante para uma outra uma visão sobre os diferentes conteúdos que fazem parte da formação dos candidatos ao sacerdócio.

MÁRCIO CARREIRA: **Na sua opinião, como é que a Igreja pode abrir-se a uma maior responsabilização da mulher nas suas estruturas?**

IDÁLIA SERRÃO: Mesmo que não acedam, ainda, aos ministérios ordenados, uma maior participação da mulher em todas as estruturas da hierarquia da igreja, poderá conduzir a uma maior partilha de problemas e de soluções e à afirmação dos valores da fé cristã, do humanismo e do respeito pelos direitos humanos. Na minha modesta opinião, os tempos incertos que hoje vivemos poderiam ter outra abordagem e conduzir a uma maior afirmação da igreja católica nas comunidades. Para que isso aconteça, precisamos de todas as mulheres e de todos os homens que abracem activamente a causa e creiam ser possível contribuir para o respeito pela dignidade humana e para a construção de um mundo melhor.

MÁRCIO CARREIRA: **Obrigado Doutora Idália. Obrigado também pelo seu testemunho de vida cristã. Termina assim a entrevista. Mais uma vez obrigado.**

Anexo 15

Entrevista com Ricardo Jorge Pereira da Silva

Idade: 38 anos

Profissão: Presidente da Junta de Freguesia de São Vitor.

Estado civil: Solteiro

Habilitações académicas: Licenciatura em História – Variante Arqueologia e Licenciatura em Arqueologia

Diocese: Braga

Braga, 05 de Junho de 2019

MÁRCIO CARREIRA: Bom dia senhor presidente. Agradeço ter aceite o meu convite para esta entrevista..

RICARDO SILVA: de nada...

MÁRCIO CARREIRA: Dr. Ricardo, considera que a Igreja reconhece o papel da mulher?

RICARDO SILVA: A Mulher é vista, na Igreja, de uma forma dual. Por um lado... tem um papel secundário, relegando-a a intervenções que parecem não ter tanta importância ou alguma conotação negativa; por outro, é inegável o papel das Mulheres no seio da Igreja, enaltecendo-se, aqui, o papel de Maria, como um caminho de submissão, mas também para chegar ao Salvador... No seio da Igreja actual, a Mulher ainda não ocupa o lugar que lhe deva ser merecido.

MÁRCIO CARREIRA: Considera que o papel da mulher, na Igreja, é equiparado à do homem?

RICARDO SILVA: Na actualidade, acredito que a Mulher ainda não possui o mesmo papel que o Homem no seio da Igreja.

MÁRCIO CARREIRA: Considera que a gestão e a liderança das paróquias podem ser entregues também às mulheres?

RICARDO SILVA: Acredito que sim, porque não creio na diferença de género, mas sim na diferença de valores. Penso que as mulheres, dotadas de sensibilidade, instinto maternal, intuição feminina e valores seguros, poderão ser igualmente capazes de liderar a Igreja, porque, como digo, não é uma questão de género, mas sim de valores interiores.

MÁRCIO CARREIRA: Considera que a Igreja reconhece a dignidade da mulher?

RICARDO SILVA: A Igreja reconhece a importância de ter as mulheres na Igreja, mas creio que ainda não dignifica, na sua plenitude, o papel da mulher no seio de uma comunidade e muito menos enquanto líder da mesma.

MÁRCIO CARREIRA: Como vê hoje a presença e participação da mulher na Igreja?

RICARDO SILVA: Mais do que ver, sinto-a como uma iniciativa positiva, de valor acrescentado para a comunidade.

MÁRCIO CARREIRA: Considera que na vida matrimonial, a educação cristã dos filhos cabe sobretudo à mulher ou a ambos os conjugues?

RICARDO SILVA: Acredito, em absoluto, que cabe a ambos os progenitores, pois Pai e Mãe não são funções delegáveis e devem ser complementares.

MÁRCIO CARREIRA: Considera que a mulher deve ser submissa ao marido. Concorda com esta afirmação?

RICARDO SILVA: Penso que a terminologia aqui exposta deve ser contextualizada ao tempo em que foi escrita. Hoje, mais do que submissão, deve haver respeito e tolerância por ambos os géneros, pois acredito que compete ao Homem e à Mulher Amar e Respeitar.

MÁRCIO CARREIRA: Considera que os homens se sentem motivados e integrados na vida da Igreja?

RICARDO SILVA: Penso que haverá uma crise de vocações, onde o chamamento parece despertar em cada vez menos Homens. Importa reflectir nos valores que conduzem Homens e Mulheres ao seio da Igreja e à participação na comunidade... temos... muitas pessoas que se inserem por tradição ou por questões sociais, mas que não partilham, nem concretizam, no seu dia-a-dia, os valores de uma Igreja Santa;

MÁRCIO CARREIRA: Como considera a participação dos homens na vida litúrgica da Igreja?

RICARDO SILVA: Considero que a participação está a ser feita em mínimos que podem comprometer o futuro da Igreja. Daí a necessidade de reforçar os exemplos, abrindo a porta às mulheres;

MÁRCIO CARREIRA: Em que medida a mulher pode ser um agente activo de aconselhamento e direcção espiritual no seio das comunidades cristãs?

RICARDO SILVA: Será, com certeza, uma mais-valia, porque, tal como explicitado em cima, acredito numa Igreja de Valores, em vez de uma Igreja de Género. Acredito que para passar a Mensagem, um Homem e uma Mulher poderão ser igualmente bons mensageiros, desde que acreditem e pratiquem;

MÁRCIO CARREIRA: Que tipo de contributo a mulher pode dar na formação dos candidatos ao sacerdócio?

RICARDO SILVA: Sim, penso que as mulheres poderão ser igualmente bons sacerdotes... sacerdotisas... porque poderá partilhar uma visão maternal, multitarefa e dialogante;

MÁRCIO CARREIRA: Então mas considera que a mulher deve aceder aos ministérios ordenados?

RICARDO SILVA: Penso que poderão ser excelentes candidatas. Realço que, pessoalmente, acredito que é mais uma questão de valores e de aceitação da mensagem, do que de género. Uma mulher pode ser igualmente boa mensageira e conselheira como um Homem. Quer Homem, quer Mulher, não são perfeitos e susceptíveis de errar. Mas o erro faz parte da condição Humana porque ninguém é perfeito a não ser Deus e para chegar a Deus, Homem e Mulher, feitos à Sua semelhança poder ser igualmente excelentes veículos da mensagem;

MÁRCIO CARREIRA: Dr. Ricardo, na sua opinião, como é que a Igreja pode abrir-se a uma maior responsabilização da mulher nas suas estruturas?

RICARDO SILVA: A Mulher é já um membro activo na Igreja, contudo, tendencialmente, a Mulher é convidada para fazer Catequese, ficar responsável pelas leituras, Rezar o Terço, adornar os altares ou limpar os recintos de oração. Se as Mulheres já podem ser Ministras da Comunhão, porque não alargar os seus direitos em toda a plenitude e, como obra de Deus, permitir que sejam veículo da Sua Mensagem? ... Pessoalmente, sou um incentivador de uma maior abertura da Mulher no seio da Igreja, porque parece-me haver igualdade de capacidades para evangelizar e consolidar a Família Cristã.

MÁRCIO CARREIRA: Muito obrigado por este tempo. Votos de um excelente dia.

Anexo 16

Entrevista com Dr.^a Paula Caminhas

Idade: 45 anos

Profissão: Psicóloga, psicoterapeuta e professora.

Habilitações Literárias: Doutorado em Psicologia

Estado Civil: Casada

Diocese: Braga

MÁRCIO CARREIRA: Boa tarde Doutora Paula, obrigado por ter aceite o convite para me responder a o inquérito sobre o papel da mulher na igreja. A Dra Paula como psicóloga, como psicoterapeuta, trabalhou com vários candidatos ao sacerdócio, religiosos, bispos, já os tratou e conhece um pouco da personalidade masculina e feminina. Dra Paula, considera que a mulher é reconhecida na Igreja?

PAULA CAMINHAS: Considero, sim...

MÁRCIO CARREIRA: Em que medida?

PAULA CAMINHAS: bom, pelo que eu percebo ela ocupa cargos até interessantes na Igreja, nas finanças, como... eh.... Da educação... ali de... como vocês chamam?

MÁRCIO CARREIRA: Moral Religiosa Católica

PAULA CAMINHAS: Isso... No catecismo. Eu percebo assim na catequese das crianças, muito esse movimento feminino na Igreja. Nas musicas...

MÁRCIO CARREIRA: Naquilo que conhece das mulheres, acha que as mulheres têm espírito de liderança?

PAULA CAMINHAS: (ficou pensativa)

MÁRCIO CARREIRA: Sim ou Não?

PAULA CAMINHAS: Eu acho que a mulher tem atributos próprios femininos. Como é de assessorar. A mulher tem aspecto que ela é líder, é natural dela ser líder em determinados aspectos e outra parte é do homem. São diferenças que tem nesse género feminino e masculino, mas que acabam se complementando o tempo inteiro. Por exemplo na educação, eu acredito que é muito mais um atributo feminino, mais natural de mulher e o homem ajuda, ele tá junto, para complementar nisso, do que é do homem propriamente dito. Então eu acredito que é essa complementação que é interessante.

MÁRCIO CARREIRA: Então considera que a mulher pode dar uma boa gestora e uma boa líder das paróquias, além do sacerdote, além do padre?

PAULA CAMINHAS: Como é que é líder das paróquias?

MÁRCIO CARREIRA: Líder é alguém que comanda. Nós temos nas paróquias, o padre que é o principal responsável, não é? Han! E acha que em vez de ser o padre responsável, podia ser um cargo ocupado por uma mulher?

PAULA CAMINHAS: O que, o que eu acho é que assim... a mulher não pode ocupar uma função que tira dela a oportunidade de colocar o que é natural, o que é natural, atributo natural dela...né? A mulher ela é.. é a natureza dela própria dessa humildade, dessa generosidade, de.. ser mãe... quer dizer, ali.. desde aquele inicio lá da Anunciação, né? É interessante ali que.. é...aquela humildade de Nossa Senhora, por exemplo, que é a mãe da Igreja, que é esposa de Cristo. Quer dizer, isso aí é onde tudo começa, até antes de Pedro, dos apóstolos, né? Como é que essa função na mulher é muito mais de acolher, de levar aberta para o Espírito Santo. A alma feminina é muito do coração. Então assim... eu acredito na parte da mulher que complementa... há.. por exemplo o sacerdote ali, da parte da mulher que está complementando ele, humaniza tudo. Então não dá para a mulher, na minha opinião, é deixar de fazer alguma coisa tão natural dela que para mulher ela só se realiza amando, sendo amada, de...essa gestora... essa educadora... essa mãe... deixa de ser. Isso ocupar o outro, lugar que não seja esse atributo natural, deixa para ela e fica para Igreja esse stock da sensibilidade.

MÁRCIO CARREIRA: Muito bem. Relativamente à formação dos futuros candidatos ao sacerdócio. A doutora Paula participa na nossa formação, enquanto frades.. Han. Considera que a mulher pode dar um contributo fundamental para a formação dos futuros padres?

PAULA CAMINHAS: Eu acho sim. É.. Porque a mulher, ela tem esse dom, essa vocação, né? De ser mãe, de perceber cada um na sua peculiaridade. Ela é aquela mãe que espera todos para o Natal , que não quer saber qual o problema que o filho tem, que ela quer todos ali juntos. Ela tem esse dom, essa unidade, de perceber o que é que é único de cada um... de ... ela tem essa intuição, esse dom de pensar e sentir, que eu acho que isso é próprio da mulher, quer dizer, ela consegue pensar e sentir com o coração.. Cada um que está ali, o jeito de cada um. Então eu acho que é essencial essa... que a mulher faz essa ligação de todos, ela consegue ter esse olhar de todos, olhando com o coração e percebendo cada um no seu individual, na sua particularidade.

MÁRCIO CARREIRA: Com essas características que fala, acha que a mulher pode ou tem capacidade de aconselhamento espiritual para a comunidade cristã?

PAULA CAMINHAS: é isso... eu acredito que a mulher pode ocupar os cargos, até percebo que ela ocupe muito bem essas pastorais, coisas dentro da Igreja.. é... eu estava pensando, na Madre Teresa de Calcutá, estava pensando na Chiara Lubich, que fez o movimento dos focolares, quer dizer... esse... são mulheres que marcarão a nossa história e que... é.. colocaram ali aquele feminino delas ne? Naquele cuidado, naquela visão de unidade. Então a mulher deve sempre estar disponível para cumprir esse papel, que assim ela se realiza e é o... e acho que isso é o essencial, sabendo que antes mesmo dessa organização da Igreja toda, ne? Com pedro, com, antes... o que vem antes é esse sim de Maria, sem isso.. não, não teria esse inicio todo. Deus escolheu uma mulher, para que dela viesse o filho d'Ele. Eu acho que ela é uma formadora natural dos filhos de Deus.

MÁRCIO CARREIRA: Eu na minha tese, surgiu lá a uma questão num dos textos que analisei, que o homem não aceita a mulher por uma questão de afectividade, de celibato... concorda com isso?

PAULA CAMINHAS: Como é que isso de não aceita a mulher?

MÁRCIO CARREIRA: Não aceita a mulher, no sentido, em que não reconhece a mulher na Igreja, uma mulher a liderar...

PAULA CAMINHAS: Mas eu não concordo que o homem não reconhece a mulher na Igreja. Eu acredito que são papéis diferentes, não veja essa... eu não veja essa mulher não reconhecida na Igreja. Só que existem papéis diferentes, que se a mulher deixa de fazer o papel dela, eu acredito que isso ia ser um grande... equívoco, né? É como se faltasse aquela... aquela humanidade mesmo que precisa ali. Então às vezes deixar essa mãe, essa esposa, que vê tudo, que olha, que sente, que tem esse outro olhar que a mulher tem para ocupar algum cargo que as vezes não seja... eh.. um atributo natural do que a mulher tem para oferecer, corre o risco de faltar coisas essenciais que são muito prejudiciais tanto para as pessoas que estão ali na Igreja, como para a Igreja.

MÁRCIO CARREIRA: Ordenação das mulheres. Concorda ou discorda?

PAULA CAMINHAS: Então é isso que te estou falando... Eu acho que se a mulher deixar o dom principal dela que é esse de mãe. Não foi, não tem aquela passagem de Jesus Cristo reuniu os apóstolos e falou: olha, vocês agora vão, o Espírito Santo veio falou vocês agora vão ouvir e falar em meu nome, né? Foram homens ali.... Quer dizer... a mãe de Jesus é Maria, é uma principal. E Ele passa essa função para esses homens que estão ali... quer dizer... eu vejo como funções diferentes. Acho que não dá para largar uma coisa, para pegar outra. Seria até... deixar de fazer algo básico, algo essencial, para poder pegar um lugar ali. Então... eu acho que tem que repensar isso mesmo. Se a mulher exercer o que é natural da mulher já é uma parte fundamental dentro da Igreja.

MÁRCIO CARREIRA: O que é ser mulher?

PAULA CAMINHAS: então...ser mulher é carregar esse dom da maternidade, de ser esposa, de ser companheira, da humildade, né? Quer dizer, lógico que dentro da mulher tem os dois... nós carregamos o masculino e feminino dentro de nós, mas o que fica ressaltado é o que nos realiza. Que é que ... são atributos essenciais e naturais, que se a gente não exercer ficam frustrado.

MÁRCIO CARREIRA: Muito bem. Obrigado pelo..

PAULA CAMINHAS: é um prazer enorme!

MÁRCIO CARREIRA: e espero que corra tudo bem no futuro. Já agora! Acha que os homens aceitam as mulheres na Igreja?

PAULA CAMINHAS: Então... eu acho que o ponto estar na mulher se aceitar como mulher, acredito que essa... que essa.. esse olhar da mulher sobre ela mesmo é desvalorizado e ela acaba buscado ficando, ficar igual aos homens. Para isso, como se ela desgastasse a

energia muito grande para ficar igual aos homens, deixando de ser o que ela... han... a natureza dela, a alma feminina, disponibilizar isso de uma maneira natural... isso é frustrante para a própria mulher .. é.. eu acho que se ela deixar aceitar como feminina, como mulher, com os atributos que ela tem... para que... para que ela não se sinta também, não aceita... eu acho que isso começa muito dela... Eu esqueci o que estava falando com você... (silencio) .., ah! Busca uma mulher, ele busca um complemento, né? E a mulher também busca um complemento. Também fica dois iguais, que a mulher está deixando de exercer esse... natural dela para ficar igual ao homem... eu acredito que isso frustre muito as mulheres e deixe a desejar... até nas famílias, vem acontecer muito isso, nas profissões, né? Não que tem alguma coisa que a mulher não possa fazer, mas que ela não deixe de realizar o que é essencial dentro dela.

Anexo 17
Entrevista a Nuno Rafael Serrenho
Idade: 43 anos

Estado civil: Casado

Profissão: Gestor Financeiro e Relações Internacionais

Habilitações académicas: Pós-graduado em Gestão e Finanças e licenciado em Relações Internacionais

Diocese: Lisboa

Caldas da Rainha, 27 de Abril de 2019

MÁRCIO CARREIRA: Boa tarde Nuno. Obrigado por disponibilizares um pouco do teu tempo para me responderes a algumas questões.

NUNO SERRENHO: Confesso que hesitei, mas calados não podemos mudar nada, certo?

MÁRCIO CARREIRA: Sim, também não é minha intenção mudar, mas sim ajudar a reflectir. Mas bem... Iniciemos então... Nuno, consideras que o papel da mulher é reconhecido na Igreja?

NUNO SERRENHO: Considero que a Igreja desde sempre reconheceu o papel da mulher enquanto figura... entre aspas... de maior relevo no seio da sociedade e na família. A Igreja ao longo do tempo tem realizado um esforço notável para desmistificar... entre aspas... o papel da mulher enquanto submissa ao homem.... Ou digo marido... submissão essa, que nada tem que ver com a interpretação que muitos de nós fazemos sobre o assunto. Reconheço que a comunicação da igreja sobre o papel da mulher tem melhorado significativamente nos últimos tempos.

MÁRCIO CARREIRA: Então e consideras que o papel da mulher, na Igreja, equiparado à do homem?

NUNO SERRENHO: Acho que não é equiparado! Mas também penso que não tem que o ser. Homem e mulher são diferentes...Ponto! E é nessa diferença que reside a beleza da complementaridade entre os dois seres. Reconhecer esta diferença... como hei-de dizer... não significa valorizar um mais que outro, apenas assumir que é na união dos dois que faz com que a visa resulte em pleno.

MÁRCIO CARREIRA: Gestão e a liderança das paróquias podem ser entregues também às mulheres?

NUNO SERRENHO: Honestamente não tenho uma opinião absolutamente formada sobre o tema, embora esteja convicto que muito do que é a gestão das paróquias... ahaha... já passa muito pela gestão de mulheres ou pelo menos por intervenção muito significativa na vida das paróquias.

MÁRCIO CARREIRA: Quanto à dignidade da mulher, achas que a Igreja reconhece?

NUNO SERRENHO: Considero que a igreja reconhece em absoluto a dignidade da mulher. Espera... Recordo uma frase que ouço regularmente do sacerdote da minha paróquia: a igreja é Mãe, penso que a mulher tem hoje na igreja um papel fundamental e absolutamente insubstituível em que se reconhece a plenitude das suas capacidades e potencialidades como ser humano num pé de igualdade com o homem.

MÁRCIO CARREIRA: Como vês hoje a presença da mulher na Igreja?

NUNO SERRENHO: Vejo com grande normalidade, por ventura, uma presença cada vez mais forte, com mais opinião e interventiva.

MÁRCIO CARREIRA: Nuno, na vida matrimonial, a educação cristã dos filhos cabe sobretudo à mulher ou a ambos?

NUNO SERRENHO: Considero que a educação dos filhos... independentemente cristã ou outra... cabe sempre a ambos os cônjuges. O papel de educar não é uma tarefa simples, julgo que o casal deve delinear em conjunto a sua própria estratégia... digamos assim... de educação para os seus filhos, baseado nas suas próprias crenças ou ideologias, é um papel que resulta melhor em conjunto. Porque é exigente! Por outro lado, a educação é muito feita pelo exemplo que é transmitido pelo pai e pela mãe.

MÁRCIO CARREIRA: Como homem casado, achas que mulher deve ser submissa ao marido?

NUNO SERRENHO: Julgo que o conceito de submissão não pode ser interpretada de uma forma que muitos tentam repassar para a sociedade. Há que analisar cuidadosamente o que é esta submissão que a igreja propõe à mulher... Pessoalmente não vejo neste pedido de submissão algo que considere a mulher um ser “diminuído” face ao marido/homem conforme muitas vezes somos levados a pensar. Também diria... Na base desta submissão que a igreja propõe à mulher face ao homem/marido, tem valores e princípios que não diferem muito do que a igreja pede ao homem/marido na relação com a sua mulher. Alias, se verificarmos, são basicamente os mesmos: lealdade, respeito, amor, fidelidade... nesse sentido julgo que homem e mulher são submissos um ao outro.

MÁRCIO CARREIRA: Os homens sentem-se motivados e integrados na vida da Igreja?

NUNO SERRENHO: Julgo que sim. Acho que a igreja tem vindo a realizar um esforço ao longo dos últimos anos em cativar homens...e não só... mas sobretudo jovens. Para que nos sintamos motivados é necessário que a mensagem seja actual e acima de tudo que a comunicação seja feita de outra forma, ou seja, que a proposta que a igreja tem para cada homem seja coerente com o contexto presente.

MÁRCIO CARREIRA: Como vês a participação dos homens na vida litúrgica da Igreja?

NUNO SERRENHO: É elevada e bastante participativa... Quer dizer...tendo em conta a experiência do que observo na minha paróquia.

MÁRCIO CARREIRA: A mulher pode ser um agente activo de aconselhamento e direcção espiritual no seio das comunidades cristãs?

NUNO SERRENHO: Tanto como um homem, as experiências e vivências de uma mulher são tão importantes como as do homem. Estou convicto que este aconselhamento já existe em muitas paróquias, ou outro tipo de grupos de aconselhamento cristão. Na realidade em mutos assuntos da vida, a mulher poderá inclusivamente ter melhor contributo face ao homem.

MÁRCIO CARREIRA: Considera importante o papel da mulher na formação dos candidatos a padres?

NUNO SERRENHO: Julgo que sim... bom! Nunca ponderei sobre o tema... mas... considero que a mulher poderá ter um papel muito importante na formação destes candidatos na medida em que a formação de sacerdócio é multidisciplinar, não antevejo razões ou motivos para que a mulher não possa contribuir para essa mesma formação.

MÁRCIO CARREIRA: Mulheres padres ou diaconisas. Que me tens a dizer sobre isto: sim ou não?

NUNO SERRENHO: Não. Por uma questão de doutrina e de interpretação daquilo que foi o legado de Jesus Cristo, que escolheu 12 homens como seus apóstolos. Não quero dizer com isso que o papel da mulher seja menos importante, com toda a certeza que não! Reitero de que o papel da mulher na vida e na igreja é vital e insubstituível.

MÁRCIO CARREIRA: A Igreja pode abrir-se a uma maior responsabilização da mulher nas suas estruturas?

NUNO SERRENHO: Julgo que as mulheres já têm um papel de enorme responsabilidade nas estruturas e acima de tudo de grande actividade na vida da igreja, são fundamentais na organização, gestão e formação de imensas actividades devolvidas na generalidade da igreja e em cada paróquia em particular.

MÁRCIO CARREIRA: Obrigado pelo teu testemunho. Votos de um bom trabalho.

Anexo 18

Entrevista a Maria de Belém Roseira M. C. Henriques de Pina

Idade: 69 anos

Estado civil: Casada

Profissão: Jurista, política (Ex-ministra da saúde, ex-ministra da Igualdade, ex-presidente da assembleia mundial de saúde), conferencista.

Habilitações académicas: Licenciatura em Direito

Diocese: Lisboa

Porto, 08 de Junho de 2019

MÁRCIO CARREIRA: Boa tarde Doutora Maria de Belém! É uma honra ter aceite e ter-me recebido para esta pequena entrevista. Será certamente um excelente contributo para algumas temáticas sobre o Papel da Mulher na Igreja.

MARIA DE BELÉM: Obrigada eu, pelo convite...

MÁRCIO CARREIRA: Considera que a Igreja reconhece o papel da mulher?

MARIA DE BELÉM: É... para mim claro que não reconhece. Pelo contrário, a mulher é completamente arredada de qualquer colaboração que não seja serviçal. A excepção a essa regra só acontece se não houver homens disponíveis para a realização de qualquer tarefa que saia dessa categorização e, mesmo assim, se isso implicar qualquer relação mais directa com o ofício, apenas se se tratar de algo que possa ser feito de forma recatada e sem grande visibilidade.

MÁRCIO CARREIRA: Na Igreja, o papel da mulher é equiparado ao do homem?

MARIA DE BELÉM: Pelo que eu disse, a conclusão é a de que deveria ser equiparado mas está muito longe de o ser. Aliás, todas as orientações oficiais transmitidas, como é abundantemente sabido, vão no sentido de considerar a mulher um ser instrumental e não principal.

MÁRCIO CARREIRA: A gestão e a liderança das paróquias podem ser entregues também às mulheres?

MARIA DE BELÉM: Evidentemente que poderia mas estará muito longe de acontecer. Com esta postura da Igreja perdem-se competências, mais de que comprovadas, no domínio da gestão, quer no espaço público, quer no privado. Bom senso, equilíbrio, sentido de justiça, são competências reconhecidas às mulheres.

MÁRCIO CARREIRA: A Igreja reconhece a dignidade da mulher?

MARIA DE BELÉM: Até à eleição do Papa Francisco, foram inúmeras as mensagens da Igreja, quer através dos seus ministros, quer através dos documentos emanados da hierarquia, no sentido de considerar a mulher um ser inferior, que não tem capacidade

própria para se orientar. Quem não se lembra da polémica gerada por uma entrevista de D. José Policarpo, homem culto e inteligente, quando referiu a previsibilidade próxima de um papel para a mulher na Igreja equiparado ao dos homens. Teve mesmo que fazer um desmentido pois foi a isso obrigado!

MÁRCIO CARREIRA: De facto, lembro-me dessa polémica entrevista. Aliás até considere oportuno citá-la no meu trabalho. Mas bem.. Outra questão: Como vê hoje a presença e participação da mulher na Igreja?

MARIA DE BELÉM: Vejo como fazendo muito pouco relativamente àquilo que poderia fazer. Se atentarmos na frequência da Igreja, verificamos que a maior percentagem é de mulheres e de crianças enquanto elas, mulheres, são responsáveis pela sua orientação. E, no entanto, depois não são chamadas nem têm acesso à decisão. Esta é sempre tomada por homens, no desenvolvimento do corolário da subalternidade.

MÁRCIO CARREIRA: Na vida matrimonial, a educação cristã dos filhos cabe sobretudo à mulher ou a ambos?

MARIA DE BELÉM: De uma maneira geral, as mulheres estão mais presentes na educação dos filhos. Isto resulta do desequilíbrio na repartição de tarefas e na maior presença das mulheres no ambiente doméstico.

MÁRCIO CARREIRA: Com reforços de fundamentos religiosos, em muitos sítios considera-se que a mulher deve ser submissa ao marido. Concorda?

MARIA DE BELÉM: Evidentemente que não concordo! Por muito que vão recuperar excertos bíblicos que fundamentem essa concepção, outros se encontram que a contrariam. Aliás, na minha leitura, a mensagem de Cristo é revolucionária porque contraria os cânones vigentes à época em que a subalternidade das mulheres fazia parte da organização social, como não podia deixar de ser, criada por homens. É sempre uma questão de poder! Ao contrário, a mensagem de Cristo é uma mensagem de Justiça e, conseqüentemente, considera que todos os seres humanos têm igual dignidade... mesmo os escravos que, à época, deveriam estar mais ao nível dos animais que ao de pessoas... (risos) Interessante é que ainda há poucos meses ouvi uma homilia numa Igreja jesuíta... e confesso que fiquei espantada para além de chocada... em que o oficiante tentou explicar e justificar que o papel da mulher é o de obedecer porque só é livre quem obedece!!! Pasmese. Como os homens não têm que obedecer, porque são quem manda, a contrario senso, nesta tese, não seriam livres! O mais interessante é que a Igreja mais conservadora nem sequer repara que esta concepção do papel da mulher que só tem capacidade para obedecer é uma coisificação da Mulher, pois só os objectos... as coisas... em Direito- é que podem ser propriedade de alguém. Pessoas não, a não ser que se defenda a escravatura e, se esta se defender, é porque os escravos também não são pessoas, mas sim coisas, porque podem ser objecto de propriedade.

MÁRCIO CARREIRA: Considera que os homens se sentem motivados e integrados na vida da Igreja?

MARIA DE BELÉM: Penso que cada vez menos, pelo que vejo dos seus níveis de frequência dos espaços de culto ou com eles relacionados.

MÁRCIO CARREIRA: E como considera a participação deles na vida litúrgica da Igreja?

MARIA DE BELÉM: Considero que não deve ser seu exclusivo! As outras Igrejas têm estado sempre mais próximas da modernidade e, na época presente, e designadamente em Portugal, a Igreja tem-se atrasado no acompanhamento da evolução das soluções contidas no Código Civil.

MÁRCIO CARREIRA: A mulher pode ser um agente activo de aconselhamento e direcção espiritual no seio das comunidades cristãs?

MARIA DE BELÉM: Para que isso aconteça, têm que evoluir as regras e as normas da hierarquia institucional e pelo que se ouve e que se lê, o Papa Francisco tem tido muita dificuldade em avançar com novos enquadramentos e novos papéis para as mulheres na Igreja.

MÁRCIO CARREIRA: Considera importante o papel da mulher na formação dos candidatos ao sacerdócio?

MARIA DE BELÉM: Poderia ser importante mostrar-lhes o lado da vida que eles desconhecem. O que pensam e sentem as mulheres, quais os constrangimentos que sentem no desenvolvimento das suas vidas e das suas capacidades. Dar-lhes a conhecer que o mundo é de todos e não apenas deles.

MÁRCIO CARREIRA: Considera que a mulher deve aceder aos ministérios ordenados?

MARIA DE BELÉM: Por tudo o que já referi considero que a resposta só pode ser afirmativa. Sim, pode e deve mudar o seu papel e se as mulheres tivessem a noção que a Igreja as trata como se fossem impuras ou conspurcadas e se revoltassem contra essa concepção, a vida na Igreja parava, porque são elas que asseguram todas as tarefas escondidas, as mais serviçais, na maioria das vezes sem qualquer reconhecimento ou agradecimento, mas são estas tarefas que permitem o funcionamento das estruturas eclesiais.

MÁRCIO CARREIRA: Como é que a Igreja pode abrir-se a uma maior responsabilização da mulher nas suas estruturas?

MARIA DE BELÉM: Como já referi, se a Igreja aceitar aquilo que o Papa Francisco pretende pôr em vigor e deixar de boicotar a sua acção de transformação e modernização da Igreja, mulheres e homens poderão indiferentemente exercer todos os ministérios em função das realidades e das necessidades de cada local... Da mesma forma que hoje em dia, no espaço público geral, seria inaceitável uma decisão para o colectivo que excluísse, por princípio, a participação das mulheres, também a Igreja deveria interrogar-se sobre se os homens que a integrem estão dotados de alguma espécie de hermafroditismo que os habilite especialmente - nas decisões que tomam sobre a vida na Igreja ou sobre a posição que a Igreja assume perante os problemas da sociedade - para interpretar o sentir do povo da Igreja e traçar orientações. Apenas com a sua visão ou leitura masculinas da realidade do mundo e das

vivências não o fazem bem, certamente! Ora o que que faz, por exemplo, a Conferência Episcopal senão isso?

Anexo 19
Entrevista a José Miguel Martins Serrão
Idade: 36 anos

Profissão: desempregado, estudante de Teologia e organista

Habilitações académicas: Licenciado em História

Diocese: Braga

Braga, 10 de Maio de 2019

MÁRCIO CARREIRA: Bom dia Serrão! Tu como meu colega de Teologia e estando a acompanhar-me na minha tese, achei importante também o teu contributo por aquilo que conheço de ti. Serrão, a Igreja reconhece o papel da mulher?

JOSÉ SERRÃO: Considero que sim, porque cada um tem o seu ministério.

MÁRCIO CARREIRA: O papel da mulher, na Igreja, é equiparado à do homem?

JOSÉ SERRÃO: Considero que não pelas razões já elencadas na questão anterior.

MÁRCIO CARREIRA: Gestão e a liderança das paróquias podem ser entregues também às mulheres?

JOSÉ SERRÃO: A gestão e a liderança poderá sê-lo, porém que não ultrapassem o pároco.

MÁRCIO CARREIRA: Considera que a Igreja reconhece a dignidade da mulher? Explícite, especificando algum exemplo se pretender.

JOSÉ SERRÃO: Sim reconhece bem, sobretudo ao que à formação catequética diz respeito.

MÁRCIO CARREIRA: Como vê hoje a presença e participação da mulher na Igreja?

JOSÉ SERRÃO: Hoje essencialmente há uma grande fatia de mulheres em vários sectores da pastoral na Igreja, o que é positivo, porque a mulher tem uma atitude de equilíbrio e de diplomacia em alguns caso muito superior à do homem.

MÁRCIO CARREIRA: Pegando agora na vida matrimonial. Como sabes e muitas apoiam-se em fundamentos religiosos, achas que a mulher deve ser submissa ao marido?

JOSÉ SERRÃO: São Paulo faz referência dessa submissão, mas também diz que o marido deve amar a sua mulher, como Cristo amou a Igreja. Não há submissão, há respeito, no cumprimento dos três votos: obediência, pobreza e castidade, para ambas as partes.

MÁRCIO CARREIRA: **A educação cristã dos filhos cabe sobretudo à mulher ou a ambos?**

JOSÉ SERRÃO: Como povo costuma dizer: cada macaco no seu galho. Porém em matérias de educação, seja cristã, ou não, a educação pertence a ambos. O homem tem um papel e a mulher tem outro... que são complementares.

MÁRCIO CARREIRA: **Os homens sentem-se motivados e integrados na vida da Igreja?**

JOSÉ SERRÃO: Sentem porque é um local onde sabem que irão ter Poder e Status Social.

MÁRCIO CARREIRA: **E como achas a sua participação na vida litúrgica da Igreja?**

JOSÉ SERRÃO: A participação na vida litúrgica é mais frágil do que as mulheres. Normalmente gostam mais de exercer cargos de relevância.

MÁRCIO CARREIRA: **Em que medida a mulher pode ser um agente activo de aconselhamento e direcção espiritual no seio das comunidades cristãs?**

JOSÉ SERRÃO: Na sua génese a mulher tem algo no seu interior que o homem não tem: a vocação maternal, e isso dá-lhe um status que deveria ser explorado e não está a ser.

MÁRCIO CARREIRA: **Relativamente à formação dos candidatos ao sacerdócio, achas que elas podem dar um bom contributo?**

JOSÉ SERRÃO: Sim. Porque a mulher sabe muito o que são afectos e sabe muito bem manipulá-los. Os homens, porém, lidam muito mal com afectos, tendo até vergonha (em alguns casos de os expressar) A mulher poderia muito bem ser uma grande directora espiritual, porque tem o dom da escuta muito apurado, muito mais que os homens.

MÁRCIO CARREIRA: **Consideras que a mulher deve aceder aos ministérios ordenados?**

JOSÉ SERRÃO: Cada um exerce o seu ministério. Na Igreja não há ministérios, nem mais, nem menos importantes. Acho que ser padre ou ser diácono é discussão irrelevante, porque exercer ministérios não é exercer poder sobre ninguém, mas antes serviço. O que está por detrás dessa questão, é uma questão de ambição de Poder. Ora, enquanto cada um não perceber que o Poder advém do serviço não vale a pena ter esta discussão. No caso da religião

cristã, enquanto cada um não perceber que não é o ser padre, ou o ser diácono que lhe dá relevância, mas o ser Cristão, tudo mudará certamente.

MÁRCIO CARREIRA: Como é que a Igreja pode abrir-se a uma maior responsabilização da mulher nas suas estruturas?

JOSÉ SERRÃO: Antes da maior responsabilização da mulher, falaria da responsabilização dos leigos. E é preciso nesta matéria passar das palavras aos actos: Mulheres e homens leigos deveriam de exercer cargos desde a Santa Sé até à mais recondita paróquia. Falo mesmo em cargos de responsabilidade ao mais alto nível na Igreja. Porque é que não é uma mulher a defender os interesses diplomáticos da Santa Sé na ONU, por exemplo? Porque é que não é um leigo... homem ou mulher... a ser Embaixador da Santa Sé num país qualquer? Porque é que não é uma mulher a gerir uma paróquia? Ora, nesta discussão do papel da mulher, acho que acima de tudo tem de se discutir o papel dos leigos na Igreja e acabar de uma vez por todas com essa clericalização que é acima de tudo uma questão de mentalidade... Faz falta saber o que é ser Cristão e para que se é Cristão, depois então podemos discutir tudo o resto.

MÁRCIO CARREIRA: Obrigado Serrão pelos teus pareceres. Foi um gosto conversar contigo!

Anexo 20

Entrevista com Maria de Fátima Lourenço Pimparel

Idade: 31 anos

Profissão: Advogada e estudante de Teologia

Habilitações académicas: Licenciada em Direito, Mestre em Direito Canónico

Diocese: Bragança-Miranda

Observações: Fátima é um dos grandes exemplos de mulheres que assumem grandes papéis na Igreja. É uma aluna de mérito do curso de Teologia em Braga, casada e será mãe brevemente. Como funções na Igreja é maestrina do coro da Paróquia de Nossa Senhora da Encarnação (desde 2000), membro do Conselho Pastoral da mesma paróquia desde 2014, presidente de comissão de festas da mesma paróquia (2013/2014), professora de Direito Canónico no Instituto de Estudos Pastorais da Diocese de Bragança-Miranda e directora do Secretariado Diocesano da Pastoral da Cultura da diocese de Bragança-Miranda 2016-2018. Com todo o seu vastíssimo currículo, será então interessante perceber a sua opinião sobre o papel da mulher na vida eclesial

Braga, 07 de Maio de 2019

MÁRCIO CARREIRA: Bom dia Fátima. Conhecendo-te um pouco, achei mais que pertinente fazer-te esta entrevista, porque penso que podes dar um grande contributo para entendermos a mulher na vida eclesial. Ora bem! A Igreja reconhece ou não o papel das mulheres no seu meio?

MARIA DE FÁTIMA: Reconhece. Mas a questão é saber se reconhece na medida em que devia reconhecer. O reconhecimento que a Igreja diz ter julgo que não tem grande efeito prático no dia-a-dia das comunidades, esta como muitas outras questões parecem-me ter mais atenção na teoria do que propriamente na prática.

MÁRCIO CARREIRA: O papel da mulher é equiparado à do homem?

MARIA DE FÁTIMA: O problema é precisamente uma questão de igualdade. A impressão que tenho é que na Igreja parece ter-se estipulado, como que uma cartilha o que cabe ao homem e o que cabe à mulher. Não obstante compreender que homens e mulheres tenham naturais aptidões mais para umas tarefas do que para outras, o critério não deveria nunca ser homem ou ser mulher. Julgo, por isso, que os papéis de uns e outros estão demasiado espartilhados. Creio que o caminho se fará em não rotular as tarefas como masculinas ou femininas.

MÁRCIO CARREIRA: Quanto à gestão e até mesmo à liderança das paróquias, achas que podem ser entregues também a vós, mulheres?

MARIA DE FÁTIMA: A questão da liderança... gestão... é precisamente um dos pontos onde se nota mais a diferença de tratamento por parte dos párocos diante de colaboradores homens ou mulheres. De um modo muito cru diria que quem lidera na prática, quem põe e dispõe, são as senhoras que nas paróquias desempenham uma actividade mais

comprometida. O certo é que na hora de assinar um papel, de gerir uma conta, de dar a cara por um conselho económico, tendencialmente, o pároco escolhe homens. Nas últimas décadas as mulheres assumiram lugares de gestão e liderança nas suas vidas profissionais, mas essa ascensão ao nível de lugares de liderança não foi acompanhada na sua vida dentro da Igreja.

MÁRCIO CARREIRA: Quanto à dignidade da mulher, pensas que a Igreja reconhece?

MARIA DE FÁTIMA: A dignidade penso nunca ter sido um problema. Não creio que o facto de a Igreja não a dar à mulher o devido espaço no que toca a lugares de liderança e gestão ponha em causa a nossa dignidade. Simplesmente há um caminho a fazer. Pessoalmente nunca senti que esse atraso, que no fundo é um atraso de mentalidade ferisse a minha dignidade.

MÁRCIO CARREIRA: Como vêes hoje a presença e participação da mulher na Igreja?

MARIA DE FÁTIMA: Hoje, como sempre de resto, creio que a mulher é o pulmão da Igreja. São mulheres a maioria dos catequistas, salmistas, zeladores, etc. E, sobretudo, são as mulheres a preencher a grande fatia dos membros das Assembleias dominicais. A presença essa está, como sempre esteve, garantida. A questão da participação, essa é mais complexa. São também elas as que mais participam. Mas como disse em coisas muito específicas. Falta que participem activamente em tudo, e neste tudo cabe a liderança e a gestão.

MÁRCIO CARREIRA: Como futura mãe, a educação cristã dos filhos cabe sobretudo à mulher ou aos dois?

MARIA DE FÁTIMA: A educação cristã dos filhos como tudo o que diga respeito à vida do casal deve caber a ambos os cônjuges, isto em teoria. Se na prática é assim? Não. Efectivamente continua a sobrar muito para as mulheres e não obstante sermos hoje tão activas fora de casa quanto os homens o certo é que tudo o que diz respeito à casa e aos filhos continua a ser departamento nosso. Obviamente este cenário não é tão gritante como no tempo das nossas mães. Mas ainda se verifica...

MÁRCIO CARREIRA: Como sabes, está muitas vezes enraizada uma sociedade de homens em que a mulher pouco ou nada vale, e tudo isto argumentado com fundamentos religiosos. Pegando um pouco na linguagem de São Paulo, achas que mulher deve ser submissa ao marido? Concordas com isto?

MARIA DE FÁTIMA: Não creio que seja linguagem adequada aos dias de hoje e à tão apregoada dignidade da mulher que a Igreja defende. A questão da submissão da mulher na boca de São Paulo tem de ser contextualizada. Não quero dizer que a mensagem de São Paulo esteja ultrapassada, mas certamente tem de ser enquadrada. Submissão implica uma relação desigual, submissão é o que esperamos de um cão... não de uma esposa ou de um marido. Se submissão pressupõe uma relação de desigualdade em que um é superior ao outro não creio que um matrimónio possa ter grande futuro se assentar nessa desigualdade.

MÁRCIO CARREIRA: Considera que os homens se sentem motivados e integrados na vida da Igreja?

MARIA DE FÁTIMA: De um modo geral, as coisas da Igreja, por assim dizer, continuam a ser “coisas de mulheres”. Pelo que tenho podido observar os homens mais comprometidos com a vida da sua paróquia são os casados com mulheres que são elas próprias peças fundamentais na vida dessa paróquia. Assim, podemos facilmente concluir que são essas mulheres que os motivam a participar mais activamente e não propriamente a Igreja a fazer esse papel de motivar e integrar.

MÁRCIO CARREIRA: **Como consideras a participação dos homens na vida litúrgica da Igreja?**

MARIA DE FÁTIMA: Na vida litúrgica julgo ser o sector onde a participação masculina está mais equilibrada. Vemos grupos de acólitos equilibrados. Muitos homens nos grupos corais sobretudo nos mais elaborados onde os homens sentem que estão a fazer algo de verdadeiramente belo e não apenas a cantar a missa, as equipas de leitores também me parecem equilibradas...

MÁRCIO CARREIRA: **Em que medida a mulher pode ser um agente activo de aconselhamento e direcção espiritual no seio das comunidades cristãs?**

MARIA DE FÁTIMA: Se a mulher assume esse papel dentro da sua casa porque não o pode assumir também na Igreja? Penso que podíamos dar um bom contributo.

MÁRCIO CARREIRA: **Consideras importante o papel da mulher na formação dos candidatos ao sacerdócio?**

MARIA DE FÁTIMA: Se a vida da Igreja, no dia-a-dia, é feita por mulheres e para mulheres, grosso modo, como lidam os padres com mulheres se não cresceram com elas? Se não as compreendem... O contacto com o mundo feminino é fundamental para se compreender universo tão complexo. No que concerne à formação dos candidatos ao sacerdócio julgo que uma presença feminina pode permitir desenvolver sensibilidades diferentes, colmatar uma eventual falta da figura materna... se a Igreja a propósito da adopção de crianças por casais homossexuais defende que é crucial a presença de uma figura masculina e outra feminina na vida da criança/jovem porque não aplica o mesmo princípio na formação dos seus sacerdotes? Vejo muitos seminaristas a desenvolverem uma certa fobia pelo universo feminino, não lidam com as mulheres com naturalidade, parecem estar sempre à procura da medida certa do relacionamento. Estou em crer que tudo isto seria ultrapassado se a presença de mulheres nas casas de formação não se restringisse á cozinha.

MÁRCIO CARREIRA: **Ordenação diaconal ou sacerdotal das mulheres. Que me tens a dizer sobre isto?**

MARIA DE FÁTIMA: Não creio que seja um cenário a realizar-se nas próximas décadas. Como mulher não me sinto diminuída por não poder aceder ao ministério ordenado. Não me sinto menos Igreja. Procuro compreender a questão assim: trata-se de uma norma, se é de direito positivo ou divino isso é outra questão. O certo é que é uma norma de um ordenamento jurídico. Se prendo fazer parte desta Instituição que é a Igreja tenho de respeitar todas as normas desse ordenamento. A norma veda-me esse acesso, não me é permitido, por uma questão de assim ter sido instituído, por uma questão histórica, etc... é-me fácil encaixar

isso. Outra coisa seria dizerem-me “não és ordenada porque não és capaz”. Isso seria bem mais difícil de encaixar. Julgo que é nesta perspectiva que as mulheres devem resolver a questão em si. Não acedemos ao ministério não por incapacidade, mas no cumprimento de uma norma. Porque se a norma não existisse acederíamos e faríamos tão bem ou melhor.

MÁRCIO CARREIRA: Como é que a Igreja pode abrir-se a uma maior responsabilização da mulher nas suas estruturas?

MARIA DE FÁTIMA: É ao nível da hierarquia que a questão se põe. Julgo que as mulheres que servem perfeitamente para as coisas que implicam menos capacidade intelectual e mais jeito, ou sensibilidade também devem ser chamadas a tarefas de maiores responsabilidades. Sabemos que são as mulheres hoje que academicamente se formam com melhores resultados, sabemos que as mulheres assumem já lugares de destaque nos conselhos de administração das grandes empresas, na política a lei da paridade permitiu que esse caminho se fosse fazendo... a Igreja deve dar esse passo.

MÁRCIO CARREIRA: Obrigado Fatinha. Foi muito bom ouvir-te.

Anexo 21
Entrevista com Helena Isabel Costa Dâmaso
Idade: 42 anos

Profissão: Higienista Oral

Habilitações académicas: Licenciatura

Diocese: Lisboa

Observações: Helena Dâmaso é uma das grandes colaboradoras, a nível de pastoral juvenil, no patriarcado de Lisboa. É uma leiga empenhada, solteira, mas com uma vida de entrega à Igreja e a todos aqueles que recorrem a ela. Colaborei com a Helena em inúmeras actividades na pastoral juvenil, e além de uma grande amiga, foi sempre, para mim, um excelente exemplo cristão e animadora de jovens. A nível de movimentos eclesiais e trabalhos foi: Presidente da Juventude Franciscana Portuguesa e colaboradora na pastoral juvenil. Actualmente é Animadora Juvenil, Formadora de Catequese, Catequista, Ministra Extraordinária da Comunhão, Responsável pelo coro numa comunidade da Paróquia, Membro do Secretariado Permanente do Conselho Pastoral Paroquial. Também é secretária da Assembleia de Freguesia

Peniche, 28 de Abril de 2019

MÁRCIO CARREIRA: Boa tarde Helena. Confesso que entrevistar-te numa clínica dentária é algo estranho... (risos), mas evangelizar também pode ser neste espaço. Lena, sem mais demoras, consideras que a Igreja reconhece o papel da mulher?

HELENA DÂMASO: Sim... Cada vez mais a Igreja começa a abrir-se à importância e utilidade da mulher, apesar de... ainda muito caminho haver por percorrer.

MÁRCIO CARREIRA: Considera que o papel da mulher, na Igreja, é equiparado à do homem?

HELENA DÂMASO: Os papéis da mulher e do homem na Igreja não se podem comparar pois são diferentes, ainda que por vezes em algumas áreas sejam coincidentes.

MÁRCIO CARREIRA: Liderança e a gestão das paróquias podem ser entregues também às mulheres?

HELENA DÂMASO: Sim, até porque a gestão e a liderança são características tanto de homens como de mulheres. As mulheres nisso, por vezes, até são mais organizadas.

MÁRCIO CARREIRA: Consideras que a Igreja reconhece a dignidade da mulher?

HELENA DÂMASO: A Igreja sempre reconheceu a dignidade da mulher, basta ver o exemplo do reconhecimento de Maria como Mãe de Deus e as grandes mulheres que desde os

primeiros tempos houve no anúncio do Ressuscitado, declarando algumas delas como Doutoradas da Igreja.

MÁRCIO CARREIRA: Como vê hoje a presença e participação da mulher na Igreja?

HELENA DÂMASO: A mulher começa a ter uma participação mais visível na Igreja. Durante muito tempo, a participação da mulher foi silenciada, existia mas não muito visível, mas agora começa-se a ver cada vez mais o trabalho das mulheres em lugares de responsabilidade.

MÁRCIO CARREIRA: Na vida matrimonial, a educação cristã dos filhos cabe sobretudo à mulher ou a ambos?

HELENA DÂMASO: A educação cristã não pode ser papel só da mulher, tem que ser de ambos os conjugues. No início Deus os fez homem e mulher, diferentes mas que se completam, sendo assim também na educação dos filhos. Quando no ritual do baptismo os pais são questionados sobre a educação na Fé, a pergunta é feita aos dois e são os dois que se comprometem, não é só um.

MÁRCIO CARREIRA: Segundo alguns fundamentos religiosos, considera-se que a mulher deve ser submissa ao marido. Concordas com isto?

HELENA DÂMASO: A mulher deve ser submissa ao marido, tal como o marido deve ser submisso à esposa. São Paulo começa por dizer submetei-vos uns aos outros, no respeito que tendes a Cristo.... por isso a submissão tem que ser mutua tendo como exemplo a relação entre Cristo e a Igreja, do qual o Matrimónio é sinal.

MÁRCIO CARREIRA: Considera que os homens se sentem motivados e integrados na vida da Igreja?

HELENA DÂMASO: Como em outras coisas, uns sim outros não, mas na generalidade penso que sim. A vida em Igreja é tão desafiante e apazível que consegue integrar todos, sejam eles homens ou mulheres

MÁRCIO CARREIRA: Como vê a participação dos homens na vida litúrgica da Igreja?

HELENA DÂMASO: Durante muito tempo, a participação na vida litúrgica era vista como se fosse mais para as mulheres. Mas penso que actualmente, já não se faz tanto essa diferença, que os homens começam a participar mais e a sua participação começa a equiparar-se à das mulheres.

MÁRCIO CARREIRA: Em que medida a mulher pode ser um agente activo de aconselhamento e direcção espiritual no seio das comunidades cristãs?

HELENA DÂMASO: A mulher tem normalmente algumas características que podem ser úteis neste campo do aconselhamento e direcção espiritual, como por exemplo a capacidade de escuta, a empatia, a prudência.

MÁRCIO CARREIRA: Consideras importante o papel da mulher na formação dos candidatos ao sacerdócio?

HELENA DÂMASO: Acho que é muito importante, pois penso que na formação dos candidatos ao sacerdócio ou à vida religiosa, por vezes, cria-se como que uma redoma á volta deles, põe-se uma barreira entre eles e as mulheres, e depois não os faz ter o contacto devido com o mundo, o que por vezes *a posteriori*, traz resultados diferentes dos esperados. Também acho que é importante nesta fase de formação e de crescimento, haver também alguém que lhes mostre o lado maternal e não só o paternal.

MÁRCIO CARREIRA: Ordenação das mulheres, sim ou não?

HELENA DÂMASO: Não! Os ministérios ordenados são para os homens. As mulheres têm muitos outros ministérios na Igreja, onde são mais úteis e válidas, ajudando os ministros ordenados a serem aquilo para que foram ordenados.

MÁRCIO CARREIRA: A Igreja pode abrir-se a uma maior responsabilização da mulher nas suas estruturas?

HELENA DÂMASO: A Igreja é um povo a caminho, que conforme as necessidades e os tempos também vais descobrindo que a mulher pode ser uma mais-valia na sua vida. A mulher, se quiser, tem muito onde ser activa na Igreja, é preciso é que se abra ao Espírito e o queira fazer.

MÁRCIO CARREIRA: Grande Lena, agradeço a tua disponibilidade. Foi importante ouvir-te...

Anexo 22

Entrevista ao Pe. Gonçalo Nuno Ary Portocarrero de Almada

Idade: 61 anos.

Profissão: Sacerdote.

Habilitações académicas: Licenciado em Direito, doutorado em Filosofia, mestre em Teologia, cronista.

Diocese: Prelatura pessoal da Santa Cruz e Opus Dei/Patriarcado de Lisboa

Lisboa, 2 de Julho de 2019

MÁRCIO CARREIRA: Bom dia Padre Gonçalo! Fiquei grato pela sua disponibilidade. Não foi por acaso que o escolhi. Recentemente escreveu um belíssimo artigo sobre o Papel Mulher. Logo achei pertinente fazer-lhe esta pequena entrevista.

GONÇALO PORTOCARRERO: Espero dar um bom contributo...

MÁRCIO CARREIRA: A Igreja reconhece o papel da mulher?

GONÇALO PORTOCARRERO: Com certeza, porque a Igreja é santa. Outra coisa é que todos os fiéis tenham uma consciência esclarecida sobre a dignidade da mulher na Igreja e no mundo. Nem todos a têm, infelizmente. Alguns eclesiásticos têm ainda uma visão muito clerical do papel da mulher, que entendem como mera auxiliar do ministério ordenado.

MÁRCIO CARREIRA: Considera que o papel da mulher, na Igreja, é equiparado à do homem?

GONÇALO PORTOCARRERO: Não creio que seja, nem que tenha que ser, porque Deus criou duas modalidades humanas, o ser masculino e o ser feminino. São iguais, certamente, em dignidade, e ambos são, por igual, chamados à santidade e ao apostolado na Igreja, como ensina o Concílio Vaticano II, mas não do mesmo modo, porque há um modo masculino e um modo feminino de ser Igreja, porque a graça não destrói a natureza, mas aperfeiçoa-a e sublima-a. Não se deve, contudo, hierarquizar estes dois modos, como se um fosse superior e o outro inferior: neste sentido, são equiparáveis. Convém não esquecer que a principal criatura cristã, a quem a tradição eclesial atribui o superlativo da santidade, é uma mulher, casada e mãe: Nossa Senhora, a santíssima Virgem Maria.

MÁRCIO CARREIRA: A gestão e a liderança das paróquias podem ser entregues também às mulheres?

GONÇALO PORTOCARRERO: Se uma paróquia é, como o próprio nome indica, uma comunidade cristã presidida por um pároco e este é necessariamente um padre, logo um homem, não parece que seja viável que a gestão e liderança das paróquias possa ser entregue às mulheres, a não ser que interinamente e por um motivo de força maior, como a forçosa ausência do seu titular, o pároco, e enquanto não for substituído. Talvez seja mais interessante questionar se continua a fazer sentido que a paróquia seja a única forma de organização das comunidades cristãs, ou se a paróquia deverá ter uma estrutura essencialmente clerical. Há comunidades cristãs entregues ao governo das mulheres... os conventos femininos... e essa experiência tem sido proveitosa para a Igreja e para o mundo. De forma análoga, também se

poderia pensar em modelos de organização do laicado em que as mulheres tivessem um maior protagonismo....

Na prelatura do Opus Dei, os centros femininos são geridos exclusivamente pelas respectivas directoras, que assumem também, a nível nacional e mundial, a direcção do seu apostolado, sob a jurisdição do prelado e dos seus vigários, mas sem qualquer intromissão masculina, porque os capelães apenas colaboram com a realização dos actos pertinentes ao seu ministério.

MÁRCIO CARREIRA: A Igreja reconhece a dignidade da mulher?

GONÇALO PORTOCARRERO: Com certeza, até porque, em termos históricos, os países cristãos sempre deram muito mais relevo à mulher do que qualquer outra cultura ou religião. Para além do exemplo das comunidades religiosas femininas, tenha-se também presente que, na Europa medieval cristã, houve mulheres que assumiram, como rainhas, a chefia do Estado, quer por direito próprio, quer enquanto regentes em nome de seus reais maridos ou filhos. A Igreja também reconheceu uma especial relevância teológica às santas, sobretudo às que concedeu o título de doutoras da Igreja.

MÁRCIO CARREIRA: Como vê hoje a presença e participação da mulher na Igreja?

GONÇALO PORTOCARRERO: Com muita satisfação e gratidão a Deus e a tantas mulheres que, continuamente, dão um excelente testemunho da sua fé cristã. O terrível escândalo da pedofilia, exclusivamente masculino, permite supor, tanto quanto o facto mediático o permita, que as mulheres da Igreja superam, em santidade, os varões. Mas creio que se pode e deve fazer mais e melhor.

MÁRCIO CARREIRA: Na vida matrimonial, a educação cristã dos filhos cabe sobretudo à mulher ou a ambos?

GONÇALO PORTOCARRERO: O modelo tradicional da mulher caseira, dedicada à educação dos filhos e ao cuidado da casa, e do marido ausente, a trabalhar para o sustento da família, está já, felizmente, superado. Talvez ainda não se tenha encontrado uma solução óptima, porque se o marido e a mulher trabalham habitualmente fora de casa, os filhos não são tão bem acompanhados como seria desejável, mas a resposta a essa necessidade familiar não pode passar pelo sacrifício da mulher, ou pela sua exclusão da vida profissional, nem por um estatuto profissional intangível do homem, como se a sua vida profissional não pudesse ser afectada pelo atendimento a dar aos filhos e à casa. Se a família é, por igual, de ambos, é justo que ambos realizem, por igual, as tarefas parentais e domésticas inerentes.

MÁRCIO CARREIRA: Considera que a mulher deve ser submissa ao marido. Concorda com esta afirmação?

GONÇALO PORTOCARRERO: A obediência, na Igreja, é uma virtude que a todos é pedida: todos devemos obedecer a Cristo, na sua Igreja. Alguns, como os presbíteros e os religiosos, fazem um compromisso especial de obediência aos seus legítimos superiores e entende-se que essa exigência contribui para a sua perfeição. Portanto, também na vida matrimonial tem que haver alguma obediência, não necessariamente da mulher ou do homem,

mas de ambos a Cristo e à sua Igreja, pela sua voluntária submissão ao que é melhor para a família, no seu todo. Homem e mulher, a partir do momento em que estão unidos pelo sagrado vínculo do matrimónio cristão, que também é jugo, devem deixar de declinar a primeira pessoa do singular, para apenas usar a primeira pessoa do plural. Neste sentido, o que um dos dois indica ao outro não é algo exterior, mas expressão dessa vontade comum, porque já não são dois, mas um só. Numa família cristã, será normal que cada um dos membros do casal tenha as suas próprias competências familiares: é razoável que, quem se dedica a confeccionar os alimentos familiares, o possa fazer com autonomia; ou que quem se ocupa da administração da casa familiar, o faça também com alguma independência. Contudo, as decisões que excedam o que é trivial, deveriam surgir de um consenso entre marido e mulher.

MÁRCIO CARREIRA: Os homens se sentem motivados e integrados na vida da Igreja?

GONÇALO PORTOCARRERO: Não me parece que seja possível dar uma resposta válida a uma questão tão genérica e abstracta. Há muitos milhões de homens católicos no mundo inteiro e por isso ninguém sabe, nem pode saber, se todos estão ou não motivados e integrados na vida da Igreja. Mas talvez devamos dar a essa integração um sentido mais de acordo com o Concílio Vaticano II... estar integrado na vida da Igreja não tem por que passar por estar metido nas organizações clericais, como se o leigo mais não fosse do que um subalterno do padre. Um cristão, seja homem ou mulher, que viva com coerência e fidelidade a sua fé no meio do mundo, na sua família, no seu trabalho, entre os seus colegas e amigos, é um cristão motivado e integrado na vida da Igreja porque, para quem está chamado a construir um mundo melhor, a sua cela é a rua e não a paróquia, nem o convento.

MÁRCIO CARREIRA: Como vê a participação dos homens na vida litúrgica da Igreja?

GONÇALO PORTOCARRERO: Muito positiva, mas temo que, por vezes, se enverede, mais uma vez, pela clericalização do leigo, em vez de se respeitar a secularidade da sua condição. Seria interessante que a contribuição dos leigos na vida da Igreja se desse por via das suas específicas competências, e não como meros subordinados dos padres.

MÁRCIO CARREIRA: Em que medida a mulher pode ser um agente activo de aconselhamento e direcção espiritual no seio das comunidades cristãs?

GONÇALO PORTOCARRERO: Acho que já o é, mas pode ser mais ainda. Quantas mães não são, de facto, as primeiras e as principais catequistas dos seus filhos? Quantas vocações para a vida religiosa ou sacerdotal não despertaram, precisamente, graças à piedade de uma mãe? Quantas crises vocacionais não foram também positivamente superadas pelo apoio, discreto e eficaz, de uma mãe sábia e prudente? Só Deus sabe quanto a pastoral vocacional deve às mulheres. Não me repugna que mulheres cristãs, tendo recebido uma formação adequada, possam realizar uma função de aconselhamento espiritual, nomeadamente de outras mulheres, ou raparigas jovens. Na prelatura do Opus Dei assim se faz há já quase cem anos, com óptimos resultados.

MÁRCIO CARREIRA: Reconhece a importância o papel da mulher na formação dos candidatos ao sacerdócio? Que tipo de contributo ela poderia dar?

GONÇALO PORTOCARRERO: Com certeza que é fundamental. Antigamente, muitos sacerdotes podiam contar com a companhia de uma irmã, que os acompanhava na sua itinerância paroquial e zelava pela sua saúde e pelo cuidado das suas roupas e residência. Hoje em dia, dificilmente algum padre terá alguém da sua família que se disponha a prestar-lhe esses serviços, pelo que será muito conveniente que adquira algumas dessas competências. Convirá que saiba cozinhar alguma coisa, como também tratar da sua roupa e casa, mesmo que depois contrate, consoante as suas necessidades e disponibilidades financeiras, quem o auxilie nessas tarefas, que não devem prejudicar a sua dedicação ao ministério sacerdotal. Seria interessante, a meu ver, que a formação dada nos seminários também previsse estes aspectos mais práticos.

MÁRCIO CARREIRA: A mulher deve aceder aos ministérios ordenados?

GONÇALO PORTOCARRERO: Em relação ao presbiterado e ao episcopado, a questão está resolvida: Roma locuta, causa finita. Em relação ao diaconado, o Papa Francisco entendeu, depois de uma comissão ter estudado o assunto, que não há condições de momento para avançar nesse sentido. Parece-me prudente e sensata esta decisão, até porque a Igreja não pode andar, neste tema como em nenhum outro, a reboque das modas sociais ou outras. A experiência das igrejas cristãs separadas não foi feliz: a admissão de mulheres ao sacerdócio foi origem de uma debandada de fiéis, muitos dos quais até pediram ser admitidos na Igreja católica. A Igreja católica deve procurar, isso sim, ser sempre fiel ao seu Mestre e Senhor que, tanto quanto é possível dizê-lo, não escolheu nenhuma mulher para um ministério ordenado, na medida em que os primeiros bispos, presbíteros e diáconos eram todos varões. A promoção da mulher na igreja não passa pela sua clericalização, mas pela sua santificação: o importante é que a Igreja proporcione a toda e qualquer mulher – seja ela solteira ou casada, religiosa ou leiga, nova ou idosa, rica ou pobre – uma formação que a capacite para a santidade e o apostolado na Igreja e no mundo.

MÁRCIO CARREIRA: Como é que a Igreja pode abrir-se a uma maior responsabilização da mulher nas suas estruturas?

GONÇALO PORTOCARRERO: Parece-me muito salutar que os organismos paroquiais, diocesanos e até centrais da Igreja se abram a uma maior participação das mulheres em todos os níveis do governo e da acção eclesial. Seria até muito interessante que algum dicastério da cúria romana fosse confiado a uma mulher: por exemplo, algum departamento relacionado com a defesa da vida e da família, ou relativo à vida consagrada. Também entendo que as mulheres poderiam participar mais activamente na acção diplomática da Santa Sé, muito embora pareça conveniente que o Núncio seja sempre bispo, e portanto homem, pela sua relação com o episcopado nacional, junto do qual também representa o Santo Padre. Nos serviços de imprensa, comunicação e informação da Santa Sé, das dioceses e paróquias, as mulheres também poderiam desempenhar um papel mais activo. Embora já

exista algumas mulheres que são professoras de Teologia, seria de incentivar a sua presença em todos os níveis do ensino católico.

MÁRCIO CARREIRA: Obrigado Padre Gonçalo. Foi muito bom falar consigo.

Anexo 23

Entrevista a Maria Amélia Duarte Ferreira

Idade: 64 anos

Profissão: Professora Catedrática na Faculdade de Medicina da Universidade do Porto e Médica

Habilitações académicas: Doutoramento

Diocese: Porto

Observações: O seu papel a nível da responsabilidade social e eclesial decorre de ter assumido o cargo de Provedora da Santa Casa da Misericórdia de Marco de Canaveses e ter consciencializado que a intervenção social é nuclear na Missão dessa Instituição. É indissociável a ligação à Igreja e tem sido esse o seu trabalho de criação de pontes. De resto, tem uma vida dedicada à Educação Médica, às Neurociências, de já mais de 40 gerações de médicos, com a explícita defesa da formação humanística na formação integral dos estudantes de Medicina. Introduziu no Plano Curricular do curso de Medicina a formação obrigatória de Humanidades em Medicina, para a abordagem dos mais importantes problemas da humanidade, com que os futuros médicos serão confrontados no decurso das suas vidas pessoais e profissionais. E o lidar com o erro e com a incerteza, que os aproxima mais do que é divino. A Igreja tem-se vindo a cruzar com estas intervenções.

Porto, 15 de Junho de 2019

MÁRCIO CARREIRA: Bom dia Doutora Amélia, fico grato pela sua disponibilidade. Penso que a sua opinião é pertinente devido ao contacto que tem tido na formação de médicos e médicas em que os problemas não só do corpo, mas também da alma estão presentes nas consultas, correcto?

MARIA AMÉLIA: Certo...

MÁRCIO CARREIRA: Olhando para o ser feminino, considera que a Igreja reconhece o papel da mulher?

MARIA AMÉLIA: Há uma discriminação de género relativa ao papel da mulher na igreja, que secundariza a mulher nas actividades da igreja. As mulheres são tratadas como pessoal secundário. E é muito triste, em termos de cidadania e de culto católico ter que assumir esta realidade. Os postos de chefia estão todos alocados ao sexo masculino, sem hipótese de interferência em primeira linha das mulheres.

MÁRCIO CARREIRA: Considera que o papel da mulher, na Igreja, é equiparado à do homem?

MARIA AMÉLIA: Não é equiparado pois há discriminação de género neste domínio. Contudo, é notória a intervenção das mulheres na educação católica, na orientação espiritual na acção social das paróquias. Contudo, uma das maiores diferenças continua a ser de as mulheres não poderem ocupar cargos na hierarquia da Igreja Católica. Isto apesar da enorme

evolução em termos de igualdade de género nas últimas décadas. Contudo, o Papa Francisco tem falado na relevância de ter mais mulheres em lugares de responsabilidade na Igreja.

MÁRCIO CARREIRA: Sei que existe mulheres a liderar hospitais, serviços até bastante exigentes, considera que a gestão e a liderança das paróquias podem ser entregues também às mulheres?

MARIA AMÉLIA: Podem, sem dúvida. E não é limitada à gestão das actividades domésticas das casas paroquiais e dos homens que dirigem as paróquias. Não sendo a situação atual, não será de imediato que se conseguirá este desiderato, nem o completo reconhecimento institucional dessa liderança. Mas as qualificações das mulheres em termos de inteligência emocional e o carácter de humanidade ou de humanização dos processos que devem liderar a gestão das paróquias torna essa gestão muito adequada ao perfil cognitivo/emocional do sexo feminino. As relações de proximidade são muito bem desenvolvidas pelas mulheres, o que é um factor promotor de uma liderança centrada nas pessoas.

MÁRCIO CARREIRA: A Igreja reconhece a dignidade da mulher?

MARIA AMÉLIA: A Igreja, no cumprimento da sua Missão deve reconhecer cada vez mais objectivamente a dignidade da mulher. Mais do que tem sido norma. E deverá operacionalizar esse reconhecimento em actos concretos de atribuição de responsabilidades. É necessário ampliar os espaços para a presença feminina mais assertiva na Igreja. Todos... a Igreja e a Sociedade... ganharão com esta maior inclusão.

MÁRCIO CARREIRA: Como vê a presença e participação da mulher na Igreja?

MARIA AMÉLIA: Vejo-a como uma das reconfigurações das respostas necessárias a um novo figurino das sociedades contemporâneas. A mulher poderá complementar a grande falta de elementos masculinos ao serviço da igreja, e essa complementaridade até criará novos modos de intervenção social, numa sociedade em profunda transformação. É de notar uma maior sensibilidade actual da igreja com a colaboração de muitas mulheres. É a resposta a nova cultura social, da natureza e identidade do ser humano.

MÁRCIO CARREIRA: Na vida matrimonial, a educação cristã dos filhos cabe sobretudo à mulher ou a ambos?

MARIA AMÉLIA: Numa partilha de direitos e deveres e de igualdade de género de homens e mulheres, a responsabilidade deve ser partilhada. Tal como todos os demais eventos da vida comum.

MÁRCIO CARREIRA: Apoiando-se em fundamentos religiosos, considera que a mulher deve ser submissa ao marido. Concorda?

MARIA AMÉLIA: A submissão deve ser interpretada bilateralmente no sentido do respeito mútuo e da partilha mútua de objectivos de vida. Não é submissão... é partilha de vida.

MÁRCIO CARREIRA: Considera que os homens se sentem motivados e integrados na vida da Igreja?

MARIA AMÉLIA: Considero que há uma atenuação nesta motivação e na vontade de integração, pela vida cada vez mais individualista e menos ao serviço da comunidade. Há, claramente, um conjunto de solicitações e de mundividências que afastam as vocações religiosas pois não se compaginam com muito do que é a sociedade actual em mudança. Esta mudança tem que ser acompanhada pela Igreja para atrair e manter aqueles que, em vocação, se motivem e integrem a vida na Igreja. Mas as novas gerações, estão afastadas do serviço à comunidade.

MÁRCIO CARREIRA: Como considera a participação dos homens na vida litúrgica da Igreja?

MARIA AMÉLIA: É a tradicional e que se encontra cada vez mais fragilizada pela falta de complementaridade de intervenção feminina. As mulheres fazem os homens e este facto poderá trazer grande poder no desenvolvimento da intervenção das futuras gerações mais jovens na Igreja.

MÁRCIO CARREIRA: Em que medida a mulher pode ser um agente activo de aconselhamento e direcção espiritual no seio das comunidades cristãs?

MARIA AMÉLIA: Na medida em que a mulher detém uma capacidade de inteligência emocional que lhe permite maior poder de escuta activa e de comunicação afetiva e emocional. São características, demonstradas pelas Neurociências... Como pode ver António e Hanna Damásio que deverão ser aproveitadas para justificar mudanças que são necessárias na criação de interfaces de género na Igreja. Citando o Papa Francisco “A Igreja é Mulher”.

MÁRCIO CARREIRA: Na formação dos candidatos ao sacerdócio, o papel da mulher? Que contributo ela poderia dar?

MARIA AMÉLIA: A Mulher é a progenitora dos candidatos ao Sacerdócio. Uma educação mais informada e mais inclusiva da parte da Igreja para a intervenção feminina poderia motivar esta função. Em Portugal, a direcção de uma Faculdade de Teologia é só agora liderada por uma Mulher. É interessante verificar que é uma mulher que está à frente da coordenação geral da formação teológica dos futuros padres. É o cumprimento da ideia do Papa Francisco de uma Igreja em Saída.

MÁRCIO CARREIRA: A mulher deve aceder aos ministérios ordenados: diaconisa, sacerdotisa....

MARIA AMÉLIA: De diácono, sim. Aliás já está contemplado. De padre, também, respeitando os pressupostos da hierarquização e de formação para a tarefa.

MÁRCIO CARREIRA: Como é que a Igreja pode abrir-se a uma maior responsabilização da mulher nas suas estruturas?

MARIA AMÉLIA: Pela operacionalização do que é a dignidade humana nos direitos fundamentais de mulheres e homens. E assumir a sua execução prática. Neste contexto, serão as próprias mulheres a assumir maior proactividade pois sentir-se-ão membros aceites sem condicionalismos de género ou discriminação. Todos ganharemos com isto e a Igreja assumirá

um papel central no respeito pela igualdade de género, que não é mais do que o respeito pelos direitos humanos.

MÁRCIO CARREIRA: Muito obrigado pelo seu tempo. Votos de um excelente e frutuoso trabalho.

Anexo 24
Entrevista a *Tiago Lopes*
Idade: 30 anos

Profissão: Psicólogo e psicoterapeuta

Habilitações literárias: Doutorado em Psicologia

Diocese: Braga

Braga, 14 de Março de 2019

MÁRCIO CARREIRA: Doutor Tiago, considera que a Igreja reconhece o Papel da Mulher?

TIAGO LOPES: Considero...

MÁRCIO CARREIRA: E acha que o papel da mulher é equipado ao homem quer na Igreja, quer na sociedade?

TIAGO LOPES: Bom... Eu acho que em termos de valor a mulher tem exactamente o mesmo valor que o homem... han... Podem desempenhar papéis diferentes, porque no meu entender e é apenas o meu parecer e o meu entender, a mulher tem características que a diferenciam do homem, que não são menos, nem mais valorizadas, são diferentes apenas. E o homem tem as suas características e fruto dessas características que diferenciam os géneros... han.. Podem eventualmente se adaptarem a papéis diferentes. Agora, eu considero efectivamente que embora tenham papéis diferentes, que eu acho que estão muito inerentes às características que caracterizam um género e outro possam efectivamente diferentes, mas que o valor que ambos têm é han.. Idêntico. Não acho em momento nenhum que a Igreja desvaloriza a mulher, no papel dela, pelo papel por ser mulher em detrimento do homem. Mas é a minha opinião...

MÁRCIO CARREIRA: A mulher tem capacidade para liderar e gerir paróquias ou como vemos na sociedade, ela tem uma grande capacidade para gerir empresas, etc..

TIAGO LOPES: certo, certo...

MÁRCIO CARREIRA: Será que se pode aproveitar isso para as paróquias ou não?

TIAGO LOPES: Eu acho que sim, aliás nós até nos remetemos para o nosso contexto familiar, onde é geralmente a mãe, uma figura feminina que até está responsável pela economia, do lar, pela questão financeira, pela gestão das tarefas em casa. Eu acho que a mulher tem esse lado muito desenvolvido face ao homem de gestão. Não é por acaso que recentemente ou mais recentemente que se atribui papéis de gestão a mulheres... Han... e acho que sim, tem essa capacidade muito nas paróquias. No entanto parece-me que esta

pergunta ou esta resposta que possa dar seja indissociável da questão da ordenação das mulheres. Por as mulheres a chefiar uma paróquia teria na minha opinião ter em atenção o facto de... han... de... haver aqui em momento nenhum conflito de interesse com a figura do pároco, né? Ou seja... Por um lado as mulheres podem ser ou não ser ordenadas e se a Igreja assim o entender que não podem ser, né? Por mais que a opinião do senso comum possa dizer uma ou outra o facto... han... a decisão cabe sempre à Igreja... han... eu acho que sim, que poderiam chefiar, mas acho que é preciso ter de facto essa muito bem ciente esse papel... o que é que ela chefiaria? O que é que o pároco chefiaria? Estamos aqui a falar de dois papéis distintos, estamos aqui a falar o papel em que a mulher seria o pároco e ela chefiaria? Não sei... Não sei se...

MÁRCIO CARREIRA: E qual é a sua opinião sobre a ordenação das mulheres?

TIAGO LOPES: Olha... provavelmente a minha opinião, é uma opinião que não será totalmente isenta das crenças culturais que estamos efectivamente inseridos, né? E provavelmente e não totalmente isenta... han... eu acho que a mulher tem um papel muito importante na Igreja. Relativamente à questão da ordenação... han... não sei... han... acabo provavelmente ter a... eu se calhar remeto aqui um bocado para Maria... han... ou seja... não conseguimos olhar para a Igreja sem Maria... Maria foi a mãe do primeiro padre... quer dizer foi a mãe de Cristo. Se nós assumimos que os sacerdotes são Cristo ou...se peço desculpa se de um ponto de vista teológico não estou a ser exactamente correcto, né? Mas olhando para a figura de Maria nós vimos aqui uma mulher numa posição de grande destaque...né? han... bom...

MÁRCIO CARREIRA: sim ou não?

TIAGO LOPES: penso que não. Mas não quero que veja isto como uma questão de achar que ela tem menos capacidade que o homem para o ser. Eu acho é que ela tem um conjunto de características que poderiam ajudar e complementar o sacerdócio dos padres. Han... poderiam estar ali mais como uma figura de referência, de amparo, de complementaridade, do que propriamente de substituição.

MÁRCIO CARREIRA: Certo. E como vê a presença e a participação da mulher no meio que vive, na comunidade que participa, etc.?

TIAGO LOPES: Olhe eu vejo que é uma presença bastante assídua ou seja... han.. a comunidade onde participo ate vejo mais mulheres à frente dos movimentos, da mensagem de Fátima, dos jovens, han... ministra da comunhão, han... ate acólitas nós vemos muitas, hoje em dia muitas acólitas, né? Eu acho eu houve um desenvolvimento muito interessante nos últimos anos. Provavelmente pós-concílio vaticano II, da aceitação da mulher daquilo que são a participação das actividades religiosas... han... e eu, por experiencia, na comunidade em que frequento, vejo muitas mulheres ...han... à frente dos movimentos e com grande destaque nas celebrações.

MÁRCIO CARREIRA: Partindo agora um bocado para o matrimónio, ou sabe que vivemos numa sociedade patriarcal até muito recentemente. Considera que a mulher ainda tem esse complexo de inferioridade em relação ao homem ou não?

TIAGO LOPES: Eu acho que existe ainda. Falando daquilo que é a minha área, o que a minha área ou que na área da saúde mental, a psicologia, é fundamental ali... basta olharmos por exemplo para o DSM, que é um dos manuais de referência das perturbações psíquicas... a par de outra escala. Nós aqui em Portugal utilizamos mais o DSM, que é no fundo um manual onde estão catalogadas p'la sociedade americana de psiquiatria, as perturbações psíquicas do fórum psicológico e psiquiátrico. Quando vamos ver a prevalência daquela doença do sexo ou sexo feminino, habitualmente o sexo feminino prevalece sempre mais, há sempre maior prevalência das doenças psíquicas nas mulheres do que propriamente dos homens, nós folheando o DSM conseguimos perceber, não han... Conseguimos perceber essa tendência, não podemos olhar para a figura da mulher... han.... Inevitavelmente para aquilo que foi o ser mulher ao longo destes últimos anos ou melhor ao longo da história da espécie humana. Hoje sabemos que ainda existem diferenças, inclusive salariais. Nós sabemos que no mesmo cargo, mulheres e homens têm diferenças salariais significativas. Eu acho que a tendência tem sido á haver esse processo de equidade. Eu não gosto de lhe chamar igualdade, que homem e mulher são diferentes na sua essência e que fruto dos papéis sociais que foram assumindo ao longo da história do ser humano... han...foram desenvolvendo na mulher capacidades distintas dos homens e vice-versa. Eu acho que querer estar a igualar um género ou outro é estarmos a perder características de um e de outro.... Han... porque é efectivamente eu acho que os dois se devem complementar e não competir, para ver quem é que é bom realmente naquilo. Acho que nós devemos ver mais como complementaridade e não competição, por isso é que eu defendo a equidade e não a igualdade, porque somos diferentes. A história do ser humano fez com que ambos os géneros se desenvolvessem características até de personalidade diferentes. Mas retomando ao ponto anterior que é não podemos olhar para a figura da mulher sem olharmos par aquilo que foi o papel da mulher ao longo destes séculos e ao longo de toda a história da mulher, a mulher foi sempre algo de maior sofrimento, algo das violências mais atrozés, da... e esse sofrimento que a mulher foi alvo de uma forma mais intensa do que é hoje, sabemos que hoje ainda existe situações... sabemos por exemplo... o crime de violência doméstica, embora saibamos que existem mulheres agressoras e homens vitimas, que é um fenómeno predominantemente da mulher, em que a mulher é vitima, e se apresenta no papel de vitima.. e efectivamente nós sabemos que ao longo da história esse sofrimento tendencialmente infligido sobre o papel da mulher, faz que hoje esses sofrimentos, venham de alguma forma quase como um mecanismos de repetição ou ou sabemos hoje... aliás saiu em 2018 o primeiro estudo científico, eu não quero errar, mas saiu na Cience, o primeiro estudo científico que prova que traumas são passados de geração em geração.. han... inclusive esse estudo científico foi feito com sobreviventes dos campos de concentração nazi. Em que se verificou que as atrocidades em que eles foram sujeitos nessa altura nos campos de concentração ainda hoje as alterações que esses traumas de alguma forma desenvolveram até do ponto de vista bioquímico e mais do ponto de vista até molecular e de constituição orgânica, ainda hoje se verifica nos netos dos... de quem esteve nos campos de concentração daqueles flagelo, ou seja, hoje ficou comprovado cientificamente que traumas significativos e com uma tonalidade significativa se transmitem de geração em geração. Há um estudo científico, o primeiro estudo científico publicado na Cience, como dizia. E nós não podemos olhar para isto, não podemos olhar para aquilo que foi o papel da mulher nestes últimos anos, desde que existe, ou seja, do desenvolvimento do próprio ser

humano, a mulher foi sempre alvo de violência, né? Recorde-me so a pergunta para eu fechar a questão da..

MÁRCIO CARREIRA: se a mulher ainda se sente inferior ao homem..

TIAGO LOPES: É isso. E às vezes esses traumas que vêm de geração em geração e são passados não raras vezes na linhagem das mulheres fazem com que elas e nós vimos isso não raramente no contexto clínico e psicoterapêutico, esses sofrimentos, elas próprias, ainda que inconscientemente ou involuntariamente se coloquem em papéis de menores destaque ou um sentimento de inferioridade em relação ao homem, mas não há nada que justifique essa, essa, essa diferença. As vezes no contexto clínico nós percebemos justamente que é a própria mulher que involuntariamente vai colocando, quase que é para ela a crença que ela é inferior ao homem e por isso ela se coloca em lugares de menos destaque em relação ao homem. Às vezes e não raras vezes percebemos que ela se coloca... han... que ela se permite em viver em contextos de violência, quase com a crença internalizada de que ela merece ou de que ela... han... se deve subjugar àquele contexto de violência, não saindo daquele contexto de violência, achando-se merecedora, ou vendo aquela violência reiterada, por exemplo o marido como algo normal. Ou seja, mas não existe nada no ser mulher ou ser homem que justifique essa, essa, essa inferioridade. Somos iguais, han... Agora olhando para aquilo que foi o papel da mulher às vezes até ela própria que se coloca no papel de inferioridade em relação ao homem.

MÁRCIO CARREIRA: Acha que existe algum tipo de problema, da parte do clero, da parte da Igreja, para não reconhecer mais a mulher nas suas estruturas, han...

TIAGO LOPES: Provavelmente algum preconceito, sim. Culturais, eu acho sim... han.. eu acho que nós somos movidos por estereótipos, por questões culturais. Quantos de nós não demos de que já conta de que entranhamos se virmos uma mulher motorista, nós próprios fazemos isso na nossa vida, no nosso dia-a-dia. Não é? Não só com o contrário, não só... hum.. que é natural que o próprio clero por uma questão de habituação e de quase cultural, né? De ter visto homens naquele papel, tenham alguma resistência de ver a mulher naquele papel né?

MÁRCIO CARREIRA: falou há pouco da complementaridade...

TIAGO LOPES: Certo...

MÁRCIO CARREIRA: Que características o gênero feminino têm que podem ser importantes para trabalhar com o homem na igreja, na estrutura da Igreja, na vida da Igreja?

TIAGO LOPES: olhe... eu acho que a mulher tem uma capacidade de reunião muito grande muito melhor que o homem.. Han... inclusive... às vezes é ela que consegue, até no contexto empresarial, nós percebemos isso. Ela consegue... han.. até a mulher tem uma capacidade empática talvez por pela maternidade, p'la, p'la ligação que ela tem aos filhos, desenvolvido a longo de todo o desenvolvimento da mulher como ser humano.. Han... foi desenvolvendo uma capacidade intuitiva, de percepção, uma capacidade empática, quanta das vezes a mãe sem estar com o filho sabe que o filho não está bem. Ela desenvolve essa

capacidade intuitiva, não é? E as vezes essa capacidade intuitiva ela é eficaz, por exemplo para uma solução de um problema no seio de uma comunidade em que a mulher percebe efectivamente ali alguma coisa, falta de diálogo de apreensões, de injustiças que ninguém fala, mas que efectivamente está a ocorrer, e que a mulher, acho que é muito mais perspicaz, não só na observação disso que não está muito bem, capacidade de perceber de que ali há algo não está bem, é natural. O homem é mais mole nesse sentido, não consegue tanto, provavelmente resolver problema ali na hora. Acho que a mulher é mais concisa, é mais directa, é mais eficaz. Até pela educação dos filhos, né? Quantas vezes nós vemos o pai que dar uma reprimenda ao filho e ainda ali às voltas, não sabe muito bem como fazer e tal. Han... e a mãe de facto mais assertiva. É para fazer é para fazer... ou seja é muito mais assertiva do que o homem, muito mais afectiva também, cada vez mais a Igreja deve trabalhar essa questão. Han... han... Eu acho que a Igreja peca neste momento por causa disso, dessa falta de proximidade dos fiéis, falta de ligação e proximidade justamente com os fieis, com os leigos. A mulher pode ter um grande contributo nesse sentido.

MÁRCIO CARREIRA: E acha que ela tem capacidade para dar qualquer tipo de direcção ou assistência espiritual, já que fala que ela é uma mãe?

TIAGO LOPES: Certo. Eu acho que sim. E há pouco tirei essa dúvida que eu não fazia ideia.. Aliás achei que a direcção espiritual estaria só ou seria da exclusividade de alguém com o sacramento do sacerdócio...

MÁRCIO CARREIRA: Aliás isso acontece muito nos conventos...

TIAGO LOPES: Há Ok. Eu tinha ideia que eram padres que faziam direcção espiritual nos conventos femininos... Sim, e lá está, justamente por essa questão da maternidade, né? Han... a mulher não raras vezes tem maior capacidade ouvir... há... Tem uma grande capacidade de colocar propostas, de... e não é por acaso que na minha profissão, não sei números exactos, mas provavelmente 70% dos alunos de psicologia são raparigas. Há uma predisposição das raparigas para fazer o curso de psicologia face aos homens. Não é? Porque eu acho que a mulher tem de uma forma mais inata, mais desenvolvida, eu não queria dizer inata, mas mais desenvolvida essa capacidade empática. Essa capacidade de acolher, essa capacidade de... Não quer dizer que o homem não seja capaz disso, atenção... não tem tão desenvolvido. Han... e acho que a mulher pode de facto, na minha óptica uma óptima directora espiritual e mais terra a terra, muito mais coerente, muito mais assertiva, de uma forma geral, né? E por toda essa questão maternal, acho que sim, faz todo o sentido...

MÁRCIO CARREIRA: Recorrendo agora à ordenação das mulheres, acha que a mulher pode dar um grande contributo para a formação dos candidatos ao presbiterado ao sacerdócio?

TIAGO LOPES: Acho que sim, eu penso que já acontece isso. Quem passa por um processo académico, quem passa por uma formação, vês professoras... eu acho que sim, faz todo o sentido. Por esta questão de complementaridade. Ou seja, assim como eu considero, como profissional de saúde e psicólogo que é muito importante a figura da criança ter completariedade materna e paterna, ou melhor mesmo aqueles que não têm possibilidade de ter o pai ou a mãe presente na sua formação do ser, eles inconscientemente têm sempre uma

figura de referência, han... E se eles efectivamente tem figura de referência significa que eles dois têm peso naquilo que é o desenvolvimento físico e psíquico do ser, da criança, de todos nós... Han... e por isso eu acho que para uma formação sacerdotal mais coerente, mais completa, faz todo o sentido. Que efectivamente tal na paternidade possa haver um contributo também da mulher.

MÁRCIO CARREIRA: Ok Doutor Tiago, já foi muito esclarecedor. Agradeço o seu tempo e obrigado.

AGRADECIMENTOS	5
RESUMO, PALAVRAS-CHAVE, ABSTRACT, KEYWORD'S	7
ABREVIATURAS E SIGLAS	8
INTRODUÇÃO	9
1. A MULHER NA SAGRADA ESCRITURA	13
1.1. Antigo Testamento: a mulher em Israel	13
1.1.1 Maria e Débora	14
1.1.2 Noemi e Rute	16
1.1.3 Ester	17
1.1.4 A sabedoria personificada como mulher	19
1.2. No Novo Testamento: as mulheres na missão de Jesus	20
1.2.1 A atitude de Jesus para com as mulheres	20
1.2.2 As mulheres nos Evangelhos Sinópticos	21
1.2.2.1 A cura da sogra de Pedro	22
1.2.2.2 A cura da hemorragia de uma mulher e a ressurreição da filha de Jairo	22
1.2.2.3 Uma mulher perfuma Jesus	23
1.2.2.4 Mateus e as mães	24
1.2.2.5 Matrimônio Patriarcal	25
1.2.2.6 A presença das mulheres na Morte, Paixão e Ressurreição de Jesus	27
1.2.3 As mulheres no Evangelho segundo São João	29
1.2.3.1 Jesus e Maria de Magdala	31
1.2.3.2 Jesus e a mulher samaritana	33
1.2.3.3 Jesus e Maria de Betânia	33
1.2.3.4 A figura da mulher em Apocalipse 12, 1-18	35
1.2.4. A mulher nas cartas paulinas	37
1.3. Maria, mãe de Jesus	40
Conclusão	42
2. AS MULHERES NA VIDA ECLESIAL	44
2.1. As mulheres no Magistério Pontifício: as visões do magistério de João XXIII até Francisco.	46
2.1.1 João XXIII	46
2.1.2 Concílio Vaticano II	47
2.1.3 Paulo VI	47
2.1.4 João Paulo II	
2.1.4.2 A diferença vital entre as mulheres e os homens, orientada para a entrega recíproca si	51
2.1.4.3 O gênero específico das mulheres	52
2.1.4.4 A mulher na reparação do pecado com a Redenção de Cristo	53
2.1.5. Bento XVI	55
2.2. O lugar teológico da mulher	57
2.3. A "ausência-presença" das mulheres	57
2.4. O lugar teológico do feminino	58
2.6. A presença do feminino na Igreja e na Sociedade	61
2.8. A necessidade de reflectir sobre o papel e o carisma da mulher na Igreja	64
2.9. Chaves eclesiológicas para a inclusão das mulheres	65
Conclusão	70
3. ANÁLISE EMPÍRICA SOBRE O PAPEL DA MULHER NA IGREJA	72
3.1- As ciências sociais como serviço à Teologia	72
3.2. Método empírico	73

3.2.1 Métodos utilizados: questionário on-line e entrevistas	74
3.2.1.1 Questionário on-line	74
3.2.1.2 Entrevistas	77
3.3. Interpretação de Dados	79
3.3.1 Inquéritos on-line	79
3.3.1.1 Habilitações literárias	80
3.3.1.2 Faixas etárias	80
3.2.1.3 Situação Laboral	81
3.2.1.4 Diocese	82
3.2.1.5 Compromisso apostólico	82
3.3.1.8 A Igreja valoriza o papel das mulheres na Igreja	83
3.3.1.9 As mulheres devem estar nos lugares de decisões importantes da Igreja	84
3.3.1.10 A mulher deve receber o ministério ordenado	85
3.3.1.11 É reconhecida a igualdade entre o homem e a mulher na Igreja.	86
3.3.1.12 A gestão e a liderança das paróquias podem ser entregue a mulheres	86
3.3.1.13 As mulheres têm as mesmas capacidades, intelectuais, psicológicas e afectivas, que os homens para assegurarem as mesmas funções que os homens nas comunidades eclesiais	87
3.3.1.14 As mulheres devem estar integradas na formação dos candidatos a presbíteros	87
3.3.1.15 Na vida matrimonial, cabe sobretudo à mulher ensinar os valores cristãos aos descendentes, bem como acompanhá-los na vida cristã	88
3.3.1.16 Se as mulheres começarem a ter maior relevo na Igreja, os homens poderão afastar-se mais da Igreja	89
3.3.1.17 A mulher deve poder pregar ou fazer homilias nas celebrações	89
3.3.1.18 A mulher tem uma maior capacidade de aconselhamento e empatia do que os homens	90
3.3.1.19 A postura de Jesus evidencia a igualdade entre homens e mulheres	91
3.3.1.20 Os homens não se sentem acolhidos nas celebrações litúrgicas e para-litúrgicas	91
3.3.1.21 Os últimos Papas têm reflectido suficientemente sobre o papel da mulher na Igreja e na Sociedade	91
3.3.1.22 Estamos a transitar, na Igreja, de uma postura mais passiva da mulher para uma postura mais activa.	92
3.3.1.23 As mulheres e os homens são considerados de igual dignidade na Igreja e na Sociedade	93
3.3.2 Análise das Entrevistas	93
3.3.2.1 O reconhecimento da mulher na Igreja	95
3.3.2.2 A participação e a presença da mulher na Igreja	96
3.3.2.3 A dignidade da mulher	98
3.3.2.4 A equiparação do papel da Mulher e do homem na Igreja	100
3.3.2.5 O papel da mulher nas estruturas, na gestão e na liderança.	102
3.3.2.6 O papel da mulher na educação cristã dos filhos	104
3.3.2.7 A submissão da mulher	105
3.3.2.8 Capacidade de aconselhamento e direcção espiritual	107
3.3.2.9 A mulher na formação dos futuros presbíteros	108
3.3.2.10 A integração dos homens na vida eclesial	110
3.3.2.11 A ordenação das mulheres	112
3.3.2.12 O ser mulher e o complexo de inferioridade	113

Conclusão	114
CONCLUSÃO	115
BIBLIOGRAFIA GERAL	119
ANEXOS (Tabelas e Gráficos, por faixas etárias)	129
Anexo 1: Faixa Etária: Dos 16 aos 20 anos	130
Anexo 2: Faixa Etária: dos 21 aos 30 anos	132
Anexo 3: Faixa etária: dos 31 aos 40 anos	133
Anexo 4: Faixa etária: dos 41 aos 50 anos	134
Anexo 5: Faixa etária dos 51 aos 60 anos	135
Anexo 6: Faixa etária dos 61 aos 70 anos	136
Anexo 7: Faixa etária entre os 71 aos 80 anos	137
Anexo 8: Entrevista a Susana Laranjeira	138
Anexo 9: Entrevista a Padre Fernando Escola	141
Anexo 10: Entrevista à Irmã Eliete Feliciano	145
Anexo 11: Entrevista a Pedro Salvador	148
Anexo 12: Entrevista a Rosa Maria da Silva Ribeiro	151
Anexo 13: Entrevista a D. José Manuel Garcia Cordeiro	154
Anexo 14: Entrevista a Idália Maria Marques Salvador Serrão	157
Anexo 15: Entrevista com Ricardo Jorge Pereira da Silva	160
Anexo 16: Entrevista com Dr. ^a Paula Caminhas	163
Anexo 17: Entrevista a Nuno Rafael Serrenho	167
Anexo 18: Entrevista a Maria de Belém Roseira M. C. Henriques de Pina	170
Anexo 19: Entrevista a José Miguel Martins Serrão	174
Anexo 20: Entrevista com Maria de Fátima Lourenço Pimparel	177
Anexo 21: Entrevista com Helena Isabel Costa Dâmaso	181
Anexo 22: Entrevista ao Pe. Gonçalo Nuno Ary Portocarrero de Almada	184
Anexo 23: Entrevista a Maria Amélia Duarte Ferreira	189
Anexo 24: Entrevista a Tiago Lopes	193
ÍNDICE	199
ÍNDICE DE GRÁFICOS E TABELAS	202

ÍNDICE DE TABELAS E GRÁFICOS

Tabela 1: “Quais as suas habilitações literárias?”	80
Tabela 2: “Qual a sua situação laboral?”	81
Tabela 3: “Qual o seu estado civil?”	81
Tabela 4: “A que diocese pertence?”	82
Tabela 5: “Tem algum compromisso apostólico?”	83
Tabela 6: Número de pessoas que responderam a cada nível de afirmação entre os 16 e os 20 anos	130
Tabela 7: Número de pessoas que responderam a cada nível de afirmação entre os 21 e os 30 anos	132
Tabela 8: Número de pessoas que responderam a cada nível de afirmação entre os 31 e os 40 anos	133
Tabela 9: Número de pessoas que responderam a cada nível de afirmação entre os 41 e os 50 anos	134

Tabela 10: Número de pessoas que responderam a cada nível de afirmação entre os 51 e os 60 anos	135
Tabela 12: Número de pessoas que responderam a cada nível de afirmação entre os 71 e os 80 anos	137
Gráfico 1: Género	79
Gráfico 2: Número de pessoas por faixas etárias	81
Gráfico 3: “A Igreja valoriza o papel das mulheres na Igreja”	84
Gráfico 4: “As mulheres devem estar nos lugares de decisões importantes da Igreja”.	85
Gráfico 5: “A mulher deve receber o ministério presbiteral”	85
Gráfico 6: “É reconhecida a igualdade entre o homem e a mulher na Igreja”	86
Gráfico 7: “A gestão e liderança de paróquias podem ser entregue a mulheres”	87
Gráfica 8: “As mulheres têm as mesmas capacidades intelectuais, psicológicas e afectivas que os homens para assegurarem as mesmas funções que os homens nas comunidades eclesiais”	87
Gráfico 9: “As mulheres devem estar integradas na formação dos candidatos a presbíteros”	88
Gráfico 10: “Na vida matrimonial, cabe sobretudo à mulher ensinar os valores cristãos aos seus descendentes, bem como acompanhá-los na vida cristã”	88
Gráfico 11:” Se as mulheres começarem a ter maior relevo na Igreja, os homens poderão afastar-se mais da Igreja”	89
Gráfico 12: “A mulher deve poder pregar ou fazer homilias nas celebrações”	89
Gráfico 13:” A mulher tem uma maior capacidade de aconselhamento e empatia do que os homens”	90
Gráfico 14: “Apoiando-se com fundamentos religiosos, ainda há quem julgue que a mulher deve ser submissa ao marido”	90
Gráfico 15: “A postura de Jesus evidencia a igualdade entre homens e mulheres”	90
Gráfico 16: “Os homens não se sentem acolhidos nas celebrações litúrgicas e para-litúrgicas”	91
Gráfico 17: “Os últimos Papas têm reflectido suficientemente sobre o papel da mulher na Igreja e na Sociedade”	92
Gráfico 18: “Estamos a transitar, na Igreja, de uma postura mais passiva para uma postura mais activa”	92
Gráfico 19: “As mulheres e os homens são considerados de igual dignidade na Igreja e na Sociedade”	93